O que os reformadores ensinaram ...
e por que isso ainda é importante

Glória Somente *a* Deus

O majestoso coração da fé e da vida cristãs

David Vandrunen

Série organizada por Matthew M. Barrett

O que os reformadores ensinaram ...
e por que isso ainda é importante

Glória Somente *a* Deus

O majestoso coração da fé e da vida cristãs

David Vandrunen

Série organizada por Matthew M. Barrett

“Este livro extrai verdades bíblicas sobre a glória de Deus de um modo que demonstra como deveríamos pensar e agir centrados em Deus em vez de em modos centrados em nós mesmos. Um livro maravilhoso que nos leva à admiração e à adoração.”

David F. Wells, professor de Pesquisa, Gordon-Conwell Theological Seminary

“Entre estas capas, um dos pensadores reformados mais sérios e prolíficos do nosso tempo fornece uma exposição robusta e edificante do clamor fundamental da tradição reformada, soli Deo gloria. Como VanDrunen habilmente demonstra, esse sola não é um lema comum; tudo gira em torno do que essas três palavras declaram e seu tratamento centrado em Deus e em Cristo expõe o cerne das Escrituras, por meio da tradição reformada, e a aplica diretamente à nossa vida por demais distraída pela vaidade. Leia este livro; isso fará muito bem a você”.

Bruce P. Baugus, professor associado de Filosofia e Teologia, Reformed Theological Seminary

“Com facilidade demais os solas da Reforma acabam tornando-se lemas vazios. O livro de David VanDrunen é uma preciosa solução contra isso. VanDrunen traça a arca radiante da glória de Deus da sua plenitude interior na bendita Trindade à sua manifestação exterior na criação e na aliança, na obra trina da salvação e no reino eterno de Deus. Ao longo do caminho, ele aborda os vícios que nos impedem de admirar a glória de Deus e responder a ela, bem como fornece uma instrução prática nas virtudes que promovem admiração e adoração na presença do nosso Deus glorioso. Ler este livro irá revigorar a admiração por Deus e a adoração à glória de Deus somente.”

Scott R. Swain, professor de Teologia sistemática e reitor acadêmico no Reformed Theological Seminary, Orlando

“Este livro faz muito mais do que defender um lema da Reforma. A análise de VanDrunen do soli Deo gloria explora quem Deus é e quem ele quer que sejamos. Escrito de modo claro e oportunamente maravilhoso, minucioso, sábio e profundamente bíblico, ele fala tanto sobre o que cristãos nos nossos dias deveriam ouvir que me pego imaginando locais — escola dominical, grupos de discussões de alunos, tarefas na sala de aula — nos quais eu possa usá-lo. Leia este livro e cresça.”

Mark R. Talbot, professor associado de Filosofia, Wheaton College

“A Reforma protestante foi conduzida por uma apreciação renovada da plenitude singular do Deus trino e sua soberania única sobre toda a vida humana. Mas essa realidade profunda se expressou com respeito a muitos questionamentos e numa variedade de formas, que vão das facetas da liturgia a princípios soteriológicos e de volta novamente. Estou encantado em ver essa nova série explicar as cinco expressões mais influentes dessa centralidade em Deus, os solas centrais da Reforma protestante. Ao explicar o raciocínio bíblico por trás delas, espero que esses volumes revigorem uma visão mais profundamente teológica da nossa vida e do nosso chamado como cristãos e igrejas”.

Michael Allen, professor associado de Teologia sistemática e histórica, Reformed Theological Seminary

“O 500º aniversário da Reforma será celebrado como um evento histórico importante. No entanto, a série Cinco Solas explora a relevância contemporânea desse legado para a igreja global. Estudiosos evangélicos excelentes foram recrutados não apenas para resumir os ‘solas’, mas para abordar cada um deles

das perspectivas histórica, exegética e prática. Esses volumes demonstram que, longe de serem lemas exauridos, os temas-chave da Reforma precisam ser redescobertos para a própria existência da igreja e sua missão no mundo.”

Michael Horton, professor da cadeira de Teologia sistemática e Apologética J. Gresham Machen, Westminster Seminary California

“Dou as boas-vindas a essa nova série e seu envolvimento substancial com os grandes temas da teologia reformada.”

Timothy George, reitor fundador da Beeson Divinity School da Samford University e editor geral do Reformation commentary on Scripture.

“Um projeto oportuno, e não simplesmente porque o 500º aniversário da Reforma está por vir. Muito de ‘quem somos’ é determinado por ‘de onde viemos’; num tempo em que uma parte tão significativa do nosso passado como é a Reforma, para muitos pouco mais que um nome, abordagens esclarecedoras e acessíveis dos seus princípios básicos são de fato bem-vindas”.

Stephen Westerholm, professor de Cristianismo primitivo, McMaster University

O que os reformadores ensinaram ...
e por que isso ainda é importante

Glória Somente *a* **Deus**

O majestoso coração da fé e da vida cristãs

David Vandrunen

Série organizada por Matthew M. Barrett

Glória somente a Deus – O majestoso coração da fé e da vida cristãs, de David VanDrunen e Matthew Barrett © 2017 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título God's Glory Alone — The Majestic Heart of Christian Faith and Life Copyright © 2015 by David VanDrunen. Publicado mediante contrato com The Zondervan Corporation L.L.C, uma divisão de HarperCollins Christian Publishing, Inc. Todos os direitos são reservados.

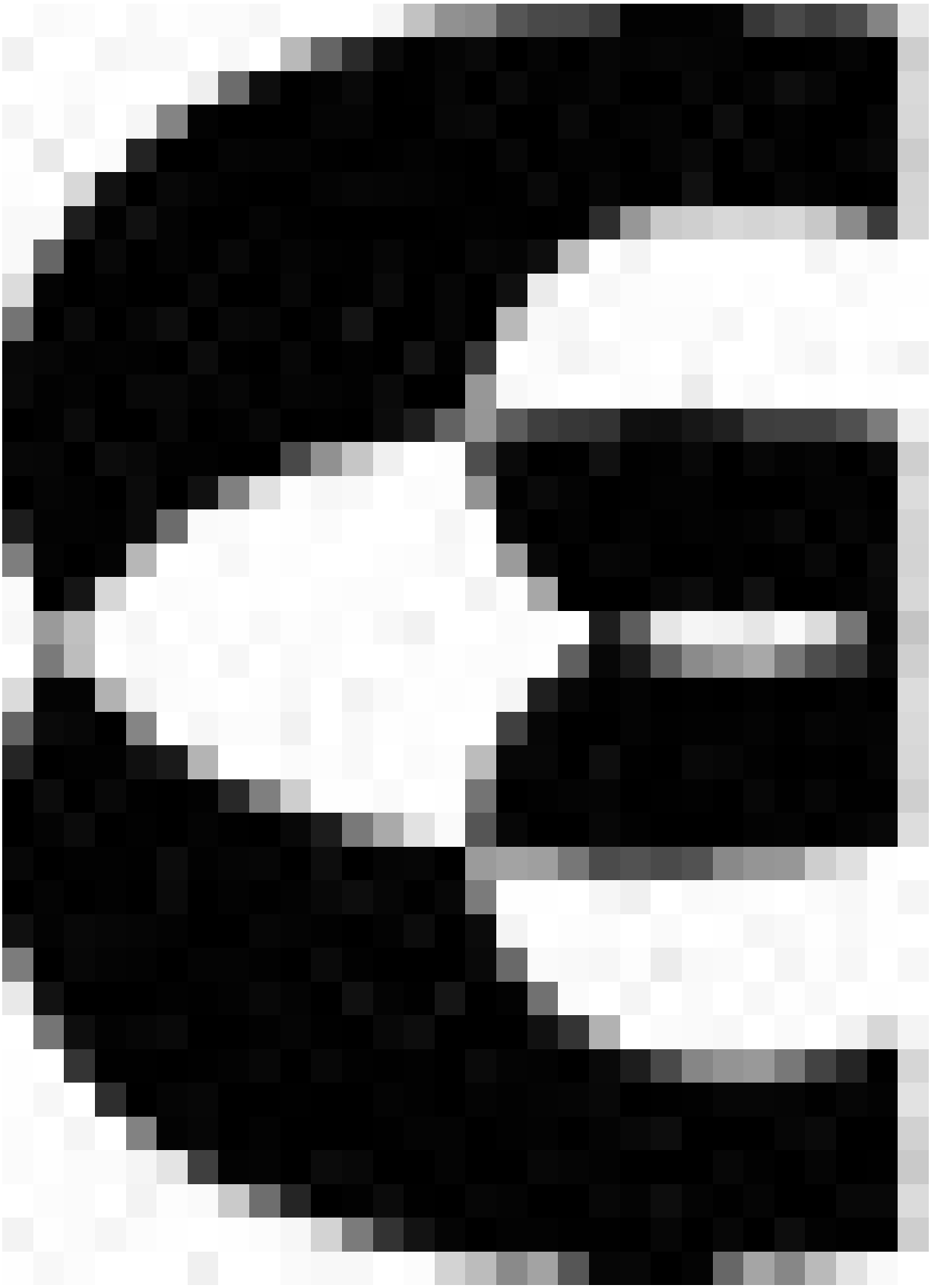
Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Filipe Fontes Heber Carlos de Ca

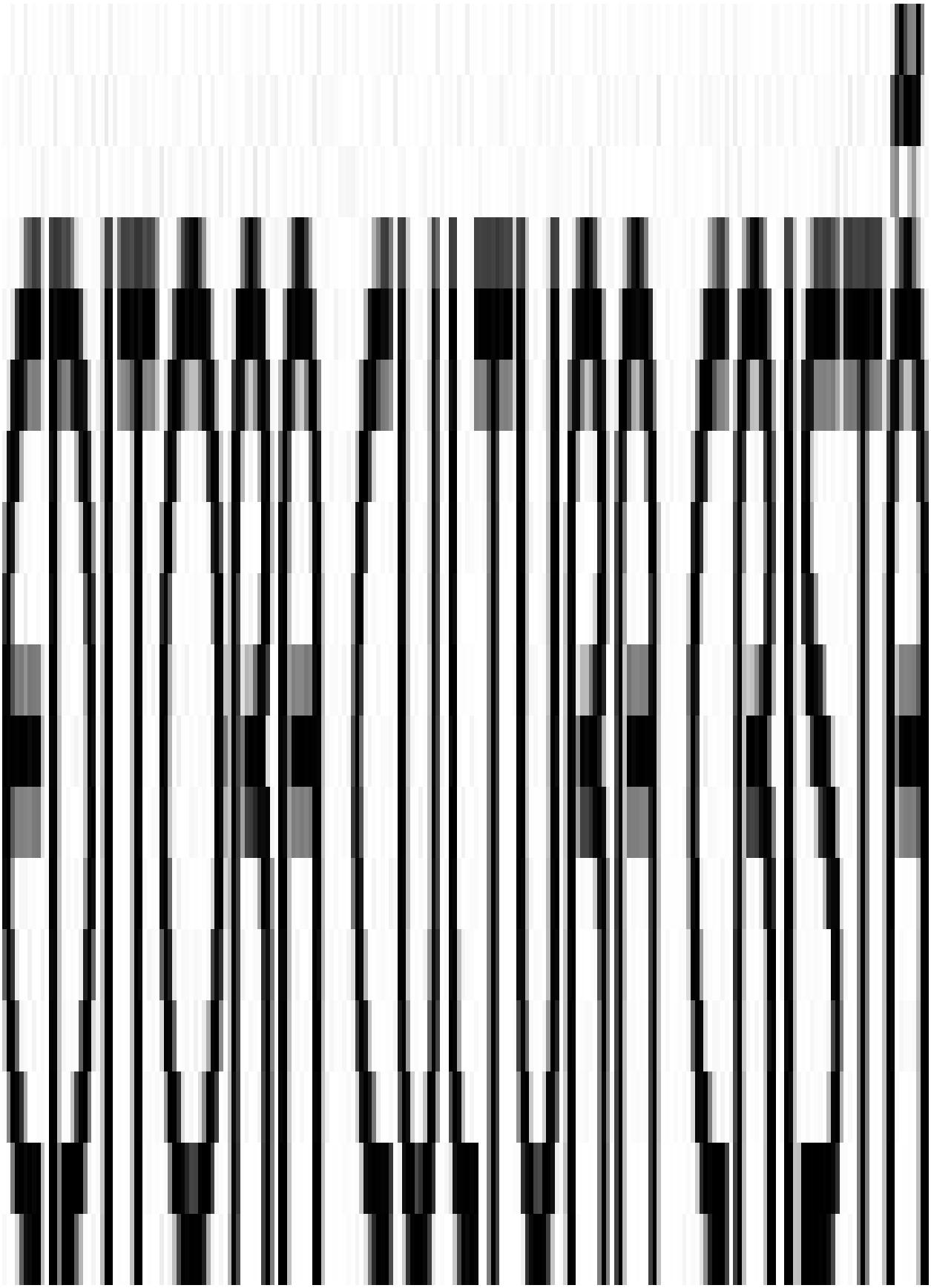
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V246g Vandrunen, David Glória somente a Deus / David Vandrunen, Matthew I
Recurso eletrônico (ePub) ISBN 978-65-5989-025-5 Tradução God‘s C
1. Doutrina cristã 2. Teologia reformada I. Título
CDU 275.4

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.







Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones: 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Endossos

Folha de rosto

Expediente

Nota do organizador da série

Agradecimentos

PARTE 1 | A glória de Deus na Teologia Reformada

Capítulo 1 | Soli Deo gloria entre os solas da Reforma

Capítulo 2 | O Deus glorioso, glorificado por nosso intermédio: Soli Deo gloria na teologia reformada

PARTE 2 | A glória de Deus na Escritura

Capítulo 3 | Na nuvem: a glória de Deus tornada visível

Capítulo 4 | O resplendor da glória do seu Pai: a glória do Deus encarnado

Capítulo 5 | A glória de Cristo na glorificação do seu povo

PARTE 3 | Vivendo para a glória de Deus hoje

Capítulo 6 | Oração e adoração numa era da distração

Capítulo 7 | O temor do Senhor numa era do narcisismo

Capítulo 8 | Glorificando a Deus num século que está passando

Bibliografia selecionada

Nota do organizador da série

Que doutrinas poderiam ser mais fundamentais quanto ao que significa ser protestante evangélico que os cinco solas (ou solae) da Reforma? Porém, na minha experiência, muitas igrejas evangélicas hoje em dia nunca ouviram falar de sola Scriptura (somente a Escritura), sola gratia (somente pela graça), sola fide (somente pela fé), solus Christus (somente Cristo) e soli Deo gloria (glória somente a Deus).

Pode ser que elas nunca tenham ouvido os rótulos, mas reconheceriam a doutrina uma vez que dissessem a eles o que cada sola significa. Pelo menos oro que sim. Mas minha suspeita é que, para muitas pessoas que vão à igreja, até mesmo o conteúdo desses cinco solas é inapropriado, ou pior, ofensivo. Vivemos numa época em que a autoridade da Escritura é questionada, a exclusividade de Cristo como mediador, assim como a necessidade da fé salvadora, são ofensivas aos ouvidos pluralistas, e a glória de Deus na vocação é diminuída pela acomodação cultural. A tentação é pensar que esses cinco solas são peças de museu de uma era que já se foi com pouca relevância para a igreja de hoje. Discordamos disso. Hoje precisamos tanto desses solas quanto os reformadores precisavam deles no século 16.

O ano de 2017 marcará o 500º aniversário da Reforma. Esses cinco volumes, cada um deles escrito por algum dos melhores teólogos de hoje, celebram esse aniversário. Nosso objetivo não é meramente olhar para o passado, mas para o presente, demonstrando que é necessário que bebamos profundamente dos poços dos cinco solas para recuperar nossas bases teológicas e encontrar refrigério espiritual.

Post tenebras lux

Matthew Barrett, organizador da série

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Matthew Barrett por pedir que me juntasse a esta série da Zondervan a respeito dos solas da Reforma. Seu convite inesperado me forneceu uma boa desculpa para tirar tempo dos tópicos de pesquisa que geralmente ocupam minha mente e refletir sobre apenas um tópico – glória somente a Deus – o que não deixaria de ser um uso edificante do meu tempo.

Também sou muito grato a Christopher Chelpka, Zach Keele e Shane Lems pelo discernimento teológico e pastoral ao me ajudar a tornar este livro melhor.

Como sempre, agradeço a Katherine por tudo – até mesmo por ter lido um esboço do manuscrito. Obrigado a Jack por ser um companheiro de casa tão feliz; o que terei para ser grato a você da próxima vez, quando você não estiver mais em casa?

David VanDrunen

Parte 1

A glória de Deus na Teologia Reformada

Capítulo 1

Soli Deo gloria entre os solas da Reforma

“Não é suficiente para ninguém, e não lhe faz bem algum, reconhecer Deus em sua glória e majestade a menos que o reconheça na humildade e vergonha da cruz.” Martinho Lutero

“Nós nunca realmente nos gloriamos nele até que tenhamos descartado por completo nossa própria glória. (...) Os eleitos são justificados pelo Senhor para que possam gloriar-se nele, e em ninguém mais.” João Calvino

Soli Deo gloria – glória somente a Deus. Hoje, a maioria dos cristãos não conhece o latim, mas muitos deles não precisam de ajuda para traduzir essas três palavras. Que lema simples comove o coração piedoso mais calorosamente e encapsula mais verdade bíblica que soli Deo gloria ? “Glória a Deus” foi o tema da milícia angelical que anunciou o nascimento de Jesus aos pastores no campo e da multidão celestial cujas canções foram registradas por João no Apocalipse. Trata-se de um privilégio quase além da imaginação que o Deus todo-majestoso chame pecadores como nós para contemplarem sua glória e ecoar o coro angelical na nossa própria adoração. E é uma grande bênção o fato de que ele nos possibilite escrever e ler livros sobre esse tema tão grandioso.

A ocasião para este livro, e a série de que ele faz parte, é comemorar e celebrar a Reforma protestante, cujo 500º aniversário não oficial se aproxima enquanto escrevo. Com frequência, os protestantes falam dos “cinco solas da Reforma”, mas muitas vezes nos esquecemos de que os reformadores em si nunca se sentaram e adotaram esses cinco slogans — sola Scriptura, sola fide, sola gratia, solus Christus e soli Deo gloria – como o lema oficial do movimento da Reforma. A princípio, isso parece um pouco desapontador. Gostamos de pensar

que estamos adotando a mesma série de expressões que Lutero, Zuínglio, Calvino e outros colegas legaram à posteridade espiritual deles.

Na verdade, não deveríamos nos sentir desapontados por isso. As pessoas podem ter começado a falar sobre os “cinco solas da Reforma” apenas muito tempo depois da Reforma em si, mas cada um desses cinco temas sonda de fato o coração da fé e da vida reformadas à sua própria maneira. Talvez os reformadores não tenham falado explicitamente sobre “os cinco solas”, mas a glorificação de Cristo, da graça, da fé, da Escritura e da glória de Deus – e somente destes – permearam sua teologia e ética, sua adoração e salvação. Somente Cristo, e nenhum outro redentor, é o mediador da nossa salvação. Somente a graça, e nenhuma outra contribuição humana nos salva. Somente a fé, e nenhuma outra ação humana é o instrumento pelo qual nós somos salvos. A Escritura, e nenhuma palavra meramente humana é nosso padrão último de autoridade. Somente a glória de Deus, e de nenhuma outra criatura é o objetivo supremo de todas as coisas. Nosso estudo dos cinco solas não envolve uma repetição ritual de lemas, mas um acolhimento maravilhoso da religião santa ensinada na Bíblia e revitalizada na Reforma.

Soli Deo gloria: A cola que une os solas

Mesmo assim, pode parecer haver algo sobre o soli Deo gloria que não funciona tão bem quanto nos outros quatro lemas como um lema que resume a teologia reformada. Professores de teologia reformada, ao tentarem ser justos e precisos, muitas vezes têm de lembrar aos seus alunos que o cristianismo medieval e o catolicismo romano não negavam a importância da Escritura, da fé, da graça e de Cristo. Os teólogos falavam com frequência sobre esses assuntos e teriam avidamente afirmado que não há salvação sem eles. Mas se pudéssemos insistir mais no assunto e perguntar a esses teólogos sobre a pequena palavra “somente”, logo encontraríamos verdadeiro desacordo. Enquanto os reformadores afirmavam que somente a Escritura é a autoridade para a fé e a vida cristã, os católicos romanos professavam reverência para com a Escritura, mas insistiam que a tradição da igreja e o papa de Roma se posicionavam ao lado da Escritura para interpretá-la de modo infalível e fazer acréscimos aos seus ensinos. Quando os reformadores afirmavam que a justificação vem somente por meio da fé, os católicos romanos respondiam que a justificação de fato vem pela fé, mas também pelas obras em conjunto com a fé. Eles tinham altercações semelhantes entre a graça e Cristo.

Afirmações sobre somente a Escritura, somente a fé, somente a graça e somente Cristo envolviam os dois principais pontos de debate entre Roma e a Reforma: autoridade religiosa e a doutrina da salvação. Desse modo, Soli Deo gloria parece estar um tanto separado do restante. Quando os reformadores proclamavam que a glória pertence somente a Deus, será que os católicos romanos realmente respondiam que a glória de fato pertence igualmente a Deus e a alguma outra coisa ou pessoa? Será que o princípio do soli Deo gloria, magnificente como é, realmente tem muito a ver com a Reforma em si?

De fato tem, mesmo que Roma nunca tenha denunciado diretamente a ideia de glória somente a Deus do mesmo modo que denunciou as ideias de somente a Escritura e somente a fé. Soli Deo gloria pode ser entendido como a cola que mantém os outros solas no lugar, ou como o centro que atrai os outros solas a um todo grandioso e unificado. Recentemente, escritores sugeriram a mesma ideia

ao falarem sobre soli Deo gloria como “a implicação lógica dos outros quatro pontos”, ou como o lema que “inclui todos os outros”.[1]

O que justifica essas afirmações tão fortes? Dito de maneira simples: o fato de que a salvação é somente pela fé, somente pela graça e somente em Cristo, sem qualquer contribuição meritória da nossa parte assegura que toda a glória é de Deus, e não nossa. Da mesma maneira, o fato de que somente a Escritura é nossa autoridade final, sem qualquer tradição eclesiástica, magistério ou Papa suplementando-a ou prevalecendo sobre ela, protege a glória de Deus contra qualquer conceito humano. Claramente Roma nunca admitiria que usurpa a glória de Deus. Até mesmo as obras meritórias humanas, ela diz, são acompanhadas pela graça divina infundida por meio dos sacramentos. Roma acrescenta que as tradições da igreja crescem organicamente da prática dos apóstolos, e o Papa é o servo dos servos. Mas os reformadores entenderam como tais afirmações, apesar de perenemente atraentes, em última instância revelam o dolo do coração humano. Gostamos muito de pensar que há alguma coisa a ser acrescentada à satisfação e obediência de Cristo ou à palavra inspirada dos profetas e apóstolos e até mesmo que Deus é maravilhosamente honrado pela nossa contribuição. Porém, os reformadores perceberam que a palavra e a obra perfeita de Cristo – precisamente porque são perfeitas – não necessitam suplemento algum. De fato, qualquer coisa que tenta suplementá-las desafia sua perfeição e, portanto, desonra a obra de Deus e a obra de Cristo. Se a doutrina católico-romana da autoridade e a doutrina da salvação forem verdadeiras, toda glória, portanto, não pertence somente a Deus. E a Escritura nos diz que Deus não compartilhará sua glória com ninguém mais (Is 42.8).

Podemos pensar sobre isso de outra maneira. Mantendo o soli Deo gloria como a força vital dos solas nós nos lembramos de que a religião bíblica recapturada pela Reforma não é, em última análise, sobre nós mesmos, mas sobre Deus. Nosso foco facilmente torna-se egoísta, mesmo quando fazemos as mesmas perguntas importantes que ocupavam os reformadores: onde eu posso encontrar a revelação revestida da autoridade de Deus? Como eu posso escapar da ira de Deus? O que eu preciso fazer para ser salvo? Os outros quatro solas fornecem as respostas necessárias e transformadoras a essas perguntas, mas o soli Deo gloria lhes dá a perspectiva correta: o propósito mais elevado do plano de Deus para a salvação em Cristo, revelado na Escritura, não é nossa própria bem-aventurança, ainda que isso seja algo maravilhoso. O propósito mais elevado é a glória do próprio Deus. Deus glorifica a si mesmo por meio das bênçãos abundantes que nos concede.

Uma teologia da glória versus uma teologia da cruz: Martinho Lutero

Ao embarcarmos neste estudo, algumas perguntas confusas podem surgir para leitores familiarizados com a teologia da Reforma. Martinho Lutero não falou contra uma “teologia da glória”? Uma ênfase na glória de Deus pode de fato desviar da “teologia da cruz” da Bíblia em vez de esclarecê-la? Essas são boas perguntas. Lutero de fato pediu para que uma teologia da cruz substituísse a teologia da glória que ele via tão prevalecente nos seus dias, mas seu propósito não era desviar nossa atenção da glória de Deus. Em vez disso, era explicar como Deus manifesta sua glória a nós e nos chama a uma comunhão gloriosa com ele. Esse é um ótimo exemplo do deleite de Lutero no paradoxo. Qualquer pessoa que deseja ver o grande Deus da glória deve vê-lo por meio da humildade da cruz. Vale a pena contemplar o raciocínio de Lutero, porque ele explica um tema importante nos capítulos subsequentes deste livro: de acordo com a Escritura, a glória vem por meio do sofrimento. Deus é mais glorificado pelo sofrimento do seu Filho; os cristãos conhecem Deus e são glorificados em Cristo somente quando tomam a própria cruz e o seguem.

Lutero opunha-se à assim chamada teologia da glória porque ele se preocupava com o fato de que os cristãos estavam procurando conhecer a Deus da maneira errada. Muitos teólogos pensavam que podiam entender o único Deus verdadeiro por meio do poder especulativo do seu próprio raciocínio. Achavam que podiam chegar diretamente a Deus e compreendê-lo como ele é em si mesmo. Lutero os contradisse, afirmando que não temos esperança de conhecer a Deus a menos que ele tome a iniciativa e se revele a nós, e isso tira de nós a nossa ilusão de controle. Portanto, a teologia da glória é a presunção humana em ação. Seres humanos pecaminosos encobrindo sua arrogância numa religiosidade aparentemente piedosa, tentando subir aos céus para terem um vislumbre da majestade de Deus. Lutero reconheceu que, se quisermos conhecer a Deus, devemos conhecê-lo por meio da revelação, e sua revelação mais clara está na Escritura. Quando abrimos a Escritura e aprendemos que somos pecadores perdidos, e que a ira e o juízo de Deus estão sobre nós, a teologia da glória não passa de um sonho extinto pelo despertar da Escritura.

No entanto, na Escritura, Lutero também descobriu a teologia da cruz. Enquanto pessoas pecaminosas buscarem Deus mediante seus próprios recursos, o Todo-Poderoso irá manter-se velado. Mas quando o buscam mediante a maneira humanamente inimaginável da cruz, Deus os redime do pecado e fornece conhecimento verdadeiro de si mesmo. Para contemplarmos o Deus da glória, devemos contemplar o Deus exausto, zombado e crucificado. Para ganharmos bem-aventurança perpétua, devemos nos humilhar completamente e buscarmos refúgio somente na cruz maldita.

Será útil ler isso em algumas das palavras do próprio Lutero. Algumas das suas afirmações mais famosas sobre a teologia da glória e a teologia da cruz vêm de Heidelberg disputation, composto em 1518, durante seus esforços de Reforma. Lutero identifica dois tipos de teólogos. Um é o "teólogo da cruz": aquele "que entende as coisas visíveis e manifestas de Deus vistas por meio do sofrimento e da cruz" é o que merece ser chamado de teólogo. "Não é suficiente para ninguém", escreve Lutero, "e não lhe faz bem algum reconhecer Deus em sua glória e majestade, a menos que ele o reconheça na humildade e na vergonha da cruz". Por outro lado, Lutero descreve o "teólogo da glória" desta maneira: aquele "que não conhece Cristo não conhece Deus escondido no sofrimento. Portanto, prefere as obras ao sofrimento, a glória à cruz, a força à fraqueza, a sabedoria à ignorância, e, em geral, o bem ao mal". O "teólogo da cruz", em contraste, foi "esvaziado e destruído pelo sofrimento e pelo mal até reconhecer que é inútil e que suas obras não são suas, mas de Deus".[2]

Como se pode ver, a crítica de Lutero à teologia da glória dificilmente se opunha à perspectiva resumida no início deste capítulo. Observei que as duas preocupações dominantes da Reforma tinham a ver com a autoridade religiosa e a doutrina da salvação. Lutero promoveu a teologia da cruz como uma consequência das mesmas preocupações. A teologia da cruz foi elaborada com base na revelação bíblica que rejeitava toda tentativa especulativa humana de conhecer a Deus do nosso próprio modo.[3] A teologia da cruz também era uma teologia de salvação, rejeitando todos os esforços vãos de nos reconciliar com o criador.[4] Portanto, ela aponta somente para a graça de Deus em Cristo, e nos conclama a confessarmos nossa própria pobreza, a olharmos para fora de nós mesmos e nos apegarmos somente a Cristo pela fé. De modo algum ela nos desvia da glória de Deus. Deus glorifica a si mesmo, e nós podemos viver para sua glória, mas apenas ao longo de um caminho que o raciocínio humano sem ajuda nunca poderia ter descoberto nem jamais ousado imaginar. O caminho para a glória de Deus passa pela humildade e desolação do Calvário.

Glória divina e glória humana: João Calvino

A suposta tensão entre a crítica de Lutero da teologia da glória e o tema da Reforma soli Deo gloria, no final das contas revelou-se não ser problema algum. Talvez um tipo diferente de problema seja mais sério, já que ameaça toda a essência da teologia reformada que consideramos até este ponto. O problema em questão é este: a ênfase na glória de Deus e somente na glória de Deus parece degradar os seres humanos. Se a glória de Deus implica rebaixamento da humanidade, será que esse Deus merece nossa adoração? Além do mais, o problema continua, esse retrato do rebaixamento não é coerente com a Escritura. A Escritura descreve os seres humanos como sendo o ápice da criação de Deus, portadores da imagem divina com domínio sobre o mundo. Até mesmo depois da queda, Deus redime seu povo para que algum dia eles possam ser glorificados. Certamente se a glorificação nos espera, então a glória não pertence somente a Deus.

Isso também não é um problema, mas apresenta um desafio. Perguntei no início se qualquer lema simples encapsula tanta verdade como o soli Deo gloria. Acho que a resposta provavelmente é não; no entanto, pela sua própria natureza, lemas simplificam as questões e não conseguem expressar nuança e complexidade. Se o tema soli Deo gloria é tão profundo quanto sugeri, então devemos atentar para sua nuança e complexidade para lhe fazer justiça. Essa suposta tensão entre o tema soli Deo gloria e o dom da glorificação humana é o importante caso em questão.

De fato, a Escritura fala da experiência humana e do chamado humano de várias maneiras exaltadas. Deus nos fez à sua imagem – apenas um pouco menos importantes do que os anjos – e nos deu domínio sobre todas as obras das suas mãos (Gn 1.26-28; Sl 8.5-8). De modo ainda mais maravilhoso, Deus destinou os seres humanos a reinarem no mundo que há de vir (Hb 2.5-9). Ele prometeu que aqueles que crerem no seu Filho, embora sejam pecadores culpados, compartilharão da glória de Cristo e terão a glória revelada a eles (Rm. 8.17-18). À primeira vista, isso não parece contradizer o lema da Reforma que promovemos de modo tão entusiástico.

Porém, não precisamos ficar embaraçados com a descrição da Bíblia da exaltação humana. É bom que sintamos a tensão e lutemos contra ela, porque não conseguimos entender por completo a glória de Deus sem dar o devido peso à glorificação da humanidade na criação e, especialmente, na redenção. Um modo de colocar isso é que o todo-sábio e amoroso Deus agrada-se de glorificar a si mesmo mediante a glorificação da sua criação humana. Assim, nossa glória resulta em glória para Deus. De uma perspectiva diferente, também podemos dizer que exatamente ao reconhecer e buscar somente a glória de Deus os seres humanos alcançam seu destino mais elevado e desfrutam da sua própria dignidade. Nossas palavras são verdadeiras e edificantes apenas quando se conformam à Escritura. Nossas obras se tornam boas e santas quando procedem da justificação somente pela graça e somente por meio da fé. Somos renovados à imagem de Deus quando descansamos somente em Cristo. Então será que os seres humanos são rebaixados pela confissão de glória somente a Deus? Inesperadamente, não. Como dizem o início do Breve catecismo e do Catecismo maior de Westminster, Deus nos faz instrumentos para sua glória e ao mesmo tempo nos leva a nos deleitarmos nele ao atribuirmos a ele toda a glória: o "objetivo final do homem" é "glorificar a Deus e desfrutar dele para sempre". Na glória de Deus encontramos nossa dignidade. Na glória de Deus encontramos nosso deleite. Nossa glorificação está em atribuir toda a glória no céu e na terra a ele.

Os reformadores entenderam isso. João Calvino fornece um bom exemplo. No seu zelo para proteger a glória suprema de Deus, Calvino reconheceu que Deus manifesta sua glória em grande parte por meio da beleza da sua criação. Calvino reverenciou a criação como um "teatro maravilhoso", de fato um "teatro da glória divina".[5] Ele escreve que, "em toda parte do mundo, alguns sinais da glória divina são vistos".[6] Apelando a passagens bíblicas que descrevem a revelação de Deus e sua grandeza por meio da natureza, Calvino observa: "Pelo fato de a glória de seu poder e sabedoria serem mais refulgentes no firmamento, ele é frequentemente designado como seu palácio. E, logo, ao olhar em volta, percebe-se que não há porção do mundo, por menor que seja, que não exiba pelo menos uma fagulha de beleza, porquanto é impossível contemplar a vasta e maravilhosa estrutura que se estende à nossa volta sem sermos sobrecarregados pelo imenso peso da sua glória".[7]

Mas Calvino também pensava que a glória de Deus brilha de uma maneira especial nos seres humanos, criados à imagem de Deus. Calvino localizava a imagem, e, portanto, a dignidade essencial da humanidade especialmente na

alma, mas ele também comenta: “Não há parte, até mesmo do corpo, em que alguns raios da glória não brilhem”, e, portanto, “a glória divina é [também] retratada na aparência exterior do homem”.[8] Assim, o zelo de Calvino pela glória de Deus não acarretava necessariamente uma visão degradante da criação ou da humanidade em particular. De fato, era justamente o oposto. Calvino pensava que a beleza e a dignidade que temos refletem a glória de Deus manifestada em nós.

Se a glória de Deus brilha na criação original, quanto mais não brilha em Cristo, na sua obra de redenção e na esperança de uma nova criação? “Na pessoa de Cristo”, comenta Calvino, “a glória de Deus é visivelmente manifesta a nós.”[9] A salvação obtida na encarnação de Cristo também promove a glória divina. Quando contemplarmos nossa justificação em Cristo, por exemplo, Calvino afirma que “dois fins em especial devem ser mantidos em vista – ou seja, que a glória de Deus seja mantida sem igual, e que a nossa consciência, à vista do seu tribunal, seja assegurada em descanso pacífico e calma tranquilidade”.[10] Ele acrescenta que devemos nos lembrar de “que na discussão toda a respeito da justificação, a coisa importante a que devemos atentar é que a glória de Deus seja mantida integral e inalterada, já que, como o apóstolo afirma, foi na demonstração da sua própria retidão que ele derramou seu favor sobre nós”.

Essa afirmação é um exemplo maravilhoso de como o soli Deo gloria está tão estreitamente ligado aos outros solas da Reforma. Salvação somente por meio de Cristo, somente pela graça, somente pela fé significa que toda a glória é dada somente a Deus. E longe de nos rebaixar, esse retrato maravilhoso da glória divina nos capacita a cumprir o nosso chamado maior. Calvino explica, mediante sua própria “teologia da cruz”, que mesmo agora nós temos o privilégio de declarar a glória de Deus ao lançarmos fora a nossa própria: “Nós nunca nos glorificamos verdadeiramente nele até que tenhamos descartado nossa própria glória (...) Os eleitos são justificados pelo Senhor, para que possam gloriar-se nele, e em ninguém mais”.[11] Mas até mesmo isso é nada comparado ao privilégio que aguarda os santos quando Cristo retornar. Comentando sobre Tito 2.13, Calvino afirma: “Interpreto a glória de Deus como sendo não somente aquilo que o faz glorioso em si mesmo, mas também aquilo que ele difundirá por todos os lados, como meio de tornar todos seus eleitos participantes de sua glória”.[12]

A cínica objeção de que o tema da Reforma soli Deo gloria rebaixa a humanidade não precisa nos preocupar. De fato, para encontrarmos a humanidade rebaixada, não precisamos olhar além do universo imaginário

daqueles que negam a glória de Deus. Se Deus não é o criador e o redentor todo-glorioso, então este mundo é um caos aleatório, a vida é destituída de sentido e o destino humano é a sepultura. A mensagem bíblica e reformada de soli Deo gloria, por outro lado, direciona nossos olhos para a segunda vinda de Cristo, quando Deus revelará sua glória de maneira mais brilhante, e seu povo, salvos pela graça, serão eles mesmos glorificados com seu Senhor.[13] Esse também deve ser nosso tema nos próximos capítulos.

A glória de Deus na teologia contemporânea

Até mesmo a relativamente breve pesquisa nas páginas acima destaca a importância do tema soli Deo gloria para a Reforma, um tema que teve origem não com os reformadores, mas na própria Escritura. À luz da sua linhagem eminente, não é de admirar que muitos escritores contemporâneos que aceitam a Reforma continuem retornando ao tema da glória de Deus para desvendar a mensagem da Escritura e descrever o caráter da religião cristã. No entanto, eles fazem isso de vários modos diferentes. A maioria das abordagens deles é compatível, e eu imagino que a maioria deles apreciaria as percepções uns dos outros. Em parte, suas abordagens diferentes se originam da riqueza do soli Deo gloria da Escritura e do fato de que essa joia singular pode ser admirada de vários ângulos. Conquanto meu próprio tratamento do tema nos capítulos subsequentes esteja de acordo com algumas dessas abordagens mais do que outras, meu objetivo ao demonstrar algumas delas não é criticar qualquer uma em particular, mas dar aos leitores um senso da visão contemporânea e nos ajudar a identificar aspectos importantes de toda a apresentação bíblica do soli Deo gloria.

Uma ênfase entre escritores recentes talvez capture o modo mais comum de se pensar sobre o tema soli Deo gloria na imaginação popular: soli Deo gloria é um chamado para os crentes buscarem fazer todas as coisas para a glória de Deus. Essa ênfase parece seguir o espírito do grande musicista e luterano ortodoxo Johann Sebastian Bach, que anexava “SDG” às partituras que compunha.[14] Terry Johnson, por exemplo, dedica dois capítulos ao soli Deo gloria num livro sobre os solas da Reforma, o primeiro focando sobre a reforma da adoração e do governo da igreja. Ele então trata o tema em termos de ser obediente a Deus em todas as áreas da vida e o impacto que isso pode ter nas culturas à nossa volta. Ele insiste que o soli Deo gloria conclama os crentes de hoje a “aplicarem a cosmovisão cristã aos seus empreendimentos (...)”.[15]

John Hannah apresenta ideias semelhantes. Ele explica como “glória” expressa as qualidades ou atributos interiores de Deus e como a Escritura frequentemente descreve a glória de Deus como um retrato visível da sua radiância e

excelência.[16] Mas central ao trabalho de Hannah – de acordo com seu título: How do we glorify God? – estão as implicações morais da glória de Deus. Ele observa que nossa era pós-moderna é de um egoísmo e narcisismo radical, mas o soli Deo gloria é "um chamado à visão radical de um viver centrado em Deus em meio às muitas facetas da vida. A glória somente a Deus implica o propósito correto para toda a vida — um propósito centrado em Deus. Todos aqueles que compartilharem dessa visão radical do cristianismo fazem da glória de Deus o propósito último, não sua autorrealização".[17] Posteriormente, ele explica extensivamente como Deus é glorificado ao refletirmos sua santidade e como isso deveria transformar nossa perspectiva do trabalho, da política e de outros empreendimentos da vida.[18]

Refletindo sobre o tema da glória de Deus de um ângulo um tanto diferente, John Piper invoca a teologia de Jonathan Edwards, e especialmente seu tratado, "The end for which God created the world" ("A finalidade para a qual Deus criou o mundo"), sobre o qual falarei um pouco mais no próximo capítulo. Piper explica, "O regozijar-se de todas as pessoas em Deus, e o magnificar da glória de Deus são uma coisa só, não duas (...) A exibição da glória de Deus e a alegria mais profunda da alma humana são uma só coisa". Ele diz que esse é o objetivo da sua vida, e o que molda praticamente tudo o que ele prega e escreve.[19] Nessa visão "edwardiana", a graça de Deus nos capacita a progredir para um deleite sempre crescente em Deus, e "Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele".[20] Portanto, Deus zelosamente deseja nosso regozijo tanto quanto deseja sua própria glória.[21] Nesse sentido, Piper adota o aforismo de C. S. Lewis, "É um dever cristão, como você sabe, que cada um seja tão feliz quanto possível".[22]

Outro modo pelo qual escritores contemporâneos abordam o tema da glória de Deus é como um tema organizador da teologia bíblica. Uso a expressão "teologia bíblica" aqui num sentido técnico. A teologia bíblica – em distinção a outros métodos de teologia, como a sistemática ou histórica – explora o progresso e o desenvolvimento orgânicos dos temas da teologia e a mensagem geral da Escritura enquanto o cânon bíblico vai dos livros iniciais aos últimos. Também podemos pensar nisso como um movimento na Escritura de uma revelação menos completa de Deus a uma mais completa, ou como o crescimento gradual da manifestação da verdade de Deus da semente ao florescimento completo. Toco nesse assunto porque vários escritores recentemente identificaram a glória de Deus como sendo o tema central da teologia bíblica, ou seja, o tema central desse desenrolar cada vez mais poderoso da revelação de Deus na Escritura.

Um deles, James Hamilton, organiza seu Biblical theology ao redor do tema da glória de Deus na sua obra de salvação e juízo ao longo da História. Ele reconhece que a glória de Deus "é como uma pedra preciosa de muitas faces, que reflete e refrata a luz de maneiras sempre novas e inesperadas ao ser admirada".[23] Mas Hamilton procura juntar todos esses raios da glória divina de Deus ao sugerir que "a glória de Deus é o peso da bondade majestosa de quem Deus é, e o nome resultante, ou reputação, que ele obtém de sua revelação em si mesmo como Criador, Sustentador, Juiz e Redentor, se aperfeiçoam em justiça e misericórdia, bondade compassiva e verdade".[24] Hamilton reconhece um movimento na Escritura das manifestações mais limitadas e locais da glória de Deus no Israel do Antigo Testamento em direção ao objetivo universal e escatológico da glória de Deus enchendo todo o mundo.[25]

Thomas Schreiner também faz da glória de Deus uma linha principal da sua obra Biblical theology, assim como em trabalhos anteriores sobre teologia bíblica do Novo Testamento e Paulo.[26] Schreiner argumenta que a Escritura usa a palavra "glória" "de maneira abrangente para capturar a supremacia de Deus em tudo". Ele acredita que isso tem implicação direta para nossa vida moral: "Os seres humanos existem para obedecer a Deus, crer nele e louvá-lo (...) Deus exerce uma reivindicação total sobre a vida de todos".[27] Um terceiro teólogo contemporâneo, G. K. Beale, também chama a atenção dos leitores para a centralidade da glória de Deus no início da obra A New Testament Biblical theology: "Afirmo que o objetivo do enredo do Novo Testamento é a glória de Deus, e que o caminho para esse objetivo é o estabelecimento e expansão por parte de Cristo de um novo reino escatológico". O foco primário de Beale é esse caminho, a nova criação, mas apenas porque muitos outros já argumentaram eficazmente que a glória de Deus é o objetivo final da Escritura.[28]

Esses escritores contemporâneos testificam da riqueza e da vitalidade permanentes do tema da Reforma de que a glória pertence somente a Deus. Quer seja contemplando o serviço divino no mundo, a espiritualidade cristã ou a revelação desenvolvedora da salvação de Deus na Escritura, esses escritores encontram na glória de Deus um profundo reservatório de reflexão teológica. Esse também será o argumento dos próximos capítulos deste livro.

Toda a glória pertence a Deus e não a nós mesmos

Neste livro, objetivamos contemplar a glória do Senhor e o tema da Reforma de que toda a glória pertence a Deus. Os reformadores estabeleceram uma trajetória que certamente não nos levará a nos desviarmos. Contra a tentação perene de elevarmos nossas próprias palavras acima das de Deus e de buscarmos a vida eterna por meio das nossas próprias obras, os reformadores voltaram a atenção da igreja somente para a Escritura, somente para a fé, somente para a graça e somente para Cristo, e por meio disso, nos lembraram de que a glória pertence a Deus e não a nós mesmos. Aproximar-se desse Deus e conhecê-lo verdadeiramente requer que nos humilhemos e o procuremos na humildade da cruz. Porém, longe de nos rebaixar, nos humilha pela fé no Cristo crucificado, nos reconcilia com Deus e nos capacita a sermos o tipo de criatura que Deus intencionou que fôssemos. Deus nos concede o privilégio de refletirmos sua própria glória ao crescermos em santidade e de lhe atribuirmos glória na nossa adoração, e de um dia nos juntarmos a ele na glória da nova criação – que a Escritura maravilhosamente chama de nossa glorificação. Deus atribui glória suprema a ele mesmo, em parte, ao nos glorificar. O tema soli Deo gloria da Reforma de fato é um belo aspecto da boa-nova do evangelho.

Nosso interesse principal neste livro é explorar este tema de maneira mais profunda na Escritura e considerar como podemos construir com base no conhecimento dos reformadores e termos uma visão mais profunda e completa da glória de Deus e suas implicações para a vida e fé cristãs. Os escritores contemporâneos discutidos acima nos incentivam a pensar que essa ainda é uma tarefa nobre e proveitosa. Mas antes de irmos diretamente à Escritura, faremos bem em refletir também sobre como os teólogos reformados entre o tempo da Reforma e o início do século 21 apresentaram este tópico. Portanto, no capítulo 2, continuaremos essas reflexões iniciais históricas voltando-nos para a era da (assim chamada) ortodoxia reformada, na qual encontramos não uma teologia seca e sufocante, como o nome pode sugerir, mas um entendimento rico e cuidadoso da glória de Deus, da sua revelação na História e dos seus maravilhosos benefícios para os santos em Cristo.

[1] Veja, respectivamente, John D. Hannah, How do we glorify God? (Phillipsburg, NJ: P&R, 2000), p. 9; RC Sproul Jr., “Soli Deo gloria”, em After darkness, light: Distinctives of Reformed theology: Essays in honor of RC Sproul, org. RC Sproul Jr. (Phillipsburg, NJ: P&R, 2003), p. 191.

[2] Luther’s works, v. 31, Career of the Reformer: I, org. Harold J. Grimm, org. geral, Helmut T. Lehmann (Filadélfia: Fortress, 1957), p. 52-53.

[3] Como Alister McGrath colocou isso, “Podemos resumir as características fundamentais da theologia crucis [teologia da cuz] desta maneira: (1) A teologia da cruz é uma teologia de revelação, que claramente está em nítido contraste com especulação”. Veja Luther’s theology of the cross: Martin Luther’s theological breakthrough (Oxford: Basil Blackwell, 1985), p. 149.

[4] Bernhard Lohse comenta que “o uso dos conceitos theologia gloriae e theologia crucis (...) ajuda a tornar a questão da salvação o tema da sua teologia”. Veja Martin Luther’s theology: Its historical and systematic development, trad. Roy A. Harrisville (Minneapolis: Fortress, 1999), p. 38. Para comentários semelhantes, veja também McGrath, Luther’s theology of the cross, p. 151, 174.

[5] Calvino, Institutes of the Christian religion, trad. Henry Beveridge (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), 1.14.20; e Calvino, Calvin’s commentaries, v. 22 (Grand Rapids: Baker, 1999), p. 266 (a respeito de Hb 11.3). Para discussões úteis sobre a visão de Calvino da ordem natural e sua revelação da glória de Deus, veja, p. ex., Susan E. Schreiner, The theater of his glory: Nature and the natural order in the thought of John Calvin (Durham: Labyrinth, 1991); e Davis A. Young, John Calvin and the natural world (Lanham, MO: University Press of America, 2007).

[6] Institutas, 1.15.3.

[7] Ibid., 1.5.1.

[8] Ibid., 1.5.3.

[9] Ibid., 3.2.1.

[10] Ibid., 3.13.1.

[11] Ibid., 3.13.2.

[12] Calvin's commentaries, 21:320 (a respeito de Tt 2.13). Para uma discussão útil relativa à glória de Deus em Cristo e redenção por meio dele, veja Billy Kristanto, Sola Dei gloria: The glory of God in the thought of John Calvin (Nova York: Peter Lang, 2011), parte 2.

[13] Embora eu discuta apenas Lutero e Calvino, outros reformadores protestantes também foram dedicados à gloria de Deus como sendo central para a fé e a vida cristã. Para dar apenas um exemplo, Heinrich Bullinger, um reformador proeminente em Zurique, escreveu: "Quem quer que tenha o Espírito de Deus, qualquer coisa que ele faça ou fale terá traços do temor a Deus; finalmente, ele falará e fará todas as coisas para a glória de Deus: e todas essas coisas verdadeiramente são completa e livremente extraídas da única fonte do Espírito Santo". Veja Henry Bullinger, The decades of Henry Bullinger, The fourth decade, org. Thomas Harding (Cambridge: Cambridge University Pres, 1851), p.

320.

[14] Veja Calvin R. Stapert, My only comfort: Death, deliverance and discipleship in the music of Bach (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), p. 27-28; e Jaroslav Pelikan, Bach among the theologians (Filadélfia: Fortress, 1986), p. 140.

[15] Terry L. Johnson, The case for traditional Protestantism: The solas of the Reformation (Carlisle, PA: Banner of Truth, 2004), p. 162. Os dois capítulos que lidam com soli Deo Gloria são o 6 e o 7.

[16] John Hannah, How do we glorify God? Basics of the Reformed faith series (Phillipsburg, NJ: P&R, 2008), p. 6-7.

[17] Ibid., p. 6-7, 9.

[18] Ibid., p. 19-35, 38-40.

[19] John Piper, God's passion for his glory: Living the vision of Jonathan Edwards (Wheaton, IL: Crossway, 1998), p. 31-32.

[20] Ibid., p. 34-35, 47.

[21] Ibid., p. 34.

[22] Ibid., p. 46 (itálicos dele).

[23] James M. Hamilton, God's glory in salvation through judgment: A Biblical theology (Wheaton, IL: Crossway, 2010), p. 59.

[24] Ibid., p. 56.

[25] Ibid., p. 106, 116, 268-269, 343, 483.

[26] Thomas R. Schreiner, Paul: Apostle of God's glory in Christ: A Pauline theology (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001); Thomas R. Schreiner, New Testament theology: Magnifying God in Christ (Grand Rapids: Baker Academic, 2008); Thomas R. Schreiner, The Kings in his beauty: A Biblical theology of the Old and New Testaments (Grand Rapids: Baker Academic, 2013).

[27] G. K. Beale, A New Testament Biblical theology: The unfolding of the Old Testament in the New (Grand Rapids: Baker Academic, 2011), p. 126.

[28] Ibid., p. 16.

Capítulo 2

O Deus glorioso, glorificado por nosso intermédio: Soli Deo gloria na teologia reformada

“Qual é o fim principal do homem? O fim principal do homem é glorificar a Deus e desfrutar dele para sempre.” Breve catecismo de Westminster

“É a consequência necessária do deleite [de Deus] na glória da sua natureza que ele se deleite na emanação e no resplendor dela.” Jonathan Edwards

“A ‘glória do Senhor’ é o resplendor e brilho que é inseparavelmente associado com todos os atributos de Deus e com sua autorrevelação na natureza e na graça, a forma gloriosa na qual ele aparece em todo lugar às suas criaturas.” Herman Bavinck

Na concepção popular, o lema da Reforma soli Deo gloria é algumas vezes reduzido a um chamado para a ação moral: nós, cristãos, devemos buscar fazer todas as atividades para a glória de Deus como nosso único objetivo supremo. É evidente que não há nada de errado com essa afirmação – algumas passagens bíblicas dizem isso até mesmo de modo explícito. Mas parece haver algo desequilibrado em focar o tema soli Deo gloria exclusivamente sobre os cristãos agirem para a glória de Deus. Por exemplo, isso produz um resultado desajeitado e irônico que é o soli Deo gloria tornar-se centrado em nós : como nós deveríamos agir e que objetivo nós devemos buscar. Essas, de fato, são questões importantes, mas quando o soli Deo gloria se torna um programa para a renovação cultural humana, devemos todos suspeitar que o que foi intencionado

para ser um grito de guerra teocêntrico acabou reduzido a uma espécie de antropocentrismo estático.

Soli Deo gloria é sobre nós? Corrigindo o desequilíbrio

Concentrar o soli Deo gloria apenas na conduta humana também é algo desequilibrado já que não reflete a apresentação cuidadosa da Escritura desse tema. Em muitas ocasiões, a Escritura conclama os santos a darem glória a Deus na adoração, e em alguns lugares exorta os cristãos a fazerem todas as coisas para a glória de Deus. Mas mais frequentemente a Escritura apela para a glória de Deus como um meio de descrever Deus, especialmente quando ele se manifesta ao longo da história bíblica, tendo seu clímax no Senhor Jesus Cristo, seu Espírito Santo e na nova criação onde Cristo está agora entronizado.

Soli Deo gloria tem muito a ver com a nossa vida moral cristã, mas a integridade bíblica exige que primeiramente pensemos em como a glória de Deus é verdadeiramente apenas sobre ele mesmo. Essa é uma razão excelente para nos voltarmos para um tópico talvez um tanto inesperado: a glória de Deus na teologia da ortodoxia reformada. "Ortodoxia reformada" refere-se a um período que se iniciou do meio para o final do século 16 e durou até o início a meados do século 18. Durante esse período, muitos teólogos reformados notáveis procuraram consolidar as ideias de Martinho Lutero, João Calvino e outros reformadores protestantes eminentes, e elaborar com base nelas. Eles organizaram a teologia reformada de modo coerente, resolveram doutrinas que os reformadores não haviam considerado detalhadamente, defenderam essas doutrinas contra os ataques de teólogos não reformados e as ensinaram efetivamente às gerações posteriores de ministros reformados.

Quando a descrevo dessa maneira, a ortodoxia reformada provavelmente soa mais como uma causa nobre aos leitores reformados deste livro. Mas muitos escritores ao longo do século passado – incluindo alguns escritores reformados – atribuíram má fama à ortodoxia reformada. Esses críticos rejeitavam a teologia reformada ortodoxa como sendo seca e estéril, como racionalista em vez de bíblica, como se baseando na lógica do raciocínio humano mais do que na exegese da palavra de Deus. Felizmente, recentemente vários estudiosos desmascaram essas afirmações a respeito da ortodoxia reformada e os teólogos reformados estão agora começando a se aprofundar novamente nesses teólogos

mais antigos e redescobrindo uma riqueza de material que foi ignorada por muito tempo.[1]

A glória de Deus fornece uma ilustração interessante. Apesar de que não vou tentar qualquer coisa parecida com um estudo profundo sobre esse tópico entre os teólogos ortodoxos reformados, mesmo as breves observações que farei deverão confirmar que a ortodoxia reformada envolve uma concepção rica e nuançada da glória de Deus. Esses teólogos reconheceram o argumento bíblico sobre o qual falei acima: a glória de Deus é primeiramente sobre o próprio Deus e sobre como ele revela sua glória ao mundo. Porém, eles também reconheceram, em segundo plano, que Deus glorifica seu povo e o capacita a refletirem sua glória por meio de toda a sua adoração e obediência. Esse relato equilibrado deve agir como um guia útil quando nos voltarmos para a Bíblia nos próximos capítulos e procurarmos entender o tema soli Deo gloria de um modo que honre a descrição que a Escritura faz da glória de Deus.

Neste capítulo, primeiro forneço uma visão geral de como a teologia ortodoxa reformada entendeu a glória de Deus como resumida por um historiador contemporâneo e ilustrada por um teólogo ortodoxo reformado do século 17. Depois, descrevo como a Confissão de fé de Westminster e seus catecismos, importantes resumos da teologia ortodoxa reformada que têm guiado as igrejas presbiterianas e outras igrejas reformadas por séculos, tecem a glória de Deus na estrutura da vida e da fé cristã.

A glória de Deus de acordo com Edward Leigh

Para explicar alguns aspectos do entendimento reformado ortodoxo da glória de Deus, vali-me da obra de Richard Muller, que provavelmente fez mais do que qualquer outra pessoa para reviver a apreciação pela ortodoxia reformada nas décadas recentes. Também ilustro as declarações de Muller referindo-me ao teólogo ortodoxo reformado, Edward Leigh (1602-1671), cuja obra A treatise of divinity, é frequentemente mencionada por Muller. Leigh serviu ao Parlamento durante o período da guerra civil inglesa e supervisionou a Assembleia de Westminster (sobre a qual veremos abaixo). Ele era um teólogo treinado em Oxford, bem versado nos escritos clássicos, patrísticos e reformados e escritor de várias obras influentes.[2] Veremos nas obras de Leigh uma apreciação impressionante da amplitude e riqueza da glória de Deus e da sua revelação.

Um primeiro elemento da concepção ortodoxa reformada é que a glória de Deus descreve um aspecto da sua natureza. Muller escreve: “A glória de Deus deve ser entendida essencialmente como um dos atributos divinos, mas, além disso, como um atributo que eminentemente reflete e revela a perfeição de todos os atributos”.[3] Leigh começa sua exposição da glória de Deus com esse ponto. A glória de Deus é “a excelência infinita da essência divina”. Ele diz que, algumas vezes, a glória de Deus na Escritura significa “a própria essência e natureza de Deus” e algumas vezes “alguns dos atributos de Deus”. Leigh explica posteriormente que estes descrevem o aspecto “interior” da glória de Deus. Como interior, a glória de Deus “é a excelência da sua natureza divina”, em que Deus “é infinitamente digno de ser adorado, admirado e amado por tudo”. Deus é interiormente glorioso de acordo com seu “próprio conhecimento, amor e deleite em si mesmo”.[4]

Leigh também afirma que a glória de Deus é “exterior”. Como Muller coloca isso, “a glória divina pode ser considerada como exterior, expressa tanto na criação quanto ‘na dispensação divina na sua igreja e no seu povo’. Em particular, essa glória exterior se refere à ‘manifestação das suas perfeições por meio dos seus efeitos’”.[5] O que isso significa? Leigh observa que Deus possui glória interior desde toda a eternidade e que ele nunca pode ter mais dela do que

sempre teve. Mas a Escritura também fala que Deus faz “todas as coisas para si mesmo ou para sua glória”. Essa é a glória exterior de Deus, que é expressa, por um lado, nos “céus e na terra, e em todas essas criaturas gloriosas aqui embaixo, das quais é dito que expressam sua glória”, como declarado no salmo 19. Essas criaturas são “os efeitos de sua sabedoria e poder gloriosos”. “Assim como a glória do homem consiste nos ornamentos externos”, explica Leigh, “também a glória de Deus consiste em ter tais criaturas, homens e anjos para serem seus seguidores”. Além do mais, essa glória exterior consiste “no conhecimento dele e amor, obediência e adoração a ele por parte dos homens e dos anjos por toda a eternidade”.[6]

Assim, vemos que Leigh não demora para falar sobre as criaturas de Deus glorificando-o em tudo o que fazem, embora ele seja cuidadoso em fundamentar isso na glória interior de Deus e retratar o fato de que conhecemos, amamos, obedecemos e adoramos a Deus como sendo o “ornamento” próprio de Deus. Posteriormente, ele explica adicionalmente de que modo podemos glorificar a Deus: “não imputando alguma excelência a ele, mas observando sua excelência, e estimando-o de acordo, bem como manifestando nossa mais alta apreciação por ele”.[7] Muller afirma, “Essa última categoria da discussão ortodoxa da glória divina produz uma aplicação prática forte (...): dessa doutrina, devemos aprender, acima de tudo, a buscarmos a glória de Deus, a ‘nos esforçar para participar da imagem de Deus, para que possamos participar da sua glória’”.[8] Teologia não era um exercício frio e intelectual para esses teólogos ortodoxos reformados. Como logo veremos nas Confissões de fé de Westminster e seus catecismos, eles viam a doutrina e a vida como inter-relacionadas, e o tópico da glória e Deus ilustra isso muito bem.

Leigh também observa que a Escritura “em todo lugar exalta a majestade e a glória de Deus”.[9] Em parte, ela faz isso dando a ele títulos grandiosos como “Deus da glória”, “Rei da glória”, e “Pai da glória”, como se evidencia em Atos 7.2, salmo 24.8 e Efésios 1.17. A Escritura também exalta a glória de Deus afirmando que “toda a terra está cheia da sua glória” (Is 6.3).

Leigh acreditava que a glória de Deus é interior ao seu ser e, nesse sentido, irreconhecível a qualquer pessoa que não ele mesmo. No entanto, Deus também manifesta a sua glória nas suas criaturas e a elas e, nesse sentido, é conhecível a nós também. Como exatamente Deus manifesta a sua glória no mundo? “Comumente”, afirma Leigh, a glória de Deus é manifesta “na sua palavra e nas suas obras”. “Deus criou todas as coisas para a sua glória”, e, portanto, “todas as

suas obras refletem sua glória". Suas obras incluem "as da criação e preservação e providência" e também aquelas "sobre os corações dos crentes". Em todas essas, "Deus é glorioso". Mas Deus também manifesta a sua glória de maneira "extraordinária", isto é, "na nuvem, em aparições e visões".[10] "Na nuvem" refere-se ao pilar de nuvem e fogo que liderou os israelitas através do deserto em direção à Terra Prometida. Muller ressalta, "como as bases exegéticas da doutrina ortodoxa esclarecem, tanto a maiestas [majestade] quanto a Gloria Dei são mais frequentemente entendidas como identificadoras do Shechinah [isto é, o pilar de nuvem e fogo] e do kabod Adonai [isto é, "a glória do Senhor"]".[11] Nisso, os teólogos ortodoxos reformados novamente demonstram ser cuidadosos estudiosos da Escritura. De fato, a Escritura frequentemente fala da glória de Deus em termos da nuvem no deserto.

No primeiro capítulo, consideramos uma potencial objeção à ênfase reformada na glória somente a Deus: que essa exaltação de Deus implica o rebaixamento da humanidade. Descobrimos que João Calvino falava sobre Deus glorificar a si mesmo precisamente mediante a nossa glorificação, parcialmente agora com nossa santificação e adoração, e de maneira completa na era por vir. Os teólogos ortodoxos reformados também apreciaram esse ponto. Próximo ao final do seu tratado, Leigh observa o fato notável de que Deus "juntou nossa satisfação à sua glória", isto é, Deus é glorificado à medida que nossa satisfação suprema é realizada. Leigh continua para dizer que "Deus por meio disso nos dará glória" e frequentemente nos conclama "a pensarmos na glória pessoal e excelência que os santos desfrutarão quando chegarem ao céu".[12] No que consiste essa glória celestial? Leigh diz que nosso corpo será perfeito, incorruptível, espiritual ("porque será sustentado pelo Espírito de Deus") e glorioso. Nossa alma estará livre de todo mal espiritual, possibilidade de pecado e de toda a apreensão da ira de Deus. Portaremos a imagem de Deus de uma maneira perfeita, "nossa vontade será completamente satisfeita em Deus, a consciência cheia de paz [e] os sentimentos de amor e alegria terão seu deleite completo".[13]

Observamos uma progressão surpreendente de pensamento nesse teólogo ortodoxo reformado. Começando com a glória como sendo um atributo interior da natureza de Deus – reconhecível por completo apenas pelo próprio Deus – Leigh então descreve a manifestação exterior de Deus da sua glória em todas as suas obras: Deus não apenas faz com que sua glória brilhe nos céus, mas também nos capacita a glorificá-lo com nossa obediência e adoração nesta vida. A história culmina com Deus levando seu povo, aperfeiçoado em corpo e alma, a regozijar-se na glória da nova criação com ele. Para Leigh e seus colegas

ortodoxos, toda glória pertence somente a Deus, mas isso não é uma declaração abstrata sobre uma deidade egoísta ou um lema motivando um programa moral. Soli Deo gloria nos leva para dentro de uma história bíblica de criação, providência, redenção e consumação. O desejo de Deus de glorificar a si mesmo nos leva a ele num enredo cujo final sem fim nos põe na Nova Jerusalém onde Deus é supremamente glorificado na nossa glorificação.

A glória de Deus de acordo com Jonathan Edwards

Teólogos reformados posteriores continuaram a pensar sobre a glória de Deus de várias maneiras semelhantes. Talvez nenhum teólogo seja mais famoso pelo seu foco na glória de Deus que o norte-americano do século 18, Jonathan Edwards (1703-1758). Edwards foi pastor e missionário na Massachusetts colonial e esteve estreitamente ligado ao Grande Despertamento. Escritor prolífico, ele permanece ainda hoje como o mais bem conhecido teólogo na história norte-americana. Recentemente, John Piper enfatizou um tema-chave no tratamento de Edwards da glória de Deus: Deus tem o seu principal deleite na sua própria glória, ou seja, em si mesmo, mas isso não é algo diferente do seu deleite na condição feliz das suas criaturas, desde que elas reflitam a imagem da sua própria natureza e beleza. Como Edwards afirma nas suas palavras arcaicas, mas ainda compreensíveis: "É a consequência necessária do seu deleitar-se na glória da sua natureza que ele se deleite na emanação e no resplendor dela".[14]

Muitos outros escritores escreveram sobre a teologia de Edwards, e não vou acrescentá-los a esta literatura. Aqui simplesmente observo que o entendimento de Edwards da glória de Deus e sua relação conosco não foi algo original dele. Como vimos, muitos anos antes Leigh havia afirmado que Deus "juntou nossa satisfação à sua glória". Portanto, Edwards desdobrou um tema que já era reconhecido há algum tempo entre os teólogos reformados. Também é útil lembrarmos que Edwards não falava sobre a glória de Deus apenas em termos do seu deleite na nossa alegria supremamente centrada em Deus. Ele também tinha um agudo senso do terreno bíblico mais amplo no qual Leigh e outros teólogos ortodoxos reformados haviam anteriormente trafegado. Edwards descreve o uso do Antigo Testamento da palavra "glória", por exemplo, em termos que lembram os de Leigh: "Algumas vezes, ela é usada para significar o que é interior, inerente, ou que está na posse da pessoa: e algumas vezes para emanação, exibição ou comunicação dessa glória interior; e algumas vezes para conhecimento, ou sensação desses, naqueles para os quais a exibição ou comunicação é feita; ou uma expressão desse conhecimento, sensação ou efeito". Edwards também observa que na Escritura, "a glória de Deus" algumas vezes significa "a segunda pessoa na Trindade".[15] A despeito da sua meticulosidade

geral, Leigh havia dado pouca atenção a esse tema bíblico maravilhoso.[16]

A glória de Deus de acordo com Herman Bavinck

Concluo esta seção com algumas palavras de Herman Bavinck, um teólogo reformado holandês do final do século 19 e início do século 20. A magnum opus de Bavinck, Reformed dogmatics, reflete o espírito geral da ortodoxia reformada talvez melhor do que qualquer outra obra de literatura teológica escrita desde então. Quando discute a glória de Deus, Bavinck junta muitos dos temas que observei nas páginas anteriores:

A "glória de Deus" é o resplendor e brilho que está inseparavelmente associado com todos os atributos de Deus e sua autorrevelação na natureza e na graça, a forma gloriosa na qual ele aparece em todo lugar às suas criaturas. Essa glória e majestade (...) apareceu a Israel (...) Ela encheu o tabernáculo e o templo (...) e foi comunicada a todas as pessoas. (...) Essa glória está acima de tudo manifestada em Cristo, o Filho unigênito (...) e por meio dele na igreja (...), que está "aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tt 2.13).[17]

A glória de Deus: um atributo divino tanto interior quanto exterior, revelado neste mundo em todo lugar, mas especialmente à Israel de antigamente e, nestes últimos dias, por meio do seu Filho, em cuja gloriosa segunda vinda encontramos nossa própria bendita esperança. Essa trajetória da reflexão ortodoxa reformada fornece um paradigma impressionante para inspirar e guiar nosso próprio estudo bíblico do soli Deo gloria nos próximos capítulos.

A glória de Deus de acordo com a Confissão de fé e os catecismos de Westminster

Até aqui temos examinado a teologia ortodoxa reformada da glória de Deus considerando alguns teólogos individuais. Até mesmo esse curto exercício demonstrou – assim espero – que a ortodoxia reformada, apesar de minuciosa e precisa, não era seca, tediosa e não prática. Explorar esse tema na Confissão de Fé e nos catecismos de Westminster pode nos capacitar a apreciar ainda mais ricamente o caráter bíblico e espiritualmente edificante da reflexão ortodoxa reformada sobre a glória de Deus.

A reflexão teológica reformada sobre fé e vida cristãs nunca foi tarefa apenas de teólogos individuais, mas também da igreja como um corpo, um privilégio compartilhado por todos os seus membros. Escrever catecismos e confissões e praticá-los no ministério da igreja é uma maneira importante na qual os cristãos reformados aplicam esse privilégio. Essas confissões e catecismos servem mutuamente a vários propósitos de apoio. Servem como modo de definir publicamente em que a igreja crê e, portanto, tornam-se elos de unidade institucional ao juntar muitas congregações, comprometendo-as com as mesmas verdades da Palavra de Deus. (Se serve de ajuda, “confessar” literalmente tem a ver com falar ou reconhecer alguma coisa em conjunto – confessar é algo que, por definição, uma pessoa não consegue fazer sozinha.). As confissões e os catecismos reformados servem, ademais, como meios de definir e testar a integridade teológica dos líderes da igreja, particularmente seus ministros. Eles também têm funcionado como instrumentos de ensino maravilhosos para instruir todos os membros do corpo, quer sejam jovens, novos convertidos, ou cristãos há muito tempo que necessitam ser revigorados nas importantes verdades da Escritura.

Embora os reformados tenham escrito várias confissões e catecismos valiosos nas décadas que se seguiram à Reforma, alguns dos quais ainda são amados e utilizados hoje em dia, a composição da Confissão de Fé de Westminster, do Breve catecismo e do Catecismo maior de Westminster foi provavelmente seu esforço supremo. Depois que esses documentos foram escritos na década de

1640, os reformados, na maior parte, pararam de escrever novas confissões. Mais de cem teólogos – na maior parte pastores e professores ingleses – faziam parte da Assembleia de Westminster, o corpo que escreveu esses documentos. Conquanto a Assembleia de Westminster não fosse uma reunião de nenhuma igreja em particular (o Parlamento inglês organizou e supervisionou a assembleia), seu legado foi minuciosamente eclesiástico. Acontecimentos históricos subsequentes asseguraram que o trabalho da assembleia não tinha importância política, mas sua confissão e seus catecismos haviam sido adotados por presbiterianos e muitas outras igrejas reformadas ao redor do mundo. Várias igrejas se uniram ao redor da sua confissão mútua dos "Padrões de Westminster". Milhares de pregadores têm sido examinados para o ministério em parte por meio de um teste quanto ao conhecimento e comprometimento deles com as doutrinas que esses padrões ensinam, e inúmeras crianças começaram a ser instruídas teologicamente com as 107 perguntas e respostas do Breve catecismo, que inicia com a pergunta: "Qual é o fim principal do homem?" e prossegue para responder: "O fim principal do homem é glorificar a Deus e desfrutar dele para sempre".[18]

Portanto, o Breve catecismo (e o Maior) começam apontando o povo de Deus para a glória de Deus, um tema que aparece repetidamente na Confissão e nos catecismos. Esses documentos são um produto da ortodoxia reformada: um grande número de membros da Assembleia de Westminster foi educado nessa teologia e era praticante hábil dela. É fascinante ver como a ortodoxia reformada percebia a centralidade da glória de Deus para a fé e vida cristãs nesses documentos designados para o propósito muito prático de unir cristãos em conjunto e instruir as pessoas, até mesmo os muito novos, nas crenças essenciais do cristianismo. Vou me concentrar principalmente na Confissão, conquanto também irei discutir os catecismos em vários pontos ao longo do caminho.

O exame da Confissão de fé de Westminster (daqui em diante referida como CFW), do Breve catecismo e do Catecismo maior (daqui em diante referidos como BCW e CMW, respectivamente) sobre a glória de Deus revela uma verdade dupla: Deus é todo-glorioso e ele glorifica a si mesmo nas suas obras. A ênfase desses documentos não está na nossa própria conduta e no modo como nós trazemos glória a Deus mediante um programa moral ou cultural. No entanto, a Confissão e os catecismos de Westminster desdobram a autoglorificação de Deus de uma maneira que tem muito a ver conosco. Uma maneira importante em que Deus glorifica a si mesmo, eles ensinam, é por meio da sua obra graciosa da salvação, tanto que nós cristãos nos tornamos o meio de

Deus para glorificar sua glória: “Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança. Ele é todo-suficiente em si e para si, pois não precisa das criaturas que trouxe à existência, não deriva delas glória alguma, mas somente manifesta a sua glória nelas, por elas, para elas e sobre elas”.[19] Essa é uma verdade bíblica profunda para considerarmos. Em nós e por nós mesmos, não conseguimos acrescentar uma vírgula à glória de Deus, mas na sua autoglorificação Deus manifesta sua glória a nós e sobre nós, tanto que ele é glorificado em nós e por nosso intermédio. Podemos verdadeiramente nos regozijar no soli Deo gloria entendido dessa maneira.

Assim como na teologia ortodoxa reformada em geral, a Confissão de fé e os catecismos de Westminster veem glória como um atributo do único Deus verdadeiro, ou seja, um aspecto essencial da sua natureza. O CMW inicia sua definição de Deus declarando: “Deus é espírito, em si e por si infinito em seu ser, glória, bem-aventurança e perfeição”.[20] Esse Deus verdadeiro é trino, e Pai, Filho e Espírito Santo são “da mesma substância, iguais em poder e glória”.[21] Isso explica a declaração acima que atribui a Deus em si e por si infinitude em “glória, bem-aventurança e perfeição”.[22] Deus não necessita de ninguém nem de nada para torná-lo glorioso. Ele mesmo é a origem e o autor da sua glória.

A CFW prossegue para dizer que Deus também “manifesta a sua glória nelas, por elas, para elas e sobre elas”, isto é, sobre as criaturas que ele criou.[23] Em outras palavras, Deus revela exteriormente, no mundo criado, a glória interior que ele sempre possuiu. Considere as várias maneiras em que a CFW fala de Deus glorificar a si mesmo por meio das suas obras no mundo. Primeiro, Deus glorifica a si mesmo pela sua revelação na Escritura. O “âmbito” da Escritura (isto é, seu foco ou objetivo) é “dar toda a glória a Deus” e ela estabelece “todas as coisas necessárias para a glória dele”.[24] Deus também glorifica a si mesmo no seu plano para toda a História. Deus opera “todas as coisas de acordo com o conselho da sua própria vontade, a qual é reta e imutável”, e faz isso “para sua própria glória”.[25]

Um aspecto crucial, embora imensamente misterioso, do seu conselho é seu decreto de eleição e reprovação: “Pelo decreto de Deus, para a manifestação da sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna; e outros preordenados à morte eterna”.[26] Essa predestinação à vida é “para o louvor da sua gloriosa graça”, enquanto sua rejeição temível de outros contribui “para o louvor da sua gloriosa justiça”.[27] O tema da autoglorificação de Deus continua à medida que a CFW considera a obra de Deus em aplicar o conselho eterno da

sua vontade. Deus glorifica a si mesmo por meio da obra da criação: “Agradou a Deus o Pai, Filho e Espírito Santo, para a manifestação da glória do seu eterno poder, sabedoria e bondade, no começo, criar, ou fazer do nada, o mundo e todas as coisas que nele existem, quer visíveis ou invisíveis, no decorrer de seis dias; e tudo muito bom”.[28]

Tendo criado o mundo, Deus também glorifica a si mesmo por meio da sua providência, isto é, sustentando e governando a obra das suas mãos: “Deus o grande Criador de todas as coisas sustém, direciona, dispõe e governa todas as criaturas, ações e coisas, da maior à menor, mediante sua providência mui sábia e santa (...), para a adoração da glória da sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia”.[29] Essa última declaração verdadeiramente engloba tudo. Deus supervisiona tudo o que acontece neste mundo, e tudo transpira para o louvor da sua glória. A CFW insiste que isso inclui acontecimentos trágicos e maus, embora Deus não seja, de modo algum, o autor do pecado.[30] Deus governou até mesmo a queda da raça humana, aquela fonte de todo o mal do mundo: “Segundo o seu sábio e santo conselho, foi Deus servido permitir este pecado deles [Adão e Eva], havendo determinado ordená-lo para a sua própria glória”.[31] Ele também manifesta sua glória no estabelecimento providencial de ofícios de governo: “Deus, o Senhor Supremo e Rei de todo o mundo, para a sua glória e para o bem público, constituiu sobre o povo magistrados civis que lhe são sujeitos”.[32]

No entanto, sua obra de redenção é o meio mais maravilhoso pelo qual Deus manifesta sua glória na criação, por meio dela e sobre ela. Ele glorifica a si mesmo chamando-nos, pecadores como somos, para participarmos da sua própria glória. A CFW fala disso de várias maneiras maravilhosas. Em primeiro lugar, a eleição eterna de Deus do seu povo manifesta sua glória no fato de ele ter nos escolhido “para uma glória eterna”.[33] A CFW também chama nossa vida futura no reino celestial de “o estado de glória” no qual Deus finalmente faz com que “a vontade do homem (...) perfeita e imutavelmente livre para o bem somente”.[34] Posteriormente, ela se refere à nossa “vida eterna na mão de Deus” como “a glória por vir”.[35] Aqueles que creem em Deus, o amam e buscam andar em boa consciência perante ele, acrescenta a CFW, não somente podem estar seguros da sua salvação aqui e agora, mas podem também se “regozijar na esperança da glória de Deus, cuja esperança nunca os envergonhará”.[36] Nós, seus santos, unidos a Cristo por meio do seu Espírito e pela fé, “temos comunhão com ele em suas graças, sofrimentos, morte, ressurreição e glória”.[37]

A CFW elabora sobre esse tema ao falar da comunhão de crentes com Cristo na glória como desdobrando-se em três estágios: nesta vida desfrutamos “das primícias da glória com Cristo”, na morte “contemplaremos a face de Deus em luz e glória” e, seguindo a ressurreição e o juízo final, desfrutaremos “comunhão perfeita e plena (...) com Cristo em glória”.[38] A CFW conclui com múltiplas referências à glorificação de Deus por meio da nossa glorificação na era por vir. Deus determinou o juízo final em parte para “a manifestação da glória da sua misericórdia”, e embora ele irá ressuscitar os perversos para “desonra”, ressuscitará os corpos de seu povo, “pelo seu Espírito, para honra”, e os fará “conformados ao seu próprio [de Cristo] corpo”.[39]

Mediante todos esses meios, Deus manifesta a sua glória por meio da salvação do seu povo. Será que os Padrões de Westminster, como parte desse tema mais amplo, também falam de Deus nos capacitar a glorificá-lo mediante nossa própria conduta? Essa não é uma preocupação principal da CFW. Na verdade, ela menciona isso apenas uma vez, quando descreve as boas obras que os cristãos realizam em obediência aos mandamentos de Deus como evidência da fé que eles professam. Essas boas obras servem a um grande número de funções benéficas: “por elas os crentes manifestam sua gratidão, fortalecem sua segurança, edificam seus irmãos, adornam a profissão do evangelho, calam a boca dos adversários e glorificam a Deus”.[40] A única outra vez em que a CFW toca na questão das pessoas agirem para a glória de Deus, posteriormente no mesmo capítulo, explica que os incrédulos, em parte porque nunca agem para “o fim correto, a glória de Deus”, são incapazes de fazerem boas obras.[41] Embora buscar a glória de Deus seja um tema menos importante na CFW, ela comunica este ponto importante: apenas crentes em Jesus Cristo podem agir para a glória de Deus, e, por essa razão, apenas eles podem realizar obras que verdadeiramente agradam a Deus.

A CFW não dá a mínima atenção à nossa responsabilidade de glorificar a Deus, mas o tema surge muitas vezes nos catecismos. A primeira pergunta e resposta de ambos os catecismos anuncia que nosso fim principal – ou seja, o objetivo primário e o propósito de toda a nossa existência – é glorificar a Deus e desfrutarmos dele para sempre. Essa é uma declaração importante, mas o que ela significa? Como os catecismos nos veem vivendo para a glória de Deus? Vimos acima que o capítulo 16 da CFW indica que todas as nossas obras devem ser realizadas para a glória de Deus, de modo que os catecismos certamente não ensinam que devemos glorificar a Deus apenas numa pequena parte da vida. Mas é marcante que apenas com uma exceção, os catecismos falam de nós darmos

glória a Deus no contexto da adoração.[42] Não parece exagero dizer que eles nos exortam a glorificar a Deus em especial ao deixarmos de lado nossas responsabilidades comuns e invocar o nome do Senhor.

Um lugar em que surge essa ênfase é precisamente onde esperaríamos: a exposição do primeiro dos Dez Mandamentos, que nos ordena não ter outros deuses senão o Senhor. O BCW diz, na pergunta 46: "Que exige o primeiro mandamento?" E responde: "O primeiro mandamento exige de nós conhecer e reconhecer Deus como o único Deus verdadeiro, e nosso Deus; e como tal adorá-lo". O CMW desdobra esse foco na adoração explicando que devemos adorar e glorificar a Deus "pensando e meditando nele, lembrando-nos dele, estimando-o, honrando-o, adorando-o, escolhendo-o, amando-o, desejando-o [e] temendo a ele", bem como "invocando-o, [e] dando toda adoração e gratidão (...) a ele com todo o nosso ser".[43] Conquanto nem toda ação que o CMW elogia seja um ato de adoração per si, parece claro que o documento prevê a dedicação de todo o coração a Deus requerida no primeiro mandamento como sendo centrada na nossa adoração pública e privada.

Os catecismos também nos conclamam a glorificar a Deus na nossa adoração por meio da sua instrução na oração, para a qual a oração do "pai-nosso" é um modelo. Na primeira petição da oração do pai-nosso, clamamos: "Santificado seja o vosso nome". De acordo com o BCW, com essas palavras, nós oramos que "Deus capacite a nós e a outros, a glorificá-lo em tudo o em que ele se dá a conhecer; e que ele disponha tudo para sua glória".[44] O CMW 190 expande esses pontos. De acordo com os catecismos, no próprio início da oração, nós corretamente pedimos que Deus glorifique a si mesmo e que nos capacite a glorificá-lo.

Esse foco continua nas petições subsequentes. A pergunta 184 do CMW é por quais coisas deveríamos orar, e então declara: "Devemos orar por todas as coisas que tendem para a glória de Deus". Há um teor semelhante inerente no terceiro mandamento. Não tomar o nome do Senhor em vão requer "que o nome de Deus (...) seja santa e reverentemente usado (...) para a glória de Deus".[45] Conquanto o nome de Deus possa ser usado corretamente fora da adoração, a adoração é o que o CMW 112 destaca. Deveríamos de maneira santa e reverente usar não apenas seu nome, mas também suas "ordenanças, a palavra, os sacramentos, a oração, os juramentos [e] os votos".

Finalmente, focando na adoração pública, corporativa de Deus, o CMW, na sua

pergunta 159, trata de como a palavra de Deus “deve ser pregada por aqueles que são chamados a isso”. Essa seção conclui conclamando os ministros a pregarem “com amor fervoroso a Deus e às almas de seu povo; sinceramente, objetivando sua glória, e a conversão, edificação e salvação deles”.

Essa pesquisa sugere que os Padrões de Westminster fornecem um resumo apropriado do ensinamento ortodoxo reformado sobre a glória de Deus. Glória é um atributo do ser eterno de Deus, derivado apenas e unicamente dele mesmo. Porém, Deus se agrada de manifestar sua glória no mundo que criou e por meio dele. Ele glorifica a si mesmo na Escritura, nas suas obras de criação e providência, e de modo mais maravilhoso, por meio da redenção do seu povo, que o glorifica obedecendo totalmente a ele e especialmente adorando-o, e que ele um dia levará à glória celestial para obterem aquele objetivo final para o qual ele criou a raça humana em primeiro lugar, que é glorificá-lo e desfrutar dele para sempre. Soli Deo gloria não seria uma maneira ruim de resumir a Confissão de Fé e os catecismos de Westminster.

As primeiras coisas em primeiro lugar: Deus glorifica a si mesmo

Comecei este capítulo advertindo contra a tendência irônica popular de falar do soli Deo gloria como se esse lema reformado fosse primariamente sobre nós mesmos e a maneira que agimos e moldamos nossa vida moral e cultural. Conquanto a glória de Deus deva, de fato, ser o motivo principal e objetivo dos cristãos em toda nossa conduta, devemos nos lembrar, acima de tudo, que a glória é do Senhor e que em todas as suas obras ele glorifica a si mesmo. Com essa verdade no centro, conseguimos reconhecer nosso chamado para glorificar a Deus pelo que ele realmente é: Deus trabalha em nós para que ele manifeste sua glória por nosso intermédio. É surpreendente que a maneira em que Deus mais se deleita em glorificar a si mesmo seja capacitando seu povo amado a desfrutar dele na glória da nova criação.

A ortodoxia reformada, especialmente por meio da Confissão de fé e dos catecismos de Westminster, nos ajuda a manter um equilíbrio teológico ao contemplar o soli Deo gloria. Esse grande lema reformado é sobre Deus do início ao fim; no entanto, pela sua graça, ele tem tudo a ver com sua obra em nós e por nosso intermédio. Fortalecidos com essa farta alimentação da herança da teologia reformada, agora nos voltamos para a Escritura para observar por nós mesmos como Deus manifesta sua glória no desdobramento da história bíblica.

---

[1] Veja, p. ex., Richard A. Muller, Post-Reformation reformed dogmatic: The rise and development of reformed orthodoxy, c. 1520 a c. 1725, 4 v. (Grand Rapids: Baker Academic, 2003); e Protestant scholasticism: Essays in reassessment, orgs. Carl R. Trueman e R. Scott Clark (Carlisle: Paternoster, 1999).

[2] Veja p. ex.. “Edward Leight”, em Dictionary of national biography, v. 32, org.

Sidney Lee (Nova York: Macmillan, 1892), p. 432-433.

[3] Muller, Post-Reformation reformed dogmatics, 3.547.

[4] Edward Leigh, A treatise of divinity (Londres, 1662), p. 111-113.

[5] Muller, Post-Reformation reformed dogmatics, 3.550.

[6] Leigh, A treatise of divinity, p. 113.

[7] Ibid., p. 116.

[8] Muller, Post-Reformation reformed dogmatics, p. 550. Muller cita Leigh, A treatise of divinity, p. 117.

[9] Leigh, A treatise of divinity, p. 113.

[10] Ibid., p. 114.

[11] Muller, Post-Reformation reformed dogmatics, 3.541.

[12] Leigh, A treatise of divinity, p. 118, 120.

[13] Ibid., p. 120.

[14] Veja Jonathan Edwards, “The end of which God created the world”, em John Piper, God’s passion for his glory: Living the vision of Jonathan Edwards (Wheaton, IL: Crossway, 1998), p. 141, 163-164.

[15] Ibid., p. 230.

[16] Com respeito a Cristo, Leigh preocupa-se mais em explicar que a glória infinita de Deus não era comunicada à natureza humana de Jesus. Essa é uma preocupação teológica sensata. Leigh de fato reconhecia que a glória de Cristo como mediador da salvação está “muito além de todas as criaturas”, apesar de menos que “uma glória meramente divina”. Veja Leigh, A treatise of divinity, p. 116. Portanto, Leigh não ignorou a glória de Cristo, mas acredito que seja correto concluir que ele não dá atenção suficiente a como a glória de Deus é manifestada em Cristo, dada a importância desse tema na Escritura, que consideraremos especialmente no capítulo 4.

[17] Herman Bavinck, Reformed dogmatics, v. 2, God and creation, org. John Bolt, trad. John Vriend (Grand Rapids: Baker Academic, 2004), p. 252.

[18] Para estudos recentes da teologia e do contexto desses documentos, veja J. V. Fesko, The theology of the Wesminster standards: Historical context & theological insights (Wheaton, IL: Crossway, 2014); e Chad Van Dixhoorn, Confessin the faith: A reader’s guide to the Westminster confession of faith (Carlisle, PA: Banner of Truth, 2014). [Publicado em português sob o título Guia

de estudos da Confissão de Fé de Westminster, pela Editora Cultura Cristã (N. do R.)].

[19] Confissão de fé de Westminster, 2.2.

[20] Catecismo maior de Westminster, p. 7.

[21] Ibid., p. 9.

[22] Confissão de fé de Westminster, 2.2.

[23] Ibid.

[24] Ibid., 1.5 e 1.6.

[25] Ibid., 2.1.

[26] Ibid., 2.3.

[27] Ibid., 2.5 e 2.7.

[28] Ibid., 4.1

[29] Ibid., 5.1

[30] Ibid., 5.4.

[31] Ibid., 5.4. e 6.1.

[32] Ibid., 23.1.

[33] Ibid., 2.3, 2.5, 2.6.

[34] Ibid., 9.5.

[35] Ibid., 16.5.

[36] Ibid., 18.1.

[37] Ibid., 26.1.

[38] Catecismo maior de Westminster, p. 82, 83, 86, 90.

[39] Confissão de fé de Westminster, 33.2 e 32.3.

[40] Ibid., 16.2.

[41] Ibid., 16.7.

[42] A única exceção é CMW, p. 129, que conclama as pessoas em posições de autoridade a “buscarem a glória a Deus” fielmente executando seus deveres perante àqueles sobre os quais têm autoridade.

[43] Catecismo maior de Westminster, p. 104.

[44] Breve catecismo de Westminster, p. 101.

[45] Catecismo maior de Westminster, p. 112.

Parte 2

A glória de Deus na Escritura

Capítulo 3

Na nuvem: a glória de Deus tornada visível

“Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso, pela glória do teu nome; livra-nos e perdoa-nos os pecados, por amor do teu nome.” Salmos 79.9

“Não a nós,

Senhor

, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade.” Salmos 115.1

“Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto; porque como seria profanado o meu nome? A minha glória, não a dou a outrem.” Isaías 48.11

Nos dois primeiros capítulos, consideramos como uma ênfase comum na discussão contemporânea do soli Deo gloria – de que devemos glorificar a Deus em tudo o que fazemos – aborda um aspecto importante da teologia reformada da glória de Deus, mas corre o risco de distorcer sua mensagem mais abrangente. Soli Deo gloria nunca foi primariamente sobre nós e nossa conduta, mas sobre Deus. De acordo com a teologia ortodoxa reformada, Deus é inerentemente glorioso e ele glorifica a si mesmo em todas as suas obras. Esse é o cerne da questão. Mas a maneira em que Deus glorifica a si mesmo em todas suas obras é notável e inspiradora. O Deus eternamente todo-glorioso revela sua glória neste mundo e por meio dele, o que evoca nosso louvor e serviço, que redunda para sua glória. Além do mais, Deus glorifica a si mesmo em parte ao nos glorificar,

de modo que nós, em Cristo e por meio do Espírito, obtemos bem-aventurança perpétua precisamente por meio da suprema autoglorificação de Deus. O grande plano de Deus na História é revelar sua glória, e nós somos envolvidos nesse plano. Deus deleita-se em glorificar a si mesmo chamando e capacitando pecadores a glorificarem-no e regozijarem-se nele para sempre. Esse é um grande privilégio. E isso é maravilhosamente coerente com os outros importantes solas da Reforma: sola fide, sola gratia e solus Christus .

O outro sola da Reforma, sola Scriptura, nos leva para trás da teologia reformada para explorar sua fonte. A visão reformada da glória de Deus é convincente e inspiradora, mas é necessário que saibamos se ela nasce do ensinamento bíblico. Aqui, na Parte 2, nós nos voltaremos para a Escritura para encontrar a importante razão para admirar o discernimento bíblico da Reforma e dos teólogos ortodoxos reformados. A visão deles da glória de Deus captura o ensinamento da Escritura de modo maravilhoso.

Mas qual a melhor maneira de abordar esse tema na Escritura? Obviamente, não há uma única maneira de descobrir um tema tão rico e complexo, mas proponho fazê-lo primariamente mediante uma história. A Escritura em si é uma grande história que se move da criação do mundo à sua queda, seguida por uma longa história de redenção cuja culminação se inicia na encarnação, crucificação e exaltação do Messias prometido e termina com seu retorno triunfante e revelação da nova criação. Em vez de examinar a glória de Deus na Escritura mediante o estudo separado de subtópicos, convido você a explorar comigo como o tema da glória de Deus acompanha e embeleza essa história bíblica. Na verdade, a história mais abrangente da Escritura é, em muitos aspectos, a história da revelação da glória de Deus.

Iremos explorar esse tema nos próximos três capítulos. Este capítulo inicia a investigação onde as Escrituras em si primeiramente direcionam seus leitores, de modo explícito, à glória de Deus: na coluna de nuvem e fogo, que conduziu os israelitas através do deserto em direção à Terra Prometida, habitou no seu tabernáculo e depois no seu templo, e tragicamente abandonou seu povo como juízo por causa dos seus grandes pecados. Nos capítulos 4 e 5, continuo essa história, cujo sucesso parece sempre permanecer num equilíbrio precário ao longo de grande parte do Antigo Testamento. Esses capítulos irão investigar como Deus leva suas promessas a termo a despeito da rebelião do seu povo. Ele faz isso por meio de um Salvador cuja glória é velada por um tempo em desprezível humildade, mas posteriormente desvelada como rei do seu templo

celestial, servido por um povo anteriormente pecador, agora glorificado nele.

A glória de Deus: prólogo

Todas as pessoas amam histórias, mas algumas vezes um contador de histórias precisa fornecer algum contexto para que o público entenda seu conto. Isso pode ser verdadeiro aqui. Queremos passar imediatamente à história bíblica da glória de Deus, mas alguns aspectos da apresentação da Escritura da glória divina não se encaixam num lugar particular na narrativa, embora eles forneçam um contexto muito útil para ela. Nesta seção introdutória do capítulo, quero desempacotar quatro desses aspectos como um tipo de prólogo à história que se desdobrará.

Em primeiro lugar, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento usam "glória" como um nome para Deus. Ele é a "Glória de Israel" (1Sm 15.29, NVI), o "Rei da glória" (Sl 24.8, 9, 10) e o "Deus da glória" (Sl 29.3). Quando Estêvão relata as grandes obras de Deus perante o Sinédrio, ele começa pegando emprestado esse título divino do Antigo Testamento: "Varões irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória apareceu a Abraão (...)" (At 7.2). Apesar de raras vezes no Antigo Testamento, o Novo Testamento com frequência chama Deus de "Pai", e Paulo combina esse novo título pactual com o tema antigo da glória de Deus: o "Deus de nosso Senhor Jesus Cristo" é o "Pai da glória" (Ef 1.17). No Antigo Testamento, o nome pactual especial para Deus era o assim chamado "tetragrama", que os judeus ortodoxos ainda hoje não pronunciam e que cristãos comumente traduzem como "Yahweh" ou "Senhor". Moisés disse aos israelitas que esse nome é "glorioso e terrível" (Dt 28.58).

Na Escritura, os nomes de Deus não são arbitrários ou aleatórios, mas nos dizem alguma coisa sobre quem Deus é. Por exemplo, ao chamá-lo de "Todo-Poderoso", "Altíssimo", ou "Santo", a Escritura fornece um vislumbre do seu caráter. Assim, quando a Escritura o chama de Deus, Rei ou Pai da glória, ela indica que a própria natureza de Deus é gloriosa. Isso confirma a declaração ortodoxa reformada de que a glória é, primeiramente e acima de tudo, interior a Deus: é um dos seus atributos divinos. Alegremente nós confirmamos isso, porém reconhecemos os limites da nossa compreensão. Apenas Deus sabe exatamente o que constitui sua glória interior; nossa mente finita não consegue

compreendê-la. Mas sabemos que, quando Deus manifesta sua glória ao mundo, vemos um reflexo dessa glória interior, a glória da qual o Filho desfrutou com o Pai antes de todas as eras (cf. Jo 17.5).

Em segundo lugar, a Escritura fala da glória de Deus em termos da sua honra ou reputação ou de que ele é digno de louvor. Frequentemente associamos o "ter um bom nome" com ter uma boa reputação, de modo que isso também é verdadeiro quanto a Deus. O Deus cujo nome é Glória merece todo louvor e honra. Como o salmista diz: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade" (Sl 115.1). Na segunda parte de Isaías, essa ideia emerge com uma força particular. Deus diz, por exemplo, "Eu sou o Senhor; este é o meu nome; a minha glória, pois, não darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura" (Is 42.8); e depois: "Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto, porque como seria profanado o meu nome? A minha glória não a darei a outrem" (Is 48.11). Essas passagens ilustram a estreita conexão bíblica entre Deus fazer as coisas para sua própria glória, para seu nome, e para seu próprio bem – cada uma dessas pertence à reputação de Deus como aquele que é digno de toda honra. Do mesmo modo, os salmos declaram: "Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso, pela glória do teu nome; livra-nos e perdoa-nos os pecados, por amor do teu nome" (Sl 79.9). "Todas as nações temerão o nome do Senhor, e todos os reis da terra, a sua glória" (Sl 102.15).

Como afirmou Jonathan Edwards: "Na Escritura, o nome e a glória de Deus, no mínimo muito frequentemente, têm o mesmo significado".[1]

Em terceiro lugar, Deus revela sua glória na ordem criada. Sob o primeiro ponto, observei que Deus é interiormente glorioso, mas que podemos realmente perceber sua glória apenas como ele a manifesta no mundo. Uma maneira pela qual ele faz isso é por meio da beleza da criação. É muito conhecido o início do salmo 19: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra das suas mãos". Provavelmente seja melhor entender isso à luz da declaração de Paulo: "porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes [aos seres humanos] manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas" (Rm 1.19-20). A expressão teológica para isso é revelação natural. Deus se revela "por meio das coisas que foram criadas", ou seja, na própria natureza. Portanto, o salmo 19 indica que a glória está entre as "qualidades invisíveis" de Deus, que a natureza revela. Outros salmos

também associam a glória de Deus com os céus. Por exemplo, vários versículos declaram: “Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus; e em toda a terra esplenda a tua glória” (Sl 57.5, 11; 108.5). O salmo 113.4 acrescenta, “Excelso é o Senhor, acima de todas as nações, e a sua glória, acima dos céus”.

Finalmente, Deus glorificou a si mesmo por meio dos seus grandes feitos neste mundo. Num sentido, o ponto precedente era apenas um subponto deste: entre os grandes feitos de Deus estão ele ter feito e está sustentando a ordem criada em toda a sua beleza. Mas enquanto o terceiro ponto acima focaliza a revelação natural de Deus, este quarto ponto aponta para a revelação especial de Deus, como os feitos maravilhosos pelos quais ele pune seus inimigos e redime seu povo. Estes, também, tornam sua glória conhecida.

Deus glorifica a si mesmo por meio do juízo dos seus inimigos. Antes de os israelitas passarem pelo mar, Deus declarou: “serei glorificado em Faraó”, por meio da destruição das suas carruagens e cavaleiros (Êx 14.4, 17-18). Posteriormente, Deus diz a Sidom: “serei glorificado no meio de ti” (Ez 28.22) e prevê um dia “memorável” em que ele novamente “será glorificado” pela destruição de Gogue (Ez 39.13). A Escritura enfatiza como Deus glorifica a si mesmo pela salvação do seu povo (que ele realiza, em parte, por meio da destruição dos seus inimigos). Para a sua glória, Deus formou um povo seu, que é chamado pelo seu nome (Is 43.7), e ele é glorificado na prosperidade deles: “Tu, Senhor, aumentaste o povo, aumentaste o povo e tens sido glorificado; a todos os confins da terra dilataste” (Is 26.15). Paulo explica que no grande plano de salvação de Deus – estabelecido desde a eternidade (Ef 1.11) – nós que cremos no evangelho e fomos marcados pelo Espírito somos posse sua, e tudo isso (ele diz duas vezes) é para “louvor da sua glória” (Ef 1.12-14). Paulo utiliza uma frase semelhante em Filipenses para descrever o efeito da obra santificadora de Deus no nosso coração: é tudo “para a glória e louvor de Deus” (Fp 1.9-11). Como Jesus disse, “Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos” (Jo 15.8).

No capítulo 5, iremos considerar em maior detalhe como Deus glorifica a si mesmo na salvação do seu povo. Mas vale a pena mencionar aqui que Deus traz glória para si mesmo por meio da salvação do seu povo pelo seu poder soberano. Efésios 1 em particular torna isso excepcionalmente claro. Ali Paulo discute muitos aspectos da nossa salvação, incluindo nossa santificação (v. 4), adoção como filhos (v. 5), perdão de pecados (v. 7) e recebimento do Espírito Santo (v. 13). Deus planejou e executou isso em sua soberania única. Tudo acontece

“segundo o beneplácito de sua vontade” (v. 5), “o mistério da sua vontade” (v. 9) e “conforme o conselho de sua vontade” (v. 11). No capítulo seguinte Paulo acrescenta: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não das obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9). Outro modo de descrever isso é que a salvação é monergística, ou seja, a obra de Deus somente. Além do mais, essa execução soberana da salvação resulta no “louvor da glória de sua graça” (Ef 1.6) e “em louvor da sua glória” (Ef 1.14). A convicção reformada histórica de que o soli Deo gloria é essencialmente conectado à salvação somente por meio de Cristo, somente por meio da fé é biblicamente bem fundamentada.

Assim, Deus glorifica a si mesmo de maneira geral na sua ordem criada e nos seus atos especiais de juízo e salvação no mundo. Ofereci apenas um breve vislumbre de como esse tema posterior se desenvolve ao longo da Escritura, mas isso fornece uma boa transição para o tema principal deste capítulo e, de fato, ao tema dos capítulos 3–5 como um todo. De que modo Deus glorifica a si mesmo por meios dos seus feitos especiais na História? Qual é seu plano mestre e como ele se desdobra?

A glória de Deus revelada numa nuvem

Em anos recentes, as economias do primeiro mundo têm se tornado cada vez mais dependentes “da nuvem”. A nuvem, nesse contexto, não tem nada a ver com o céu ou o clima, mas com computação e armazenamento de dados. Na busca de uma eficiência sempre maior, temos descartado discos físicos e unidades de armazenamento de todo tipo e estocado mais e mais dados na nuvem. Embora a nuvem apresente desvantagens – como segurança, por exemplo – sua vantagem é óbvia. Uma das grandes atrações é que não ocupa nenhum espaço, pelo menos não nosso próprio espaço. Ela nos ajuda a eliminar material acumulado e pastas sem fim que abarrotam nossos escritórios e armários.

É interessante que usamos o termo “nuvem” nesse contexto para descrever algo invisível. As nuvens comuns no céu não são escondidas da vista. Nós olhamos para elas e antecipamos uma tempestade, admiramos sua beleza ao pôr do sol e sabemos que nosso avião está atingindo a altitude de cruzeiro quando as vemos abaixo de nós em vez de acima de nós. Algumas vezes vemos uma nuvem num formato estranho e paramos de fazer o que estávamos fazendo simplesmente para observá-la e pensar por alguns instantes. Nuvens verdadeiras são coisas físicas, visíveis.

Essa observação é notavelmente relevante para o nosso estudo da glória de Deus, porque a Escritura frequentemente descreve a glória de Deus como revelada visivelmente numa nuvem: a coluna de nuvem que liderou os israelitas através do deserto, do monte Sinai à Terra Prometida. Os leitores podem se surpreender ao saber que o livro de Gênesis não se refere nenhuma vez a Deus como glorioso. Ele certamente descreve Deus de várias maneiras que parecem gloriosas, mas não usa o termo “glória” para descrever aquele que criou o mundo, depois o destruiu com uma inundação, escolheu Abraão, Isaque e Jacó e fez várias outras coisas maravilhosas. Mas o livro de Êxodo leva a glória de Deus a uma proeminência explícita, e nele e ao longo do restante do Pentateuco (isto é, os primeiros cinco livros da Escritura), a linguagem que expressa a glória de Deus concentra-se especialmente na incrível nuvem que protege e lidera os

israelitas na peregrinação deles pelo deserto. Deus é interiormente glorioso, mas ele manifesta sua glória de forma visível neste mundo.

Já que Êxodo é onde a Escritura começa a falar explicitamente sobre a glória de Deus, parece apropriado começarmos nesse ponto também. O que veremos ao longo dos próximos capítulos é que, apesar de os israelitas terem necessitado da nuvem apenas durante sua viagem pelo deserto, essa revelação da glória de Deus foi apenas o início de uma história longa e bela que tece seu caminho ao longo do restante da Escritura e conclui com a glória da era por vir. Em certos aspectos, a coluna de nuvem e de fogo inicia a história de Deus aproximar-se do seu povo pecaminoso, de Deus enviar seu Filho em profunda humildade e o exaltar em majestade suprema, de Deus derramar seu Espírito Santo e de Deus nos glorificar com Cristo para uma vida abençoada na nova criação. O que primeiro apareceu aos israelitas no deserto árido por fim se torna o lugar da habitação perpétua de Deus com seu povo.[2] A história da glória de Deus é inseparável do seu plano para a História e para a salvação de pecadores.

Qual era de fato a aparência da nuvem? A Escritura indica que era uma visão maravilhosa, mas fornece relativamente poucos detalhes. Deve ter sido enorme e brilhante, para que fosse visível a todas as pessoas e até para lhes fornecer luz para que enxergassem à noite (cf. Êx 13.21). Ela era também móvel. Normalmente, ia adiante das pessoas para lhes mostrar o caminho em que deviam andar, mas também pararia por períodos de tempo, descansando no monte Sinai, por exemplo, ou instruindo os israelitas a descansarem e acamparem em vários lugares no deserto (p. ex., Êx 13.21-22; 19.9; 40.36-37; Nm 9.17-23). Uma vez ela até mesmo se moveu para atrás do povo, para servir como um muro entre os israelitas e o exército egípcio que os perseguia em direção ao mar (Êx 14.19-20). Não podemos dizer por certo quais eram suas características, mas a Escritura a descreve mais como uma imponente nuvem de temporal do que uma nuvem inchada branca flutuando pelo céu num belo dia. Ela encobriu o monte Sinai como uma “nuvem escura” (Êx 19.9), como “fumaça de uma fornalha” (Êx 19.18), e produzia trovões e relâmpagos (Êx 19.16). No entanto, a aparência da nuvem no Sinai parece ter sido excepcionalmente amedrontadora, de modo que presumivelmente ela também poderia aparecer sob formas mais amenas. A única outra informação que temos a respeito da aparência da nuvem é que durante a noite ela tinha “uma aparência de fogo” (Nm 9.15-16; cf. Êx 40.38). Isso servia, pelo menos em parte, para iluminar o caminho dos israelitas para a viagem noturna (Êx 13.21). Juntando essas inúmeras pistas, presumo que “a nuvem” era como um fogo brilhante cercado

por fumaça espessa; a luz do dia esmaecia a aparência do fogo enquanto seu brilho se mostrava no escuro.[3]

Por mais maravilhosa que possa ter sido a aparência externa da nuvem, sua característica mais incrível era ser o lugar da habitação de Deus. A Escritura descreve Deus como sentado no seu trono entre seu exército de anjos no meio dessa nuvem. O salmo 97 inicia: “Reina o Senhor. Regozije-se a terra, alegrem-se as muitas ilhas. Nuvens e escuridão o rodeiam, justiça e juízo são a base do seu trono” (Sl 97.1-2). A imagem aqui é de nuvens e escuridão densa cercando Deus enquanto ele reina do seu trono de justiça. O salmo 99 contribui para essa imagem: “Reina o Senhor ; tremam os povos. Ele está entronizado acima dos querubins; comova-se a terra” (Sl 99.1). Imediatamente depois desse versículo, Deus é chamado de grande “em Sião” (Sl 99.2), de modo que podemos suspeitar que isso se refere simplesmente ao tabernáculo e depois ao templo em Jerusalém, onde os dois querubins pairavam sobre a arca da aliança. Mas o salmista parece descrever mais do que meramente o templo, pois escreve posteriormente: “Na coluna de nuvem lhes falava [Moisés e Arão]; eles guardavam os seus mandamentos e a lei que lhes tinha dado” (Sl 99.7). O salmo 99 então parece ver o tabernáculo terreno, com sua arca e seus querubins, como uma réplica do santuário na nuvem, onde anjos verdadeiros pairavam sobre o trono do Deus vivo. Quando a Escritura comenta que “a glória do Senhor” apareceu na nuvem (p. ex., Êx. 16.10), a razão é notável: é porque o Senhor estava presente ali. Claramente, nem mesmo a nuvem acomodava o trono de Deus. A nuvem em si era uma réplica, uma imagem brilhante do templo celestial de Deus que é invisível aos nossos olhos (por enquanto).

Outra característica da nuvem que vale a pena identificar antes de traçarmos seu movimento no deserto: a Escritura associa a nuvem especialmente com o Espírito Santo. Em Deuteronômio, o cântico de Moisés nos aponta nessa direção: “Achou-o numa terra deserta e num ermo solitário povoado de uivos; rodeou-o e cuidou dele, guardou-o como a menina dos olhos. Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes, estende as asas e, tomando-os, os leva sobre elas” (Dt 32.10-11). Esses versículos utilizam algumas palavras hebraicas incomuns que nos levam de volta às primeiras vezes em que foram utilizadas na Escritura: “A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gn 1.2). A nuvem pairava sobre os israelitas no deserto árido assim como o Espírito pairava sobre a face das águas da criação original.

Talvez isso seja uma coincidência, ou uma vaga analogia. No entanto, posteriormente na história de Israel, o Antigo Testamento confirma essa associação entre nuvem e Espírito que parece até mesmo identificá-los. Por exemplo, Isaías afirma:

Então, o povo se lembrou dos dias antigos, de Moisés, e disse: Onde está aquele que fez subir do mar o pastor do seu rebanho? Onde está o que pôs nele o seu Espírito Santo? Aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés? Que fendeu as águas diante deles, criando para si um nome eterno? Aquele que os guiou pelos abismos, como o cavalo no deserto, de modo que nunca tropeçaram? Como o animal que desce aos vales, o Espírito do

Senhor

lhes deu descanso. Assim, guiaste o teu povo, para te criares um nome glorioso (Is 63.11-14).

Do mesmo modo, nos dias de Esdras, os israelitas oravam: “Todavia, tu, pela multidão das tuas misericórdias, não os deixaste no deserto. A coluna de nuvem nunca se apartou deles de dia, para os guiar pelo caminho, nem a coluna de fogo de noite, para lhes alumiar o caminho por onde haviam de ir. E lhes concedeste o teu bom Espírito, para os ensinar” (Ne 9.19-20; cf. Ag 2.5). Apesar de Deus se revelar claramente como três pessoas apenas no Novo Testamento, o Antigo Testamento descreve a mesma verdade por meio de várias formas preliminares. A nuvem é a manifestação visível do Espírito, e o trono de Deus se encontra nela.[4]

Essa descrição inicial da glória do Senhor revelada na nuvem pode nos deixar ao mesmo tempo fascinados pela nuvem e perplexos com ela. Temos observado até aqui que a nuvem é uma manifestação brilhante da glória do Senhor, massiva e móvel, como um fogo ardente envolto por uma nuvem espessa. Ser liderado, protegido e instruído pela nuvem significava ser liderado, protegido e instruído pelo Espírito Santo. A Escritura fornece uma descrição maravilhosa e misteriosa dessa coluna no deserto. Como veremos a seguir, os israelitas tinham um relacionamento complexo com essa revelação inicial da glória de Deus, e seu significado completo só seria desdobrado mais tarde na história da redenção.

A glória de Deus em movimento e descansando

A nuvem estava constantemente se movendo. Isso é verdadeiro em pelo menos dois sentidos importantes. Por um lado, a nuvem se movia com respeito à geografia. Ela apareceu primeiramente no mar, através do qual os israelitas andaram como se em terra seca; ela então se moveu para o monte Sinai, e dali a vários locais no deserto; finalmente, ela levou os israelitas ao limite da Terra Prometida, o destino deles.

Por outro lado, a nuvem se movia em relação à própria Israel. A nuvem aparecia em vários graus de distância e proximidade em relação a Israel enquanto o povo peregrinava pelo deserto. A proximidade da nuvem significava a presença de Deus. Essa presença era um sinal de bênção, porém ela simultaneamente ameaçava juízo e evocava temor. A nuvem levava as pessoas à comunhão com o Senhor, mas simultaneamente ela excluía a maioria das pessoas na maior parte do tempo de intimidade com ela. Seria um desastre a nuvem deixar os israelitas, mas ela aproximar-se demasiadamente perto seria uma impossibilidade aterrorizante. Ao vermos a nuvem se movendo através do deserto, temos uma sensação distinta de que ela era uma grande bênção para os israelitas, mas ao mesmo tempo os incitava a ter um relacionamento que era, em última instância, insatisfatório. Independentemente de quão maravilhosa era a nuvem, ela demonstrava um problema mais do que fornecia uma solução. Algo maior era necessário para que a glória de Deus pudesse ser totalmente revelada e verdadeiramente ser uma bênção para o seu povo. Como veremos, aquilo de que Israel mais necessitava era que a glória de Deus estivesse em repouso, não em movimento.

A nuvem apareceu primeiramente no mar, protegendo os israelitas do exército egípcio e liderando-os através das águas (Êx 13–14). O que aconteceu com a nuvem imediatamente depois disso é misterioso. Enquanto os israelitas estavam a oeste do mar, a nuvem foi adiante para liderá-los (Êx 13.21-22), mas, a leste do mar, Moisés os liderou até o deserto de Sur (Êx 15.22). A nuvem só reaparece depois, quando viajam para o deserto de Sim. Enquanto no deserto, as pessoas murmuram contra Moisés e Arão porque não tinham carne como durante os bons

dias no Egito (Êx 16.2-3). Apesar de terem reclamado contra Moisés e Arão, em última instância eles estavam murmurando contra Deus. Ele respondeu por meio de Moisés, prometendo fazer chover pão dos céus (Êx 16.4-5): “Então, disse Moisés e Arão a todos os filhos de Israel: à tarde sabereis que o Senhor vos tirou da terra do Egito, e, pela manhã, vereis a glória do Senhor, porquanto ouviu as vossas murmurações” (Êx 16.6-7). E, de fato, eles a viram: “Quando Arão falava a toda a congregação dos filhos de Israel, olharam para o deserto, e eis que a glória do Senhor apareceu na nuvem” (Êx 16.10). Onde teria estado a nuvem? Não sabemos, mas essa passagem transmite uma sensação de distância. O povo havia viajado sem a nuvem e caído em rebelião. A glória de Deus reapareceu na nuvem, mas eles só a viram de longe. Mesmo assim, a bênção parecia próxima: Deus providenciaria comida e confirmaria que foi ele quem os havia libertado do Egito.

A sensação de distância não durou muito. Os israelitas logo chegaram ao deserto do Sinai e Deus fez com que sua presença fosse sentida como nunca antes. A Escritura então chama a nuvem de uma “nuvem escura”, e o povo ouve a voz de Deus falando de dentro dela (Êx 19.9). Essa não é nenhuma nuvem comum, pois nela “o Senhor, à vista de todo o povo, descerá sobre o monte Sinai” (Êx 19.11). Logo a nuvem cobriu o monte com fumaça, acompanhada por trovões e relâmpagos, fogo, um terremoto e som de trombetas (Êx 19.16-18).

Num sentido, a distância entre Deus e seu povo havia desaparecido: “E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte” (Êx 19.17). No entanto, até mesmo esse encontro com Deus transmite uma forte sensação de exclusão. Deus exigiu que Moisés colocasse um limite ao redor da montanha, ameaçando de morte qualquer pessoa que a tocasse com o pé (Êx 19.12-13, 21-24). Apenas Moisés poderia subir o monte: Deus descia e Moisés subia até que os dois se encontrassem no “cimo” (Êx 19.20). Pouco tempo depois, Deus permitiu que Arão, seus filhos Nadabe e Abiú, e setenta anciãos de Israel subissem ao Senhor (Êx 24.1) e eles “viram o Deus de Israel” e comeram e beberam com ele (Êx 24.10-11). Mas ainda assim era apenas Moisés que podia aproximar-se do Senhor (Êx 24.2), acompanhado do seu servidor Josué (Êx 24.13). Essa cena termina com uma descrição maravilhosa que transmite ao mesmo tempo proximidade e distância, intimidade (com Moisés) e exclusão (do povo):

Tendo Moisés subido, uma nuvem cobriu o monte. E a glória do

Senhor

pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; ao sétimo dia, do meio da nuvem chamou o

Senhor

a Moisés. O aspecto da glória do

Senhor

era como um fogo consumidor no cimo do monte, aos olhos dos filhos de Israel. E Moisés, entrando pelo meio da nuvem, subiu ao monte; e lá permaneceu quarenta dias e quarenta noites (Êx 24.15-18).

A nuvem não demora muito para se mover novamente, aproximando-se mais do povo, mas de novo simultaneamente mantendo-os a distância. Depois de uma longa descrição da construção do tabernáculo (Êx 26–40), o texto anuncia que "Moisés acabou a obra" (Êx 40.33). O Senhor prometeu que se encontraria com os israelitas na entrada da tenda da congregação, e agora "a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo" (Êx 40.34). Isso foi algo espantoso, que transmitia a intimidade mais chegada: a nuvem que até há pouco tempo só podia ser vista à distância no deserto havia então descido até o acampamento israelita e enchido o tabernáculo. Porém, imediatamente Deus exclui até mesmo Moisés dela: "Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a gloria do Senhor enchia o tabernáculo" (Êx 40.35).

Pouco tempo depois, Arão e seus filhos são ordenados ao serviço sacerdotal e finalmente Israel pode oferecer ministério na presença do Senhor: "Então, entraram Moisés e Arão na tenda da congregação; e, saindo, abençoaram o povo; e a glória do Senhor apareceu a todo o povo. E, eis que, saindo fogo de diante do Senhor, consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar; o que vendo o povo, jubilou e prostrou-se sobre o rosto" (Lv 9.23-24). Essa foi uma cena maravilhosa em que Deus se aproximou do seu povo em bênção. Mas mesmo nesse caso há distância e exclusão. O povo como um todo pode ter se alegrado com o

ministério de Arão e da aceitação das suas ofertas por Deus, mas eles não teriam acesso aos lugares santos nos quais os sacerdotes eram aceitos, e nem todos os sacerdotes tinham igual acesso à presença de Deus. Como resume o Novo Testamento, os sacerdotes regularmente ministravam no aposento exterior do tabernáculo, mas “o sumo sacerdote, ele sozinho, uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si mesmo e pelos pecados do povo” (Hb 9.7) entrava no aposento interior. Mesmo os sacerdotes só podiam entrar no templo com extrema precaução. Imediatamente depois de descrever a ordenação e o ministério inicial dos sacerdotes, Levítico relata como Deus consumiu os filhos de Arão, Nadabe e Abiú, porque “trouxeram fogo estranho perante a face do Senhor”, “saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor” (Lv 10.1-2). O mesmo fogo da nuvem que havia trazido alegria ao povo (Lv 9.23-24) trouxe juízo sobre o desobediente (Lv 10.1-2).

Depois desses momentos climáticos, a nuvem continua se movendo. Mas agora o movimento é novamente geográfico, já que ela conduz o povo através do deserto. Números 9.15 continua a história “No dia em que foi erigido o tabernáculo, a nuvem o cobriu”. E o texto acrescenta que, “assim era de contínuo” (Nm 9.16). Israel permanecia acampado “no lugar onde a nuvem parava”, mas “erguendo-se a nuvem, partiam”. O período de tempo em que a nuvem permanecia num local em particular variava: poderiam ser “dois dias, ou um mês, ou por mais tempo” (Nm 9.17-23). Um detalhe fascinante é que a nuvem fez com o tabernáculo o que havia anteriormente feito com o monte Sião. Ela “cobriu” ambos (cf. Êx 24.15-16). O tabernáculo, encoberto pela nuvem, era um tipo de Sinai portátil arrastando-se pelo deserto.[5] Portanto, a tensão desconfortável criada por Deus ao simultaneamente aproximar-se do seu povo e os excluir de intimidade não termina com a saída deles do Sinai, mas os acompanha ao irem daquele monte santo para o seu destino, a Terra Prometida.

A bênção (?) da nuvem

Essa presença em movimento de Deus numa nuvem era uma bênção? Que bem essa revelação da glória do Senhor fez a Israel? Em muitos aspectos, o Antigo Testamento nos deixa hesitantes ao responder. Por um lado, a proximidade da glória divina na nuvem era exteriormente magnificente e uma grande dádiva de Deus ao seu povo. Por outro lado, a nuvem frequentemente trouxe tanto maldição quanto bênção e nunca foi, num sentido último, satisfatória para o povo de Deus. Vale a pena refletir sobre ambas essas verdades antes de continuarmos a investigar a história da glória de Deus na nuvem depois da jornada de Israel pelo deserto.

Em primeiro lugar, a presença dessa nuvem de glória divina era de fato um grande testemunho do amor de Deus por Israel e um sinal do seu favor. É incrível pensarmos que o verdadeiro Deus, eternamente glorioso de uma maneira conhecida apenas a ele mesmo, revelaria sua glória a Israel numa nuvem magnífica de fogo e fumaça, e falaria a eles de dentro dessa nuvem, e os protegeria dos seus inimigos, e faria deles seu povo da aliança. Ele não fez isso por nenhuma outra nação. Quando Arão e seus filhos foram ordenados e iniciaram seu ministério no tabernáculo encoberto pela nuvem, eles abençoaram o povo e a glória de Deus apareceu a todos eles (Lv 9.22-23). Em face de tamanha glória, e sendo os beneficiários de tamanha bênção, não é de se surpreender que o povo “jubilou” (Lv 9.24). Paulo provavelmente tinha essas imagens em mente quando contemplou as maravilhosas dádivas que Deus havia dado ao antigo Israel: “Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas” (Rm 9.4). A presença da glória de Deus era um privilégio único a Israel. Celebrando a bondade de Deus a Israel, os filhos de Corá cantaram: “Próxima está a sua salvação dos que o temem, para que a glória assista em nossa terra” (Sl 85.9).

Uma das melhores maneiras de se apreciar a bênção da proximidade da nuvem é contemplar sua alternativa: sua ausência. Depois da idolatria chocante de Israel com o bezerro de ouro ao pé do monte Sinai, Deus ameaçou enviá-los para a Terra Prometida apenas com um anjo para liderá-los (Êx 33.1-3). “Ouvindo o

povo estas más notícias, pôs-se a prantear” (Êx 33.4), e Moisés rogou a Deus para que os acompanhasse: “Então, lhe disse Moisés: Se a tua presença não vai comigo, não nos faças subir deste lugar. Pois como se há de saber que achamos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Não é, porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, e o teu povo, de todos os povos da terra?” (Êx 33.15-16). Deus misericordiosamente cedeu.

Conquanto reconheça o grande privilégio de Israel ao ter a glória de Deus tão próxima, a Escritura enfatiza as desvantagens e insuficiências da sua revelação por meio da nuvem. Vale a pena observarmos três exemplos, todos os quais evidentes em Êxodo 33.

Primeiro, o pecado persistente do povo de Deus fez com que a presença da sua glória no meio deles fosse um problema grave. A proximidade da nuvem pode ter sido um privilégio único aos israelitas, mas ela simultaneamente expunha a corrupção do coração deles, e quando a santidade de Deus se aproxima de um povo impuro, a bênção rapidamente se transforma em juízo. Como Deus explicou a Moisés quando ameaçou mandar o povo a partir do monte Sinai sozinho: “eu não subirei no meio de ti, porque és povo de dura cerviz, para que te não consuma eu no caminho” (Êx 33.3). Apesar de os israelitas terem se regozijado na presença da glória de Deus quando seus sacerdotes começaram a ministrar no tabernáculo, o povo de Israel na verdade mais tremia de medo do que se regozijava diante da nuvem de glória. Nos seus momentos de sensatez, eles percebiam que não tinham direito algum de estarem tão próximos desse Deus glorioso. Ao pé do monte Sinai, excluídos do monte em si sob pena de morte, eles clamaram a Moisés:

Eis aqui o

Senhor

, nosso Deus, nos fez ver a sua glória e a sua grandeza, (...) Agora, pois, por que morreríamos? Pois este grande fogo nos consumiria; (...) Porque quem há, de toda carne, que tenha ouvido a voz do Deus vivo falar do meio do fogo, como nós ouvimos, e permanecido vivo? Chega-te, e ouve tudo o que disser o

Senhor

, nosso Deus; e tu nos dirás tudo o que te disser o

Senhor

, nosso Deus, e o ouviremos, e o cumpriremos (Dt 5.24-27).

Na sua jornada subsequente pelo deserto, a nuvem algumas vezes aparecia sobre a tenda da congregação para abençoar o povo, mas outras vezes ela apareceu ali para punir os rebeldes. Por exemplo, quando o povo se recusou a entrar na Terra Prometida e ameaçou demitir Moisés e Arão e designar novos líderes para os levarem de volta ao Egito: “a glória do Senhor apareceu na tenda da congregação a todos os filhos de Israel” (Nm 14.10) e Deus condenou todo adulto na comunidade (salvo dois) a morrerem no deserto. Posteriormente, na rebelião de Corá, Datã e Abirão, “a glória do Senhor apareceu” na tenda da congregação a todos os israelitas (Nm 16.19) e Deus anunciou a iminente destruição desses três e suas famílias. Quando a comunidade descaradamente murmurou contra Moisés e Arão depois que Deus fez isso, “eis que a nuvem a cobriu [a tenda da congregação], e a glória do Senhor apareceu” (Nm 16.42), ao que se seguiu outra praga. É evidente que apesar de os israelitas ficarem desesperados ao pensamento de a glória de Deus deixá-los, a presença dessa glória geralmente significava problema. O pecaminoso Israel encontrava-se em grande apuro.

Isso não deveria ser surpresa alguma para alguém mais familiarizado com os ensinamentos bíblicos mais amplos a respeito da santidade divina e da pecaminosidade humana. Ser confrontado com a revelação de Deus implica responsabilidade, e desobediência provoca juízo. Cada pessoa, simplesmente pelo fato de viver neste mundo, é confrontada pela revelação de Deus na natureza e, portanto, é responsável perante ele (Rm 1.18-20). Quanto mais então era o povo de Deus do Antigo Testamento responsável perante Deus quando ele lhes tornou visível sua glória de modos tão marcantes? Como Deus disse a Israel: “nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, todavia, me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à minha voz, nenhum deles verá a terra que, com juramento, prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que me desprezaram a verá” (Nm 14.22-23).

Podemos tremer ao pensar em contemplar a glória maravilhosa do Senhor e então tratá-lo com desprezo, mas esse foi precisamente o motivo da queda de Israel. O que fizeram no monte Sinai senão que “trocaram a glória de Deus pelo simulacro de um novilho que come erva” (Sl 106.20)? E só ficou pior: Jeremias usa uma linguagem semelhante ao descrever a troca da glória de Deus por “deuses de nenhum proveito” (Jr 2.11; cf. Os 4.7). Chocante? Jeremias pensou que sim: “Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai estupefatos” (Jr 2.12). Isaías acrescenta: “Porque Jerusalém está arruinada, e Judá, caída; porquanto a sua língua e as suas obras são contra o Senhor, para desafiarem a sua gloriosa presença” (Is 3.8). Confrontados com a glória de Deus, a rebelião de pecadores se torna tão mais horrenda e merecedora de juízo. Como Jesus declarou posteriormente: “Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão” (Lc 12.48). A descrição de Paulo do trabalho de Moisés, portanto, faz perfeito sentido. Ele foi um ministério que veio revestido “de glória”, porém trouxe “morte” e “condenação” (2Co 3.7-11).

As desvantagens e limitações dessa revelação da glória de Deus também aparecem no fato de que a nuvem estava regularmente se movendo. A mobilidade da nuvem pode ter contribuído para sua magnificência, mas ela certamente não promovia a paz espiritual de Israel. Números 9.17-23 é interessante nesse aspecto. Com um nível de detalhe que parece um pouco repetitivo e quase pedante, o texto descreve a nuvem se estabelecendo e então se movendo, se estabelecendo e então se movendo. Os israelitas, seguindo a liderança da nuvem, acampavam, então se moviam, acampavam e então se moviam. Por que a Escritura detalha esses fatos? Em parte, porque eles criam uma impressão de falta de raízes. Os israelitas não possuíam lar estável, nenhum lugar permanente para descansarem. Algumas vezes a nuvem permanecia num lugar apenas por um dia – mas então algumas vezes “dois dias, um mês, ou por mais tempo” (Nm 9.22), e, aparentemente, Israel não sabia disso com antecedência. O objetivo todo da jornada através do deserto era alcançar a Terra Prometida. Deus estabeleceu sua presença entre eles para lhes proporcionar “descanso” (Êx 33.14). Porém, no deserto eles não tinham descanso algum, apenas movimento imprevisível. Eles poderiam apenas olhar para frente e esperarem por algo melhor no futuro.

Finalmente, a Escritura indica as limitações da revelação da nuvem da glória de Deus ao descrever a insatisfação de Moisés com o que ele via (Êx 33.18-33).

Esse é um relato inicialmente surpreendente. Capítulos anteriores de Êxodo relatam como a nuvem majestosa cobria o monte Sinai e como Moisés adentrou a nuvem no cimo do monte, recebeu a lei de Deus e permaneceu ali por quarenta dias e noites. Parece seguro concluirmos que Moisés vivenciou uma intimidade com Deus sem igual até então na história da humanidade. Deus pode ter falado com outros profetas por meio de visões e sonhos, mas com Moisés ele falou "boca a boca"; Moisés viu "a forma do Senhor" (Nm 12.6-8). Mas então, quase imediatamente depois dessa experiência incrível, Moises diz a Deus: "Rogo-te que me mostres a tua glória" (Êx 33.18). Quase tememos que Deus castigue Moisés pela sua presunção. Mas ele não faz nada parecido com isso. Sua resposta não contém nenhum sinal de repreensão. Deus diz a Moisés: "Farei passar toda a minha bondade diante de ti e proclamarei o nome do Senhor; (...) Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá" (Êx 33.19-20). Então Deus direciona Moisés a certo lugar e diz: "Quando a minha glória passar, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá" (Êx 33.22-23).

Tudo isso é extremamente misterioso. Não havia Moisés estado na nuvem, na presença íntima da glória de Deus durante várias semanas? Não era ele o homem com quem Deus havia falado boca a boca? Uma explicação precisa nos foge. Porém, o que é claro é que Moisés percebeu que por mais maravilhosa que a glória de Deus na nuvem pudesse ter parecido, a glória total de Deus a excedia em muito. Moisés desfrutou de um belo gosto da glória de Deus, mas reconhece que aquilo era apenas um aperitivo. A "glória" e a "face' de Deus que ele viu no cimo do Sinai eram, de outra perspectiva, nem mesmo o equivalente a ver as "costas" de Deus. Esse "homem de Deus" (cf. Dt 33.1) corretamente desejava mais comunhão com seu Senhor.[6] Mais uma vez vemos que uma glória até melhor – muito melhor – do que aquela que a nuvem revelava estava no futuro de Israel.

Vale a pena refletir por um momento nos ensinamentos do Novo Testamento. Hebreus 9 deixa claro que Deus intencionalmente projetou o tabernáculo cheio de nuvem como sinal de insuficiência e imperfeição. Pelo fato de que apenas o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos, e apenas uma vez ao ano (portanto, indicando que, ao mesmo tempo em que atraía, a nuvem também excluía), "querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido". Os dons e sacrifícios oferecidos naquele tabernáculo "sejam

ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto” (ou seja, a nuvem no deserto não expiava verdadeiramente o pecado do povo). Esses “não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma” (Hb 9.7-10). A glória de Deus na nuvem era maravilhosa, mas uma glória maior, com bênção maior e bênção inabalável para o povo de Deus ainda estava por vir.

A glória de Deus na Terra Prometida

A glória de Deus revelada na nuvem estava numa jornada, e depois de quarenta longos anos, essa jornada finalmente chegou ao fim. Israel entrou na Terra Prometida sob Josué. A Escritura nunca apresenta uma cena de despedida para a nuvem que havia liderado os israelitas durante a jornada. Em vez disso, a nuvem silenciosamente sai da visão do leitor, e somos deixados presumindo que a nuvem saiu da visão física por volta do tempo em que o povo de Israel atravessou o rio do Jordão. E então nos perguntamos: aquela experiência maior da glória de Deus foi atingida uma vez que chegaram à Terra Prometida?

Em parte, sim. Apesar de os israelitas não mais terem visto a magnificência exterior da nuvem como a haviam visto no deserto, na Terra Prometida Deus revelou sua glória e concedeu comunhão ao seu povo com aquela glória de modos que transcenderam a experiência que haviam tido enquanto peregrinavam. Ao mesmo tempo, as desvantagens e limitações observadas acima continuavam a assombrar os israelitas. O pecado deles ainda os desqualificava como interlocutores com a glória de Deus e eles não tinham o acesso seguro e certo à presença de Deus que criaturas fracas necessitam tão desesperadamente. A história da glória de Deus com os israelitas na Terra Prometida, tão magnífica e promissora algumas vezes, transformou-se numa grande tragédia e os deixou ansiando por algo muito melhor.

Apesar de a coluna de fogo e nuvem ter desaparecido quando o povo se estabeleceu na Terra Prometida, Israel continuou a considerar o tabernáculo como o lugar onde a glória de Deus habita, particularmente porque ele guardava a arca da aliança. Considere 1Samuel 4, que relata o desastre no qual soldados israelitas irresponsavelmente tiraram a arca da sua casa provisória em Siló para a usar como talismã numa batalha contra os filisteus, que imediatamente dispersaram os israelitas e capturaram a arca. Ao ouvir a notícia, a nora de Eli, o sacerdote, deu ao seu filho recém-nascido o nome de “Icabô”, que significa “sem glória”. Como seu último suspiro antes de morrer ela disse: “Foi-se a glória de Israel. (...) porque a arca de Deus fora tomada” (1Sm 4.21-22). Alguns anos depois, presumidamente depois que a arca e o tabernáculo foram levados para

Jerusalém, Davi canta, “Eu amo, Senhor, a habitação de tua casa e o lugar onde tua glória assiste” (Sl 26.8); em outro lugar, escreve: “Assim, eu te contemplo no santuário,para ver a tua força e a tua glória” (Sl 63.2). Como Davi “viu” Deus e contemplou sua glória? A Escritura nunca descreve uma manifestação visível, na forma de nuvem, durante esse período da história de Israel, de modo que parece que Davi percebeu a presença de Deus no tabernáculo, cujo Santo dos Santos continha tanto a arca, simbolizando o escabelo de Deus, como as figuras dos querubins, representando a multidão de anjos que cercavam seu trono celestial.[7]

Logo depois, a glória visível de Deus fez um retorno triunfante. Davi queria construir um templo para fornecer um local permanente para a glória de Deus em Jerusalém. Deus não permitiu que ele fizesse isso, mas comissionou seu filho Salomão para construir uma estrutura maravilhosa e levar os adornos do tabernáculo para essa casa majestosa. 1Reis 8 e 2Crônicas 5-7 descrevem a entrada da arca no templo e a adoração comemorativa que se segue. Algo marcantemente familiar acontece depois que os sacerdotes colocaram a arca no lugar: “Tendo os sacerdotes saído do santuário, uma nuvem encheu a Casa do Senhor, de tal sorte que os sacerdotes não puderam permanecer ali, para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor enchera a Casa do Senhor” (1Rs 8.10-11; 2Cr 5.13-14). Então, depois de Salomão ter abençoado o povo e ter oferecido uma oração de dedicação, “desceu fogo do céu e consumiu o holocausto e os sacrifícios; e a glória do Senhor encheu a casa. Os sacerdotes não podiam entrar na Casa do Senhor, porque a glória do Senhor tinha enchido a Casa do Senhor. Todos os filhos de Israel, vendo descer o fogo e a glória do Senhor sobre a casa, se encurvaram com o rosto em terra sobre o pavimento, e adoraram, e louvaram o Senhor” (2Cr 7.1-3). Essa cena no novo templo replica os acontecimentos que tiveram lugar sob Moisés e Arão depois da construção do tabernáculo original (Êx 40; Lv 9). “Trono de glória”, disse Jeremias, “é o lugar do nosso santuário” (Jr 17.12).

Em pelo menos um modo importante, o templo constituiu uma bênção maior do que qualquer dos israelitas havia vivenciado. Uma das deficiências da experiência deles no deserto era que a nuvem – e, portanto, o tabernáculo – permanecia em movimento. Seus acampamentos eram sempre temporários, a vida deles sempre transitória. Mesmo depois de terem entrado na Terra Prometida, a arca continuou se movendo numa saga frequentemente desagradável (p. ex., 1Sm 4-6; 2Sm 6). Então, ela finalmente descansou. Salomão orou: “Levanta-te, pois, Senhor Deus, e entra para o teu repouso, tu e a arca do teu poder” (2Cr 6.41). A jornada a partir do monte Sinai finalmente

acaba no monte Sião. Presumidamente a nuvem em si não permaneceu permanentemente visível no templo, mas parece que ali, finalmente, a glória de Deus habita com seu povo em estabilidade e segurança.[8]

Porém, algumas coisas nunca mudam. Os israelitas perceberão novamente que a glória de Deus é muito maior do que conseguem compreender, e até mesmo momentos de bênção e alegria nas proximidades da glória de Deus se desvanecem em terrível desapontamento. Mesmo com a glória de Deus aparentemente descansando sobre Sião, estabilidade e segurança permanecem elusivos.

Talvez a experiência dos profetas ilustre melhor o fato de que a glória de Deus é muito mais impressionante do que a própria cena na dedicação do templo havia revelado. Uma das coisas que distinguia um profeta do restante do povo de Deus era que ele estava "no conselho do Senhor", e via e ouvia "a sua palavra" (Jr 23.18). Onde está esse conselho de Deus se não onde ele se assenta cercado pelo seu exército angelical? E onde ele se assenta no seu trono cercado por seu exército angelical se não no próprio céu? E onde é manifestado esse conselho celestial na terra se não na nuvem? Quando os profetas de Deus do Antigo Testamento entravam no "conselho do Senhor", aparentemente eles eram admitidos ao centro da nuvem (como apenas Moisés, o grande profeta, havia vivenciado anteriormente) e lá lhes era dado um vislumbre da glória celestial.[9]

Considere o chamado dramático de Isaías para o ministério profético. Ele vê as abas da túnica de Deus encher "o templo", mas esse claramente não é o templo em Jerusalém. Pois o Senhor está "assentado sobre um alto e sublime trono", e "Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, e com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça" (Is 6.1-4). Glória, fumaça, anjos e Deus assentado sobre um trono – tudo isso é o imaginário da coluna de nuvem e fogo que consideramos acima.

Ezequiel também viu coisas extraordinárias quando Deus o comissionou como profeta. Quando a mão de Deus é posta sobre ele, relembra Ezequiel: "Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do Norte, e uma grande nuvem, com um fogo a revolver-se, e um resplendor ao redor dela, e no meio disto, uma coisa como metal brilhante, que saía do meio do fogo. Do meio dessa nuvem saía a

semelhança de quatro seres viventes” (Ez 1.4-5). Novamente, a nuvem aparece com muitas das suas características acessórias: relâmpagos, fogo e anjos (as criaturas são posteriormente identificadas como querubins: Ez 10.15). Depois disso, ele vê um trono, e “uma figura semelhante a um homem” assentada sobre ele (Ez 1.26). Ezequiel conclui o relato de sua primeira visão deste modo: “Como o aspecto do arco que aparece na nuvem em dia da chuva, assim era o resplendor em redor. Esta era a aparência da glória do Senhor” (Ez 1.28). Posteriormente, ele vê “a glória do Senhor” novamente (Ez 3.12, 23).

Essas passagens indicam que Isaías e Ezequiel imediatamente reconheceram que eles haviam visto algo extremamente surpreendente, visões que superavam em muito a experiência deles com a glória de Deus no ministério comum no templo. Isaías clama, “ai de mim! Estou perdido!” (Is 6.5), e Ezequiel cai com o rosto em terra (Ez 1.28). Por meio de visões sobrenaturais, eles entraram na nuvem da glória e foram admitidos no “conselho do Senhor” (Jr 23.18). Certamente esses profetas nunca suspeitariam novamente que a glória de Deus no templo era nada mais que apenas um fraco reflexo da glória divina em total esplendor.

Em última análise, a glória de Deus no templo era insatisfatória não apenas porque fornecia um vislumbre nublado da sua plena majestade, mas também porque não podia habitar com um povo pecaminoso. O mesmo problema que os israelitas vivenciaram no deserto recorreu geração após geração na Terra Prometida. A presença da glória de Deus originalmente parece ser uma bênção, mas a glória santa de Deus e o pecado desprezível do povo provam ser fundamentalmente incompatíveis. Isso explica a reação de Isaías ao ver Deus na nuvem. Ele clama, “ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Is. 6.5). O instinto imediato de Isaías quando confrontado com a glória do Senhor é sentir o terrível peso do seu pecado.

Por muitos anos o Senhor foi misericordioso com seu povo repetidamente rebelde. Ele frequentemente enviou juízos leves sobre eles, mas conteve o peso brutal da sua ira. Não obstante, a lei de Moisés ameaçava com mais do que juízos leves. Ela ameaçava com o exílio da Terra Prometida (p. ex., Lv 18.26-28; Dt 28.63-68). Na verdade, Moisés disse ao povo antes de entrar na Terra Prometida que todas as maldições da lei inevitavelmente viriam a eles (Dt 30.1). Então, por fim, Deus não somente dispersou as dez tribos do norte pela mão da Assíria, mas também enviou os impiedosos babilônios contra Judá e Jerusalém para destronar seu rei, destruir o templo e levar cativo a maioria dos

sobreviventes para a Babilônia.

Ezequiel teve o privilégio não invejado de ver o que esse juízo devastador realmente era: Deus abandonando seu povo enquanto sua glória partia de Israel. Numa série de visões, Ezequiel foi primeiramente levado ao pátio do templo em Jerusalém, onde viu “a glória do Deus de Israel” (Ez 8.4), como na sua visão da nuvem descrita acima. Ao longo do restante do capítulo, Deus mostra a Ezequiel toda a idolatria deplorável que acontecia ao redor do templo. As visões continuam no capítulo seguinte, que começa com Deus chamando seis homens armados para executarem juízo (Ez 9.1-2). Ezequiel escreve: “A glória do Deus de Israel se levantou do querubim sobre o qual estava, indo até à entrada da casa” (Ez 9.3). Nos dias de Salomão, a glória de Deus na nuvem se assentou sobre o templo como seu local de descanso, mas aqui ela surge e ameaçadoramente começa a se mover novamente. Logo depois disso, Ezequiel olha e observa “que, no firmamento, que estava por cima da cabeça dos querubins, apareceu sobre eles uma como pedra de safira, semelhando a forma de um trono” (Ez 10.1). Então, “se levantou a glória do Senhor de sobre o querubim, indo para a entrada da casa; a casa encheu-se da nuvem, e o átrio, da resplandecência da glória do Senhor” (Ez 10.4). Ezequiel também vê querubins (os “seres viventes” da sua visão original), que se elevam (Ez 10.15). Finalmente, ele relata: “saiu a glória do Senhor da entrada da casa e parou sobre os querubins. Os querubins levantaram as suas asas e se elevaram da terra à minha vista (...) pararam à entrada da porta oriental da Casa do Senhor; e a glória do Deus de Israel estava no alto, sobre eles” (Ez 10.18-19).

Em outras palavras, invisível ao olho nu, o exílio foi precedido pelo mais terrível dos acontecimentos: a glória do Senhor retirou-se do templo. A gloriosa nuvem que descansou sobre o tabernáculo (Êx 40.34-35) e depois sobre o templo (1Rs 8.10-12) ergueu-se e retirou-se. O que parecia ser estável e certo provou não ser nada do tipo. O lugar que se esperava que fosse de descanso da arca logo seria destruído. O que Moisés temia no deserto finalmente aconteceu: a glória do Senhor abandonou seu povo pecaminoso. Os israelitas não conseguiam viver a vida de retidão requerida daqueles que habitavam na presença de Deus, e seus sacrifícios no templo não conseguiam expiar suficientemente os seus pecados. Deus lançou o povo contaminado para longe de sua santa glória.

Conclusão

A história da glória narrada até aqui é grave, confusa e até mesmo desapontadora. O que parecia tão majestoso – a coluna de nuvem e fogo habitada pelo próprio Deus, sentado no seu trono e cercado pelo seu exército de anjos – acaba sendo rejeitada pela rebelião do seu povo e ele, portanto, os deserta, deixando-os em sofrimento nas mãos dos seus inimigos.

Quem pode ler essa história do Antigo Testamento e não proclamar soli Deo gloria? Página após página demonstra que a glória pertence somente a Deus. É especialmente evidente que Deus glorifica a si mesmo por meio do seu juízo sobre os injustos. Porém, não tão clara, é a declaração relacionada da Reforma de que Deus glorifica a si mesmo por meio da glorificação de seu povo, de modo que o soli Deo gloria se torna parte da boa-nova da salvação. No tempo do exílio de Israel, isso parecia muito longe de ser verdadeiro. Como poderia esse Deus majestosamente santo glorificar a si mesmo exceto pelo juízo do seu povo persistentemente pecaminoso? Ficamos felizes porque a história da glória de Deus não termina com o exílio. Livros posteriores do Antigo Testamento profetizam sobre o retorno da glória divina a Israel, e o Novo Testamento anuncia a vinda daquele que de fato torna o soli Deo gloria uma mensagem de boa-nova para o povo de Deus.

---

[1] Veja Jonathan Edwards, “Concerning the end for which God created the world”, em Works of Jonathan Edwards. v. 8, Ethical writings, org. Paul Ramsey (New Haven: Yale University Press: 1989), p. 523. Veja também John Piper, God’s passion for his glory, p. 239.

[2] Para um resumo curto e bom sobre a história dessa nuvem ao longo da história bíblica, veja Meredith G. Kline, Images of the Spirit (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 17.

[3] Sobre a nuvem e sua aparência, veja também Jacob Milgrom, The JPS Torah commentary: Numbers (Filadélfia: Jewish Publication Society, 1990), p. 70-71; e Cornelis Houtman, Exodus, v. 2 (Kampen, Países Baixos: Kok, 1996), p. 254.

[4] Para discussão adicional sobre a nuvem e o Espírito Santo, veja também Kline, Images of the Spirit, cap. 1.

[5] Agredeço ao Reverendo Zach Keele por estimular pensamentos sobre esse fenômeno num sermão na Escondido Orthodox Presbyterian Church em fevereiro de 2014.

[6] João Calvino via o pedido de Moisés de um modo um tanto diferente. Ele escreve que Moisés "foi levado além dos devidos limites, e deseja por mais do que lhe é lícito ou conveniente", e assim acrescenta que essa passagem deveria "agir como uma restrição para nós, para reprimir as especulações que são muito desenfreadas e arbitrárias em nós". Veja João Calvino, Calvin's commentaries, v. 3 (Grand Rapids: Baker, 2003), p. 377. A preocupação de Calvino sobre não especular sobre a natureza de Deus além do que é lícito é boa, mas não acho que esteja claro na passagem que era isso o que Moisés estava fazendo. De qualquer modo, o pedido de Moisés ainda demonstra que a revelação de Deus na nuvem não era satisfatória num sentido último.

[7] G. K. Beale chama a atenção para outra evidência para dar apoio a essa afirmação em The Temple and the church's mission: A Biblical theology of the dwelling place of God (Downers grove, IL: Intervarsity, 2004), p. 66. Ele escreve: "O templo de Israel era o lugar em que o sacerdote vivenciava a presença única de Deus, e o Éden era o lugar onde Adão andava e conversava com Deus. A mesma forma verbal em hebraico (...) usada para "Senhor Deus, que andava no jardim" (Gn 3.8), também descreve a presença de Deus no tabernáculo (Lv 26.12; Dt 23.14 [15]; 2Sm 7.6-7)".

[8] Sobre o relacionamento do templo com “descanso” divino, veja também Beale, The Temple, p. 60-66.

[9] Para discussão adicional sobre esse ponto, veja Kline, Images of the Spirit, p. 57-64.

Capítulo 4

O resplendor da glória do seu Pai: a glória do Deus encarnado

“E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem.” Lucas 2.13-14

“Os poderosos deste século (...) crucifica[ram] o Senhor da glória” 1Coríntios 2.8

OSenhor é um Deus de grande glória. Interiormente glorioso de modos conhecidos apenas por ele mesmo, ele também revela sua glória neste mundo e por meio deste mundo e glorifica a si mesmo em todas as suas obras. Essas grandes verdades do soli Deo gloria são abundantemente claras na história do Antigo Testamento reconstituída no capítulo anterior. Embora o Antigo Testamento fale da glória de Deus numa variedade de modos, ela dá atenção especial à sua revelação na coluna de nuvem e fogo, primeiro durante a jornada de Israel pelo deserto e depois no seu descanso no templo.

Uma história até então desanimadora

Porém, esse enredo do Antigo Testamento foi, em vários aspectos, mais desanimador do que animador. Não apenas Deus ocasionalmente lembrava aos israelitas de que sua glória transcendia em muito o que eles haviam visto e vivenciado, mas constantemente os lembrava de que sua constante rebelião pecaminosa era fundamentalmente incompatível com a comunhão abençoada que a aproximação da nuvem gloriosa parecia prometer. Com frequência, era mais que um lembrete. Muitas vezes no deserto, a glória do Senhor trazia juízo contra o recalcitrante, e no final da história relatada no capítulo 3, a glória de Deus de fato se retirou de Israel, erguendo-se do seu lugar de descanso no santuário interior do templo e abandonando Jerusalém à fúria dos babilônios. No entanto, o ponto em que paramos não foi o final da história do Antigo Testamento. Profetas posteriores do Antigo Testamento falam de uma glória que há de vir. A glória do Senhor não só retornaria a Israel, mas a superaria em muito em majestade e bênçãos para o povo de Deus.

Quando atentamos para isso, ainda podemos nos perguntar se há razão para pensarmos que as coisas serão melhores depois do retorno do exílio. Deus havia mostrado constante misericórdia para com os israelitas e lhes dado progressivamente maiores revelações da sua glória, que não foi de nenhum proveito duradouro, já que Israel permaneceu teimosamente desobediente. Não obstante, dessa vez é diferente. É diferente porque Deus agora revela sua glória maior, e de fato sua maior glória, não numa nuvem em movimento ou num templo terreno, mas no seu próprio Filho, o Messias prometido. Como agora reconhecemos em retrospectiva, seu Filho, o “resplendor da glória (...) do seu Ser” (Hb 1.3), que tinha o Espírito sem medida (Jo 3.34), não apenas revela a glória de Deus de uma maneira surpreendente, única e final, mas também resolve o problema aparentemente insolúvel do pecado. Ele justifica, santifica e glorifica o povo de Deus para que eles possam glorificá-lo e desfrutar dele para sempre, sem qualquer espectro de juízo. Cristo é a glória verdadeira de Deus que se aproxima de seu povo para nunca deixá-lo.

Essas importantes verdades são o foco dos capítulos 4 e 5. Aqui, no Capítulo 4,

vamos examinar a suprema, mas não obstante inesperada revelação da glória de Deus no seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. No Capítulo 5, iremos nos voltar para a boa-nova de como nós, seu povo, somos levados para dentro dessa história e desse modo sermos capacitados a glorificá-lo e compartilhar da sua glória celestial por toda a eternidade.

Depois do exílio: o retorno da glória de Deus

O capítulo anterior terminou na noite escura do exílio. Qualquer pessoa que leia o livro de Lamentações obtém uma aguda apreciação do quanto foi traumática a destruição de Jerusalém e do quanto os seus sobreviventes ficaram desolados. A glória de Deus havia se retirado, e o Senhor estava em silêncio. Os israelitas não conseguiam habitar na presença da glória de Deus, mas que esperança tinham na sua ausência? Que expectativas permaneciam para o futuro?

Quando os israelitas recuperaram a compostura, puderam encontrar a resposta já entre eles. Alguns dos mesmos profetas que haviam previsto o advento do exílio também forneceram recursos para enchê-los de encorajamento uma vez que o acontecimento terrível havia se consumado, e vários profetas subsequentes reforçariam suas mensagens. A boa-nova de consolo muitas vezes tomava uma forma que não é surpreendente à luz do passado de Israel: a glória de Deus retornaria para o seu povo numa Jerusalém reconstruída com seu templo reconstruído. Mas dessa vez sua glória também atrairia as nações do mundo para a sua luz e não se satisfaria até que as pessoas redimidas do mundo inteiro fossem reunidas num templo celestial que supera em muito qualquer estrutura construída por mãos humanas.

Israel no exílio podia começar a encontrar esperança voltando-se para um dos seus profetas pré-exílio, Isaías, e ouvindo sua descrição do povo de Deus novamente banido para o deserto, mas resgatado pelo Senhor, que faria o deserto florescer perante eles e construiria uma estrada para eles de volta para Sião, pela qual entrariam com alegria e regozijo eternos (Is 35). Até mesmo lá no deserto “eles verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus” (Is 35.2). A glória da presença de Deus acompanharia a reentrada deles na Terra Prometida desde o deserto, como havia feito na primeira entrada. O início de Isaías 40 descreve uma cena semelhante, que é muito conhecida, uma estrada através do deserto levando-os de volta para Jerusalém. Nessa superestrada, perante a qual montanhas são niveladas e vales erguidos, “a glória do Senhor se manifestará, e toda a carne a verá” (Is 40.5).

Mas o que eles encontrariam quando retornassem para Jerusalém? Isaías profetizou de um dia que haveria de vir no qual a terra e seu povo seriam purificados (Is 4.2-4). Nesse tempo, “Criará o Senhor, sobre todo o monte de Sião e sobre todas as suas assembleias, uma nuvem de dia e fumaça e resplendor de fogo chamejante de noite; porque sobre toda a glória se estenderá um dossel e um pavilhão, os quais serão para sombra contra o calor do dia e para refúgio e esconderijo contra a tempestade e a chuva” (Is 4.5-6). Essa descrição é feita numa linguagem emprestada da coluna de nuvem e fogo que havia acompanhado os israelitas na sua primeira jornada através do deserto e que havia descansado sobre o primeiro templo, mas também sugere que há algo ainda melhor por vir. Dessa vez a nuvem cobriria a cidade toda e formaria uma cúpula de proteção dos elementos. O relato de Ezequiel de um templo novo, pós-exílio é ainda mais magnificente, abrangendo os últimos nove capítulos da sua profecia. Nesse relato ele escreve:

E eis que, do caminho do oriente, vinha a glória do Deus de Israel; a sua voz era como o ruído de muitas águas, e a terra resplandeceu por causa da sua glória. O aspecto da visão que tive era como o da visão que eu tivera, quando vim destruir a cidade; e eram as visões como a que tive junto ao rio Quebar [discutido no capítulo 3]; e me prostrei, rosto em terra. A glória do

Senhor

entrou no templo pela porta que olha para o oriente. O Espírito me levantou e me levou ao átrio interior; e eis que a glória do

Senhor

enchia o templo (Ez 43.2-5; cf. 44.4).

Quando os israelitas de fato retornaram para Jerusalém, os profetas daqueles dias insistiram para que eles começassem a trabalhar para restaurar a cidade e seu novo templo, com palavras que novamente prometiam o retorno da glória divina. Zacarias relata as palavras de um anjo, que compartilha essa mensagem de Deus: “Pois eu lhe serei, diz o Senhor, um muro de fogo em redor e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória” (Zc 2.5). Por meio de Ageu, Deus promete que “dentro

em pouco", "(...) farei tremer todas as nações, e virá o Desejado de todas as nações, e encherei esta casa de glória, diz o Senhor dos Exércitos. (...) A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos Exércitos, e neste lugar, darei a paz" (Ag 2.7, 9 - ARC).

Uma característica marcante da glória que viria é que ela acompanha aquele que é o "Desejado de todas as nações". Portanto, Ageu indica que a glória vindoura não será apenas para Israel. Esse é outro tema que Isaías aborda, algumas vezes com eloquência memorável: "Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do Senhor nasce sobre ti. Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão, os povos; mas sobre ti aparece resplendente o Senhor, e a sua glória se vê sobre ti. As nações se encaminham para a tua luz; e os reis, para o resplendor que te nasceu" (Is 60.1-3). Posteriormente, ele diz, com referência a Jerusalém, "As nações verão a tua justiça, e todos os reis, a tua glória" (Is 62.2). Próximo ao final da sua profecia, Isaías acrescenta: "Porei entre elas um sinal e alguns dos que foram salvos enviarei às nações, a Társis, Pul e Lude (...) a Tubal e Javã, até às terras do mar mais remotas, que jamais ouviram falar de mim, nem viram a minha glória; eles anunciarão entre as nações a minha glória" (Is 66.19).

Precisamos ser claros que os profetas não estavam falando meramente (ou mesmo primariamente) sobre as experiências dos israelitas na Terra Prometida ou na reconstrução do templo novo depois do retorno do exílio. A glória daquela construção nunca de fato excedeu a da anterior, e as nações nunca afluíram a Jerusalém para vê-la. Nessas profecias, Deus estava direcionando seu povo a alguma coisa muito, muito maior, uma realidade para a qual o segundo templo de Jerusalém podia apenas vagamente apontar.

Por exemplo, Isaías falou sobre várias nações verem a glória de Deus (Is 66.19) em conjunção com o surgimento de "céus novos e nova terra" no qual "não haverá lembrança das coisas passadas" (Is 65.17-18; cf. 66.22). Além do mais, o relato magnificente de Ezequiel de um novo templo adornado pela glória divina (Ez 40–48) descrevia especificações para sua estrutura, divisão geográfica da terra ao redor e até mesmo um rio espetacular que se originava do templo, tudo isso tornando claro que ele apontava para algo que transcendia em muito o segundo templo ou a Jerusalém terrena ou os seus arredores. Como Isaías, Ezequiel teve visões de novos céus e uma nova terra. Mas talvez mais importante é um detalhe que é facilmente ignorado em Ageu 2. Ageu ansiava por um dia futuro em que Deus enviaria o "Desejado de todas as nações" (Ag 2.7, ARC). Esse não pode ser outro senão o Messias. Os israelitas precisavam ansiar

por algo muito maior do que um novo templo que suas próprias mãos construiriam. Eles precisavam ansiar pelo Salvador prometido de todas as nações e pelos novos céus e nova terra que ele traria. Os profetas do Antigo Testamento indicam que apenas por meio dessas dádivas é que a glória maior de Deus viria a abençoar Israel e todo o mundo.

Portanto, os israelitas tinham boa razão para ter esperança mesmo em meio ao seu exílio degradante. Para continuar nosso enredo e ver como Deus cumpriu essas promessas, é necessário que consideremos esse Messias e seu novo reino criado.

O Messias prometido, Rei da glória

A pergunta que emerge ao contemplarmos Israel no exílio e as promessas incríveis da glória futura é: como dessa vez as coisas poderiam funcionar melhor? Exatamente o que mudará para evitar o choque aparentemente inevitável entre a glória santa de Deus e o pecado profundamente enraizado do seu povo? A resposta é que dessa vez a glória do Senhor será revelada no seu Filho, o Messias prometido. Sua revelação maior da glória divina reconciliará Deus e seu povo e os capacitará a vivenciar a presença daquela glória de maneira completa como uma bênção e não como uma maldição. Soli Deo gloria se torna uma parte e parcela do evangelho por meio do Senhor Jesus Cristo.

Assim como o Antigo Testamento profetizou um despertar maior da glória divina num templo restaurado em Jerusalém, ele também profetizou um Messias que viria para acompanhá-los. Deus estabeleceu a linhagem de Davi para reinar sobre Israel para sempre (2Sm 7.12-16), e Davi reconheceu que a glória de Deus havia sido concedida à sua casa: “Grande lhe é a glória da tua [do rei] salvação; de esplendor e de majestade o sobrevestiste” (Sl 21.5). No entanto, a sorte da linhagem de Davi se comparava com aquelas do templo antigo. Como relatam Reis e Crônicas, os descendentes reais de Davi eram tipos lamentáveis, o melhor deles assolado por insensatez e os piores deles idólatras escandalosos. Em vez de representar o povo retamente perante Deus e os livrar dos seus inimigos, eles regularmente provocavam a ira de Deus e caíam perante opressores estrangeiros. A casa de Davi parecia ter o mesmo fim indigno que o do templo antigo em Jerusalém. Ao conquistar a Terra Prometida e destruir o templo, os babilônios destronaram os descendentes de Davi e deixaram seu trono vago.

No entanto, assim como a sorte da linhagem de Davi declinou juntamente com a da antiga cidade e do templo, do mesmo modo também seriam reavivadas com a nova cidade e o novo templo. A bela profecia de Isaías 4, descrevendo a coluna da nuvem e fogo como uma cobertura da glória sobre o monte Sião começa com uma promessa correspondente sobre o rei messiânico: “Naquele dia, o Renovo do Senhor será de beleza e de glória; e o fruto da terra, orgulho e adorno para os de Israel que forem salvos” (Is 4.2). Pouco tempo depois, Isaías fala de temas

semelhantes e torna explícito que esse ramo é de fato a descendência de Davi: “Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo” (Is 11.1), e “Naquele dia, recorrerão as nações à raiz de Jessé, que está posta por estandarte dos povos; a glória lhe será a morada” (Is 11.10). Não é de admirar que mais tarde João escreveu que “isto disse Isaías porque viu a glória dele [Jesus] e falou a seu respeito” (Jo 12.41). Na verdade, Isaías 11 deixa claro que a vinda do Messias, o filho de Davi, corresponde àqueles outros acontecimentos importantes que consideramos anteriormente. Com a vinda do rei, o Senhor chama as nações, juntamente com Israel, para si (Is 11.10-12) e introduz uma nova ordem de criação marcada por retidão e paz universal (Is 11:4-9; Hb 2.14). Nisso temos maior confirmação de que Deus desejava que os israelitas olhassem para além da experiência deles da reconstrução de Jerusalém e do seu templo quando retornassem do exílio. A glória de Deus seria totalmente revelada, para o consolo incontestável do seu povo, apenas com a vinda do Messias e do seu novo reino criado.

Depois da cruz e da ressurreição de Cristo, os escritores do Novo Testamento falam sobre ele como faziam os profetas do Antigo Testamento, como aquele por meio de quem Deus supremamente revela sua glória. Ele é “o resplendor da sua glória, e a expressão exata do seu Ser” (Hb 1.3). “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Ele é o “Senhor da glória” (1Co 2.8) ou, mais expansivamente, “nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória” (Tg 2.1). “A luz do evangelho” escreve Paulo, que resplandece “da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2Co 4.4).

Portanto, à medida que a história da glória de Deus progride, a atenção passa da coluna da nuvem e fogo para a vinda do Messias. Deveríamos estranhar isso? Será que a história sai do rumo e perde sua continuidade orgânica? Este e o próximo capítulo exploram as muitas maneiras em que esses dois temas – a nuvem de glória e o Senhor Jesus Cristo – realmente constituem uma única grande história de Deus glorificar a si mesmo neste mundo e no próximo. Aqui estão algumas ideias para esclarecer essa verdade.

A primeira diz respeito a Jesus como o verdadeiro e último templo de Deus. No Antigo Testamento, Deus fez com que sua glória habitasse no templo de Salomão por meio da nuvem. Portanto, a Escritura chamava o templo do lugar de habitação de Deus, o lugar que portava seu nome (p. ex., 1Rs 8.29; cf. Êx 29.42-46). Mas Jesus veio como a habitação de Deus entre os homens, a

revelação mais brilhante da sua glória divina (Jo 1.14). Seu nome era Emanuel, "Deus conosco" (Mt 1.23). Portanto, Jesus se referiu ao seu próprio corpo como "o templo", uma referência que seus discípulos compreenderam apenas depois da ressurreição (Jo 2.19-22). O advento de Jesus significou que não havia mais necessidade de um templo (veja Jo 4.21), porque a presença supremamente gloriosa de Deus em Jesus sobrepujava em muito a glória de qualquer estrutura terrena.[1] É por isso que os novos céus e nova terra – onde mais poderíamos esperar encontrar um – não terão templo: "porque o seu santuário é o Senhor, Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro"; de fato, "a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada" (Ap 21.22-23). A glória de Deus revelada em Cristo é precisamente o que a glória da nuvem descansando sobre templo do Antigo Testamento antecipava.

Em segundo lugar, os temas da nuvem e da vinda do Messias são unificados pela obra do Espírito Santo. No capítulo anterior, observei como o Antigo Testamento associava o Espírito com a nuvem. Numa revelação misteriosa da santa Trindade, o Antigo Testamento descreve Deus como entronizado no centro da nuvem enquanto descreve a nuvem em si como uma manifestação do Espírito que lidera Israel através do deserto. Embora o Antigo Testamento fale com relativa pouca frequência a respeito do Espírito, ela o associa explicitamente à nuvem e à vinda do Messias ao mesmo tempo. O Espírito descansaria sobre Cristo como descansou sobre o tabernáculo e o templo por meio da nuvem.

Isaías faz a maior dessas promessas. No dia em que o Renovo glorioso do Senhor surgir e a nuvem de fumaça e fogo formarem uma cobertura sobre Sião, ele escreve, quando Deus "lavar a imundícia das filhas de Sião e limpar Jerusalém da culpa do sangue do meio dela, com o Espírito de justiça e com o Espírito purificador" (Is 4.4).[2] Quando o rebento surgir do tronco de Jessé e o Renovo produzir frutos da sua raiz, "repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor" (Is 11.1-2). Posteriormente, nos famosos "cânticos do servo" de Isaías sobre o Messias que viria, Deus declara: "Eis aqui o meu Servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito; e ele promulgará o direito para os gentios" (Is 42.1). Finalmente, Isaías escreve: "O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu" (Is 61.1) – e Jesus usou essas mesmas palavras para descrever seu ministério (Lc 4.17-21). De fato, por todo o livro de Isaías, umas das características primárias da vinda do Messias é que ele estaria cheio do Espírito Santo, assim como o antigo templo fora cheio

de nuvem.

O Novo Testamento adota esse tema e demonstra que Jesus é o Cristo retratando-o como dotado de poder pelo Espírito.[3] Ele foi concebido pelo Espírito no ventre de Maria (Lc 1.35). Ele cumpriu as profecias em Isaías consideradas acima (Mt 12.17-21; Lc 4.17-21). Foi batizado com o Espírito Santo (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; At 10.37-38) e ele batiza outros com o Espírito Santo (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.34). O Espírito levou Jesus ao deserto para ser tentado (Mc 1.12) e, pelo Espírito, Jesus posteriormente expulsou demônios (Mt 12.28; Mc 1.34). Jesus regozijou-se pelo Espírito em sua conquista sobre os poderes demoníacos (Lc 10.21). No fim da sua vida, "pelo Espírito eterno, a si mesmo [Cristo] se ofereceu sem mácula a Deus" (Hb 9.14). Deus de fato lhe deu o Espírito sem medida (Jo 3.34).

Mais à frente, neste capítulo, veremos como o Espírito se mantém ativo na ressurreição e ascensão de Cristo. O que é importante observar agora é que assim como a história da glória de Deus na nuvem era simultaneamente a história do Espírito de Deus, do mesmo modo a história da glória de Deus em Cristo é simultaneamente a história do Espírito de Deus. A mudança de foco da glória de Deus revelada na coluna de nuvem e fogo para a glória de Deus revelada no seu Filho ocorre como parte de uma história organicamente conectada que o Espírito Santo junta como uma história unificada.

A glória (ou humilhação?) do Messias

Algumas das afirmações diretas a respeito da glória de Cristo observadas acima podem obscurecer o fato de que a apresentação do Novo Testamento desse tema é qualquer coisa menos prosaica. Antes de nos aprofundarmos no nosso estudo da glória de Cristo, precisamos considerar um dos aspectos mais profundos da encarnação e da obra de Cristo, inicialmente confuso, porém absolutamente crucial para entender tanto seu ministério quanto a fé e a vida cristã a qual somos chamados. Refiro-me à realidade impressionante de que "o resplendor da sua [de Deus] glória" (Hb 1.3) apareceu a este mundo em abjeta humildade – como um ser humano, "numa condição baixa".[4]

É notável e profundamente importante que a revelação climática da glória de Deus tenha acontecido num ser humano e por meio dele. Quem ousaria imaginar que, depois de gerações sem fim da glória de Deus na nuvem aproximando-se e então sendo repelida por seres humanos rebeldes, a glória de Deus apareceria como um homem? No entanto, na sua sabedoria inescrutável, Deus quis reconciliar seu povo consigo mesmo enviando seu Filho como glória divina em carne humana. Aqui, um tema na teologia ortodoxa reformada começa a entrar no foco bíblico. Deus escolhe glorificar a si mesmo nos seres humanos e por meio deles, primeiro e principalmente por meio do seu próprio Filho tornando-se homem, mas também por meio do seu povo escolhido chamado para compartilhar da sua glória em união com Cristo.

O que é profundo não é apenas que Cristo, a imagem da glória de Deus, tornou-se homem, mas que ele veio para compartilhar da condição miserável da humanidade. Ele mesmo não tinha pecado algum (2Co 5.21; Hb 4.15), mas Deus o enviou "à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado" (Rm 8.3, NVI). Os cânticos do servo de Isaías retratam a vinda do Messias como coroado pelo Espírito, mas esses cânticos também declaram que "pasmaram muitos à vista dele (pois o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência, mais do que a dos outros filhos dos homens)" (Is 52.14). A glória de Deus habitou entre nós, porém, "não tinha aparência nem formosura; e, olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. (...)

como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso" (Is 53.2-3). De fato, Paulo chama Cristo de "Senhor da glória", mas apenas para ressaltar o fato horrível de que os "poderosos deste século (...) crucificar[am o] Senhor da glória" (1Co 2.8).

A linguagem humana nos falta ao tentar descrever esse paradoxo supremo, a glória divina manifestada em profunda humildade. É uma verdade que a fé crê e a língua confessa mais do que a mente entende. No entanto, essa verdade é central para a dinâmica da história do evangelho. Deus levará a história da sua glória ao seu intencionado clímax apenas por meio do profundo vale de humilhação do seu Filho. Como consideramos no capítulo 1, Martinho Lutero ressaltou: "Não é suficiente para ninguém, e não lhe faz bem algum, reconhecer Deus na sua glória e majestade a menos que o reconheça na humildade e vergonha da cruz".[5] Essa dinâmica define a nossa própria experiência como cristãos. Como consideraremos amplamente no capítulo 5, mesmo agora Deus está nos transformando "de glória em glória"[6] (2Co 3.18), porém, ao mesmo tempo, Deus nos conclama a "se com ele sofremos, também com ele sejamos glorificados", "a glória a ser revelada em nós" (Rm 8.17-18).

Glória e humildade do ministério terreno de Cristo

Ao buscarmos seguir a história da glória de Deus ao longo do ministério terreno de Cristo, devemos atentar para esse tema paradoxal da glória revelada em humildade.[7] De fato, esse tema emerge imediatamente no relato bem conhecido do nascimento de Jesus. Na noite do parto de Maria, um grupo de pastores que estava próximo teve uma experiência inesquecível: “E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam, e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor” (Lc 2.9) – uma cena que nos lembra da nuvem do Antigo Testamento. Os pastores reagiram da mesma maneira que Isaías e Ezequiel: “ficaram tomados de grande temor” (Lc 2.9). A mensagem do anjo se iniciou de modo glorioso. Ele anunciou “boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo” , porque na cidade de Davi, um Salvador havia nascido, “Cristo, o Senhor” (Lc 2.10-11). Muitas promessas maravilhosas do Antigo Testamento parecem convergir nessa proclamação concisa. Mas o anjo também dá um sinal aos pastores, e embora isso soe tão familiar àqueles que já ouviram essa história várias vezes, pode ter sido um pouco desapontador para os pastores: “encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura” (Lc 2.12). O filho de Davi, o Messias, o Senhor – compartilhando uma manjedoura com animais de um estábulo! Mas, na verdade, essa mensagem era de glória, pois a cena semelhante à da nuvem se torna ainda mais maravilhosa: “E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” (Lc. 2.13-15). Que contraste marcante: a milícia celestial proclama a glória de Deus nos céus para uma criança nascida num estábulo na terra.

Quando Jesus inicia seu ministério terreno, o tema da glória encoberta por humildade continua. No seu primeiro milagre relatado em João, Jesus se junta a uma celebração humana comum, um casamento, e transforma água em vinho – mas o faz nos bastidores, invisível aos olhos e visto somente pelos servos (Jo 2.1-9). Um milagre com nenhum adorno exterior, mas João declara: “Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galileia; manifestou a sua glória” (Jo 2.11).

O paradoxo da glória em humildade destaca-se ainda mais distintamente no relato da transfiguração de Jesus, que volta nossos olhos para a coluna de nuvem e fogo do Antigo Testamento e para a frente para a glória celestial de Cristo no último dia. Enquanto Jesus estava orando, “a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura. Eis que dois varões falavam com ele: Moisés e Elias” (Lc 9.29-30). Seus discípulos “viram sua glória”, e, quando Pedro ofereceu construir três abrigos para eles, “veio uma nuvem e os envolveu” (Lc 9.34). Muitos anos depois, Pedro relatou esse evento: “pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada” (2Pe 1.16-17). Porém, Lucas cerca sua descrição da glória de Jesus na transfiguração com muitos lembretes do seu chamado para sofrer, e do chamado dos seus seguidores para sofrerem juntamente com ele. Imediatamente antes do relato da transfiguração, Jesus disse aos seus discípulos: “É necessário que o Filho do Homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite”, então ele acrescentou: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.22-23). Depois da história da transfiguração, Jesus declara, “o Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens” (Lc 9.44), e ele explica o custo de segui-lo (Lc 9.57-62).

A dinâmica da glória na humildade também se evidencia na ressurreição de Lázaro, talvez o milagre mais dramático e surpreendente de Jesus. Na primeira vez em que Jesus ouviu sobre a enfermidade de Lázaro, ele assegurou aos seus discípulos: “Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado” (Jo 11.4). Mas depois ele explica a Marta que essa glorificação aconteceria somente por meio da morte: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11.25). Posteriormente, ele diz a Marta, “Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?” (Jo 11.40), e então ele chama Lázaro para que saia da tumba. No entanto, mesmo nessa ocasião, isso não resulta em triunfo terreno para Cristo, mas incita os sacerdotes e os fariseus a convocarem uma reunião do Sinédrio para planejar prendê-lo (Jo 11.45-57).

Em várias das passagens que acabamos de analisar, é evidente que a glória pertence a Cristo e a Deus o Pai. Anteriormente vimos o estreito relacionamento entre Filho e Espírito, e vemos o mesmo relacionamento entre Pai e Filho. Esse tema permeia todos os quatro Evangelhos, mas é especialmente proeminente em João. Jesus é glorificado em muitas das suas obras – como transformar água em

vinho, a transfiguração e a ressurreição de Lázaro – no entanto, ele não veio para glorificar a si mesmo. Em vez disso, o Pai o glorifica: “Eu não procuro a minha própria glória; há quem a busque e julgue” (Jo 8.50). “Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai” (Jo 8.54). Como ecoa a epístola de Hebreus, “também Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote” (Hb 5.4-6), mas foi designado por Deus.

Não apenas o Pai glorificou o Filho, mas o Filho também glorificou o Pai, e isso especialmente pela sua obediência. “Eu te glorifiquei na terra”, orou Jesus, “consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17.4). Jesus apresenta um grande contraste em relação aos israelitas desobedientes, que não obedeciam à vontade de Deus e, portanto, eram repelidos pela glória de Deus em vez de exaltados por ela. Enquanto João diminui a ação e elabora uma tensão dramática à medida que o seu Evangelho se aproxima da última semana da vida de Jesus, ele torna cada vez mais explícito como o Pai e o Filho mutuamente se glorificam. Depois da entrada triunfal, Jesus profetiza sua morte e ora: “Pai, glorifica o teu nome. Então, veio uma voz do céu: Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei” (Jo 12.28). Durante a Última Ceia, Jesus declara, “Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele; se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente” (Jo 13.31-32). O mesmo tema impregna a “oração sacerdotal” de Cristo, que começa, “Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o teu Filho te glorifique a ti” (Jo 17.1). Pouco tempo depois, ele ora: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me ó Pai, comigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17.4-5).

Nessa dinâmica trinitária maravilhosa relatada no Evangelho de João – o espírito dá poder ao Filho para fazer obras maravilhosas, o Filho glorifica o Pai em sua obediência à vontade do Pai, e o Pai, por sua vez, glorifica seu Filho obediente – é notável como a história da glória de Deus, que começou no Antigo Testamento, converge no calvário. O drama da glória de Deus encontrando humanos pecadores chega a isto: aquele que é tanto a glória eterna de Deus quanto um homem verdadeiro, suportando a maldição do pecado, é levantado – numa cruz. Apesar de, em certo sentido, o ministério terreno de Cristo ser sobre sofrimento e sua exaltação ser sobre glória, em outro sentido o Deus trinitário é glorificado por meio da crucificação de Cristo (e não simplesmente depois dela). Quando Jesus diz: “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem”, ele continua para explicar que um grão de trigo deve cair ao chão e morrer para poder

produzir muitos frutos (Jo 12.23-24). Ele continua: “Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome” (Jo 12.27-28). Em outras palavras, quanto à aproximação da sua morte – a respeito da qual ele confessa estar perturbado – Jesus glorifica o nome de seu Pai. Alguns dias depois, na noite em que é traído, depois da saída de Judas, Jesus diz: “Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele” (Jo 13.31). De modo semelhante, ele começa sua oração sacerdotal: “Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti (...) Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17.1, 4). De fato, “a glória de Jesus é particularmente revelada na cruz”.[8]

A culminação da obra de Cristo no calvário foi o ponto máximo da humilhação, vergonha e descrédito. No entanto, o Pai lhe havia dado essa obra para fazer, Cristo a cumpriu pelo Espírito, e as pessoas da Santa Trindade glorificaram a si mesmas por meio dela. O amor imensurável de Deus está em plena exibição, porque a obediência de Cristo até à morte – “até à morte e morte de cruz” (Fp 2.8) – era precisamente do que pecadores precisavam para a salvação. Observamos anteriormente como é da vontade de Deus que ele seja glorificado por meio das suas obras neste mundo e até mesmo em nós e por nosso intermédio. Aqui o Senhor demonstra isso em beleza absoluta: Deus quer ser glorificado precisamente pela sua reconciliação conosco, e ele faz isso por meio da cruz (cf. Rm 5.10; 2Co 5.18-21; Cl 1.21-22).

A glória de Cristo na sua exaltação

A vida humilde de Cristo e sua morte brutal trouxeram glória a ele e ao seu Pai, embora uma glória que é invisível aos olhos humanos. Porém, a noite escura do calvário deu lugar ao amanhecer brilhante da ressurreição; e a humilhação de Cristo, à sua exaltação. Com sua ressurreição e subsequente ascensão à mão direita do Pai, a glória do Filho de Deus não é mais velada. O que esteve por um tempo envolto por sofrimento e sangue terrenos agora ilumina o reino celestial.

Durante o ministério terreno de Jesus, aparentemente seus discípulos tinham algum senso da glória que um dia o Senhor deles desfrutaria. Tiago e João, por exemplo, podiam fazer o pedido audacioso: “Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos, um à tua direita e o outro à tua esquerda” (Mc 10.37). À luz dessa atitude, Jesus estava menos preocupado com sua glória por vir e muito mais preocupado em instruir seus discípulos sobre seus sofrimentos eminentes – ele responde a Tiago e João falando sobre o copo de ira que ele deveria beber (Mc 10.39; cf. Is 51.17) e o preço de resgate que deveria pagar (Mc 10.45). Enquanto os discípulos, antes do calvário, nunca pareciam entender totalmente o que Jesus tinha de fazer, depois da cruz o peso do seu sofrimento tanto esmagou o espírito deles que seus sonhos anteriores de sua glória futura aparentemente desapareceram. Quando Jesus, não reconhecido, se encontrou com dois deles na estrada para Emaús no domingo da ressurreição, eles falaram sobre o relato das mulheres, a visão que elas haviam tido dos anjos e a sepultura vazia – mas não pareciam ter ideia alguma do que havia acontecido (Lc 24.13-24). Jesus lhes disse: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.25-27). Apenas depois de terem visto Cristo crucificado e ressurreto é que os discípulos conseguem finalmente começar a entender como a história da humilhação e depois glorificação de Cristo se encaixavam, como ela era profetizada no Antigo Testamento e como era a peça central da salvação. A respeito da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, um retrato tanto da majestade como da humildade de Jesus, João escreve: “Seus discípulos a princípio não compreenderam isto;

quando, porém, Jesus foi glorificado, então eles se lembraram de que estas coisas estavam escritas a respeito dele e também de que isso lhe fizeram" (Jo 12.16; cf. Sl 118.25-26; Zc 9.9).

No entanto, assim que os discípulos de Jesus compreenderam o plano divino, ele se tornou o tema das pregações missionárias deles. No primeiro sermão de Pedro depois do dia do Pentecostes, ele proclamou: "O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Servo Jesus, a quem vós traístes e negastes perante Pilatos, quando este havia decidido soltá-lo. (...) Dessarte, matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas" (At 3.13, 15). Anos depois, Pedro reflete sobre as profecias do Antigo Testamento cujo significado os havia deixado tão perplexos durante a vida terrena de Jesus, mas na qual ele então vê a grande história do evangelho, da humilhação à glorificação. "Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam" (1Pe 1.10-11). Continuando esse mesmo tema alguns versículos à frente, Pedro fala da nossa redenção "pelo precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula", por quem seus leitores vieram a crer em Deus, "o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória" (1Pe 1.18-19, 21). De modo semelhante, Paulo explica que Cristo "foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai" (Rm 6.4) e agora tem um "corpo de glória" (Fp 3.21).[9]

Quando Paulo falou de Cristo tendo sido ressuscitado pela glória do Pai e com um corpo de glória, é provável que ele tivesse em mente o Espírito. Em outro lugar ele escreve sobre "o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos" (Rm 8.11) e descreve o corpo ressurreto de Jesus como um corpo "espiritual" (ou, melhor ainda, um corpo "Espiritual") (1Co 15.44*). Pedro também atribuiu um papel especial ao Espírito na ressurreição de Jesus para a glória: Cristo foi "morto, sim, na carne, mas vivificado no Espírito" (1Pe 3.18; cf. 1Tm 3.16).

Portanto, a ressurreição de Jesus é vital para a história maior da glória divina que pesquisamos nos dois capítulos anteriores. O Antigo Testamento retratou a coluna gloriosa da nuvem como uma manifestação visível do Espírito Santo liderando e instruindo os israelitas. No Novo Testamento, o Espírito foi o

instrumento de Deus na encarnação do Filho. Ele desceu de modo visível sobre Cristo no seu batismo, deu-lhe poder para o seu ministério e até mesmo o levou à cruz. Então, o Espírito da glória ressuscitou Jesus de entre os mortos, revestindo-o com um corpo que é tanto “da sua glória” quanto “espiritual” (Fp 3.21; 1Co 15.44).

No entanto, nem mesmo a ressurreição leva ao fim essa história da glória divina. Depois de ter sido ressuscitado em glória, Cristo foi “recebido na glória” (1Tm 3.16). Aquele que “tendo sido feito menor que os anjos” por pouco tempo, foi “coroado de glória e de honra” (Hb 2.9). Isso se refere ao seu reinado no “mundo que há de vir”, que Deus destinou a raça humana para governá-lo (Hb 2.5-8). É surpreendente contemplar Hebreus 2.5-9. Desde o início, Deus queria que os seres humanos, e não os anjos, reinassem no mundo por vir, mas agora não vemos evidência disso. Porém, “vemos Jesus”, que se tornou como nós na nossa humildade e está agora exaltado em glória. Na carne e sangue humanos de Jesus, o destino original da raça humana encontra seu cumprimento. No próximo capítulo nos maravilharemos no fato de esse Jesus exaltado estar também agora “conduzindo muitos filhos à glória” (Hb 2.10) – ou seja, ele levará seu povo a encher a nova criação com seres humanos glorificados, com corpos ressurretos como o dele. E enquanto aguardamos esse dia final, temos uma amostra deliciosa do banquete que há de vir. Quando Cristo recebeu o Espírito como uma dádiva de vitória do seu Pai ao ascender aos céus, ele por sua vez o “derramou” sobre seu povo no dia do Pentecostes (At 2.33). Esse Espírito é agora o selo e a garantia da nossa porção no glorioso banquete que há de vir (veja 2Co 1.22; 5.5; Ef 1.13-14; 4.30).

A glória do reino celestial

A glória de Deus revelada na coluna de nuvem e fogo era magnificente, mas nunca completamente satisfatória. A nuvem aparecia e desaparecia. Ela descansava, e então se movia novamente. Ela se aproximava das pessoas em bênção, mas depois as punia pela desobediência. Até mesmo Moisés, que esteve no meio dela, ansiava por uma maior intimidade com Deus. A nuvem do Antigo Testamento simultaneamente revelava a glória de Deus a Israel e mantinha seu povo a distância. Mas o Antigo Testamento também aponta para o dia em que a glória de Deus retornaria para os israelitas depois da desgraça do exílio e traria bênção abundante e inabalável não apenas para eles, mas também para os gentios. Um templo novo e melhor se ergueria, de sobre o qual a glória de Deus nunca sairia.

O que o templo reconstruído em Jerusalém nunca poderia esperar cumprir é finalmente cumprido na cidade celestial, a Nova Jerusalém, em cujo centro Cristo está assentado no seu trono. O santuário terreno no qual os sacerdotes levitas ministravam era apenas uma “figura do verdadeiro” (Hb 9.24); seus sacrifícios não eram “a imagem real das coisas” (Hb 10.1). O sangue dos cordeiros e touros oferecidos ali nunca poderiam verdadeiramente retirar o pecado e, portanto, capacitar os adoradores a terem comunhão com o Deus vivo no meio deles (Hb 10.4). Mas Cristo, por meio do sofrimento, tornou-se um sumo sacerdote perfeito e efetivo para seu povo (Hb 5.7-10) e os purificou de uma vez por todas (Hb 10.10-18). Ele obteve para eles comunhão com Deus não meramente num santuário terreno, mas num não feito por mãos humanas (Hb 9.11), um santuário celestial para o interior do qual um “novo e vivo caminho” foi aberto para nós para que possamos nos aproximar “com sincero coração, em plena certeza de fé” (Hb 10.19-22). No presente, ainda não entramos nesse santuário com corpo ressurreto, mas como o Abraão peregrino de outrora, aspiramos “a uma pátria superior, isto é, celestial”, pela “cidade permanente (...) que há de vir” (Hb 11.16; 13.14). Lá, “feito mais alto que os céus”, está um sumo sacerdote que “pode nos salvar totalmente” e está “vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7.25-26). A nuvem de antigamente se aproximava de seu povo, mas não podia, em sentido último, convidá-los a uma comunhão

divina nem mesmo num santuário terreno. Agora o santuário celestial deu as boas-vindas ao Senhor Jesus Cristo em nossa própria carne e sangue.

E, por meio dele, uma grande glória enche o santuário nessa cidade permanente, que a glória do antigo santuário na Jerusalém terrena refletia apenas de modo indistinto. Estêvão, o primeiro mártir cristão, teve o privilégio de ter um vislumbre do que todos os crentes um dia verão: “e fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita” (At 7.55). Nem mesmo isso ser comparado com as visões de João da glória celestial ao longo do livro de Apocalipse. João é levado “em Espírito” e isso significa que ele ficou diante do trono dos céus (Ap 4.2). Diante da brilhante majestade daquele sentado no trono do céu (Ap 4.3), os seres viventes e os 24 anciãos atribuem glória e honra (Ap 4.9, 11). João vê um Cordeiro “no meio do trono (...) um Cordeiro como tendo sido morto” (Ap 5.6). “Milhões de milhões e milhares de milhares” de anjos circulavam o trono e clamavam: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (Ap 5.11-12). Se fôssemos contar, dariam cem milhões de anjos declarando o Cristo crucificado digno de toda a glória. Seus cânticos ecoam e ecoam nas páginas seguintes (Ap 7.12; 15.4; 19.1). Aqui está a glória do templo novo e melhor do qual ouvimos os profetas do Antigo Testamento proclamarem aos exilados sitiados, e que ainda deve alegrar o coração dos cristãos hoje em dia, exilados no mundo, mas cidadãos dos céus (Fp 3.20; 1Pe 2.11).

Cristo está agora exaltado nos céus, mas nem mesmo isso completa a história bíblica da glória divina. A história chega ao seu clímax apenas com a segunda vinda de Cristo. É muito fascinante, à luz do curso da história no Antigo Testamento, que Cristo irá voltar novamente numa nuvem gloriosa. Jesus diz que os povos do mundo “verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória” (Mt 24.30). Em outro lugar Jesus descreve isso de uma maneira um pouco diferente – “o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras” (Mt 16.27; cf. Mc 8.38; Lc 9.26) – mas agora reconhecemos que essas várias imagens apontam para a mesma importante realidade: a presença visível, majestosa e impressionante de Deus.

Como a história da glória divina chega ao auge na segunda vinda de Cristo? Em parte, com Cristo punindo e subjugando seus inimigos. Assim como a nuvem da glória desceu sobre o antigo Israel, também essa nuvem irá descer sobre o mundo inteiro no último dia, acompanhando o Senhor Jesus Cristo para executar

um juízo muito maior do que aquele que Israel sofreu – um juízo final. A Escritura usa vários meios para descrever a glória de Deus ao punir seus inimigos. Ezequiel fala de uma batalha final entre Deus e as nações inimigas, simbolizado como “Gogue, da terra de Magogue” (Ez 38–39). Nessa derrota decisiva de Gogue, o Senhor diz: “Manifestarei a minha glória entre as nações, e todas as nações verão o meu juízo, que eu tiver executado, e a minha mão, que sobre elas tiver descarregado” (Ez 39.21). Apocalipse também fala do triunfo final de Deus sobre seus inimigos, mas especialmente por meio da imagem da “Babilônia”. Imediatamente antes de anunciar “Caiu, caiu a grande Babilônia, que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição” (Ap 14.8), um anjo proclama “com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é chegada a hora do seu juízo” (Ap 14.7). Jesus descreve o juízo final da seguinte maneira: “Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas” (Mt 25.31-32; cf. 19.28).[10]

A vitória final que Cristo obtém sobre seus inimigos é um tópico sério que até mesmo muitos cristãos acham desagradável. É importante lembrar que aqueles que serão conquistados no último dia são inimigos de Deus. Eles se opuseram a Deus, rejeitaram sua verdade e muitas vezes perseguiram seu povo. O fato de terem perseguido os cristãos é também uma das razões pela qual o juízo final de Deus sobre seus inimigos é parte da boa-nova de salvação para nós. Essa conquista decisiva dos inimigos do evangelho trará alívio para os crentes sofredores e libertação de toda cilada e tentação. Por exemplo, Paulo lembra os tessalonicenses da “eterna destruição” que virá sobre os ímpios na revelação do Senhor Jesus “desde o céu, com os anjos do seu poder, como labareda de fogo” (outra imagem da nuvem da glória divina). Ele explica: “é justo diante de Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam, e a vós, que sois atribulados, alívio juntamente conosco” (2Ts 1.6-7).

No entanto, muitos cristãos podem ansiar por esse maravilhoso dia não simplesmente porque Deus punirá seus inimigos para o benefício dos cristãos. Imediatamente depois dessas palavras em 2Tessalonicenses citadas acima, Paulo acrescenta uma dimensão positiva: naquele grande dia, Cristo virá “para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram” (2Ts 1.10). Isso é impressionante. Jesus não virá apenas para glorificar a si mesmo na sua segunda vinda usando a coluna de nuvem e fogo como um manto e liderando o exército de anjos celestiais em sua comitiva, mas ele também glorificará a si

mesmo nos seus santos. Não é de admirar que nossa “bendita esperança” é “a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tt 2.13).

Apesar de pesarem sobre os cristãos fortes tentações e perseguições aparentemente insuportáveis, Pedro nos encoraja da seguinte maneira: “alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação da sua glória, vos alegreis exultando” (1Pe 4.13). Naquele dia, veremos “novo céu e nova terra” e a “cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus” (Ap 21.1-2). Ela brilhará com “a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina” (Ap 21.11). Finalmente, nós também seremos recebidos na glória do santuário maior onde Cristo está ministrando em nosso favor desde a sua ascensão. Apocalipse 21 também corrige um possível entendimento incorreto. Quando Hebreus fala sobre Cristo ministrando num santuário celestial (Hb 9), não está ensinando que há um templo separado na cidade celestial. Para ser exato, a cidade não tem santuário, “porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro” (Ap 21.22). Jesus, o Emanuel – Deus conosco – estará lá conosco face a face, de modo que nenhum outro templo é necessário. E a cidade “não precisa nem do sol, nem de lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada” (Ap 21.23). Tudo se encaixa perfeitamente. Quando habitamos em meio de uma coluna de fogo capaz de iluminar o deserto do Sinai na escuridão da noite, e a luz do mundo senta-se entronizada no centro da cidade, o exército de estrelas torna-se completamente supérfluo.

Cristo, o resplendor da glória de seu Pai

Começamos este capítulo com uma nota desanimadora. A aproximação da glória de Deus do seu povo do Antigo Testamento na coluna de nuvem e fogo não terminou bem. A história pareceu chegar a uma barreira insuperável quando a nuvem partiu do templo em Jerusalém e Deus exilou os israelitas para a Babilônia. Porém, Deus prometeu algo novo e muito melhor. Os profetas do Antigo Testamento anteviram a glória que retornaria ao templo novo, um templo indestrutível para o qual todas as nações iriam. Os apóstolos do Novo Testamento anunciaram o cumprimento de todas as promessas – por meio de Cristo, "porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio" (2Co 1.20). Ele é o resplendor da glória do seu Pai, aquele que trouxe a ele glória na desgraça da cruz e pela sua ascensão à mão direita do pai na majestade dos céus. Ele também lhe trará glória quando retornar numa nuvem com um exército angelical.

As últimas grandes verdades que consideramos neste capítulo nos levam a questões de interesse primário no próximo capítulo. Realmente não conseguimos completar essa história bíblica da glória de Deus sem entender nosso lugar no enredo. A glória pertence somente a Deus – soli Deo gloria – mas ele se agrada em trazer toda a glória a si mesmo em parte por meio da nossa glorificação em Cristo. Voltemo-nos agora para esse importante tema.

---

[1] Para discussão adicional sobre Jesus como o verdadeiro templo em João, veja G. K. Beale, The Temple and the church's mission: A Biblical theology of the dwelling place of God (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004), p. 192-200.

[2] Uso a tradução alternativa NIV, que por duas vezes substitui "um espírito" por

“o Espírito”, que considero como mais plausível. [Nesta tradução para o português é usada a versão ARA, que traz também “o Espírito” (N. do R.)].

[3] Para discussão adicional sobre esse ponto, veja Sinclair B. Ferguson, The Holy Spirit (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), cap. 2; e Herman Bavinck, Reformed dogmatics, v. 3, Sin and salvation in Christ, org. John Bolt, trad. John Vriend (Grand Rapids: Baker Academic, 2006), p. 498-503, 571-572.

[4] Breve catecismo de Westminster, p. 27.

[5] Martinho Lutero, Luther’s works, v. 31, Career of the Reformer: I, org. Harold J. Grimm, org. geral Helmut T. Lehmann (Filadélfia: Fortress, 1957), p. 52.

[6] Essa tradução é minha. [(Que é também a tradução da versão ARA, usada nesta tradução (N. do R.)].

[7] Com frequência, os teólogos distinguem entre os estados de “humilhação” e de “exaltação” de Cristo, o primeiro referindo-se ao período entre a sua encarnação e a sua morte/sepultamento, e o último referindo-se à sua ressurreição, ascensão e reinado permanente à mão direita de Deus. P. ex., veja Louis Berkhof, Systematica theology (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), p. 331-354. [Publicado em português sob o título Teologia Sistemática, pela Editora Cultura Cristã (N. do R.)].

[8] Thomas R. Schreiner, New Testament theology: Magnifying God in Christ (Grand Rapids: Baker Academics, 2008), p. 243; cf. p. 284.

[9] Essa é minha tradução de Filipenses 3.21.

* Na versão ARA, usada nesta tradução: “corpo espiritual”. (N. do R.)

[10] Numa nota relacionada a esse tema, Jonathan Edwards escreve: “Isso [a glória de Deus] é dito como o fim [i.e., o objetivo] da execução das ameaças de Deus de punir o pecado. (...)” (Nm. 14.20-23). “Isso é dito como o fim da execução dos juízos de Deus sobre seus inimigos neste mundo” (Êx 14.17-18; Ez 28.22; 39.13). “E isso é dito como o fim, tanto das execuções de ira quanto dos exercícios gloriosos de misericórdia, na miséria e na felicidade do outro mundo” (veja Rm 9.22-23; 2Ts 1.9-10). Edwards, “The end for which God created the world”, em John Piper, God’s passion for his glory, p. 208-209.

Capítulo 5

A glória de Cristo na glorificação do seu povo

“E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.” 2Coríntios 3.18

“Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação”. 2Coríntios 4.16-17

Toda a glória pertence a Deus. Isso foi afirmado pela Reforma porque na Escritura isso não poderia estar mais claro. Mas a Escritura também ensina que os cristãos são glorificados – de alguma maneira eles participam da glória de Deus em Cristo. Não é imediatamente claro como essas duas coisas podem ser verdadeiras. Como toda a glória pode pertencer a Deus enquanto ao mesmo tempo criaturas humanas compartilham da sua glória?

Em algum grau, a resposta a essa pergunta é um mistério que desafia a explicação puramente racional. O Deus de toda a glória glorifica suas criaturas, e mais ainda, criaturas pecaminosas – certamente isso deveria incitar maravilhamento e gratidão mais do que análise intelectual. No entanto, a história da glória divina que pesquisamos nos dois capítulos anteriores fornece um quadro teológico para nos ajudar a entender por que não há nenhuma contradição definitiva entre as verdades bíblicas de que a glória pertence a Deus e de que os cristãos são glorificados em Cristo.

Embora Deus seja interiormente glorioso, ele deseja revelar sua glória no mundo

que criou e por meio dele. Ele faz isso por meio da beleza da ordem natural como um todo, mas também, e especialmente, aproximando-se do seu povo escolhido e manifestando uma visão maior da glória divina a eles. No Antigo Testamento, a coluna de nuvem e fogo fazia sombra sobre os israelitas no deserto e finalmente descansou sobre o templo em Jerusalém. Porém, aquela presença da glória divina não suportava o pecado deplorável do povo. Por isso, a nuvem partiu do templo e Deus os enviou para o exílio. Mas na plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, o resplendor da glória do seu Pai, como o templo verdadeiro e eterno, o Emanuel – Deus conosco. Ele velou sua glória ao longo dos dias de humilhação, para o bem dos pobres pecadores, para libertar seu povo da culpa e poluição que os tornava indignos de terem comunhão com a presença de Deus no meio dele. Mas Deus também ressuscitou seu Filho da sepultura e o exaltou ao trono do seu reinado celestial, do qual a antiga nuvem era apenas uma simples réplica. Um homem de nossa própria carne e sangue está entronizado na glória do seu Pai. E ele não se satisfará até que uma multidão dos seus irmãos reúna-se a ele nessa cidade eterna, cada um tendo o corpo glorificado com o dele, proclamando sem cessar louvores a ele em bem-aventurança sem fim.

A glorificação dos crentes em Cristo é a glorificação de Deus. Confessar soli Deo gloria significa proclamar, em parte, que ele somente operou tão grande salvação – por meio da graça, pela fé, em Cristo. Os cristãos não compartilharão da glória de Cristo no sentido que qualquer pessoa se ajoelhará e os adorará, mas na glorificação suprema de Cristo os crentes são levados à comunhão permanente com seu Senhor. A santidade, a retidão, e até mesmo o corpo deles refletem a glória do seu rei. A glorificação do seu povo é revertida para a glória de Deus.

O tema da glorificação dos cristãos torna-se o nosso foco deste ponto em diante. Neste capítulo vamos considerar como a Escritura desdobra a glorificação dos crentes para a glória de Deus. Como com nosso Senhor, essa glorificação vem por meio do Espírito, e apenas por meio do sofrimento. À luz dessas ideias, podemos apreciar nosso chamado para glorificar Deus na nossa adoração, tanto agora quanto de fato ao longo de toda a nossa vida.

Glorificação: destino humano alcançado

Entender a glorificação da humanidade requer voltar nossos pensamentos para a criação. Apesar de ser somente pela salvação em Cristo que agora conseguimos atingir o destino último da vida abençoada na nova Jerusalém, é útil que reconheçamos que mesmo antes da queda no pecado (e, portanto, antes da necessidade de salvação) Deus criou seres humanos para refletirem a sua glória.

A terminologia de "glória" não aparece em Gênesis 1, mas o fato de que Deus criou a raça humana à sua imagem transmite essa ideia. As noções da imagem e de glória são estreitamente relacionadas posteriormente na Escritura. Paulo diz que o homem é a "imagem e glória de Deus" (1Co 11.7) e fala da "glória de Cristo, que é a imagem de Deus" (2Co 4.4). Cristo é tanto "o resplendor da sua glória quanto a "expressão exata do seu Ser" (Hb 1.3), e os cristãos são "transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.18). Portanto, dizer que Deus criou seres humanos à sua imagem em Gênesis 1.26 implica que eles refletem a glória de Deus.[1]

Essa impressão é fortalecida pelo fato de Gênesis 1 em si provavelmente falar sobre a nuvem da glória divina. Gênesis 1.2 diz que "a terra estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus pairava por sobre a face das águas". Isso provavelmente está nos dizendo que a nuvem do deserto apareceu em primeiro lugar aqui, pairando sobre o mundo que Deus havia acabado de criar.[2] Gênesis 1.2 diz que o Espírito pairava por sobre a face das águas, e, como considerado em capítulos anteriores, a Escritura frequentemente fala sobre a nuvem como uma manifestação do Espírito. Além do mais, apesar de ser difícil apreciar completamente a passagem na nossa tradução, no hebraico original o vocabulário dos dois versículos no cântico de Moisés que descreve a coluna de nuvem e fogo sobre Israel no deserto é surpreendentemente semelhante ao vocabulário de Gênesis 1.2: "Achou-o numa terra deserta e num ermo solitário povoado de uivos; rodeou-o e cuidou dele (...) Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes, estende as asas e, tomando-os, os leva sobre elas" (Dt 32.10-11). O vocabulário compartilhado certamente não é acidental; o Espírito pairando sobre o vazio

original e a nuvem pairando sobre o deserto árido eram a mesma coisa. A linguagem de Gênesis 1.26 confirma essa conclusão. Deus fala no plural aqui: “Façamos o homem à nossa imagem”. Essa é a linguagem da corte celestial de Deus; a maneira como ele fala quando está cercado pelo seu exército angelical (veja Is 6.8). E, como considerado acima, os anjos frequentemente adornam a nuvem de glória.[3]

Portanto, Gênesis 1 fortemente sugere que Deus criou seres humanos como criaturas refletindo sua glória, como imagens do Deus que falava por meio da coluna de nuvem e fogo por meio do seu Espírito. Posteriormente, a Escritura olha para a criação e fala sobre isso de modo mais explícito. O salmo 8, por exemplo, inicia exaltando a própria glória de Deus: “Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade” (Sl 8.1). Mas ele rapidamente prossegue e reflete sobre os privilégios que Deus deu aos seres humanos: “Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo (Sl 8.5-6). Um tema semelhante aparece no salmo 115. “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória” (Sl 115.1). Posteriormente, ele acrescenta: “Os céus são os céus do Senhor; mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens. (...) Nós, porém, bendiremos o Senhor, desde agora e para sempre” (Sl 115.16-18). Toda a glória era de Deus na criação original, mas ele criou seres humanos à sua imagem para terem domínio sobre todas as outras criaturas. Deus nos coroou com honra e glória – porém, toda glória pertence a Deus, e não a nós. Essa bela tensão já estava presente na criação.

E nós fizemos uma grande bagunça disso. Quando a epístola aos Hebreus fala de como Deus honrou seres humanos ao comissioná-los a reinar, o autor cita de modo conveniente o salmo 8.4-6 (Hb 2.5-7). Então, com uma afirmação abrandada quase humorística, ele ironicamente comenta: “Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas” (Hb 2.8). Certamente. Há vários modos nos quais podemos caracterizar o primeiro pecado no Jardim do Éden, mas muitos teólogos destacam o orgulho de Adão e Eva, e no cerne do orgulho está o desejo pela glória de si mesmo. Deus os criou à sua imagem – uma bênção surpreendente e uma posição de verdadeira honra – mas seduzidos pela serpente, eles almejavam “ser como Deus” por si mesmos, em vez de sob a autoridade legítima de Deus. Em vez de reinar sobre outras criaturas em submissão a Deus, eles se deixaram governar por uma criatura e tentaram submeter Deus a eles mesmos.

A autoglorificação tornou-se a marca da humanidade pecadora nos passos do seu pai, Adão. A grande cidade de Babilônia era legendária pelo seu orgulho: “Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14.13-14). Posteriormente, a Babilônia se torna símbolo da humanidade rebelde em geral, como a grande cidade mundial que Deus derrotará no último dia. Ela “a si mesma se glorificou e viveu em luxúria”, e “diz consigo mesma: Estou sentada como rainha” (Ap 18.7). Ironicamente, essa autoglorificação orgulhosa é, na verdade, degradante. Quando humanos pecadores “tendo o conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus nem lhe deram graças”, eles “mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis” (Rm 1.21, 23). Eles “mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador” (Rm 1.25). Vemos uma verdade importante aqui. Deus nos criou conforme a sua imagem para refletirmos a sua glória, mas nos obrigou a nos dobrar perante sua autoridade suprema. No momento em que tentamos usurpar sua honra e, insatisfeitos com os grandes privilégios que ele nos deu, buscamos glorificar a nós mesmos, tornamo-nos atolados em terrível idolatria, incapazes de reinar sobre o mundo ou salvar a nós mesmos. O autor de Hebreus relata, com verdade, que não vemos a glória e honra dos seres humanos reinando sob a autoridade do Deus todo-glorioso.

Mas, ele também diz que “vemos (...) Jesus” (Hb 2.9). Em Jesus, a glória da humanidade é realizada e por meio dele uma multidão redimida de seres humanos irmãos irá declarar adoração a Deus na assembleia celestial (Hb 2.10-13). Mas antes de refletir mais sobre isso, preciso enfatizar que a obtenção da glória em Cristo não era uma ideia nova de Deus, mas uma realização do seu desígnio original, que ele não permitiria ser frustrado pelas forças do mal. O argumento em Hebreus 2 que temos considerado começa com a declaração: “Pois não foi a anjos que sujeitou o mundo que há de vir” (Hb 2.5). O autor prova isso citando o salmo 8, que fala da dádiva de Deus de domínio aos seres humanos na criação. A implicação é que Deus criou seres humanos para reinar desde o início, até mesmo antes da queda, e os destinou a reinar não apenas sobre essa criação presente, mas também sobre a nova criação, o “mundo que há de vir”. Mediante o envio de Jesus, que agora está “coroado de glória e de honra” e “conduzindo muitos filhos à glória” consigo (Hb 2.9-10), Deus está, portanto, realizando o que originalmente designou: ter seres humanos como fiéis portadores de sua imagem que reinem sob Deus na glória do reino celestial. A

queda de Adão significou que Deus faria com que isso se cumprisse por meios diferentes, mas o fim último permaneceu o mesmo. E não é como se a queda tivesse sido uma surpresa para Deus e isso o deixou desesperado por um Plano B. Em vez disso, o "mistério" da salvação por meio da cruz de Cristo, outrora "oculta" da imaginação humana, "Deus preordenou desde a eternidade para nossa glória" (1Co 2.7).

Portanto, a história da glória divina passa não apenas pelo Calvário, mas também pela transformação de pecadores por Cristo por meio do seu Espírito Santo. Talvez nenhuma declaração bíblica resuma isso de forma tão bela quanto 2Coríntios 3.18: "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito". Essa realidade maravilhosa, começando agora e esperando realização completa na era por vir, é de fato uma dádiva de Cristo. Ele disse ao seu Pai na noite em que foi traído: "Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado" (Jo 17.22)

Quando falamos de "o evangelho", frequentemente pensamos na boa-nova básica de perdão dos pecados por meio de Jesus Cristo. Isso não é incorreto, mas é útil lembrar que a mensagem do evangelho é, em última análise, sobre a glória do próprio Deus e inclui todos os benefícios da salvação, inclusive o objetivo último da graça de Deus: nossa glorificação com Cristo na nova criação. Paulo fala sobre "o evangelho da glória do Deus bendito, do qual fui encarregado" (1Tm 1.11), e esse evangelho da glória de Deus acarreta necessariamente nossa própria glorificação: "para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo" (2Ts 2.14). Essa expectativa da glória aparentemente estava no centro da pregação de Paulo: "aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória; o qual nós anunciamos" (Cl 1.27-28). Ou, como ele coloca em outro lugar: "Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo" (2Co 4.5-6). A glória de Deus, a glória de Cristo, a glorificação dos crentes – tudo, ao que parece, faz parte de uma única mensagem grandiosa do evangelho.

O Espírito, o sofrimento e a glória que há de vir

A glorificação que Deus faz de si mesmo por meio da glorificação dos crentes em Cristo tem muitos aspectos. Antes de examinarmos alguns deles especificamente, pode ser útil ter em mente que nosso termo teológico, “glorificação”, refere-se a bênçãos futuras.[4] Na morte, os cristãos obtêm algumas dessas bênçãos, especialmente a libertação da sua natureza pecaminosa. Então, no retorno de Cristo, eles obterão todas as bênçãos da glorificação. Deus ressuscitará seus corpos e lhes dará regozijo completo na nova criação. Conquanto continuemos nossa peregrinação terrena, no entanto, Deus nos dá muitas amostras do que há de vir. Por meio da justificação e da adoção, ele já nos assegura cidadania e uma herança na nova Jerusalém, e por meio da santificação, ele já começa a mortificar nossa natureza pecaminosa. À luz dessas coisas, podemos entender porque o Novo Testamento fala primariamente sobre nossa glorificação como algo ainda a ser obtido, mas algumas vezes também utiliza essa linguagem para descrever nossa experiência cristã presente.

Iremos agora considerar três aspectos da nossa participação na glória de Cristo: o papel do Espírito Santo, o chamado ao sofrimento aqui e agora, e nossa glorificação no último dia. Em todos os três, observamos o padrão da experiência de Cristo refletido na nossa própria experiência. Assim como Cristo foi levado em seu caminho à glória pelo Espírito, por meio da cruz, ao triunfo da nova criação, também é assim para os cristãos que são recriados à sua imagem.

Então, em primeiro lugar, nossa participação na glória de Cristo vem apenas por meio da bênção do Espírito Santo. Capítulos anteriores consideraram a centralidade do Espírito para a revelação da glória de Deus. O Antigo Testamento associou a nuvem da glória com o Espírito liderando Israel pelo deserto e profetizou que o Espírito iria revestir o Messias que viria. O Espírito então trabalhou na encarnação do Filho no ventre de Maria e o capacitou ao longo do seu ministério terreno. Pelo Espírito, Deus o ressuscitou de entre os mortos com um corpo “glorioso” e “espiritual” (Fp 3.21; 1Co 15.44). Se devemos ter uma parte da glória de Cristo, então esperamos compartilhar da bênção e do poder do Espírito.

Embora haja abundância de evidências de que o Espírito esteve operando nos crentes de modos importantes antes da vinda de Cristo, o Antigo Testamento também aponta para um derramamento mais rico do Espírito nos dias messiânicos depois do exílio de Israel. Um exemplo disso é a declaração de Ezequiel: “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis” (Ez 36.26-27). Enquanto estava cumprindo seu ministério terreno, Jesus fez uma declaração enigmática que assinala o cumprimento dessa promessa: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior (literalmente, “do seu ventre”) fluirão rios de água viva” (Jo 7.37-38). Nesse ponto do texto, João interrompe sua narrativa e fornece uma breve explicação: “Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não havia sido dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (Jo 7.39).

Então, agora entendemos. Apenas com a glorificação de Jesus – ou seja, sua exaltação ao céu – é que desfrutaremos da dádiva maior do Espírito. O Espírito da glória não seria compartilhado por Jesus até que ele completasse sua obra e obtivesse, na nossa carne, a glória exaltada ao qual o Espírito o levou. Além do mais, esse derramamento do Espírito na exaltação de Cristo serviria para glorificar a Cristo. Como Jesus disse aos seus discípulos posteriormente no Evangelho de João: “quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido (...) Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (Jo 16.13-14).

No dia do Pentecostes, quando miniaturas da coluna de fogo repousaram sobre cada discípulo (e não meramente sobre a comunidade como um todo, como aconteceu com os israelitas no deserto), Pedro explica o que estava acontecendo à multidão perplexa: “A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis” (At 2.32-33). Portanto, depois da sua ascensão, Cristo nos dá o Espírito que foi dado a ele na sua glorificação – para que a glória de Cristo possa começar a ser revelada em nós também. Caso haja dúvida de que Cristo intencionou dar essa dádiva a todos os crentes e não apenas aos discípulos, Pedro, ao falar à igreja de modo geral, explica posteriormente, “sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus” (1Pe 4.14).

Paulo também enfatizou como a conclusão da obra de Cristo significou o derramamento do Espírito, e, portanto, também uma glória maior do que a que o antigo Israel vivenciou. Em 2Coríntios 3, ele reflete sobre um fato que observamos nos capítulos 3–4, a saber, que a revelação da glória de Deus a Israel, magnificente como foi, acabou trazendo juízo para o povo, já que o pecado deles os tornara indignos de habitar na presença de Deus.

E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente, como não será de maior glória o ministério do Espírito! Porque, se o ministério da condenação foi glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça. Porquanto, na verdade, o que, outrora, foi glorificado, neste respeito, já não resplandece, diante da atual sobre-excelente glória. Porque, se o que se desvanecia teve sua glória, muito mais glória tem o que é permanente (2Co 3.7-11).

Uma verdade maravilhosa é que com a nova aliança – selada pela morte de Cristo, sua ressurreição e o derramamento do Espírito – a condenação do pecado já não nos torna indignos de participar da glória de Deus. Portanto, Paulo conclui 2Coríntios 3 com estas palavras: “(...) o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.17-18).

Um modo importante no qual a Escritura descreve o ministério do Espírito Santo é que o Espírito nos une a Cristo (p. ex., 1Co 12.12-13). Os membros da igreja são tecidos juntos como um único corpo, juntados a Cristo, a cabeça deles (1Co 12.12-27); ele é a videira, nós somos os ramos (Jo 15.1-11); somos uma estrutura santa construída em Cristo, a fundação e pedra angular (Ef 2.18-22; 1Co 3.11). A proximidade de Deus na coluna de nuvem e fogo sob a antiga aliança era apenas uma bênção mista. Mas sob a nova aliança, a proximidade de Cristo por meio do seu Espírito nos une numa comunhão mais íntima e inquebrável.

Aqui, então, está o primeiro tema importante que comunica como cristãos

compartilham da glória de Cristo. A glória que descansou sobre o tabernáculo descansa agora sobre cada um de nós, fazendo de nós templos do Espírito Santo (1Co 6.19). O Espírito, que revelou a glória de Deus na nuvem de antigamente e agora mais eminentemente em Cristo entronizado no céu, já está trabalhando em nós. Ter o Espírito de Cristo significa ter uma participação na glória de Cristo.

Segundo, nossa participação na glória de Cristo não vem apenas pelo Espírito, mas também por meio do sofrimento. A dádiva do Espírito é uma grande bênção, cheia de segurança e encorajamento. O Espírito é um selo e garantia da nossa gloriosa herança no reino celestial (veja 2Co 1.22; 5.5; 13-14). Mas assim como Cristo alcançou sua glorificação apenas por meio do vale escuro da cruz, do mesmo modo também ele nos chama a sofrermos com ele em humilhação externa por um tempo, antes de obtermos nossa glorificação.

Vimos acima como Paulo descreve o ministério da nova aliança pelo Espírito como muito mais glorioso do que a antiga aliança sob Moisés (2Co 3). Mas qualquer breve tentação ao triunfalismo rapidamente se dissipa ao continuarmos a ler 2Coríntios 4. Esse ministério do evangelho, do qual Paulo é guardião, foi velado aos incrédulos (2Co 4.3-4). Ainda mais, os servos que proclamam esse evangelho da glória são fracos em si mesmos: “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2Co 4.6-7). Paulo descreve a si mesmo e seus colegas como atribulados, perplexos, perseguidos e abatidos (2Co 4.8-9), mas vê o padrão de Cristo nessa humildade: “levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo” (2Co 4.10). Ele encontra encorajamento até mesmo nesses sofrimentos, sabendo que assim como Deus ressuscitou Cristo, ele também os ressuscitará (2Co 4.14). “Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2Co 4.16-17).

Embora primariamente Paulo esteja falando sobre seus próprios sofrimentos apostólicos nesses versículos, eles refletem um padrão semelhante ao de Cristo que é relevante para a experiência de todos os cristãos neste mundo. Eles nos dão a perspectiva correta quanto aos nossos sofrimentos presentes. Em primeiro lugar, os servos de Cristo glorificam a Deus na medida em que sua humildade

testifica de que o poder do evangelho não depende do mensageiro humano, mas do Senhor (2Co 4.7). Além do mais, ele nos lembra de que assim como a cruz foi o caminho de Cristo para a glória nos céus, do mesmo modo também é conosco. Paulo enfatizou esse ponto em outro lugar: “(...) se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados. Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.17-18).

Pedro, tão lento para compreender a mensagem de sofrimento que conduz à glória durante o ministério terreno de Jesus (p. ex., Mt 16.21-23), posteriormente aprendeu isso bem e o ensinou claramente em sua primeira epístola. Jesus havia explicado: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por minha causa achá-la-á” (Mt 16.24-25). Portanto, Pedro exorta seus leitores: “(...) alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando. Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus” (1Pe 4.13-14). Ele expressa confiança de que quando essa glória de Cristo for revelada, ele também será “coparticipante da glória que há de ser revelada” (1Pe 5.1). Pedro não dá a impressão de que esses sofrimentos são qualquer coisa além de desagradáveis em si mesmos, mas ele nos conclama à alegria em meio a eles em vista da glória que há de vir. De fato, no cabeçalho dessa epístola ele definiu esse tema para seus leitores: “Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (1Pe 1.6-7).

Aqui está um segundo tema crucial da parte que os cristãos terão na glória de Cristo. Assim como seu Senhor, os crentes devem andar pelo vale da sombra da morte antes que habitem na casa do Senhor para sempre. Eles devem sofrer primeiro, mas a glória os espera. E enquanto sofrem, os cristãos não são desprovidos de esperança e encorajamento. Apesar de escondida do mundo, a glória de Cristo já está trabalhando em nós por meio do seu Espírito poderoso, para nos sustentar e apoiar em tempos de tribulação. Paulo orou que “segundo a riqueza da sua glória”, Deus fortalecesse os efésios “com poder, mediante o seu Espírito” (Ef 3.16), e orou para que os colossenses fossem “fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e

longanimidade” (Cl 1.11).

Em terceiro lugar, a participação dos cristãos na glória de Cristo, da qual temos hoje um fraco, mas precioso antegosto, será realizada de modo brilhante no dia do seu retorno. No capítulo 4 observamos como toda a revelação profunda da glória de Deus no Antigo Testamento – centrada ao redor da coluna de nuvem e fogo ao descansar sobre o templo, e depois apontando para um templo mais glorioso na vinda dos dias messiânicos – encontrou seu cumprimento na Jerusalém celestial onde Cristo o rei, coroado com o Espírito e cercado pelas hostes angelicais, senta-se entronizado. Hesitamos em pensar que a glorificação de Cristo poderia tornar-se maior, mas é isso o que sugere as Escrituras. No último dia, Cristo retornará “para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram” (2Ts 1.10). Cristo deseja ser glorificado não apenas pelos muitos anjos que cercam o trono (Ap 5.11), mas também por uma multidão de seres humanos, uma multidão de irmãos que ele conduz à glória (Hb 2.10-13). Assim como Jesus orou, horas antes de sua crucificação, “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17.24), também orou Paulo de maneira semelhante pelos tessalonicenses ao contemplar o retorno de Cristo: “a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós nele” (2Ts 1.12). A ideia da glorificação de crentes não se opõe ao princípio do soli Deo gloria porque nossa glorificação é revertida para a glorificação suprema do nosso Senhor.

“Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Essa é a avaliação honesta de Paulo da raça humana amaldiçoada em Adão. Glória era nosso objetivo dado por Deus, e não conseguimos atingi-lo, mas em Cristo Deus nos escolheu na eternidade para finalmente obtermos esse objetivo pela sua graça e nos chamou em meio à História para sermos participantes desse benefício maravilhoso. Escolhidos desde a eternidade para atingir o objetivo da glória – esse é um pensamento e tanto, e, no entanto, completamente bíblico. Os eleitos, Paulo disse, obtêm: “a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória” (2Tm 2.10). Deus nos ordena à glorificação desde a eternidade e na História nos conclama ao mesmo. Paulo explica que Deus fez “conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios” (Rm 9.23-24). Anteriormente em Romanos, Paulo estabeleceu a base para seu ensinamento. O povo de Deus foi chamado “segundo o seu propósito” (Rm 8.28). Deus expressou seu propósito ao predestiná-los “para

serem conformes à imagem de seu Filho" (Rm 8.29). "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8.30, ênfases minhas). É um elo inquebrável. Aqueles a quem Deus escolheu antes do tempo são os mesmos que recebem essas bênçãos na História, culminando na glorificação.

Em outro lugar, Paulo liga glorificação e chamado divino. Ele diz aos tessalonicenses que Deus "vos chama para o seu reino e glória" (1Ts 2.12). Pedro abençoou seus leitores com a mesma segurança: "(...) o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar" (1Pe 5.10). Para Pedro, nós somos chamados "para a sua própria glória" (2Pe 1.3) Então toda a glória é de Deus.

Eleitos e chamados à glória celestial, os cristãos podem estar cheios de uma esperança certa, alegria firme e anseio esperançoso, mesmo em meio aos sofrimentos presentes. Justificados pela fé e tendo paz com Deus, "gloriamos-nos na esperança da glória de Deus", uma esperança que também nos capacita a nos gloriar "nas próprias tribulações" (Rm 5.1-3). Isso porque, como vimos acima, "se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados" e "os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós" (Rm 8.17-18). Em outro lugar, Paulo desejou que os efésios soubessem "qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos" (Ef 1.18). Portanto, os crentes não precisam "desanimar", mesmo ao se desgastarem exteriormente, mas devem fixar seus olhos nas coisas invisíveis e permanentes, que têm "eterno peso de glória, acima de toda comparação" e "são eternas" (2Co 4.16-18). Pedro acrescenta que devemos nos alegrar agora na nossa comunhão no sofrimento de Cristo, "para que também, na revelação da sua glória, vos alegreis exultando" (1Pe 4.13).

Quando, precisamente, essa glória será revelada e nossa glorificação obtida? A Escritura nos aponta para a segunda vinda de Cristo. Nossa vida já "está oculta juntamente com Cristo, em Deus", escreve Paulo, mas "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória" (Cl 3.3-4). Pedro diz que a "o valor da nossa fé", forjado por várias tentações pelos quais nos regozijamos, resultarão "em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo" (1Pe 1.6-7). Nesse tempo, quando aparecer o "Supremo Pastor", "recebereis a imarcescível coroa de glória" (1Pe 5.4).

A ressurreição do nosso corpo é um aspecto central da nossa glorificação na vinda de Cristo. Como mencionado anteriormente, obtemos certos benefícios da nossa glorificação na morte – como o alívio dos sofrimentos terrenos e libertação da nossa natureza pecaminosa – mas não podemos estar totalmente satisfeitos, ou ter nossa glorificação verdadeiramente alcançada, até que Deus nos ressuscite do pó. Assim como Cristo foi ressuscitado pelo Espírito e foi revestido por um corpo espiritual e glorioso, o mesmo também acontecerá com seu povo. O corpo que “semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual” (1Co 15.42-44). Sabendo que seremos ressuscitados pelo Espírito (Rm 8.11), “aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia que ele tem de subordinar a si todas as coisas” (Fp 3.20-21).

O retorno grandioso do nosso Senhor significará “a redenção do nosso corpo”, quando finalmente desfrutaremos da “liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.21, 23). Embora vagamente, os santos do passado esperavam por esse dia futuro: “(...) estou sempre contigo,tu me seguras pela minha mão direita. Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória” (Sl 73.23-24). E agora, com a promessa de Cristo aos nossos ouvidos – “Certamente, venho sem demora” (Ap 22.20) – nós adoramos a Deus com a doxologia de Judas: “(...) àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!” (Jd 24-25).

Fazendo tudo para a glória de Deus

Anteriormente, observei como o tema soli Deo gloria, em linguagem popular, com frequência concentra-se na ideia de que somos chamados para fazer todas as coisas para a glória de Deus. Argumentei que embora sejamos, de fato, chamados para fazer todas as coisas para a glória de Deus, quando isso se torna o foco principal, corremos o risco de tornar o soli Deo gloria primariamente sobre nós e nossa programação, em vez de sobre Deus e sua glorificação de si mesmo – um resultado estranho e irônico. Por essa razão, os dois capítulos e meio anteriores foram concentrados em Deus e no modo como ele glorifica a si mesmo por meio da coluna de nuvem e fogo, por meio da humilhação e exaltação do seu Filho e por meio da glorificação do seu povo, entre outros temas. Mas tendo estabelecido essa base – que certamente deve estar no centro da nossa confissão de que toda glória pertence a Deus – volto-me agora a esta ideia: Deus nos conclama a glorificá-lo em tudo o que fazemos. Ou talvez, para dizer isso de modo mais preciso: um dos grandes meios pelos quais Deus glorifica a si mesmo é nos chamando, seu povo, e nos capacitando para glorificá-lo mediante nossa conduta santa.

Jonathan Edwards comentou: “Ocasionalmente [na Escritura], aceitar e praticar a religião verdadeira e arrepender-se do pecado e voltar à santidade é expresso por glorificar a Deus, como se isso fosse a soma e o fim de toda a questão”.[5] Se Edwards está certo, isso sugere que o centro da vida cristã é glorificar a Deus. E se esse for o caso, então a maneira específica em que a Escritura nos conclama a glorificar a Deus deve fornecer uma percepção importante sobre a estrutura e as prioridades da vida cristã. Veremos na Escritura que glorificamos a Deus por meio da fé e pelos frutos da fé. Sobre os frutos da fé, a Escritura repetidamente nos aponta para a adoração como a maneira primária que os cristãos têm de glorificar a Deus. Glorificar Deus na adoração afeta toda a nossa conduta, especialmente nossas obras humildes de serviço que formam o corpo de Cristo. Nesta seção, exploraremos essas três maneiras – fé, adoração e serviço humilde – pelas quais a Escritura nos conclama a glorificar a Deus.

Em primeiro lugar, glorificamos a Deus pela nossa fé. Uma vez que nossa

salvação em Cristo vem somente pela fé, e uma vez que a fé é a raiz da qual todas as nossas boas obras fluem (veja Rm 14.23; Hb 11.6), esperamos encontrar uma conexão indestrutível entre fé e dar glória a Deus em toda a nossa conduta. Duas passagens, 2Coríntios 1.20 e Romanos 4.20, tornam essa conexão explícita.

Na parte final de 2Coríntios 1, Paulo fala extensamente sobre sua recente mudança nos seus planos de viagem. Ele havia notificado a igreja de Corinto de que, no seu caminho à Macedônia, pararia ali para visitá-los (v. 16), mas depois muda de ideia, para o próprio bem da igreja (v. 25). Aparentemente, Paulo havia ouvido boatos de que esses cristãos em Corinto viam as mudanças de planos do apóstolo como um sinal de fraqueza e vacilação, talvez até de desonestidade (v. 17). Em resposta a isso, ele enfatiza que há realmente apenas uma mensagem que ele proclama de modo consistente. Ele não diz tanto “sim” quanto “não”, porque Jesus Cristo, que ele proclama, não é um Senhor de “sim” e “não”, mas nele sempre foi “sim”. Isso porque, independentemente de quantas promessas Deus já fez, elas são sempre “sim” em Cristo. Ele então explica: “(...) quanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio” (v. 18-20). Paulo utiliza uma linguagem um tanto incomum aqui que não aparece em nenhum outro lugar das suas epístolas, mas o significado é evidente. Deus fez muitas promessas para seu povo, e Cristo é o cumprimento delas – ele é o grande sim às promessas antigas de Deus. A pregação de Paulo sempre foi “sim” porque ela sempre apontou para Cristo. À luz disso, nosso “Amém” não pode ser outra coisa senão um ato de fé. Quando ouvimos a respeito das promessas de Deus e o sim delas em Cristo, a resposta mais básica e fundamental que podemos oferecer é dizer “Amém” – assim seja. A fé dá seu assentimento e aceita as promessas de Deus em Cristo. E como proferimos esse amém? Nós o proferimos “para glória de Deus”. Nós glorificamos a Deus pela fé nas suas promessas.

O mesmo tema está presente em Romanos 4. Frequentemente nesse importante capítulo sobre a fé, Paulo discute Abraão, o pai de todos os crentes (veja Rm 4.16). No início do capítulo, ele cita Gênesis 15.6, quando, em reposta à promessa de Deus de que ele teria descendentes tão numerosos quanto são as estrelas no céu, “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Rm 4.3). Perto do fim do capítulo, Paulo retorna a esse acontecimento e reflete sobre o fato de que Abraão tinha quase 100 anos de idade e sua esposa era estéril. Abraão tinha toda razão terrena para considerar a promessa de Deus ultrajante, porém, “sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido”, “não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus” (Rm 4.19-

20). Paulo explica que, em vez disso, ele “pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus” (Rm 4.20).

Não é imediatamente clara exatamente qual a relação entre a fé de Abraão e o fato de ele ter dado glória a Deus, mas parece mais provável que ele deu glória a Deus precisamente por meio desse ato forte de fé em si. Como comenta John Murray sobre Romanos 4.20: “‘Dar glória a Deus’ e ‘estar totalmente convencido de que o que ele prometeu ele também é capaz de realizar’ são simultâneos e descrevem os exercícios ou estado de mente que estavam envolvidos na fé de Abraão. Dar glória a Deus é considerar que Deus é o que ele é e confiar no poder e na fidelidade dele”.[6] Assim como em 2Coríntios 1, Paulo parece ver a fé na promessa divina como um importante ato de glorificar a Deus. Comentando sobre Romanos 4.20, Thomas Schreiner diz: “A essência da fé (...) é que ela dá glória a Deus. Deus é glorificado na fé porque ele é honrado como o todo-suficiente que pode satisfazer toda necessidade”.[7]

Uma segunda – e aparentemente primária – maneira pela qual os cristãos glorificam a Deus é pela adoração. Fé nas promessas de Deus centradas em Cristo dá glória a Deus, e, portanto, não é surpresa alguma vermos que a Escritura descreve os frutos da fé – nossas boas obras – em termos semelhantes. Há alguns frutos em particular que recebem atenção especial? Sim, há uma atividade que a Escritura associa muito mais que qualquer outra com glorificar a Deus, que é a adoração. No seu cerne, adoração atribui toda a glória somente a Deus. Podemos glorificar a Deus de várias maneiras, mas a Escritura indica que nada que fazemos traz mais prazer a Deus que clamar seu nome com coração sincero e declarar que toda a glória pertence a ele.

Para esclarecer inicialmente uma questão, quando me refiro a “adoração”, estou me referindo a uma atividade distinta. Algumas vezes as pessoas se referem à vida toda como um ato de adoração, de modo que ir ao trabalho é um ato de adoração, jogar basquete é um ato de adoração, ou tocar piano é um ato de adoração. De fato, é certo honrar a Deus em todas as nossas atividades, como consideraremos abaixo, mas adoração é uma atividade distinta na qual nós colocamos todas as outras atividades de lado e concentramos nossa mente e nosso coração totalmente no Senhor, para receber sua Palavra e responder a ele com oração e cântico – em privado, em família e especialmente na adoração corporativa da igreja no dia do Senhor. Em muitas passagens bíblicas sobre adoração mencionadas nos parágrafos a seguir e em muitas outras discutidas no próximo capítulo, as repetidas exortações de clamar ao Senhor, cantar ao Senhor,

adorar ao Senhor e outras práticas semelhantes fornecem evidência abundante de que Deus tem um deleite especial na atividade distinta da adoração.

Antes de considerarmos como a Escritura nos conclama para glorificar a Deus por meio da adoração, pode ser proveitoso refletirmos por um momento sobre o fato de que a Bíblia frequentemente retrata anjos dando glória a Deus na sua adoração. Vimos isso no capítulo 4 quando os anjos apareceram aos pastores próximos a Belém, declarando "glória a Deus nas maiores alturas" (Lc 2.14). Porém, essa "multidão da milícia celestial" (Lc 2.13) visível na terra, aparentemente forneceu apenas um pequeno vislumbre de uma cena no céu, onde cem milhões de anjos cercam o trono e proclamam o Cordeiro digno de toda a glória (Ap 5.11-12). Eles cantam cânticos de adoração repetidamente ao longo do livro de Apocalipse, e apesar de esses cânticos diferirem em alguns detalhes, eles frequentemente incluem refrãos que são muito parecidos com isso: "Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus" (Ap 19.1; cf. 5.9-12; 7.12; 15.3-4; 19.1-8).

Por que isso é significativo? Primeiro, isso nos lembra de que Deus verdadeiramente se deleita na adoração. Se Deus se agrada com outras práticas mais do que com a adoração, então é muito estranho que a adoração impregne as descrições bíblicas do céu. Essas declarações angelicais da glória de Deus nos lembram de que, por meio da nossa própria adoração, nós nos juntamos a esses coros angelicais e participamos mesmo agora da atribuição de glória ao nosso Senhor. Isso é parte da maravilha da coluna de nuvem descansando sobre o tabernáculo e o templo de Israel: a nuvem, uma réplica da corte celestial onde Deus se assenta no seu trono em meio às hostes celestiais, encheu o local de adoração na terra. A adoração no templo celestial e a adoração no templo terreno foram unidas numa só de uma maneira maravilhosa.

Isso nos ajuda a explicar por que alguns dos salmos na verdade exortam o povo de Deus a clamar aos anjos. A Escritura nunca nos ordena a orar a pessoas mortas, mas nos ordenam a cantar aos anjos. Não fazemos isso para adorá-los, mas para incentivá-los a continuarem a adorar perante o trono celestial: "Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais suas ordens e lhe obedeceis à palavra. Bendizei ao Senhor, todos os seus exércitos, vós, ministros seus, fazeis a sua vontade" (Sl 103.20-21). Em outro salmo, Davi incita os anjos a darem glória a Deus: "Atribuam ao Senhor, ó seres celestiais, atribuam ao Senhor glória e força. Atribuam ao Senhor a glória que o seu nome merece; adorem o Senhor no esplendor do seu santuário" (Sl 29.1-2,

NVI).

Segundo a descrição que a Escritura faz dessa comunhão mística entre adoradores humanos na terra e adoradores angelicais no céu, os primeiros não apenas exortam os últimos a continuar a adorar, mas também parecem obter inspiração deles. Adoradores humanos conclamam os anjos a darem glória a Deus no salmo 29.1-2, mas posteriormente no templo de Deus, “tudo diz: Glória!” (Sl 29.9). Os adoradores no templo ecoam o refrão angelical. Os pastores de Belém fizeram a mesma coisa, primeiro ouvindo a multidão da milícia celestial declarar a glória a Deus e depois ao deixarem a manjedoura depois de terem visto Jesus, “glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto” (Lc 2.14, 20). O mesmo acontece novamente em Apocalipse. Depois de João ter ouvido o primeiro cântico angelical em adoração a Cristo –“Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” – ele então ouve o cântico que todos entoaremos quando Deus nos juntar na nova criação: “Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estavam dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos” (Ap 5.12-13).

Quando declaramos a glória de Deus na adoração, temos o privilégio de ecoar o cântico angelical e nos juntar a ele mesmo agora, antecipando o dia quando nossos coadoradores serão visíveis aos nossos olhos e, juntos, numa só voz, adoraremos o Cordeiro que foi morto. E então começamos agora, com corações imperfeitos e vozes vacilantes, a fazer o que faremos para sempre: dar glória a Deus em adoração.

O tema de glorificar a Deus na adoração aparece ao longo das Escrituras. No Antigo Testamento, os israelitas piedosos tinham a glória de Deus nos seus lábios. “Dar-te-ei graças, Senhor, Deus meu, de todo o coração, e glorificarei para sempre o teu nome” (Sl 86.12). “Uma geração louvará a outra geração as tuas obras e anunciará os teus poderosos feitos. Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade e nas tuas maravilhas” (Sl 145.4-5).

De modo notável, as declarações do Antigo Testamento da glória de Deus muitas vezes olham além das fronteiras estreitas de Israel. Elas anseiam por um dia em que todas as pessoas se juntarão em adoração e todo o mundo será cheio da glória de Deus (p. ex., Sl 57.9-11; 66.2; 72.19; 108.3-5; 145.10-12).

Cantai ao

Senhor

, todas as terras; proclamai a sua salvação, dia após dia. Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas (...) Tributai ao

Senhor

, ó famílias dos povos, tributai ao

Senhor

glória e força. Tributai ao

Senhor

a glória devida ao seu nome; trazei oferendas e entrai nos seus átrios; adorai o

Senhor

na beleza da sua santidade. (1Cr 16.23-24, 28-29; cf. Sl 96.1-3, 7-9)

Todas as nações que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti,

Senhor

, e glorificarão o teu nome. (Sl 86.9)

Render-te-ão graças, ó

Senhor

, todos os reis da terra, quando ouvirem as palavras da tua boca, e cantarão os caminhos do

Senhor

, pois grande é a glória do

Senhor.

(Sl 138.4-5)

Esse anseio é notável, ainda que vago. Quando será cumprido? O livro de Isaías nos dá algumas indicações. No dia do juízo final, o contexto de Isaías 24 sugere que, “por causa da glória do Senhor, exultam desde o mar. Por isso, glorificai ao Senhor no Oriente e, nas terras do mar, ao nome do Senhor, Deus de Israel. Dos confins da terra ouvimos cantar: Glória ao Justo!” (Is 24.14-16). Além do mais, nos dias do Messias, o Servo do Senhor que traz salvação (Is 42.1-7), a adoração a Deus será entoada desde os confins da terra, dos mares, das ilhas, dos desertos e nos cumes das montanhas (Is 42.10-11) – “deem honra ao Senhor” (Is 42.12; cf. Is 59.19). Isaías conclui com uma visão magnificente do novo céu e nova terra (Is 65.17– 66.24), e nessa visão, Deus declara: “Porei entre elas um sinal e alguns dos que foram salvos enviarei às nações, a Társis, Pul e Lude, que atiram com o arco, a Tubal e Javã, até às terras do mar mais remotas, que jamais ouviram falar de mim, nem a minha glória; eles anunciarão entre as nações a minha glória” (Is 66.19).

Finalmente, o Novo Testamento torna claro que todos esses grandes acontecimentos – a vinda do Messias, o juízo final, a revelação dos novos céus e nova terra – não acontecem simultaneamente. Primeiro, o Messias vem em humildade para andar no caminho da cruz e então, depois que seu evangelho for pregado e a igreja estabelecida em todo o mundo, o Messias retornará em glória para julgar o mundo e apresentar a nova criação. Apenas na nova criação é que esses anseios do Antigo Testamento serão verdadeiramente satisfeitos. Somente quando “ao nome de Jesus (...) nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.10-11). Apenas então é que “toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há” declarará glória ao Cordeiro (Ap 5.13). Até lá, assim como a igreja é reunida pelo ministério do evangelho de Cristo, o povo de Deus declara a glória de Deus na adoração em maneiras que os santos do Antigo Testamento nunca vivenciaram, maneiras que fornecem um

vislumbre ainda maior dessa adoração da nova criação. Mesmo agora, em todo o mundo, cristãos se reúnem para adorar a Deus no Leste e no Oeste, do outro lado de mares, nas ilhas, e nos cumes das montanhas – todos aqueles lugares nos quais os profetas do Antigo Testamento ansiavam por ver a glória atribuída ao Deus vivo.

Esta grande verdade – que os cristãos dão glória a Deus na adoração, em antecipação ao retorno de Cristo – permeia o Novo Testamento. Por exemplo, no Evangelho de Lucas, as pessoas constantemente glorificam a Deus em adoração em reação às grandes obras reveladas no dia de Jesus, começando com o canto de sua mãe, Maria: "A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador" (Lc 1.46-47). Quando as pessoas veem os milagres de Cristo ou recebem benefícios pessoais deles, eles continuamente dão glória a Deus (veja Lc 5.25-26; 7.16; 13.13; 17.15; 18; 18.43; cf. At 11.18; 13.48; 21.20),[8] culminando na entrada triunfal de Cristo em Jerusalém: "toda a multidão dos discípulos começou a louvar a Deus alegremente e em alta voz, por todos os milagres que tinham visto. Exclamavam: "Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor!", "Paz no céu e glória nas maiores alturas!" (Lc 19.37-38).

Paulo conclama os cristãos a seguirem esse padrão. Por exemplo, imediatamente depois de ter lembrado os cristãos romanos de que todas as obras boas nascem da fé (Rm 14.23), Paulo os exorta a amarem-se e edificarem-se mutuamente, seguindo o exemplo de Cristo (Rm 15.1-5), "para que concordemente e a uma só voz glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 15.6). Depois de Paulo retratar a glória da nova aliança em 2Coríntios 3.6–4.14, ele explica que seu ministério apostólico, apesar de velado em sofrimento (2Co 4.7-12), é para o benefícios desses crentes, "para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus" (2Co 4.15). A dinâmica evidente aqui em 2Coríntios 3–4 é marcante: Cristo é a glória de Deus; a nova aliança em Cristo é gloriosa; o Espírito transforma os crentes à imagem de Cristo de glória em glória; e crentes derramam gratidão a Deus, que redunda para a glória dele. Soli Deo gloria – toda a glória flui de Deus e retorna para ele.

No Novo Testamento, os cristãos também dão glória a Deus por meio da adoração ao oferecer doxologias. "Doxologia" literalmente significa "uma palavra de glória", e essa é a descrição perfeita das doxologias que permeiam as epístolas e o Apocalipse no Novo Testamento. Paulo declara muitas doxologias (veja Rm 16.27; Gl 1.5; Ef 3.21; Fp 4.20; 1Tm 1.17; 2Tm 4.18), mas a mais

efusiva está em Romanos 11, que abrevio aqui: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! (...) dele, e por ele e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11.33-36).

O escritor de Hebreus conclui sua bênção com uma doxologia semelhante: “vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém” (Hb 13.21). A segunda epístola de Pedro conclui com uma doxologia depois de uma ordem final: “antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno” (2Pe 3.18; cf. 1Pe 4.11). A doxologia no final de Judas ecoa a de Paulo em Romanos 11: “(...) àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos Amém! (Jd 24-25). E quem pode se esquecer da grande doxologia no início de Apocalipse? “Àquele que nos ama e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” (Ap 1.5-6). À luz dessa obra graciosa de Cristo, esses escritores do Novo Testamento não podiam fazer outra coisa senão atribuir toda glória a Deus, e selar sua adoração com o “Amém” da fé.

Temos observado a profundeza impressionante do tema disseminado da glorificação de Deus por meio da adoração. Agora chegamos à terceira e última maneira na qual o Novo Testamento fala sobre cristãos glorificando a Deus: glorificar a Deus em tudo o que fazemos. Apesar desse não ser um tema principal da Escritura, contrário ao que a sabedoria convencional pode nos levar a esperar, o Novo Testamento claramente nos exorta a glorificar a Deus em toda a nossa conduta, especialmente naquilo que edifica a igreja, o corpo de Cristo. O padrão parece ser este: quando cremos em Cristo para a glória de Deus e declaramos sua glória na nossa adoração, obediência derivada de gratidão flui de nós por toda a nossa vida para a glória de Deus, especialmente nas obras de serviço que abençoam a igreja de Cristo.

Provavelmente a passagem mais conhecida que resume nosso chamado para glorificar a Deus em tudo que fazemos é 1Coríntios 10.31: “(...) quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus”. Esse versículo estabelece perante nós uma responsabilidade ampla e desafiadora,

embora o seu uso como um lema autônomo corra o risco de obscurecer o que Paulo realmente estava tentando dizer. Ele não menciona comer e beber porque essas são atividades mundanas e ele quer que os cristãos vejam que mesmo se comer e beber devem ser feitos para a glória de Deus, então certamente tudo deve ser. Em vez disso, ele menciona comer e beber porque anteriormente, em 1Coríntios 10 (assim como em 1Co 8), ele havia tratado de controvérsias sobre se cristãos podem comer carne oferecida como sacrifício a deuses falsos.

Ao tratar desse problema, Paulo ensina que os cristãos têm uma ampla margem de liberdades em Cristo, mas ele os adverte a não pisotearem a consciência dos que possam não concordar com eles. Eles podem comer “de tudo o que se vende no mercado, sem nada perguntardes por motivo de consciência” (1Co 10.25), mas devem seguir um princípio ainda mais fundamental: “ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem” (1Co 10.24). Portanto, o argumento de Paulo em 10.31 se torna evidente nos dois versículos seguintes: em todas as nossas atividades, incluindo essas questões diversas de comer e beber, não devemos ser “causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus, assim como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos” (1Co 10.32-33). Em suma, Paulo nos incentiva a glorificar a Deus em todas as coisas buscando o bem das pessoas, para o objetivo último de vermos pessoas serem salvas e a igreja fortalecida.

Isso acaba revelando-se muito semelhante à dinâmica em Romanos 15.6, no contexto mais amplo de 14.1–15.13. Nessa passagem, Paulo também exorta os cristãos a buscarem o bem dos outros quando surgem disputas sobre coisas indiferentes, em vez de buscarem agradar a si mesmos. Ele ora para que Deus dê a eles “o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus” (Rm 15.5), de modo que Deus seja glorificado quando eles o adorarem em união: “para que concordemente e a uma voz glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 15.6). O mesmo padrão é evidente em Colossenses 3.13-17. Paulo primeiro exorta a amar e perdoar os companheiros cristãos, e então os conclama à adoração, concluindo com as seguintes palavras comoventes: “E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.17).

Talvez a passagem bíblica mais comovente que nos incentiva a glorificar Deus em todas as coisas seja 1Pedro 4.10-11: “Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de

Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!". Pedro nos incentiva a usar qualquer dom que tenhamos, com toda a força que Deus nos dá, para servir aos outros. Conquanto ele certamente não tenha intencionado limitar esse serviço aos irmãos em Cristo, seu foco é sobre o serviço a esses irmãos, pois nos versículos anteriores ele ordenou que seus leitores amassem uns aos outros e fossem mutuamente hospitaleiros (1Pe 4.8-9). Deus é glorificado pelo nosso serviço sincero aos outros, e especialmente pelo nosso serviço a irmãos em Cristo.

Além do mais, Pedro imagina isso como um serviço prestado por meio do sofrimento, pois ele imediatamente os encoraja a não estranharem "o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos" e ao sofrerem insultos por causa do nome de Cristo (1Pe 4.12-16). De muitos modos, isso nos faz lembrar temas anteriores do capítulo. Pelo fato de o Espírito de glória repousar sobre nós (v. 14), podemos nos regozijar quando participamos dos sofrimentos de Cristo (v. 13), e podemos glorificar a Deus pelo fato de termos o nome de "cristão" (v. 16). Nesse contexto, Pedro diz que devemos usar todos os nossos dons para servirmos uns aos outros, para que Deus seja glorificado em tudo.

Resumindo, esta seção destacou três maneiras nas quais a Escritura nos conclama a glorificar a Deus: por meio da fé, da adoração e do serviço amoroso, especialmente à igreja. A ênfase primária da Escritura na glorificação de Deus por meio da adoração é um lembrete importante do quanto a adoração deve ser central para a vida cristã. Comparada a tantas outras atividades, a adoração pode algumas vezes parecer monótona e improdutiva. Porém, embora não devemos ser relaxados nas obras de serviço ao nosso próximo, as passagens que consideramos nos incitam a lembrar que nada glorifica o Senhor mais do que dobrar os joelhos e clamar pelo seu nome.

Comunhão com Cristo em glória

“Todos os santos”, começa a Confissão de Fé de Westminster 26.1, “que pelo seu Espírito e pela fé estão unidos a Jesus Cristo, seu Cabeça, têm com ele comunhão (...) na sua glória”. À luz do tema reformado soli Deo gloria e do grande número de passagens bíblicas que o inspiraram, a ideia de que meras criaturas participam nessa glória pode inicialmente nos parecer contraditória, e talvez até mesmo blasfema. Mas como este e os dois capítulos anteriores argumentaram, a Escritura de fato diz que toda a glória pertence a Deus e que seu povo compartilha dessa glória. Soli Deo gloria é sobre Deus e como ele glorifica a si mesmo, mas uma maneira maravilhosa em que Deus glorifica a si mesmo é por meio da nossa glorificação e capacitação a glorificá-lo por meio da fé, da adoração e do serviço sincero a ele e ao nosso próximo. Que Deus generoso nós temos que escreveu essa história da glória divina e nos chamou para uma parte tão vital dela – somente pela fé, somente pela graça e somente por Cristo.

---

[1] Para discussão adicional sobre a imagem de Deus e a glória de Deus, veja também Meredith G. Kline, Images of the Spirit (Grand Rapids: Baker, 1980), cap. 1.

[2] Veja capítulo 3 para discussão e referências adicionais a respeito dessa ideia.

[3] Para uma defesa mais detalhada da visão dessa corte celestial de Gênesis 1.26, veja David VanDrunen, Divine covenants and moral order: A Biblical theology of natural law (Grand Rapids: Eerdmans, 2014), p. 538-542.

[4] P.ex., veja o tratamento da glorificação em John Murray, Redemption: Accomplished and applied (Grand Rapids: Eerdmans, 1955), p. 217-224.

[5] Jonathan Edwards, “Concerning the end for which God created the world”, em Works of Jonathan Edwards, v. 8, Ethical writings, p. 479. Veja também John Piper, God’s passion for his glory, p. 196.

[6] John Murray, The Epistle to the Romans, v. 1 (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), p. 151.

[7] Thomas R. Schreiner, Paul: Apostle of God’s glory in Christ: A Pauline theology (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001), p. 29.

[8] A NIV usa a palavra “louvar” para traduzir a palavra grega que originalmente significa “glorificar”. [A tradução ARA, usada nesta tradução, usa a palavra “glorificar” (N. do R.)].

Parte 3

Vivendo para a glória de Deus hoje

Capítulo 6

Oração e adoração numa era da distração

“O que a Internet parece estar fazendo é acabando com minha capacidade de concentração e contemplação (...) a Internet é projetada como um sistema de interrupção, uma máquina programada para dividir a atenção.” Nicholas Carr

“Antes, tem o seu prazer na lei do

Senhor

, e na sua lei medita de dia e de noite.” Salmos 1.2

Os capítulos 3–5 examinaram o tema da glória de Deus na Escritura. Nossa pesquisa do soli Deo gloria na Palavra de Deus nos levou ao monte Sinai, ao deserto e depois ao monte Sião, ao campo dos pastores próximo a Belém, à cruz e, por fim, à Jerusalém celestial. Retratamos pecadores redimidos como chamados para sofrer com Cristo para que um dia compartilhassem de sua glória – para a glória dele somente. A história bíblica da glória de Deus é em certo sentido, intemporal, chamando pessoas de todas as eras e lugares para participarem dela por meio da salvação em Cristo. Porém, por outro lado, essa história é profundamente ligada ao tempo. Afinal de contas, a história não é um conto, mas história . Deus revelou sua glória na história humana verdadeira, realizou a redenção em seu Filho num tempo e lugar reais, e um dia enviará seu Filho novamente para levar este mundo ao seu fim destinado.

O evangelho chama cristãos para compartilharem dessa grande história, a reivindicarem essa história como sendo deles. Mas ele também nos chama no tempo e lugar em que estamos, com nossas limitações e desafios. Isso faz com

que surjam algumas perguntas importantes que devemos considerar ao refletirmos sobre a glória de Deus e procurarmos viver de maneira que a promova: quais são os desafios da nossa época? Que tentações e seduções são especialmente difíceis para nós ao lutarmos para cumprir nosso chamado principal de glorificar a Deus e desfrutar dele? Que coisas deveriam fazer com que nos tornássemos especialmente vigilantes?

Ao fazer essas perguntas, precisamos ser cautelosos. Como Paulo disse: “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana” (1Co 10.13). Porque o nosso problema fundamental como seres humanos é o nosso coração pecaminoso, em vez das tentações particulares na cultura que nos cerca, nenhum mal que nos seduz hoje é completamente novo. Os pecados que nos desviam para longe de um caráter virtuoso e na direção de uma conduta pecaminosa são perenes. Não obstante, as presunções e os costumes da nossa cultura ambiente nos moldam de modos poderosos, frequentemente em modos que mal percebemos. Embora não devamos despreocupadamente agir como se os desafios de nossa própria cultura fossem únicos, elas são geralmente distintos. O caminho da sabedoria nos instrui a estarmos vigilantes quanto a tentações próximas e presentes e para estarmos em guarda contra suas seduções sutis, que podem nos afastar de uma vida que glorifica a Deus.

Talvez o fenômeno que mais distintamente caracteriza nossa época – pelo menos nos países do primeiro mundo, mas rapidamente em muitos outros países também – seja o surgimento da Internet e de um grande número de engenhocas, a comunicação em massa, os dados instantâneos e a mídia social que tudo isso possibilitou e inspirou. Os benefícios dessas novas tecnologias são tão numerosos que parece pedante listá-los. Mas estamos especialmente interessados em perguntar aqui se eles também trazem juntamente consigo desafios e tentações específicas que impedem o cristão de buscar o serviço fiel a Deus e, particularmente, de buscar a glória de Deus. A resposta é definitivamente sim. Um conjunto de desafios muito sérios envolve o modo como as novas tecnologias tendem a multiplicar as distrações e até a estabelecer um estado de distração constante no nosso coração e mente. Essa distração, por sua vez, tende a desencorajar a contemplação profunda e, em vez disso, promover o pensamento superficial.

É evidente que estar distraído não é um pecado em si, e podemos ser tentados a rejeitar a contemplação profunda como sendo apenas da competência de estudiosos profissionais. Porém, de fato, há pelo menos uma área da vida na qual

atenção concentrada e reflexão profunda são cruciais para todos os cristãos: a da adoração e oração. Deus não é honrado (e nós mesmos somos pouco edificados) pela adoração fornecida com um coração distraído e uma mente relutante – ou até incapazes – de sondar a “profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus” (Rm 11.33). No capítulo anterior vimos que a Escritura em muitas ocasiões fala sobre cristãos glorificarem a Deus, e ela imagina os cristãos fazendo isso por meio da adoração. Portanto, à medida que nossa nova tecnologia nos leva à distração e ameaça impedir nossa habilidade de nos concentrarmos e sondarmos profundamente questões dignas, compete a nós estarmos vigilantes contra essa invasão à integridade da vida.

Este capítulo primeiro considera a importância da adoração, da meditação e da oração para a vida cristã – e a importância de praticá-las não apenas formalmente, mas com o envolvimento da mente e do coração. Depois, vou discutir como nossas novas tecnologias estão moldando nossos costumes, e até mesmo nosso cérebro, em modos que incentivam o pensamento distraído e superficial. Concluo voltando às questões da oração e da adoração, refletindo sobre como podemos nos fortalecer em face dos desafios contemporâneos e sermos estabelecidos em atenção concentrada e contemplação profunda ao clamarmos ao Senhor, para sua glória.

A centralidade da oração e da adoração para a vida cristã

Seria difícil exagerar a importância da oração para o cristianismo reformado e para a tradição reformada em particular. Isso pode ser surpreendente para algumas pessoas. Numa religião que enfatiza a soberania de Deus e a salvação de pecadores caídos somente pela sua graça e somente em Cristo, por que a oração seria importante ou necessária? É claro que a visão reformada de Deus e sua salvação graciosa soberana não inspirou uma indiferença pela oração, mas uma convicção de que ela é de importância primária na vida cristã.

O Catecismo de Heidelberg, do século 16, ainda um dos instrumentos de ensino mais amados pelos cristãos reformados hoje, ilustra isso de modo tocante. O Catecismo de Heidelberg é dividido em três seções principais: a primeira discute nosso pecado e sofrimento; a segunda, nossa salvação graciosa em Cristo; e a terceira, nossa reação de gratidão à graça de Deus. No meio da terceira seção, a Pergunta 116 é por que cristãos precisam orar. A resposta começa: “Porque a oração é a parte mais importante da gratidão que Deus requer de nós”.[1] Essa é uma afirmação notável. O centro da terceira parte do catecismo declara que oração é a parte mais importante da nossa gratidão a Deus. Isso não é nenhuma aberração à luz da história da teologia reformada. No início da discussão de João Calvino sobre oração nas suas Institutas da religião cristã, ele escreveu: “Não há palavras que possam expressar suficientemente a necessidade e utilidade desse exercício da oração”.[2] Aprender que Deus, o doador de todos os dons, nos convida a fazer pedidos a ele e então, em resposta, não orar, acrescenta Calvino, é “como se a pessoa tivesse tomado conhecimento de um tesouro e permitisse que ele permanecesse enterrado no chão”.[3]

Por que os teólogos reformados dão tanta importância à oração? Observamos uma razão-chave no capítulo anterior: Deus nos criou para glorificá-lo, e glorificamos a ele principalmente ao clamarmos a ele em oração (e outros atos de adoração). O teólogo reformado do século 17, Herman Witsius, escreveu: “Com respeito a Deus, a oração é a parte mais importante da adoração pela qual ele nos ordena a honrá-lo. (...) É evidente da natureza desse assunto que orações

santas rendem a honra mais alta possível a Deus”.[4]

Em segundo lugar, a oração é também um grande benefício para nós mesmos. Witsius escreve: “Se (...) olharmos para nós mesmos, uma visão ampla da necessidade e vantagem da oração é instantaneamente revelada. Em nós mesmos, temos necessidade de todas as coisas, de modo que, a menos que apoiados pela ajuda divina, não conseguiríamos subsistir nem por um momento”.[5] Aqui podemos ver por que a ênfase reformada na soberania graciosa de Deus na salvação reforça, em vez de diminuir, a elevada visão da oração: somos terrivelmente necessitados. Se fôssemos autossuficientes e capazes de abençoar a nós mesmos com vida e salvação, teríamos pouca necessidade de orar. Porém, como somos pecadores fracos e desamparados que não temos esperança alguma em nós mesmos, nada é mais apropriado do que clamar a Deus por ajuda. Do mesmo modo, o final da pergunta 116 do Catecismo de Heidelberg afirma que precisamos orar “porque Deus dá sua graça e seu Espírito Santo apenas aos que oram continuamente e gemem interiormente, pedindo a ele por essas bênçãos e agradecendo a ele por elas”. Em outras palavras, Deus é soberano sobre nossa salvação, mas ele a opera pelo uso de meios, e a oração é um meio principal pelo qual concede os benefícios da salvação. Ninguém pode esperar a graça salvadora de Deus sem oração.

Até este ponto tenho usado alguns termos gerais – especialmente oração e adoração – que não defini. Tecnicamente falando, adoração é um termo mais amplo que oração, pois enquanto a oração é uma parte essencial da adoração, a adoração consiste em mais do que unicamente a oração. Porém, algumas vezes usamos “oração” como abreviatura de adoração, como o próprio Jesus fez ao chamar o templo de “casa de oração” (Mc 11.17). Tentar definir precisamente vários termos não é do meu interesse, mas vale a pena pensarmos brevemente sobre várias maneiras nas quais Deus deseja que adoremos e oremos.

A mais importante de todas é a adoração corporativa. Por adoração corporativa, quero dizer a adoração formal que prestamos na igreja, o corpo do povo de Cristo, especialmente no domingo. Uma razão para ver essa como a forma mais importante de adoração é porque a Escritura descreve a adoração nos céus como de natureza corporativa. Como foi observado no capítulo anterior, o Apocalipse constantemente retrata a milícia angelical como prestando adoração a Deus ao atribuir a ele toda a glória (p. ex., Ap 5.9-12; 7.12; 15.3-4; 19.1-8). Do mesmo modo, Hebreus descreve a Jerusalém celestial como uma assembleia adoradora incluindo anjos e crentes que foram “aperfeiçoados” (Hb 12.22-23). A Escritura

nunca descreve anjos ou humanos nos céus como escondidos num canto privado oferecendo oração solitária, mas como juntando suas vozes em adoração corporativa a Deus. Hebreus fala de “muitos milhares de anjos” e da “igreja dos primogênitos, arrolados nos céus” (Hb 12.22-23). Apocalipse expande as categorias para incluir “milhões de milhões” de anjos (Ap 5.11). O céu é acima de tudo um lugar de adoração, e mais especificamente, um local de adoração corporativa.

Como sugeri no capítulo anterior, nossa atribuição de glória a Deus na adoração aqui na terra antecipa e até mesmo agora faz parte da adoração celestial. O que faremos nos céus perfeitamente e para sempre já começamos a fazer, mesmo imperfeitamente, aqui na terra. É certamente por isso que Deus se deleita tanto na nossa glorificação dele por meio da adoração agora, e por que corretamente vemos a adoração – e particularmente a adoração corporativa – como a maneira principal de glorificá-lo e desfrutarmos dele.

Essa ênfase em glorificar a Deus por meio da adoração corporativa não é apenas teórica ou meramente uma dedução lógica das descrições bíblicas do céu. A lei do Antigo Testamento requeria que Israel se reunisse corporativamente para festas sagradas (veja Nm 28–29). No seu ministério terreno, Jesus adorou nas sinagogas aos sábados como um costume regular (p. ex., Lc 4.16) e também observou as festas anuais em Jerusalém (p. ex., Jo 2.13; 5.1; 7.10; 10.10). Deus estabeleceu a igreja do Novo Testamento no dia do Pentecostes, em meio a uma reunião corporativa (At 2.1-4), e os primeiros convertidos dedicavam-se à adoração corporativa (At 2.42). Convertidos posteriores no livro de Atos faziam o mesmo. Paulo estava preocupado em manter a importância da adoração pública (p. ex., 1Co 11, 14) e Hebreus especificamente proíbe os crentes de deixar de congregar (Hb 10.25). A adoração corporativa, por uma variedade de razões, está no coração e na alma da vida cristã.

Mas a adoração privada também é um fórum importante para glorificar a Deus, em família e individualmente, tanto por meio da meditação na Escritura quanto em oração. Com respeito à Escritura, podemos pensar sobre o homem abençoado no salmo 1: “o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite” (Sl 1.2). Esse salmo claramente tem mais que um uso corporativo da palavra de Deus em mente, pois retrata o homem abençoado como continuamente meditando na lei de Deus no seu coração. Outro salmista retrata isso de modo memorável: “Guardo no meu coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Sl 119.11). Como ele guardou as palavras de Deus no seu

coração? Ele explica: “Meditarei nos teus preceitos e às tuas veredas terei respeito. Terei prazer nos teus decretos; não me esquecerei da tua palavra” (Sl 119.15-16).

Essas passagens bíblicas e outras como essas não ordenam explicitamente a leitura da Escritura privadamente, e de fato, não poderiam fazer isso, já que a maioria do povo de Deus não tinha acesso algum a livros antes da era da publicação moderna. Porém, o que seus santos faziam era memorizar, ter em alta estima e ponderar sobre a palavra de Deus que havia sido lida e explicada a eles. Nos nossos dias, quando os cristãos desejam esconder a palavra de Deus no coração e deleitarem-se nela, é difícil imaginar como não iríamos pegar a Escritura, tão prontamente acessível na nossa própria língua, e regularmente lê-la ponderadamente. E se quisermos instruir nossos filhos nos caminhos do Senhor, como a Escritura também nos ordena a fazer (p. ex., Sl 48.12-13; Pv 22.6; Ef 6.4), essa leitura privada da Bíblia deve ser uma atividade familiar regular. Numa era em que a Escritura está tão amplamente disponível, o Catecismo Maior de Westminster faz bem ao insistir que “os homens de todas as condições têm a obrigação de lê-la em particular para si mesmos e com as suas famílias”.[6]

Deus conclama seu povo não apenas à meditação privada na Escritura, mas também à oração privada. Novamente, os salmos fornecem material rico para reflexão. Os salmistas frequentemente falam de clamar ao Senhor e clamar pelo seu nome. “Com a minha voz clamo ao Senhor, e ele do seu santo monte me responde” (Sl 3.4); “Responde-me quando clamo, ó Deus da minha justiça; na angústia me tens aliviado; tem misericórdia de mim e ouve a minha oração” (Sl 4.1); “Dá ouvidos, Senhor, às minhas palavras e acode ao meu gemido. Escuta, Rei meu e Deus meu, a minha voz que clama, pois a ti é que imploro. De manhã, Senhor, ouves a minha voz; de manhã te apresento a minha oração e fico esperando” (Sl 5.1-3). E esses exemplos cobrem apenas os cinco primeiros salmos. No Novo Testamento, Paulo exorta: “Perseverai em oração, vigiando com ações de graças” (Cl 4.2); e “Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1Ts 5.17-18). Mediante essa conduta, os cristãos imitam o Senhor Jesus, que frequentemente saía sozinho para orar ao seu Pai celestial (p. ex., Lc 11.1).

Até aqui vimos que devemos orar e adorar, tanto publicamente como igreja como em privado como família e indivíduos. Isso faz com que surja uma pergunta subsequente: como devemos realizar essas atividades? Uma resposta completa a essa pergunta deve envolver discussão sobre a forma externa e o

conteúdo da adoração. Tradicionalmente, o cristianismo reformado afirma que Deus deve ser adorado apenas pelos meios que Deus estabeleceu na Escritura,[7] e que devemos orar apenas "por coisas agradáveis à sua vontade".[8] As novas tecnologias apresentam muitos desafios para manter as formas exteriores corretas de adoração. As ênfases das novas tecnologias na rapidez, eficiência, multitarefa, apresentações de multimídia e outras questões parecidas tendem a fazer com que muitas características da adoração reformada – por exemplo, a oração pastoral, o cântico de salmos e hinos, os sermões, a celebração da Ceia do Senhor e a reunião para fazer essas coisas em salas simples e sem adorno – pareçam agora antiquadas e tediosas em comparação. A igreja sempre lutou contra a tentação de acrescentar coisas à adoração além do que Deus ordenou na Escritura, e as seduções são mais fortes do que nunca na era da Internet.

Essas questões são muito importantes, mas não são a nossa maior preocupação aqui. No restante do capítulo, quero concentrar-me não sobre a forma externa e o conteúdo, mas na mente e no coração interiores pelos quais oramos, já que as novas tecnologias que nos cercam ameaçam corroer as virtudes da mente e do coração que são necessárias para uma adoração agradável a Deus.

Então, como devemos orar e adorar interiormente de maneira correta? A pergunta 117 do Catecismo de Heidelberg é que tipo de oração agrada a Deus; sua resposta começa: "Devemos orar a partir do coração". Na sua descrição da oração correta, a Confissão de fé de Westminster nos recomenda orar "com entendimento, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança".[9] Nas minhas próprias palavras, a oração piedosa que traz glória a Deus deve ser focada e deve ser profunda.

Oração e adoração devem ser focadas porque um coração desatento e vagueando por aqui e ali, enquanto supostamente está clamando por Deus, o desonra em vez de glorificá-lo. Essa foi uma das várias acusações que Deus fez aos israelitas. Mesmo quando eles mantinham as formas corretas de adoração externa, a dedicação do coração deles não acompanhava a confissão dos lábios. É bem conhecida a declaração divina: "Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29.13). Jesus usou essas mesmas palavras para condenar os líderes religiosos da sua época (Mt 15.7-9). Isaías e Cristo estavam, sem dúvida, condenando incrédulos hipócritas, pessoas que de fato não tinham fé verdadeira. Mas essas palavras também fazem uma advertência importante para os crentes: Deus quer que os desejos do nosso coração correspondam às palavras da nossa boca. Os cristãos

não glorificam a Deus quando se apresentam a ele em oração enquanto a mente está em outro lugar – pensando não apenas sobre coisas pecaminosas, mas sobre questões alheias.

Como Witsius observou, “Sem dúvida, a mente é de importância primordial na oração”.[10] Ele explica: “Como a oração é uma conversa entre a alma e Deus, essa oração, no seu melhor, deve ser a mais simples, e que expressa da maneira mais breve os desejos piedosos produzidos pelo Espírito Santo. Seu objeto principal deve ser que a mente do suplicante possa estar aberta, nos seus mais profundos esconderijos, a Deus, para que ele não apenas ouça as orações como são expressas na nossa língua, mas que as veja como são formadas no coração”.[11] Calvino diz: “Que a primeira regra da oração correta seja que tenhamos o nosso coração e a nossa mente dispostos como convém àqueles que estão entrando numa conversa com Deus. Isso nós devemos fazer com relação à mente, se (...) ela não estiver totalmente concentrada na oração, mas também, tanto quanto possível, seja sustentada e elevada acima de si mesma”.[12] Posteriormente, ele acrescenta:

Primeiro, que todo aquele que se predispõe a orar, a isso aplique seus pensamentos e sentimentos, e não se deixe (como costuma acontecer) distrair por pensamentos divagantes. (...) Isso porque ninguém se concentra tanto na oração que não sinta que se muitos pensamentos se insinuem que, ou interrompem o curso da oração, ou o retardam por algum rodeio ou digressão. Que consideremos nesse caso o quanto é indigno que, quando Deus nos admite a uma conversa íntima com ele, abusar de sua tão grande condescendência, misturando coisas sagradas com profanas, a reverência por ele não manter nossa mente sob controle, mas, exatamente como se estivéssemos tratando com um homem como nós mesmos, esquecemo-nos dele e permitimos que nossos pensamentos corram para lá e para cá.[13]

Nossa oração e adoração devem ser tão profundas quanto focadas. Ao dizer isso, não estou sugerindo que as orações dos cristãos comuns precisam ser tão doutrinariamente profundas quanto às de um teólogo treinado. Mas é isto que Deus deseja de todo cristão, nas palavras de Pedro: “(...) crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 3.18). O desejo de

Paulo em Efésios 3.18-19 não foi intencionado para teólogos profissionais, mas para “poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade” do “amor de Cristo, que excede todo entendimento”. Como Paulo exorta em outro lugar, que “habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente” (Cl 3.16). Quando consideramos que cristãos crescem em graça e conhecimento de Cristo precisamente por meio das atividades das quais estamos tratando aqui – adoração corporativa e oração e meditação privada na Escritura – parece claro que não podemos estar satisfeitos com um envolvimento superficial e rápido nas grandes verdades da fé. Meditamos sobre a palavra de Deus para que nosso entendimento de Cristo e nossa vida nele possam ser expandidos; oramos para que nossa comunhão com o Deus vivo possa ser aprofundada. Deus é glorificado por esses meios.

Se devemos nos aproximar de Deus dessa maneira na adoração, então os cristãos devem ficar atentos a qualquer coisa que iniba a adoração que glorifica a Deus pela promoção da distração e pensamento superficial. Mas está se tornando cada vez mais claro que é precisamente isso que nossas novas tecnologias tendem a fazer.

Distraídos e superficiais: desafios à adoração numa era de Internet

Nesta seção, reflito sobre a nova tecnologia que surgiu juntamente com a formação da Internet, incluindo a proliferação dos dispositivos eletrônicos que dão acesso a ela e várias formas de mídias sociais que a utilizam. Essa nova tecnologia apresenta desafios significativos para os cristãos contemporâneos por causa da sua tendência de promover comportamento habitual e até padrões de pensamento que inibem a atenção concentrada e a contemplação profunda. Temos visto que essa atenção e contemplação são características fundamentais da adoração e oração divina. Como foi mencionado no início do capítulo, meu interesse não é conduzir os cristãos para longe do uso dessas novas tecnologias. Mas assim como com todo desenvolvimento cultural e avanços tecnológicos em qualquer tempo na História, os cristãos são conclamados a serem vigilantes no seu uso e cuidadosos quanto às maneiras sutis em que os padrões subsequentes de conduta no mundo ao nosso redor podem obstruir nossa dedicação a Cristo. Paulo incentiva os santos em Romanos 12.2: “não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”.

Nesse espírito, os cristãos deveriam desejar usar as tecnologias de maneira piedosa e produtiva. Obviamente não há uma única maneira correta de utilizá-las. Mas dadas suas tendências de promover distração e pensamento superficial, sugiro, na última seção deste capítulo, que os cristãos precisam moderar o uso delas para o bem do seu chamado maior na vida – glorificar a Deus – e para o bem da principal maneira de cumprir esse chamado: adoração profunda e atenciosa.

A primeira característica das novas tecnologias a considerar aqui é o modo como elas promovem uma cultura geral de distração. A evidência está à nossa volta, e a maioria dos leitores pode dar testemunhos da própria vida. Nossos smartphones estão geralmente – talvez sempre – ligados, sinalizando com toques, bipes e vibrações não apenas quando há alguma ligação, mas também novas mensagens e e-mails. Enquanto fazemos alguma coisa produtiva no nosso laptop, sempre estamos a um click de checar o e-mail, procurar algo na rede ou

visitar uma mídia social (Facebook, Twitter, etc.). Ao tentarmos ler alguma coisa postada num site, links difusos a outros sites nos atraem para outras direções. As pessoas mandam mensagem enquanto dirigem e falam ao telefone enquanto estão no banheiro. Nicholas Carr, um observador astuto dos efeitos das nossas novas tecnologias, compreensivelmente refere-se ao “estado permanente de distração que define a vida online”. Ele acrescenta que, “a Net, é projetada como um sistema de interrupção, uma máquina programada para dividir a atenção”.[14]

Um dos efeitos colaterais da nossa vida atual distraída é o de aceitarmos ser multitarefa, ou seja, fazermos várias coisas ao mesmo tempo. Pessoas eficientes e objetivas sempre tentaram fazer isso, mas enquanto o corretor no meu Word reconhece o termo “multitarefa”, meu dicionário já bem usado, que recebi como presente na minha formatura do ensino médio 25 anos atrás, não inclui a palavra. Aparentemente, a era da Internet nos compeliu a inventá-la. Muitas pessoas se gabam das suas habilidades multitarefas, mas como um escritor recente observou: “Na verdade não é que você consegue ser multitarefa, mas é que seu cérebro oscila entre duas atividades”.[15] Como outro escritor disse: “Ser multitarefa é essencialmente o malabarismo entre interrupções. (...) Passamos grande parte do nosso dia tentando juntar pensamentos e projetos, e o resultado muitas vezes é a acumulação de pedaços quebrados com uma coerência esfarrapada”.[16]

Não é que a distração, ou até mesmo ser multitarefa, nunca antes tivesse sido um problema para os seres humanos. Em épocas anteriores, o choro de crianças interrompia conversas, tempestades interrompiam o trabalho e pensamentos vagantes atrapalhavam a reflexão recreativa. Distrações sempre foram parte da vida. Mas compare as oportunidades para distração de alguém em dias passados trabalhando para si mesmo no campo com as oportunidades para distração de muitos trabalhadores modernos com vários dispositivos eletrônicos ao alcance da mão. A diferença é enorme. A disponibilidade imediata desses dispositivos e a pressão cultural de acompanhar toda notícia e informação que eles fornecem significam, no mínimo, que essas novas tecnologias ameaçam formar hábitos de distração em nós. Ainda mais desconcertante é a evidência crescente de que essas mudanças nos hábitos não são apenas uma mudança espiritual ou etérea, mas acarretam necessariamente verdadeiras modificações no nosso cérebro e no modo como ele opera.

Algumas pessoas dizem que conquanto o conteúdo de uma mensagem permaneça o mesmo, não importa que meio a comunica. Isso é quase certamente

errado. Como Carr observa, “a longo prazo, o conteúdo do meio importa menos que o meio em si na influência sobre como pensamos e agimos. Como nossa janela para o mundo, e para nós mesmos, os meios de comunicação atuais moldam o que vemos e como vemos – e, finalmente, se usarmos o bastante, mudam quem nós somos”. Portanto, ele continua: “As mídias não são apenas canais de informação. Elas fornecem o conteúdo do pensamento, mas também molda o processo do pensamento”.[17] Carr resume algumas das descobertas da ciência cerebral recente sobre o fenômeno da plasticidade. “Virtualmente todos os nossos circuitos neurais”, ele explica, “– quer estejam envolvidos em sentir, ver, ouvir, mover, pensar, receber, perceber ou lembrar – são sujeitos à mudança”. Portanto, “à medida que os circuitos particulares do nosso cérebro se fortalecem por meio da repetição de atividades físicas ou mentais, eles começam a transformar essa atividade em hábito.”[18]

Que tipos de mudanças no nosso cérebro, e, portanto, nas nossas habilidades de pensamento, realmente resultam do uso quase constante das novas tecnologias por tantas pessoas, incluindo cristãos? Carr fala pessoalmente sobre o que ele tenta estabelecer de modo mais objetivo em outra parte: “O que a Internet parece fazer é tirar minha capacidade de concentração e contemplação. Estando ‘online’ ou não, agora minha mente espera ingerir informações do modo como a Internet a distribui: num fluxo rápido e contínuo de partículas”.[19]

Carr torna seu argumento mais amplo ao pesquisar uma mudança histórica anterior no modo como as pessoas adquiriam conhecimento e pensavam, que se movia na direção oposta. Essa mudança surgiu como consequência do desenvolvimento da leitura e escrita e especialmente pela publicação moderna e a ampla alfabetização que se seguiu a ela. Carr argumenta que esse desenvolvimento incentivou o crescimento do pensamento profundo de vários modos. As pessoas (imersas nos seus livros) e os escritores (escrevendo para esses leitores) se tornaram mais capazes de desenvolver, entender e avaliar afirmações importantes. Surgiram bibliotecas e sistemas educacionais que foram projetados para adequar-se a esse tipo de cultura intelectual.[20] “À medida que nossos ancestrais imbuíram suas mentes com a disciplina de seguir uma linha de argumento ou narrativa por meio de uma sucessão de páginas impressas, eles se tornaram mais contemplativos, refletivos e imaginativos.”[21]

Conquanto nossos próprios dias ainda estejam cheios de escrita e leitura, Carr argumenta que as novas tecnologias funcionam contra a contemplação e a reflexão que o mundo antigo do material impresso incentivava. Ele acrescenta

que “os caminhos na nossa mente estão novamente sendo redirecionados”.[22] Ele observa como a mudança do papel para a tela altera tanto a maneira como manejamos o material escrito como “influencia o grau de atenção que dedicamos a ele e a profundidade da nossa imersão nele”. Um site de busca, tão útil para muitas coisas, “frequentemente chama nossa atenção para um fragmento de texto, poucas palavras ou sentenças que têm grande relevância para o que estamos buscando no momento, enquanto fornece pouco incentivo para examinarmos a obra como um todo”.[23] Os e-books são talvez a melhor esperança da nova mídia em manter e promover o tipo de pensamento profundo incentivado pelo surgimento da impressão fácil e ampla alfabetização. No entanto, até mesmo estes tendem a tornar-se mais como sites do que livros impressos por causa dos seus vários adendos digitais, argumenta Carr.[24] Em suma, “quando estamos online, entramos num ambiente que promove a leitura superficial, pensamento rápido ou distraído e aprendizado raso. É possível pensar profundamente ao usar a internet (...), mas esse não é o tipo de pensamento que essa tecnologia incentiva e recompensa”.[25]

Pode ser útil destacar outra característica da obra de Carr: a importância da memória de longo prazo para o entendimento profundo, e os efeitos maléficos que as novas tecnologias tendem a ter nesse aspecto da nossa mente. Pode parecer que um dos benefícios das novas tecnologias seja fornecer um substituto para as fragilidades da nossa memória finita e muito falível. Memória de longo prazo não chega a ser muito importante quando temos tanta informação na ponta dos dedos e podemos preservar tantas das nossas próprias experiências na nossa multidão de fotos e e-mails. Quaisquer que sejam os benefícios de se ter tanta informação acessível, ela nunca pode, de fato, ser um bom substituto para a memória armazenada no nosso próprio cérebro. Carr ressalta que memória de longo prazo “é, na verdade, o local do entendimento. Ela armazena não apenas fatos, mas conceitos complexos, ou ‘esquemas’. Ao organizar pedaços espalhados de informação em padrões de conhecimento, os esquemas dão profundidade e riqueza ao nosso pensamento”. Quando efetivamente não transferimos informação da nossa memória de curto prazo para a nossa memória de longo prazo, “nossa habilidade de aprender sofre, e nosso entendimento permanece superficial”.[26]

O desafio contemporâneo é que a distração impede essa habilidade de transformar memórias de curto prazo em memórias de longo prazo.[27] “A chave para a consolidação da memória é a atenção. Armazenar memórias explícitas, e, tão importante quanto, formar conexões entre elas, requer concentração mental

forte, amplificada pela repetição ou envolvimento intelectual ou emocional intenso."[28] Portanto, os efeitos prejudiciais de muito uso das novas tecnologias: "O influxo de mensagens competidoras que recebemos quando estamos online não apenas sobrecarrega nossa memória funcional; ele torna muito mais difícil para nosso lóbulo frontal concentrar nossa atenção numa única coisa. O processo de consolidação da memória não consegue nem mesmo iniciar".[29] Como diz Maggie Jackson, outra comentarista sobre novas tecnologias:

Depender demais de ser multitarefa para navegar num ambiente complexo e na tecnologia como nosso guia traz um último risco: o descarrilamento do trabalho penoso de acrescentar aos nossos armazéns de conhecimento. (...) A atenção nos ajuda a entender e fazer sentido do mundo e é crucial como uma etapa inicial da criação de memória. Mas é necessário mais do que simplesmente prestar atenção. 'Também devemos processar num nível abstrato, esquemático e conceitual'. (...) Isso envolve tanto repetição mecânica quanto 'elaboração repetida', ou relacionar significativamente uma informação a outra, de preferência não rapidamente demais. Formar memória significa formar um tesouro de experiência, sabedoria e informação pertinente.[30]

Essas preocupações quanto às distrações e ao pensamento superficial pedem que os cristãos estejam atentos quanto ao que as novas tecnologias estão fazendo a nós, especialmente à luz do nosso chamado principal de glorificar a Deus por meio da adoração atenta e oração perscrutadora. Na medida em que estamos moldando os hábitos do nosso coração e até mesmo as estruturas do nosso cérebro de modo a tornar a concentração e a contemplação mais difíceis – mesmo quando estamos longe dos nossos dispositivos eletrônicos – nós, cristãos, temos razão urgente para reformar seus caminhos.

Isso é verdadeiro para nós que somos velhos o suficiente para sermos responsáveis pelo nosso comportamento, e para aqueles de nós que são pais e têm a responsabilidade adicional de guardar seus filhos desses perigos e treiná-los nas práticas que formam habilidades de concentração e contemplação. É difícil o suficiente para adultos serem suficientemente conscientes de como a mídia atual afeta nossos pensamentos e hábitos – quanto mais para crianças jovens e inexperientes que nunca viveram sem a Internet e suas armadilhas.

Porém, como Catherine Steiner-Adair observa, nós damos “esses dispositivos – que descrevemos com a linguagem de ‘vício’– aos nossos filhos, que são ainda mais vulneráveis a problemas de uso e abuso e ao impacto do uso diário no cérebro em desenvolvimento deles. (...) No nosso entusiasmo de sermos pioneiros e darmos toda vantagem às nossas crianças, será que as estamos colocando no caminho do perigo?” Posteriormente, ela lamenta: “Pesquisas já apontam para uma preocupação séria com o desenvolvimento de bebês e crianças, com os efeitos neurológicos que estão estreitando o modo como o cérebro do bebê se organiza para a aprendizagem permanente. Porém, colocamos tecnologia nas mãos de bebês e crianças pequenas e os incentivamos a brincar”.[31] Se nossa responsabilidade pessoal de glorificar Deus por meio da adoração piedosa e sincera não for incentivo suficiente para atentamente reconsiderar nosso uso das novas tecnologias, talvez o desejo de vermos nossas crianças andarem de maneira ponderada e dedicada perante o Senhor acrescente a motivação necessária.

Com todo o nosso coração: adorando ao Senhor com atenta dedicação

Confrontados com esse etos cultural que nos leva à distração e ao pensamento superficial, a vivência fiel cristã nos compele a redobrar nosso comprometimento com a glorificação de Deus por meio da oração e da adoração com atenção concentrada e entendimento profundo. Orar e adorar a Deus com fidelidade devota sempre foi difícil para pessoas pecadoras, e Satanás sempre se deleitou em distrair os crentes dessas atividades abençoadas. Mas nossa atmosfera cultural atual agrava os desafios.[32]

Os cristãos sempre precisaram de um conjunto de valores interconectados para orarem bem. Virtudes se referem a traços de caráter, mas traços de caráter podem ser bons ou maus; referimo-nos a estes, respectivamente, como virtudes e pecados. Um modo de resumir a seção anterior é dizer que nossas novas tecnologias tendem a promover certos pecados que atrapalham nossa habilidade de adorar corretamente. Portanto, o que precisamos fazer é lutar contra as influências da cultura contemporânea pelo cultivo de virtudes que promovem a oração piedosa.

Quais são essas virtudes que promovem a oração e a adoração piedosas? Não posso ser abrangente aqui, mas podemos considerar várias que são certamente cruciais. Uma delas é o autocontrole. Assim como necessitamos de autocontrole para resistir ao uso ilegal de comida, bebida, sexo e palavras, do mesmo modo precisamos dele para resistir ao impulso de deixar o pensamento vaguear durante a oração. Jackson não escreve de uma perspectiva cristã, mas ela reconhece o quanto essa virtude é importante contra o pecado que os gregos antigos chamavam de akrasia, impulsividade enraizada numa vontade fraca. "Autocontrole é um conceito complexo e fascinante que é central para o estímulo das habilidades de pensamento reflexivo e envolvimento profundo em aprendizado que são muito necessários, tanto individualmente quanto coletivamente na era digital". Ela se refere particularmente ao "controle de atenção".[33] O apóstolo Paulo listou o autocontrole [ou "domínio próprio"] como o último fruto do Espírito (Gl 5.23).

Outro fruto do Espírito, a paciência, e seu companheiro, a perseverança, também são essenciais. Quase não há nada que valha a pena conseguir neste mundo que não leve tempo e envolva obstáculos a serem superados. Tornar-se habilidoso em tocar um instrumento musical ou num esporte atlético, por exemplo, requer anos de prática e atrai inúmeras tentações que devem ser resistidas. Os relacionamentos familiares e com amigos desenvolvem-se ao longo de períodos extensos, e exigem tempo, sacrifício, tolerância e longanimidade. O mesmo é verdadeiro quanto ao nosso relacionamento com Deus. A santificação – nós nos tornamos cada vez mais santos – é um processo que dura a vida inteira e que permanece imperfeito até que atinjamos a glória celestial. A adoração corporativa, a meditação na Escritura e a oração fiel são centrais a esse crescimento, e todas foram consideradas no início deste capítulo. No entanto, somos frequentemente tentados ao desânimo, ao tédio e à dúvida na nossa adoração. Apenas paciência e perseverança nos capacitam a continuar servindo ao Senhor em meio a esses obstáculos.[34]

Quentin Schultze também menciona intimidade como uma prática importante frequentemente sacrificada à "observação" na nossa era tecnológica. Conquanto possamos não pensar sobre a intimidade como uma virtude em si, Schultze está correto ao nos advertir sobre nos tornarmos pessoas marcadas pela superficialidade: "As tecnologias de informação fomentam conhecimento de segunda mão a respeito de, em vez de conhecimento mais íntimo de", e elas tendem a enfatizar "o valor instrumental de acesso à informação sobre o bem intrínseco de conhecer bem".[35] Conquanto Schultze esteja se referindo ao conhecimento da informação nessas afirmações, elas podem ser aplicadas da mesma maneira ao conhecimento de pessoas. Os relacionamentos online nunca realmente podem desfrutar da profundidade de intimidade que os relacionamentos face a face, cultivados por anos e décadas. Se nós nos tornarmos pessoas cada vez mais acostumadas a relacionamentos superficiais sustentados por e-mail, mensagens e Facebook, estamos correndo o risco de perder nossa habilidade de cultivar o relacionamento íntimo mais importante que podemos ter: nosso relacionamento com Deus. Como disse João, não podemos amar a Deus a menos que amemos o nosso próximo (1Jo 4.20).

Uma coisa é identificar algumas das virtudes que estamos particularmente correndo o risco de perder hoje em dia, mas outra coisa é cultivá-las. Como podemos crescer nessas e em outras virtudes que incentivam a concentração e o pensamento profundo, que por sua vez nos ajudam a ser adoradores fiéis do Deus vivo? Primeiramente e o mais importante, pedimos a Deus para moldar

nosso coração nessa direção. O próprio Deus, pelo seu Espírito, por meio da palavra, é nosso santificador (1Ts 5.23). Assim como apenas ele nos regenera e dá vida à nossa alma morta (Ez 36.26; Ef 2.5; 1Pe 1.23), do mesmo modo apenas ele opera a fé em nós como um dom (Fp 1.29), de modo que apenas pode produzir os frutos da regeneração e da fé na nossa caminhada cristã (Ez 36.27). Somos radicalmente dependentes de Deus, e clamamos a ele para operar autocontrole, paciência, perseverança e todas as outras virtudes em nós. Para cristãos desanimados por pecados recorrentes e fracos em face das tentações, é um grande consolo saber que Deus não nos abandona para que nós santifiquemos a nós mesmos. Ele é nosso santificador.

Porém, ao suplicar a ajuda de Deus, não devemos aguardar passivamente. A Escritura constantemente nos conclama a abandonar os antigos caminhos do pecado e lutarmos pela santidade. Conquanto Deus seja nosso santificador, ele efetua essa obra apenas no contexto das nossas próprias batalhas contra a tentação. Como John Murray coloca isso, “É imperativo que reconheçamos nossa dependência total do Espírito Santo. Claro, não devemos esquecer que nossa atividade é nos dedicarmos, até o limite máximo, ao processo de santificação”.[36] Por natureza, seres humanos formam hábitos, sejam bons ou ruins, pela conduta repetida ao longo de períodos de tempo. Traços de caráter tornam-se enraizados em nós mediante a prática. Uma vez que o Espírito nos santifica como seres humanos – não como algum outro tipo de criatura – ele forma virtudes em nós ao longo do tempo ao buscarmos práticas que acostumam nosso coração e nossa mente a desejos puros. Portanto, devemos considerar que tipos de prática temos de buscar para alimentar as virtudes que incentivem a oração e a adoração que glorificam a Deus.

De modo geral, é importante que conduzamos as partes da nossa vida que não são de oração ou adoração de maneiras que levem a formar virtudes favoráveis à adoração. Num nível básico, a sabedoria sugere que precisamos ter períodos de tempo da nossa vida quando não estamos conectados a dispositivos eletrônicos e não tentando loucamente ser multitarefa. Se estar conectado e ser multitarefa são coisas que em si tendem a promover distração, pensamento raso e relacionamentos superficiais, então precisamos criar espaço de tempo na nossa vida pela ausência deles.

Quais são as coisas saudáveis que deveriam substituí-las? Para começar, passar tempo de qualidade com os amigos e família é ótimo. E isso significa não simplesmente estar no mesmo aposento que eles, mas cada pessoa deixando de

lado seu smartphone e envolvendo-se juntas em atividades – especialmente tendo conversas umas com as outras, uma vez que boas habilidades de conversação são outra baixa das nossas novas tecnologias, particularmente entre as crianças.[37] Um dos melhores lugares para passar tempo em conjunto, em conversas significativas, é à mesa. Fazer refeições juntos é uma das melhores maneiras que famílias podem usar para formar e manter seus relacionamentos, embora isso exija um esforço considerável em muitos lares contemporâneos, nos quais pais e filhos estão sempre tão ocupados. Outra coisa excelente para ocupar o tempo em que não estamos conectados e não estamos sendo multitarefa é a leitura profunda. Muitas pessoas leem frequentemente, mas raramente vão além da leitura superficial de qualquer coisa em particular. Separar algum tempo para ler artigos ou livros – e lê-los deliberadamente, ponderadamente e até mesmo até o fim – desenvolve (ou em alguns casos desenvolve novamente) nossa mente de uma maneira maravilhosamente adequada para a adoração piedosa. E fazer isso pelo menos algumas vezes com um texto impresso, em vez de numa tela, pode ajudar a aliviar tentações de dividir a nossa atenção com outros textos ou formas de entretenimento enquanto tentamos ler.

Outra prática que apoia a adoração que glorifica a Deus é observar o dia do Senhor. De fato, observar o domingo fornece um bônus duplo. Isso porque o dia de descanso serve como uma pausa nas rotinas regulares da vida que se tornam tão abarrotadas com o trabalho e a conexão constante com nossas novas tecnologias. Na criação, Deus estabeleceu um padrão de seis dias de trabalho seguidos por um dia de descanso, e ele abençoou e santificou o sétimo dia (Gn 1.1–2.3). No Sinai, Deus ordenou aos israelitas que seguissem esse padrão por meio da estruturação da semana de acordo com o padrão de seis por um. Sob a nova aliança, Jesus ressuscitou de entre os mortos no domingo, o primeiro dia da semana (Jo 20.1), e estabeleceu um padrão diferente para os cristãos estruturarem a semana: não seis e um, mas um e seis. Jesus se encontrava com seus discípulos aos domingos para a adoração (Jo 20.19, 26), e a igreja primitiva reunia-se no domingo para a adoração (At 20.7; 1Co 16.2). A mudança de dias é um testemunho maravilhoso de que não devemos trabalhar primeiro para depois receber o descanso de Deus, mas, em vez disso, Deus nos dá o descanso como uma dádiva gratuita e depois nos conclama a trabalhar em gratidão.

Conquanto alguns cristãos continuem a reconhecer a importância de separar uma hora ou mais para a adoração pública aos domingos, poucos demonstram interesse em honrar os domingos como o dia de adoração e descanso. É difícil estimar o quanto perdemos com isso. Desde o início, Deus comunicou a nós a

sabedoria de descansar um dia inteiro em meio a uma semana de sete dias, e agora – quando muitos de nós nos sentimos sobrecarregados pela vida moderna loucamente ocupada e multitarefada – muitas vezes é um desafio para os cristãos pararem por uma hora durante a semana. No mínimo, nossa vida moderna abarrotada de tarefas certamente torna um dia de descanso muito mais importante para nós hoje em dia, parte da própria solução de Deus para curar a distração e superficialidade que nos afligem.

Com as exigências de trabalho, filhos e dispositivos sempre pedindo atenção, é quase inimaginável para muitos cristãos que possam realmente pôr de lado suas rotinas regulares por um dia a cada sete dias. No entanto, conquanto haja "trabalhos necessários" que não podemos e não devemos negligenciar no domingo, os cristãos frequentemente descobrem que quando responsavelmente ordenam suas "questões comuns de antemão", eles de fato conseguem livrar o domingo de muito da desordem e ocupação da semana.[38] Quando conseguem fazer isso, percebem que observar o dia de descanso não é um peso, mas uma dádiva de Deus. Muitos escritores seculares exigem tempo de silêncio, paz e contemplação para combater a distração e superficialidade promovida pelas nossas novas tecnologias,[39] mas os cristãos podem ser gratos pelo fato de que Deus estabeleceu um dia inteiro toda semana para desfrutarmos desse descanso – sem qualquer necessidade de nos sentirmos culpados por isso.

Isso nos leva ao segundo aspecto do bônus duplo: honrar o domingo abre espaço para adoração séria e sem pressa, as próprias atividades que deveriam ser mais preciosas para nós. Quando o tempo da adoração corporativa é vinculado não à correria e vida comum, mas a um dia mais amplo de descanso, os cristãos podem desfrutá-lo sentindo-se menos pressionados pelas questões deste mundo. Mandar e-mails e mensagens e envolver-se em múltiplas tarefas não é a maneira ideal de se preparar para a adoração. E quando cristãos observam um dia e não apenas uma hora, eles também ganham tempo para adoração privada e a oportunidade de participar de um segundo culto de adoração, se a igreja tiver, tanto quanto tempo para prolongar a hospitalidade cristã e desfrutar dela.

Há outras coisas que promovem a boa adoração quando estamos envolvidos na adoração em si. Em termos de adoração privada – tanto individual quanto em família – minimizar distrações durante o tempo de oração e meditação é essencial se não quisermos ser distraídos ou realizar essas atividades de maneira superficial. Isso significa colocar os dispositivos eletrônicos de lado. Também significa encontrar um tempo e lugar onde as interrupções são menos prováveis.

Dependendo da casa, da família e da agenda da pessoa, isso pode não ser muito fácil, mas a bênção da adoração piedosa faz valer a pena o esforço de encontrar esses tempos e espaços.

Em termos de adoração corporativa, a maioria dos cristãos obviamente tem pouca oportunidade para moldar seu conteúdo ou ambiente. Mas as pessoas podem se preparar bem para a adoração corporativa, podem treinar suas crianças a se comportarem durante os cultos, podem encontrar lugares para sentar no santuário ou auditório onde as distrações são menos frequentes, e certamente podem pôr seus celulares de lado. E aqueles que têm autoridade para tomar decisões sobre o conteúdo e o local da adoração podem lembrar da sabedoria da tradição reformada de terem locais de culto sem adornos desnecessários. Apesar de que muitos podem achar um salão bem decorado mais bonito, é mais provável que a minimização de distrações num salão sem adornos promova o propósito para o qual o salão existe: a adoração de Deus.

A oração dominical

Neste capítulo, concentrei-me na oração e na adoração com a dedicação de todo o coração, em vez de no conteúdo da adoração. Mas o conteúdo é importante, e está estreitamente ligado à devoção interior. Com isso em mente, concluo esta discussão com algumas observações que podem nos ajudar a ter a perspectiva correta do exterior em relação ao interior. Minhas observações consideram o uso da Oração Dominical [ou oração do Senhor, ou o Pai-nosso] como modelo para nossas próprias orações.

No Evangelho de Lucas, Jesus ensina a oração dominical em resposta a um pedido dos seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11.1). Esse é um fato importante. Conquanto possamos aprender muitas coisas sobre oração com base em outras orações relatadas na Escritura, essa é a única que é dada especificamente como um modelo e resumo da oração piedosa. Se quisermos conhecer a oração cristã, a oração dominical é a oração na qual devemos nos espelhar. Como Calvino escreveu: “Ele nos deu uma fórmula na qual coloca diante nós como se num quadro tudo o que é legítimo desejar, tudo o que útil ao nosso interesse, tudo o que é necessário buscar. Da sua bondade quanto a isso derivamos o grande consolo de saber que se pedimos usando quase suas próprias palavras, não pedimos nada que seja absurdo, ou estranho, ou intempestivo; nada, em suma, que não seja agradável a ele”.[40] Se nossas orações não seguirem o padrão geral que Cristo estabeleceu para nós, algo está errado. Esse comentário obviamente pertence à forma exterior e ao conteúdo da oração. Jesus nos ensinou pelo que devemos orar de uma maneira que seja agradável a Deus. Mas esse direcionamento sobre forma e conteúdo também deve influenciar o modo como oramos, com devoção interior de coração e mente. Por um lado, pode nos servir como uma proteção que ajuda a manter nossa mente focada e não divagar em preocupações alheias. A oração dominical não nos obriga a orar as palavras exatas de Jesus e apenas elas, mas dá um direcionamento, uma ordem e um propósito para as nossas orações que provavelmente evitaríamos se Deus nos desse liberdade total para orar, de acordo com nossos sentimentos num dado momento. Além do mais, a oração do pai-nosso, já no seu início, dá uma sugestão quanto ao que é mais importante, e, portanto, o que deveria moldar a

atitude de nosso coração ao longo de toda a oração. O que tenho em mente é isto: depois de nos dirigir ao nosso Pai nos céus, pedimos a Deus que ele santifique o seu nome. A oração inteira do pai-nosso se desdobra como um reflexo do grande desejo do cristão de que o nome de Deus seja glorificado.

A saudação da oração do Senhor [ou Oração Dominical, ou Pai-nosso] – "Pai nosso, que estás no céu" – é em si notável. Jesus nos ensina a nos dirigir a Deus com um termo de intimidade e familiaridade. Em Jesus, podemos nos aproximar de Deus com coragem como nosso Pai e encontrar nele uma fonte compassiva de ajuda em tempos de necessidade (Hb 4.16). Tratá-lo como nosso Pai também nos lembra de que nunca realmente oramos sozinhos ou apenas por nós mesmos, mesmo quando clamamos a ele em total privacidade. Oferecemos nossas orações em conjunto com nossos irmãos ao redor do mundo, e oramos por eles assim como eles oram por nós.

Além do mais, tratar Deus como nosso Pai nos céus apresenta-o perante nosso coração como o único que habita em triunfante glória. "Nos céus" não é um marcador geográfico; um cristão não se refere ao seu Pai divino nos céus da mesma maneira que se refere ao seu pai terreno em qualquer que seja a cidade em que habite. A importância da habitação celestial de Deus volta a Gênesis 2.1-3. Deus terminou sua obra criadora na terra e então descansou na glória dos céus. Em Cristo, alguém na nossa própria carne e sangue foi glorificado à presença celestial de Deus e se juntou a ele nesse descanso triunfante (Hb 2.5-9; 4.1-14). Aqueles que se refugiam nele tem a firme confiança de que já têm uma herança eterna nesse reino celestial (Rm, 8.14-16; Gl 4.4-7) e que um dia receberão as boas-vindas nesse mesmo lugar de glória (Hb 2.10; Rm 8.17-18). Portanto, iniciar nossas orações clamando ao nosso Pai nos céus deve concentrar nossa mente e nosso coração nas "coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus" (Cl 3.1). Pode ser um desafio focarmos numa única coisa com concentração e contemplação, mas um maravilhoso objeto é colocado diante dos olhos do nosso coração. Certamente o pensamento sobre Deus na sua glória celestial, onde Cristo mesmo agora prepara um lugar para nós (Jo 14.3), deveria cativar seus santos.

Então, depois de dirigir-se a Deus de maneira tão intima e profunda, os cristãos oram: "santificado seja o teu nome". A primeira coisa pela qual oramos (de fato, as primeiras três coisas pelas quais oramos – metade da oração dominical) não é por gratidão ou petição com respeito a nós mesmos, mas um pedido para que Deus faça algo por ele mesmo. Jesus nos deu meramente seis petições na oração

do pai-nosso, e a primeira é que Deus exalte seu próprio nome.

Witsius reflete sobre o privilégio extraordinário que é termos uma comunhão tão íntima com Deus possibilitada pela oração, ter Cristo intercedendo por nós e ter o Espírito que nos ajuda ao gemermos, mas “o mais maravilhoso de tudo, e que quase ultrapassa a crença, é que o homem pode suplicar não apenas por si mesmo e pelo seu próximo, mas em favor de Deus – que o reino de Deus e a glória de Deus sejam o objeto da sua oração – como se Deus não desejasse ser glorioso ou não quisesse exercer domínio a não ser em resposta às orações dos cristãos”.[41] Jonathan Edwards sugere que essa petição também indica onde deveriam estar nossas principais afeições: “Nosso fim último e mais elevado é sem dúvida o que deve ter o primeiro lugar nos nossos desejos, e consequentemente, o primeiro lugar nas nossas orações, e, portanto, podemos argumentar que uma vez que Cristo aponta para a glória de Deus como devendo vir antes de tudo nas nossas orações, esse é, portanto, nosso objetivo último”.[42] Witsius está correto ao sugerir que a primeira petição define o tom do restante da oração: “O lugar que essa petição ocupa – como primeira na ordem – implica uma declaração, a de que nenhum outro objeto é tão honestamente ou cordialmente desejado por nós do que a santificação do nome de Deus. Esse é o objetivo último ao qual todo o resto deve se referir”.[43] Ou como o reformador do século 17, Wilhelmus à Brakel disse, “as cinco petições subsequentes são meios para esse fim”.[44]

Conclusão

Há muito mais a dizer sobre essa primeira petição, sobre a oração do Senhor como um todo e sobre adoração e oração em geral, mas com essas breves reflexões sobre a primeira petição, completamos o círculo neste capítulo. Deus, acima de tudo, glorifica a si mesmo, mas se agrada em parte de glorificar a si mesmo por meio da nossa glorificação e capacitação para glorificarmos a ele. A maneira principal que Deus nos conclama a glorificá-lo é por meio da oração e da adoração e de um modo notavelmente adequado, Jesus nos ensinou a começarmos nossas orações pedindo que Deus exaltasse seu nome. Numa era de distração, quando concentração e contemplação sérias tornam-se cada vez mais ardilosas, Deus nos conclama a adotar práticas que promovam o grande privilégio da adoração e oração e a resistir ao que as atrapalha. E ao fazermos da oração dominical o principal modelo para nossas próprias orações, Deus nos assegura que sua glória celestial será a primeira coisa que nossos olhos verão. Que isso derrame luz sobre todo o resto pelo qual oramos, até terminarmos confessando que de Deus é “o reino, e o poder, e a glória para sempre”.

---

[1] As traduções do Catecismo de Heidelberg neste capítulo são extraídas do Ecumenical creeds and Reformed confessions (Grand Rapids: CRC Publications, 1988).

[2] Calvino, Institutas, 3.20.2

[3] Ibid., 3.20.1.

[4] Herman Witsius, Sacred dissertations on the Lord's prayer, trad. Willim Pringle (1839; republicado Escondido, CA: The den Dulk Christian Foundation, 1994), p. 51, 53.

[5] Ibid., p. 54.

[6] Catecismo Maior de Westminster, 156.

[7] P. ex., veja a Confissão de fé de Westminster 21.1: "O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada que ele não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás, sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras".

[8] Breve catecismo de Westminster, 98.

[9] Confissão de fé de Westminster 21.3.

[10] Witsius, The Lord's prayer, p. 34.

[11] Ibid., p. 57-58.

[12] Calvino, Institutas, 3.20.4-5.

[13] Ibid., 3.20.4-5.

[14] Nicholas Carr, The shallow: What the Internet is doing to our brains (Nova York: Norton, 2010), p. 112, 131. Maggie Jackson refere-se ao nosso "cultivo de uma cultura de distração". Veja Distracted: The erosion of attention and the coming Dark Age (Amherst, NY: Prometheus, 2008), p. 19.

[15] Catherine Steiner-Adair, The big disconnect: Protecting childhood and family relationships in the digital age (Nova York: HarperCollins, 2013), p. 58, citando Dimitri Chistakis.

[16] Jackson, Distracted, p. 84.

[17] Carr, The shallows, p. 3, 6.

[18] Ibid., p. 26, 34.

[19] Carr, The shallows, p. 6-7. Veja também Steiner-Adair, The big disconnect, p. 58.

[20] Veja Carr, The shallows, caps. 3–4.

[21] Carr, The shallows, p. 75.

[22] Ibid., p. 77.

[23] Ibid., p. 90-91.

[24] Ibid., p. 103-104.

[25] Ibid., p. 115-116.

[26] Ibid., p. 124-125.

[27] Ibid., p. 184.

[28] Ibid., p. 193.

[29] Ibid., p. 194.

[30] Jackson, Distracted, p. 94.

[31] Steiner-Adari, The big disconnect, p. 6, 25.

[32] Para discussão extensa sobre muitos outros aspectos da vida cristã à luz da tecnologia moderna e suas distrações, veja também Tim Challies, The next story: Life and faith after the digital explosion (Grand Rapids: Zondervan, 2011).

[33] Jackson, Distracted, p. 230-231.

[34] Quentin J. Schultze, de modo útil, chama a atenção para a importância dessas virtudes no seu estudo das novas tecnologias e o caráter cristão, Habits of the high-tech heart: Living virtuously in the information age (Grand Rapids: Baker Academic, 2002), p. 26, 57.

[35] Schultze, Habits of the hight-tech heart, p. 31-32.

[36] John Murray, Redemption: Accomplished and applied, p.183.

[37] E.g., veja Steiner-Adair, The big disconnect, p. 61-62.

[38] Confissão de fé de Westminster, 21.8.

[39] P. ex., veja Carr, The shallows, p. 219-220.

[40] Calvino, Institutas, 3.20.34.

[41] Witsius, The Lord’s prayer, p. 185-186.

[42] Jonathan Edwards, “Concerning the end for which God created the world”, em Works of Jonathan Edwards, p. 481. Veja também John Piper, God’s passion for his glory, p. 199.

[43] Witsius, The Lord’s prayer, p. 196. Veja também Wilhelmus à Brakel, The Cristian’s reasonable service, v. 3, trad. Bartel Elshout (Pittsburgh: Soli Deo Gloria, 1994), p. 3. 483-484, 495, 505.

[44] à Brakel, The Christian’s reasonable service, p. 292; cf. Murray, Principles of conduct, p. 3.507

Capítulo 7

O temor do Senhor numa era do narcisismo

“O temor do

Senhor

é o princípio do saber.” Provérbios 1.7

“O temor de Deus, de que consiste a piedade, é o temor que consiste em reverência, respeito, honra e adoração.” John Murray

“O narcisista é cheio de si, acha que sabe tudo, é um fanfarrão, ama o som da sua própria voz ou é uma lenda na sua própria mente. (...) Os narcisistas não são apenas confiantes, eles são confiantes demais. Em suma, os narcisistas admiram demais a si mesmos.” Jean M. Twenge e W. Keith Campbell

Como consideramos no início do capítulo 6, a história bíblica do soli Deo gloria é atemporal em alguns aspectos. Pela sua própria natureza, Deus é todo-glorioso e digno de toda a adoração. Ele conclama seres humanos em todas as eras e lugares a confiar nele e glorificá-lo como o único Deus verdadeiro. Porém, em outros aspectos, soli Deo gloria é ligado ao tempo, pois cada um de nós é conclamado a glorificar a Deus em seu tempo e lugar particulares. Para honrar a Deus corretamente no século 21, devemos ser cuidadosos em relação às tentações que nos confrontam de maneiras especialmente fortes. Enquanto o capítulo anterior concentrou-se nas muitas distrações que constantemente dispersam nossa atenção, particularmente durante a oração e a adoração, este

capítulo pondera sobre algo ainda mais pernicioso que a concentração fraca: a maldição do narcisismo.

Narcisismo é definido como uma opinião excessivamente elevada e irrealista de si mesmo e uma obsessão pela própria imagem pública. A terminologia no título do capítulo – uma "era de narcisismo" – pode levar alguns leitores a uma complacência prematura. Realmente vivemos numa era de narcisismo, e os cristãos são realmente propensos a atitudes e comportamentos narcisistas? Podemos associar o narcisismo com conduta extrema ou até mesmo patológica. Afinal de contas, o termo em si deriva do personagem da mitologia grega, Narciso, que olhou para a superfície de um lago e, fascinado pelo seu próprio reflexo, não conseguia desviar o olhar. Quem de nós se ama tanto assim? Algumas pessoas podem associar o narcisismo com um transtorno de personalidade identificado pela psiquiatria atual. Certamente, poucos leitores foram diagnosticados como narcisistas clínicos.

Conquanto as chances de que poucos leitores deste livro sejam narcisistas num sentido clínico, não precisamos olhar muito profundamente no nosso coração para detectar muito narcisismo infectando nossos pensamentos e desejos. Se muitos escritores não cristãos veem nossa era como uma era de narcisismo, quanto mais deveriam cristãos, alertas aos enganos do pecado que nos atormentam, reconhecer que muitas características do nosso atual etos cultural tornam as tendências narcisistas mais atraentes do que nunca? Apesar de usar o termo "narcisismo" em parte pelo seu valor de choque – ninguém quer ser chamado de narcisista – também vou me referir a outro termo, vanglória (ou vaidade), que esclarece o quanto todos nós estamos envolvidos nos tipos de pecados que o narcisismo envolve. A teologia moral cristã tem tradicionalmente identificado a vaidade como um dos sete pecados capitais, um pecado ao qual toda pessoa é tentada. O que é definido pela psicologia moderna como "narcisismo", é muito semelhante à definição da teologia cristã clássica de "vaidade". Todos nós, embora alguns mais que outros, tornamo-nos obcecados por nós mesmos e estamos cegos pelo desejo de sermos elogiados e aprovados pelos outros seres humanos.

Por que discutir o narcisismo ou a vanglória num livro sobre o lema da Reforma, soli Deo gloria? Acredito que uma razão muito pertinente é porque narcisismo é diretamente contrário a uma das marcas mais fundamentadas da verdadeira piedade nas Escrituras, o temor do Senhor, e o temor do Senhor é essencial para sermos pessoas que dão toda a glória somente a Deus. As pessoas não

conseguem temer ao Senhor quando estão obcecadas pela própria imagem, e não conseguem atribuir toda a glória a Deus quando não se colocam perante ele em santo temor, reverência e respeito. Como Davi disse há muito tempo, o ímpio não tem “temor de Deus diante de seus olhos. Porque a transgressão o lisonjeia” (Sl 36.1-2). Os cristãos, humilhados pela sua própria pecaminosidade e em admiração por um Deus justo que graciosamente entregou seu próprio Filho para exaltá-los, são agora capacitados pelo Espírito para verem a si mesmos de maneira correta ao atribuírem a glória somente a Deus.

O temor do Senhor certamente não é um atributo cristão que recebe atenção suficiente hoje, de modo que começaremos pela consideração do seu significado e do seu justo lugar numa vida piedosamente moral. Depois, refletiremos sobre o narcisismo e sua irmã, a vanglória, considerando tanto suas perenes seduções quanto o modo como a vida contemporânea alimenta suas chamas. Finalmente, exploraremos como os cristãos, alertas quanto a essas tentações, podem esforçar-se para terem cada vez mais temor do Senhor e assim glorificar a Deus de maneira mais fiel.

O temor do Senhor

Se você fizesse uma pesquisa que pedisse a cristãos para identificar o atributo-chave de um cristão sério, certamente obteria uma grande variedade de respostas, mas provavelmente alguns até mesmo pensariam em citar o temor do Senhor. Porém, se fizermos uma pesquisa objetiva da Escritura, poderíamos concluir que o temor do Senhor é a característica preeminente de um coração piedoso. Por que Davi pede um coração totalmente dedicado a Deus? “Dispõe-me o coração para só temer o teu nome” (Sl 86.11). Como incorporamos a sabedoria verdadeira? “O temor do Senhor é o princípio do saber” (Pv 1.7). Como a Escritura enaltece Jó pela sua piedade? Ele era “homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal” (Jó 1.1). Como devemos reagir à luz das grandes promessas que temos em Cristo? “Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2Co 7.1).[1] Com base apenas nesses poucos exemplos, conseguimos reconhecer a plausibilidade das afirmações marcantes de John Murray: “O temor de Deus é a alma da piedade. (…) Se pensarmos sobre as notas da piedade bíblica, nenhuma é mais característica que o temor do Senhor”.[2]

Por que, então, a maioria dos cristãos pensa pouco sobre o temor do senhor, e muito menos o considera como a alma da piedade? Uma razão provável e que dá origem a uma preocupação bíblica legítima: a Escritura fala de Deus tirando o medo daqueles que confiam nele. Quem pode se esquecer das várias promessas do Antigo Testamento a esse respeito, assim como a garantia de Deus a Israel: “não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus” (Is 41.10). Jesus encorajou seus discípulos: “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino” (Lc 12.32). Talvez o mais notável, dada a importância do amor para a vida cristã, seja o modo como João contrasta amor e temor: “No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor” (1Jo 4.18).

Outra provável razão de os cristãos hoje pensarem pouco a respeito do temor do Senhor é menos nobre. Um temor correto do Senhor implica uma visão superior

de Deus e dos seus atributos, uma reverência diante da sua santidade, justiça, poder, sabedoria, glória e muito mais. Em qualquer extensão que humanizarmos Deus e o trazermos para o nosso nível – e isso acontece muito frequentemente – o temor do Senhor dificilmente fará sentido para nós. Portanto, se quisermos de fato entender por que as Escrituras falam do temor do Senhor como uma marca dos verdadeiros crentes, precisamos refletir sobre as duas maneiras diferentes em que a Bíblia fala sobre o temor e sobre a natureza de Deus e nosso relacionamento com ele como cristãos.

Os teólogos reformados observaram dois modos primários nos quais a Escritura fala sobre "temor". Por um lado, o temor é caracterizado pelo terror; é um "medo escravizador", o tipo que "faz com que um escravo faça a vontade do seu dono por medo de apanhar dele".[3] Esse é o temor que o salmista captura quando reflete: "Alegrou-se o Egito quando eles saíram, porquanto lhe tinham infundido terror" (Sl 105.38). Esse tipo de temor é de fato apropriado para aqueles que não pertencem a Cristo, e, portanto, estão sob o juízo de Deus. Ter tamanho temor escravizador de Deus, observa um teólogo reformado, "é melhor que um desprezo teimoso e insensível por Deus e seus juízos".[4] Pela sua graça comum, pela qual preserva este mundo e a sociedade humana, o Senhor instilou uma medida desse temor de Deus em alguns incrédulos, produzindo um medo do juízo divino que os restringe de alguns comportamentos perversos. Abimeleque, rei de Gerar, com quem Abraão interagiu em Gênesis 20–21, nos fornece um primeiro exemplo na Escritura.[5] Porém, o que é mais característico nos incrédulos é uma rebelião reiterada contra Deus que se recusa até mesmo a respeitar suas mais espantosas manifestações de juízo. Murray observa que, no final da longa lista que Paulo faz das transgressões dos ímpios, ele localiza a fonte da perversidade deles: "Não há temor de Deus diante de seus olhos" (Rm 3.18).[6]

Por outro lado, a Escritura fala de um tipo diferente de temor, "um temor de respeito reverencial", ou um "temor filial".[7] Esse é um temor que apenas cristãos podem sentir. Ele não expressa terror, mas confiança; não amor-próprio, mas amor por Deus. "Temor filial é uma inclinação santa do coração, gerada por Deus no coração dos seus filhos, pela qual eles, tendo reverência a Deus, tomam cuidado para não desagradá-lo, e sinceramente se esforçam para agradá-lo em todas as coisas".[8]

Certamente, os cristãos ainda têm um senso contínuo de assombrosa reverência perante um Deus perfeitamente justo e santo que logo trará o juízo final contra

este mundo. Toda pessoa piedosa deveria estremecer diante do caráter abominável do pecado e sentir profunda contrição em face de um Deus infinitamente puro.[9] No entanto, conquanto mantendo um profundo respeito pelo Deus que está vindo em ira e condenação, os cristãos se regozijam no fato de que não precisam estar pessoalmente aterrorizados pelo juízo que virá. Essa é uma das bênçãos supremas dos que são justificados pela fé em Cristo: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1), e “muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (Rm 5.9). Esse assim chamado “temor filial” de Deus nos liberta do “temor escravizador” que legitimamente nos mantinha em escravidão enquanto definhávamos longe de Cristo. Como Paulo explica posteriormente em Romanos, “não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai” (Rm 8.15).

As passagens bíblicas que citei anteriormente que sugerem que o temor é incoerente com a vida cristã referem-se a temer coisas que não precisamos temer como cristãos. Não precisamos temer o conquistador humano de reinos terrenos (Is 41.10; cf. Is 41.2-7); não precisamos temer a perda de posses terrenas (Lc 12.32; cf. Lc 12.22-34); não precisamos temer punição por parte de Deus no dia do juízo (1Jo 4.18; cf. 1Jo 4.17). Poderíamos acrescentar a essa lista o fato de que agora não precisamos temer a morte (Hb 2.14-15), por exemplo, e certamente não precisamos temer outros seres humanos (Pv 29.25; Cl 3.22).[10] Todas essas são dádivas maravilhosas. Que as palavras de Cristo sempre nos tragam consolo: “Não temais, ó pequenino rebanho” (Lc 12.32).

Porém, os cristãos ainda devem ter um profundo temor filial do Senhor. Temer o Senhor não é apenas para pecadores. Até mesmo Cristo – o Messias sem pecado – tinha temor de Deus: “Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor. Deleitar-se-á no temor do Senhor” (Is 11.2-3). Por que os cristãos continuam a temer a Deus? Primeiro, a própria razão pela qual não precisamos temer a morte, os tiranos ou a perda de bens materiais é que Deus é tão grande e poderoso, e é capaz de proteger os seus de todas as ameaças de qualquer mal. Em outras palavras, o temor reverencial com o qual consideramos nosso Deus é precisamente a razão pela qual as ameaças de todos os inimigos recuam dos olhos da fé. Quem ou o que poderia possivelmente colocar-se diante de um Deus tão grande?

Também continuamos a temer a Deus ao admirarmos seus atributos infinitamente perfeitos que deveriam "gerar reverência" em nós. "Ele é majestoso, glorioso, onipotente, santo, bom e temível."[11] Outro aspecto importante do nosso temor do Senhor deriva de uma conscientização permanente da presença de Deus. O tolo é desatento para com Deus e se esquece dele. Ele ignora o testemunho da criação à sua volta (Rm 1.18-20) e o murmúrio da sua consciência (Rm 2.14-15). Por outro lado, o cristão piedoso confessa que Deus está presente com ele em todo lugar (Sl 139.7-10) e pode dizer: "O Senhor, tenho-o sempre à minha presença" (Sl 16.8). "O primeiro pensamento do homem piedoso em qualquer circunstância é a relação de Deus para com ele e ela, e dele e dela para com Deus. Isso é consciência de Deus e é isso que o temor de Deus acarreta necessariamente".[12] Em acréscimo a essas considerações, vou explicar posteriormente no capítulo por que o temor filial dos cristãos é muito mais que simplesmente a continuação de certos aspectos do temor de Deus obrigatória a todas as pessoas, incluindo aquelas que não estão em Cristo. Vou argumentar que a nossa salvação em Cristo incorpora de modo profundo novos elementos ao nosso temor do Senhor.

Há algo na nossa experiência diária que nos ajuda a explicar esse respeito reverencial por Deus? O melhor exemplo em que consigo pensar é a surpresa momentânea que sente uma pessoa quando se depara com uma celebridade, especialmente se for de maneira inesperada. Tive algumas experiências assim na minha vida, mas a mais memorável delas foi quando entrei num trem entre terminais no aeroporto em Atlanta e de repente me vi em pé ao lado de um dos atletas mais famosos do mundo, um ex-campeão mundial de boxe dos peso-pesados. A experiência foi surreal; por alguns momentos todos os outros pensamentos da minha mente se foram e minha atenção toda estava concentrada no fato de que eu estava na presença de um superastro. Eu não tinha razão alguma para estar aterrorizado, mas certamente vivenciei uma sensação momentânea de reverência. Se conseguirmos ter esse tipo de reação quando entramos na presença de um ser humano proeminente, quanto mais profunda será nossa reverência quando entrarmos na presença do Deus vivo? Se somos capazes de nos maravilhar com uma celebridade, quanto mais devemos ficar extasiados na nossa devoção diante do Todo-Poderoso até mesmo hoje?

Antes de começarmos a refletir sobre as tentações do narcisismo, vale a pena considerarmos especificamente como o temor do Senhor está relacionado com o nosso tema maior de soli Deo gloria. Como mencionado acima, o temor reverencial caracteriza o temor filial do cristão para com Deus. Não precisamos

temer que ele vá derramar sua ira vindoura sobre nós pessoalmente, mas temos de estimá-lo com a mais alta reverência. Murray escreve que “o temor de Deus no qual consiste a piedade é o temor que consiste na reverência, respeito, honra e adoração”. Ele acrescenta a seguir: “A sensação controladora da majestade e santidade de Deus e a reverência profunda que essa apreensão faz surgir constituem a essência do temor de Deus”.[13] Para dizer isso de modo simples, a realidade da glória insuperável de Deus é o que causa esse temor reverencial do Senhor no coração piedoso. Inseparável dessa verdade é o chamado à adoração. Mais uma vez percebemos a centralidade da oração e adoração para cristãos que buscam glorificar a Deus. A glória de Deus estimula um temor reverencial do Senhor no coração piedoso, e esse temor reverencial não consegue evitar jorrar em louvor. Como Wilhelmus à Brakel diz: “Reverência requer, em primeiro lugar, um conhecimento e uma contemplação da majestade de Deus. (...) Em segundo lugar, deve haver um reconhecimento deleitável e uma aprovação sincera de que Deus é muito majestoso. (...) Em terceiro lugar, deve haver um curvar-se reverentemente perante o Senhor e uma adoração dele”.[14]

Esse de fato parece ser o padrão da devoção entre os santos tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Considere o salmista, que descreve com reverência a glória do seu grande Deus: “Porque o Senhor é o Deus supremo e o grande Rei acima de todos os deuses. Nas suas mãos estão as profundezas da terra, e as alturas dos montes lhe pertencem. Dele é o mar, pois ele o fez; obras das suas mãos, os continentes” (Sl 95.3-5). Qual é a reação correta a esse Deus? O salmista continua: “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor, que nos criou” (Sl 95.6). O salmo seguinte segue o mesmo padrão. Ele inicia: “Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, todas as terras. Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome; proclamai a sua salvação, dia após dia. Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas” (Sl 96.1-3). O que motiva tamanha adoração? A grandeza, o poder e a glória de Deus gera temor reverencial em seu povo: “Porque grande é o Senhor e mui digno de ser louvado, temível mais que todos os deuses. Porque todos os deuses dos povos não passam de ídolos; O Senhor, porém, fez os céus. Glória e majestade estão diante dele, força e formosura, no seu santuário” (Sl 96.4-6).

Em toda a Escritura, talvez esse padrão de devoção surja de modo mais poderoso na seção final de Hebreus 12. À luz da distinção entre um temor escravizador e um temor filial do Senhor, é interessante observar que essa seção se inicia assegurando aos leitores de Hebreus que eles não chegaram ao monte Sinai, um

lugar onde Deus ameaçou Israel com juízo rápido e imediato e onde até mesmo Moisés tremeu de medo (Hb 12.18-21). Os leitores de Hebreus, incluindo os cristãos de hoje, chegaram, em vez disso, “ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo”. Por meio da obra de Cristo delineada em seções anteriores de Hebreus, os cristãos mesmo agora têm comunhão com os anjos, os santos glorificados, Deus o Pai e seu Filho, nosso Salvador (Hb 12.22-24). Mas isso exige uma resposta. Não somos passivos ao participar dessa assembleia celestial; somos instruídos: “(...) não recuseis ao que fala” (Hb 12.25). Se a glória de Deus foi impressionante no monte Sinai, quanto mais glorioso ele é nos céus? Se ele fez tremer aquele monte remoto no deserto há muito tempo, quanto mais não fará tremer o mundo todo quando Cristo retornar em juízo (Hb 12.25-26)? E o quanto é maravilhoso que ele faça o mundo todo tremer, e que ele estabelecerá seu reino em toda sua glória, “um reino inabalável” (Hb 12.27-28)? Qual deveria ser a nossa resposta? “Retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor!” (Hb 12.28-29). Perante a glória de Deus, deve haver temor reverente, e esse temor reverente deve suscitar adoração.

Se os cristãos aqui e agora reagirem à revelação da glória de Deus com essa adoração de reverência e temor, só podemos começar a imaginar como será nossa adoração reverente nos céus, quando estaremos livres não apenas do pecado, mas também contemplaremos a glória de Cristo face a face. Nosso temor do Senhor não diminuirá, mas aumentará. Apocalipse 15 oferece um vislumbre da adoração que os santos que já morreram rendem agora a Deus nos céus, e no seu centro está o temor do Senhor e a glorificação do seu nome: “entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo; por isso, todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos” (Ap 15.3-4). Murray escreve: “O temor de Deus é o começo da sabedoria, e a perfeição da glória num mundo vindouro intensificará seu exercício. (...) Quanto mais profunda for a apreensão da glória de Deus, mais ampliado será nosso assombro. Não será um assombro de perplexidade ou horror, mas de adoração reverente e exultante”.[15]

Há muito mais a dizer sobre o temor do Senhor e as virtudes correspondentes que ele sustenta no cristão piedoso. Por exemplo, aquele que teme a Deus exibe humildade, pois quem pode ter uma visão inflada de si mesmo enquanto

mantém, ao mesmo tempo, uma visão exaltada de Deus? Aquele que teme a Deus é também corajoso, pois quem pode ficar aterrorizado por um povo ímpio ou outros perigos neste mundo enquanto honra a Deus como o governante de tudo? Aquele que teme a Deus também se torna mais sábio, pois quem sempre coloca o Senhor diante de si também começa a ver o mundo do modo correto. Retornaremos a alguns desses temas na última seção do capítulo, mas primeiro consideraremos o grande pecado que se opõe ao temor do Senhor – o narcisismo – e sua irmã feia, a vaidade.

A sedução do narcisismo

No início deste capítulo, apresentei a ideia do narcisismo. Os professores de psicologia Jean Twenge e Keith Campbell, que escreveram com discernimento sobre o narcisismo na cultura contemporânea o descrevem de modo simples: “O narcisista é cheio de si, acha que sabe tudo, é um fanfarrão, ama o som da sua própria voz, ou é uma lenda na sua própria mente. (...) Os narcisistas não são apenas confiantes, eles são confiantes demais. Em suma, os narcisistas admiram demais a si mesmos”.[16] Se isso não está claro o suficiente, eles também sugerem vários outros termos que descrevem facetas do narcisismo: “arrogância, prepotência, vaidade, grandiosidade e egocentrismo”.[17] É difícil pensarmos em características mais inimigas de um temor saudável do Senhor que promova a adoração com reverência e temor. Aquele que teme a Deus fica enlevado com o Senhor; o narcisista fica enlevado consigo mesmo. Ser os dois ao mesmo tempo é impossível.

Twenge e Campbell falam de uma “epidemia narcisista” que engolfou a cultura norte-americana, bem como muitas outras culturas ao redor do mundo. No final da década de 1970, Christopher Lasch escreveu um livro, que esteve entre a lista dos mais vendidos, intitulado The culture of narcissism [A cultura do narcisismo], no qual expôs muitas características da vida americana que Twenge e Campbell argumentam que têm crescido de modo constante desde então.[18] Se eles estiverem corretos, isso é alarmante por várias razões, e os cristãos precisam estar atentos contra as seduções que uma era narcisista apresenta. Mas o narcisismo e seus pecados correspondentes são perenes. Os pecadores sempre foram propensos a pensar muito de si mesmos. Portanto, antes de considerar as tentações de uma era narcisista mais detalhadamente, quero refletir brevemente sobre um desses pecados que Twenge e Campbell identificam como uma característica do narcisismo, a vaidade. Vaidade é uma palavra familiar na teologia cristã moral clássica – um dos sete pecados capitais – e considerar seu caráter ajuda a colocar esta questão na perspectiva teológica correta.

Vaidade

O que exatamente é vaidade, ou vanglória? Rebecca Konyndyk DeYoung fornece esta definição: “Vanglória é o desejo excessivo e desordenado por reconhecimento e aprovação dos outros. (...) Quando pegos no pecado da vanglória, queremos aclamação demais, tanto, de fato, que a aceitaremos seja merecida ou não”.[19] Ela observa: “É apropriado que o nome desse pecado inclua o termo ‘glória’, pois esse é o fim que aqueles com esse pecado buscam excessivamente. Os vangloriosos primariamente desejam atenção, aprovação e aplauso”.[20] Essa observação é pertinente à nossa discussão, já que esclarece o quão antiética é a vaidade para o tema do soli Deo gloria. O cristão piedoso busca a glória do Senhor; a pessoa vangloriosa busca a glória para si mesma.

O pecado da vanglória está relacionado a vários outros pecados, mas vale a pena distingui-lo deles. Por exemplo, vaidade e orgulho são primos próximos. Mas DeYoung explica que diferem em características importantes: “O orgulho é excessivamente concernente à própria excelência (exceder os outros); a vanglória, por contraste, diz respeito primariamente à demonstração ou manifestação da excelência”. Portanto, “o vanglorioso (...) não aspira a algo por que isso é excelente. Em vez disso, busca qualquer coisa que lhe traga mais aplauso público, quer o mereça ou não”.[21] Essa distinção esclarece por que algumas vezes usamos a palavra “orgulho” de um modo positivo. Geralmente, pensamos que é bom que as pessoas se orgulhem do seu trabalho. Significa que querem fazê-lo bem. Esse desejo por excelência só se torna um pecado quando se torna excessivo e desproporcional a outros objetivos válidos. No entanto, não há maneira positiva de descrever alguém como “vanglorioso”. Vaidade implica desejo por elogio e admiração por si só, desvinculado da excelência do caráter ou trabalho da pessoa – ou seja, desvinculado do fato de se esse elogio é merecido ou não. DeYoung escreve que, “para o vanglorioso, a imagem é tudo”.[22]

Podemos ver a total incongruência entre a obsessão pela autoimagem da parte da pessoa vangloriosa e a pessoa temente a Deus que fala como o salmista: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia

e da tua fidelidade” (Sl 115.1). Também vemos que a vaidade inevitavelmente envolve uma desconsideração pela verdade. Independentemente de quantos atributos ou realizações uma pessoa tem que certamente merecem louvor, também existirão tantos erros e fracassos que a pessoa vangloriosa tem de se envolver numa campanha de fingimento para evitar que a verdade sobre ela seja conhecida. Portanto, a hipocrisia, um dos pecados mais injuriosos, “é o resultado natural de um coração vendido à vanglória”.[23]

Uma cultura de narcisismo

Assim entendida, a vanglória é um pecado contra o qual todos os cristãos de todas as eras históricas deveriam estar em guarda. Mas aqui temos um bom ponto para retornarmos à nossa discussão do narcisismo e à ideia de que vivemos hoje numa cultura de narcisismo, ou até mesmo em meio a uma epidemia narcisista: se o que dissemos acima é verdadeiro, precisamos estar especialmente atentos contra esse pecado. E a evidência de que nossa era de fato é de narcisismo, infelizmente, é muito convincente.

Embora Lasch tenha usado muita análise freudiana no seu estudo do narcisismo nos Estados Unidos, algumas das maneiras coloquiais com que ele descreve o narcisismo soarão familiares depois de termos refletido sobre o pecado da vanglória. Por exemplo, o narcisista é "ferozmente competitivo em sua exigência por aprovação e aclamação". "Não obstante suas ilusões ocasionais de onipotência, o narcisista depende dos outros para validar sua autoestima. Ele não consegue viver sem um público admirador".[24] Entre outras características narcisistas, Lasch também menciona a ganância, "no sentido de que seus desejos não têm limites" e um tédio crônico "incansavelmente em busca de intimidade instantânea".[25]

A despeito dos elementos marxistas e freudianos do estudo de Lasch, bem como do lapso de tempo desde sua publicação, muitas afirmações sobre seu próprio etos cultural ainda parecem ser verdadeiras hoje – talvez ainda mais. Por exemplo, ele fala sobre um medo da terceira idade que se tem até mesmo antes do início da meia-idade. O narcisista precisa ser admirado por coisas como beleza, atratividade e poder, coisas que tendem a desvanecer ao longo do tempo, e, portanto, ele deseja preservar sua juventude.[26] Lasch também fala sobre como os pais alimentam características narcisistas nos seus filhos tentando dar a eles posições favoráveis na família, e ele encontra algo semelhante nas escolas, onde os professores seguem "a linha de menor resistência (...) ao tornar a experiência a menos dolorosa possível. Esperando evitar confrontos e discussões, eles deixam os alunos sem orientação, enquanto os tratam como se fossem incapazes de esforço sério".[27] Lasch também traça uma mudança de procurar ser estimado

pelo próximo por meio das realizações e um desejo por admiração baseado em atributos pessoais. Em vez de desejar respeito, as pessoas querem ser invejadas; elas foram do orgulho para a vaidade.[28] Ele diz que o sucesso precisa ser ratificado pela publicidade, e "impressões ofuscam realizações".[29] Além disso, "a publicidade serve não tanto para divulgar produtos como para promover o consumo como uma maneira de viver".[30] Quando lemos muitas dessas descrições, é possível que sintamos o desejo de voltar no tempo e dizer a Lasch, enquanto ele está escrevendo na década de 1970, você deveria ver como as coisas estão agora!

A epidemia narcisista

Twenge e Campbell estão observando a cultura hoje bem como referenciando o passado, e eles identificam a década de 1970 como o início do que se tornou uma epidemia narcisista numa escala completa.[31] No início do estudo, eles identificaram alguns equívocos sobre o narcisismo. Talvez mais importante, eles argumentam que o narcisismo não é um produto da baixa autoestima. Muitas pessoas assumem que o comportamento narcisista se origina do ódio a si mesmo, mas pelo contrário, Twenge e Campbell demonstram que, "no profundo do seu ser, narcisistas pensam que são impressionantes".[32] Eles não se odeiam, mas, em vez disso, estão loucamente apaixonados por si mesmos. Do mesmo modo como confundem narcisistas com pessoas que se odeiam, as pessoas também se equivocam em relação à cura para o narcisismo. Quando uma adolescente publica online fotos reveladoras de si mesma, seus pais lhe dizem ainda mais o quanto ela é linda. "Isso é como sugerir que uma pessoa obesa se sentiria melhor se comesse mais rosquinhas", escreve Twenge e Campbell. "Megan quer que todos vejam o quanto ela é bela e especial, e isso não é porque ela se acha feia – é porque ela se acha atraente."[33] Em outras palavras, o narcisismo se assemelha à vanglória que consideramos acima. O narcisista é obcecado pela sua própria imagem, mesmo à custa inevitável da verdade. Twenge e Campbell ressaltam que isso acontece porque os narcisistas, na realidade, não são melhores, mais atraentes ou mais inteligentes do que qualquer outra pessoa.[34]

Se o narcisismo, a vanglória e outros pecados relacionados são pragas perenes da humanidade pecadora, qual é a evidência de que o narcisismo alcançou proporções epidêmicas na sociedade norte-americana contemporânea (e cada vez mais em outras sociedades também)? Inicialmente, Twenge e Campbell apontam para estudos que mostram que, por volta de 2006, "Um em cada quatro alunos de faculdade concordaram com a maioria dos itens numa medida-padrão de características narcisistas", e que quase um entre dez norte-americanos entre 20 e 29 anos já haviam vivenciado sintomas clinicamente diagnosticados do transtorno de personalidade narcisista. Twenge e Campbell afirmam que, "Sorrateiramente disfarçada, está a cultura narcisista, que seduziu muitos mais".[35]

Um instigador fundamental da epidemia atual que eles ressaltam leva-nos de volta para a nossa cultura altamente tecnológica da Internet e especialmente para as mídias sociais. Conquanto Twenge e Campbell considerem a década de 1970 como o advento da epidemia, eles se perguntam se 2005-2006, com o surgimento do Facebook e do YouTube, poderia transformar-se "num segundo ponto de inflexão para o crescimento da epidemia narcisista".[36] Twenge e Campbell não aparentam odiar a tecnologia, mas observam que "sites de mídia social formam os modos em que os adolescentes e aqueles na casa dos 20 anos veem o mundo, e moldam a maleável personalidade dos adolescentes e jovens como se fosse argila. Assim como animais evoluem e mudam para se adequarem ao ambiente, os jovens estão se tornando cada vez mais narcisistas para se adequarem à exigência do novo mundo digital".[37] Twenge e Campbell apontam para quatro mensagens-chave que a cultura da mídia social instila nas pessoas – especialmente nos jovens: a necessidade constante de entretenimento, ostentar isso quando o obtém, sucesso por meio do consumo e felicidade mediante uma vida adulta glamorosa (o último principalmente entendido num contexto sexual). "Todas essas mensagens são coerentes com uma cultura crescente de narcisismo, com seu materialismo desenfreado, agressão a outros, vaidade, sexualidade rasa e desejo frenético por atenção e fama".[38] Eles acrescentam, além do mais, que "a estrutura dos sites recompensa as habilidades do narcisista, como a autopromoção, selecionando fotografias lisonjeiras de si e tendo o maior número de amigos".[39]

Não temos de negar os usos legítimos das mídias sociais para reconhecer a necessidade de vigilância ao usar as formas de mídia que frequentemente se tornam meios para promover pecados que menosprezam o temor do Senhor. Os cristãos devem reconhecer sua vulnerabilidade ao pecado e às atrações especiais da vaidade. Em muitos aspectos as tentações não são novas, mas suas oportunidades de nos seduzir parecem ser maiores que nunca. Como DeYoung observa, com referência a como a vanglória tende a gerar a jactância: "O YouTube e outros sites semelhantes da Internet são apenas os locais mais novos para exibir esse pecado antigo e criar publicidade para as próprias realizações".[40]

Twenge e Campbell citam outras evidências além da Internet e da cultura da mídia social para basear sua afirmação de uma epidemia narcisista. Por exemplo, eles prestam atenção especial ao aumento da facilidade de crédito, que chegou ao seu auge na crise financeira de 2008-2009. Crédito fácil significa que as pessoas podem comprar mais coisas – coisas que outrora não teriam condição de adquirir e que, na verdade, não poderiam comprar. A tentação pessoal para

comprar a crédito acima da sua capacidade financeira só aumenta quando os vizinhos e os amigos da pessoa mordem a isca e também criam pressão para manter as aparências. “Em vez de ganharem riquezas, as pessoas hoje em dia podem pegá-la emprestada e simplesmente fingir para si mesmas e para outros que a ganharam. O narcisismo está ligado a essa busca por bens materiais e a um estilo de vida que supere o do vizinho. Para os narcisistas, bens materiais como um relógio Rolex, um carro de luxo e uma cozinha enorme com bancada de granito são sinais de posição social elevada.”[41]

Nos anos que se seguiram à crise financeira nos Estados Unidos, as oportunidades para se beneficiar de crédito fácil diminuíram um pouco para a compra de certos bens materiais, mas as tentações ainda se encontram em todo lugar, e enquanto escrevo isto, os níveis de endividamento imobiliário nos Estados Unidos parecem ter parado de cair. Taxas de juros artificialmente baixas (não baseadas no mercado) impostas pelo Federal Reserve por um período de tempo longo foram uma das principais razões para a crise financeira, e agora, ironicamente, taxas mais baixas por períodos mais longos se tornaram o principal meio para tentar conter a crise. Bancos centrais impõem taxas de juros artificialmente baixas por uma razão básica: incentivar a tomada de crédito – e o consumo – além do que as condições normais do mercado sugerem como razoáveis.[42] Ainda resta muita oportunidade de empréstimo – oportunidade demais – para o narcisista resistir.

Twenge e Campbell destacam vários outros sintomas e estimulantes da epidemia narcisista que vou destacar logo mais. Por exemplo, eles apontam o número espantoso de cirurgias cosméticas nos Estados Unidos, que aumentaram em cinco vezes entre 1997 e 2007.[43] Eles discutem como um número cada vez menor de pais dão nomes comuns aos seus filhos e mais frequentemente lhes dão nomes excêntricos e incomuns – tentando tornar cada um dos seus filhos especial.[44] Sobre a questão do caráter especial dos filhos, Twenge e Campbell também observam que “eu sou uma pessoa especial” é um dos itens que aparece na lista de características do transtorno de personalidade narcisista; no entanto, essa agora é uma mensagem que os pais e professores sentem que devem instilar nas crianças. Twenge e Cambell opõem-se a isso: “Sentir-se especial é narcisista – não é autoestima, nem autoconfiança, nem algo que deveríamos estar estimulando nas nossas crianças”.[45] Um último item que vale a pena mencionar na discussão desses escritores é o de ter o direito, “a crença disseminada de que alguém merece tratamento especial, sucesso e mais coisas materiais. O fato de achar que tem o direito é um dos componentes-chave do narcisismo, e um dos

mais danosos aos outros".[46] Eles falam da necessidade cada vez maior por louvor e o impulso cada vez menor para trabalhar duro que caracteriza tantos alunos (principalmente os mais novos) e trabalhadores hoje em dia – como muitos professores e empregadores podem atestar.[47]

Cultivando o temor do Senhor, para a glória dele

Refletir sobre o pecado da vanglória é um exercício sério, e acrescentar nossa cultura do narcisismo à reflexão é ainda mais sério. Como criaturas pecadoras, somos propensos a buscar nossa própria glória em vez da de Deus, a nos enamorarmos de nós mesmos em vez dele, e o etos de nossa cultura atual dá muito incentivo a essa inclinação ímpia. Porém, somos chamados a glorificar a Deus e, como temos considerado, não podemos glorificar a Deus sem uma reverência robusta e temor por ele. Como podemos cultivar um temor saudável do Senhor e desse modo combater a sedução perniciosa do narcisismo?

A discussão sobre o narcisismo na seção anterior sugere muitas considerações práticas que podem diminuir as tentações à vaidade e nos afastar dos padrões de conduta narcisistas. Alguns cristãos podem achar necessário modificar seu uso da mídia social para quebrar os hábitos da autopromoção que essas mídias muitas vezes promovem. Outros podem achar necessário se desvincular totalmente das várias linhas de crédito que incentivam um modo vida além das suas posses e uma ostentação de status perante vizinhos e colegas de trabalho. Muitos cristãos certamente precisam examinar as mensagens que mandam aos seus filhos, tanto por instrução explícita quanto por exemplo sutil. Devemos tentar combater as mensagens enganadoras da cultura sobre a autoestima, sobre ser especial e sobre ter direito a tudo e, em vez disso, ajudar nossos filhos a se avaliarem honestamente perante Deus e a aprenderem diligência e gratidão – mas é provável que não conseguiremos fazer isso se nossa conduta não corresponder à nossa retórica.

Porém, nesta seção final do capítulo, quero me concentrar não nessas preocupações práticas importantes, mas sobre algumas verdades teológicas maravilhosas. Essas verdades devem nos ajudar a manter uma perspectiva correta de nós mesmos, de Deus e do nosso relacionamento com ele. E não é como se essas verdades teológicas não fossem práticas. Pelo contrário, é apenas com a perspectiva que essas verdades fornecem que quaisquer esforços contra o narcisismo e em direção ao temor do Senhor podem ser bem-sucedidos.

Acredito que um lugar adequado para começarmos é com um ponto que é ao mesmo tempo teológico e ético: devemos ser pessoas que amam a verdade, tanto sobre Deus quanto sobre nós mesmos. O narcisismo se alimenta do autoengano. Ser um narcisista requer um senso irrealista e exagerado sobre o próprio valor, uma avaliação imprecisa sobre as próprias habilidades, realizações, aparência ou popularidade. E nos examinar falsamente necessariamente infecta nossa avaliação de Deus. Como podemos recuperar uma avaliação correta de Deus e de nós mesmos a despeito de todas as seduções interiores e exteriores da vanglória?

Uma autoavaliação correta depende grandemente da virtude da humildade. Por exemplo, Twenge e Campbell escrevem: “De vários modos, a humildade é o oposto do narcisismo”. Por quê? Enquanto o narcisismo envolve autoengano, “a verdadeira humildade é (...) a habilidade de ver e avaliar a si mesmo com precisão e sem estar na defensiva”.[48] Humildade não significa que não conseguimos reconhecer onde se encontram nossas forças e habilidades. Esse discernimento é necessário para tomar decisões sábias sobre a vida. A assim chamada “falsa humildade” é exatamente isto – falsa. Mas quando verdadeiramente nos examinamos, nossa doutrina cristã sobre o pecado nos assegura que encontraremos muitas razões para sermos humildes. Nossas maiores forças, nossas realizações mais admiráveis, nossos atributos mais admiráveis – desejos ímpios e erros pecaminosos estão interligados com todas elas. Até mesmo nossas melhores obras são como trapos da imundícia (Is 64.6). E mesmo aquilo que é verdadeiramente reto nas nossas boas obras, reconhecemos que são simplesmente produto da graça de Deus operando em nós e, portanto, certamente não são questões das quais devemos nos gabar. Não é como se a humildade fosse adequada apenas para algumas pessoas más e sem talento quando elas são honestas a respeito de si mesmas. A humildade é adequada para cada pecador que se examina corretamente.

Ainda mais importante é a nossa necessidade de aceitar a verdade a respeito de Deus. Se nos medirmos de acordo com o padrão da nossa própria criação, ou até mesmo numa curva em comparação com outros seres humanos, podemos encontrar coisas em nós a respeito das quais podemos nos gabar. Mas a fonte verdadeira da humildade piedosa vem ao reconhecermos que sempre nos colocamos perante o Deus vivo. Quando reconhecemos sua grandiosidade, sua santidade, sua sabedoria e todos os seus atributos infinitos, finalmente nos vemos pelo que realmente somos. Reconhecer os atributos de Deus não elimina o narcisismo simplesmente nos desiludindo da nossa pretensão à grandeza;

porém, instila em nós o temor de Deus que procuramos como base para glorificá-lo em tudo o que fazemos. O Breve catecismo de Westminster (R. 4) afirma que “Deus é um Espírito, infinito, eterno e imutável no seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade”. Memorizar isso seria bom para nossa mente, mas digerir essa mensagem deveria atingir nosso coração. Deus é infinito, eterno e imutável no seu ser. Deus é infinito, eterno e imutável na sua sabedoria. Deus é infinito, eterno e imutável no seu poder. E ele é assim em todos os seus outros atributos. Isso é literalmente incompreensível. Como pode esse Deus não despertar reverência e temor? Ser um narcisista vanglorioso perante a face desse Deus é absurdo, ridículo e bizarro.

O evangelho e a humildade cristã

Porém, mesmo com toda esta discussão, ainda não investigamos o suficiente. Precisamos considerar como o evangelho de Jesus Cristo molda nossa visão de Deus, e, portanto, nosso temor de Deus, e, então, o chamado à humildade ao nos colocarmos diante dele. Claramente, o temor de Deus não é apenas uma responsabilidade de crentes salvos por meio de Cristo. Já consideramos como todos os seres humanos devem temer a Deus e têm muitas razões para fazer isso mesmo à luz do que sabemos sobre ele da revelação natural. Aqueles que chegaram à fé em Cristo continuam tendo essas razões para temer a Deus, apesar de sermos muito gratos por não precisarmos estar pessoalmente aterrorizados pelo seu juízo vindouro. Mas uma questão que ainda não discutimos é se o evangelho em si – e por isso eu quero dizer a mensagem e as bênçãos da salvação em Cristo – também enriquecem e transformam esse temor de Deus que obriga todos os seres humanos. Acredito que, de fato, ele o faz, e, portanto, também enriquece e transforma nossa prática da humildade. Certamente isso merece uma discussão mais extensa, mas aqui ofereço algumas considerações com as quais espero incentivar reflexão mais aprofundada.

Uma passagem bíblica que parece esclarecer o ponto tão bem quanto qualquer outra é o salmo 130.3-4: “Se observares, Senhor, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá? Contigo, porém, está o perdão, para que te temam”. É fácil vermos o raciocínio básico. Se o Deus justo e santo registrasse nossos pecados contra nós, nenhuma pessoa conseguiria subsistir ao seu juízo. Mas ele também é um Deus de perdão, o que significa que seus santos podem de fato se apresentar diante dele. E, por causa disso, nós o tememos.

Essa tradução para a nossa língua sugere que o perdão de Deus dos pecados, que está no centro do evangelho, é a causa (ou pelo menos uma causa) do nosso temor do Senhor. O texto hebraico do salmo 130.4 de fato sugere uma leitura um tanto diferente, embora transmita um ponto teológico semelhante. Ele diz que com Deus há perdão para que ele possa ser temido. Deus nos perdoa para o propósito de nos incitar a temê-lo. A versão King James reflete essa leitura: “Mas há perdão em ti, para que tu possas ser temido”. À primeira vista, parece

quase como se não tivéssemos razões para temer a Deus senão pelo fato de ele nos perdoar. Sabemos que isso não é verdadeiro, mas então deve ser o caso de que há algum aspecto do temor do Senhor que não conseguimos compreender e praticar até que vivenciemos sua graça perdoadora em Cristo. Que aspecto é esse?

Sugiro que seja a reverência e a admiração que surgem da nossa compreensão da misericórdia salvadora de Deus. É interessante que a Resposta 4 do Breve catecismo de Westminster lista muitos atributos de Deus que inspiram admiração, mas não menciona sua graça salvadora. (Sua graça salvadora é um aspecto da sua bondade, que ela menciona, mas há muito mais na sua bondade do que apenas graça). O que o Breve catecismo faz é listar atributos divinos dados a conhecer a todos, em todos os lugares. Todas as pessoas, mesmo por meio da revelação natural, sabem algo sobre o ser, a sabedoria, o poder, a santidade, a justiça, a bondade e a verdade de Deus. Mas o que todas as pessoas não necessariamente sabem – e para ser mais preciso, o que todas as pessoas que não ouviram o evangelho de Cristo não sabem – é que Deus perdoa o pecado por meio da vida, morte e ressurreição do seu Filho.

Mas saber isso certamente enriquece e transforma a nossa visão de Deus. Um Deus que é infinitamente justo, santo e poderoso certamente merece o nosso temor. Mas não é nosso temor por ele engrandecido pelo conhecimento de que esse Deus perfeitamente santo e justo realmente perdoa pecados? Esse Deus que disse que não justificará os ímpios (Êx 23.7), e de fato, que justificar os culpados é uma abominação a ele (Pv 17.15), agora vem a nós no evangelho e se revela a nós como o Deus que “justifica o ímpio” (Rm 4.5). Além do mais, aprendemos no evangelho que ao fazer isso, Deus não compromete em nada sua justiça, santidade, verdade ou qualquer outro dos seus atributos, pois ele enviou seu Filho “em semelhança de carne pecaminosa” (Rm 8.3), e carregando “ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados” (1Pe 2.24). “(...) não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados (...) mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1.18-19). Cristo também foi obediente em nosso lugar (Rm 5.19), e Deus imputa a retidão deles a nós (Rm 4.6, 11). Quem pode não temer um Deus cujo amor é tão profundo, intenso e generoso? Como cristãos podem não temer o Senhor muito mais ricamente do que os incrédulos conseguem temê-lo?

A propósito, também é apropriado retornarmos a uma passagem considerada anteriormente: Hebreus 12.18-29. Uma vez que esses versículos são dirigidos

especificamente aos cristãos – que mesmo agora participam da adoração do monte Sião celestial – e conclui exortando-os a adorar a Deus com reverência e temor, devemos nos perguntar novamente se há alguma coisa na experiência do cristão no evangelho que enriquece e transforma seu temor do Senhor. Alguns aspectos dessa passagem apresentam Deus de maneiras que todas as pessoas conhecem e, de fato, maneiras que todas as pessoas finalmente vivenciarão. Penso especificamente em como descreve Deus como um Deus de juízo e ira, revelado há muito tempo no monte Sinai (12.18-21) e a ser revelado mais terrivelmente no juízo do último dia (12.26-27). Os cristãos certamente não podem esquecer que ele é esse Deus. Essa passagem até mesmo os adverte: "Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte" (12.25). Porém, essa advertência não é o que imediatamente precede e baseia a exortação a adorar a Deus com reverência e temor; o que a precede e baseia é um mandamento para sermos gratos por termos recebido "um reino inabalável" (12.28). Que Deus vem para punir o pecado de fato é realmente algo que inspira temor. Mas que Deus dará a pecadores rebeldes um reino inabalável mesmo enquanto ele abala e elimina todo o restante (12.26-27) – ora, isso deveria inspirar temor como nada que jamais poderíamos imaginar.

Esse aprofundamento do temor de Deus por meio do evangelho certamente também deveria aprofundar nossa humildade. Por isso, quero dizer não que o evangelho deva nos humilhar mais ao nos degradar, mas que ele deveria nos tornar mais profundamente honestos a respeito de nós mesmos e nos ajudar a entender mais exatamente qual é o nosso verdadeiro valor diante de Deus. Primeiro, a mensagem do evangelho serve para nos dar alívio total dos nossos pecados. Ele faz isso de várias maneiras, mas talvez a mais profunda delas seja pela demonstração de que nosso pecado é tão horrível diante da visão de um Deus justo e santo que precisou da morte do Filho unigênito de Deus para nos salvar. Se qualquer dúvida ainda persiste a respeito do quanto estávamos perdidos nos nossos pecados, esse fato deveria eliminá-la para sempre.

Outro modo no qual o evangelho aprofunda nossa humildade é não permitindo que ela se transforme em total desespero. O desespero seria a única reação lógica se tudo que soubéssemos sobre nós mesmos fosse nosso pecado e a condenação consequente perante o julgamento de Deus. Porém, a humildade baseada no evangelho nos capacita a entender que temos valor verdadeiro e que somos, de fato, chamados à glória. Não é um valor derivado dos nossos próprios esforços e

não é uma glória que conseguimos obter pela nossa própria força. Em vez disso, o evangelho revela nosso valor como renovados à imagem de Deus por meio de Cristo, o que nos capacita a fazermos obras que são verdadeiramente boas e honráveis,[49] e nos dá esperança de uma glória vindoura dada por Cristo na sua segunda vinda. Como consideramos em capítulos anteriores, o fato de que toda a glória pertence somente a Deus, e que nós também seremos glorificados no último dia não é nenhuma contradição. Deus glorifica a si mesmo em todas as suas obras, mas se agrada em especial de glorificar a si mesmo por meio da glorificação dos seus santos em Cristo – cuja glorificação redunda em glória para Deus. A ideia de uma glorificação humilde parece ser paradoxal; no entanto, uma vez que nossa glorificação sirva à maior glória de Deus, ela começa a fazer sentido.

Que nós, que confiamos em Cristo, possamos dar toda a glória a Deus ao temê-lo em reverência humilde. Que possamos temê-lo humildemente à luz de todos os seus atributos e obras. Mas que o temamos e glorifiquemos especialmente por ele ter feito precisamente o que foi necessário, a tão grande custo para si mesmo, para redimir pobres pecadores e nos transformar em cidadãos glorificados de um reino que nunca poderá ser abalado.

---

[1] Tradução minha. [Que é também a da versão ARA, usada nesta tradução (N. do R.)].

[2] John Murray, Principles of conduct: Aspects of Biblical ethics (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), p. 229.

[3] à Brakel, The Christian’s reasonable service, v. 3, p. 233.

[4] Ibid., p. 3.292.

[5] Veja especialmente Gênesis 20.11; veja também os comentários sobre essa passagem em Murray, Principles of conduct, p. 230; e em David VanDrunen, Divine covenants and moral order, p. 157-161.

[6] Murray, Principles of conduct, p. 230-231.

[7] Veja Murray, Principles of conduct, p. 233; e à Brakel, The Christian's reasonable service, p. 3.292.

[8] à Brakel, The Cristian's reasonable service, p. 3.293 (itálicos do original eliminados).

[9] Cf. Murray, Principles of Conduct, p. 235-236.

[10] Como à Brakel incisivamente diz em The Christian's reasonable service: "O terceiro pecado cometido contra o temor de Deus é temer o homem. (...) Se nós ainda não negamos totalmente a nós mesmos quanto à honra, amor, vantagem e prazer, nem estamos muito inclinados a reconhecer a insignificância do homem (...), e não nos acostumamos a ver a mão do Senhor em todas as coisas, desse modo percebendo que somente Deus faz tudo, e que todos os homens são meramente instrumentos na sua mão, sendo usados ou para nos fazer bem ou para nos fazer mal – isso irá fazer com que coloquemos a nossa confiança no homem". "Confiaremos nos homens e nossos pensamentos param neles – como se tivessem vindo deles. Com veemência buscamos tê-los do nosso lado, e temos medo de perder o favor deles" (3.299). "É o maior ato de desprezo a Deus se ele tivesse de se render ao homem por você. (...) é uma negação da providência de Deus – como se Deus não reinasse" (3.300).

[11] à Brakel, The Christian's reasonable service, 3.300.

[12] Murray, Principles of conduct, p. 238.

[13] Ibid., p. 236-237.

[14] à Brakel, The Christian's reasonable service, p. 3.294.

[15] Murray, Principles of the conduct, p. 241-242.

[16] Jean M. Twenge e W. Keith Campbell, The narcissism epidemic: Living in the age of entitlement (Nova York: Free Press, 2009), p. 18.

[17] Ibid., p. 18.

[18] Christopher Lasch, The culture of narcissism: American life in an age of diminishing expectations (Nova York: Norton, 1978).

[19] Rebecca Konyndyk DeYoung, Glittering vices: A new look at the seven deadly sins and their remedies (Grand Rapids: Brazos, 2009), p. 60. Depois de completar esse livro, DeYoung publicou outra obra sobre pecado dedicado especialmente à vaidade; veja Rebecca Konyndyk DeYoung, Vainglory: The forgotten vice (Grand Rapids: Eerdmans, 2014).

[20] Ibid., p. 63.

[21] Ibid., p. 62.

[22] Ibid., p.63.

[23] Ibid., p. 69.

[24] Lasch, The culture of narcissism, xvi, p. 10.

[25] Ibid., xvi, p. 40.

[26] Ibid., p. 41, 210.

[27] Ibid., p. 50, 140.

[28] Ibid., p. 59.

[29] Ibid., p. 60.

[30] Ibid., p. 72.

[31] Twenge e Campbell, The narcissism epidemic, p. 68.

[32] Ibid., p. 24-28.

[33] Ibid., p. 8-9.

[34] Ibid., p. 28.

[35] Ibid., p. 2.

[36] Ibid., p. 69.

[37] Ibid., p. 114.

[38] Twenge e Campbell, The narcissism epidemic, p. 108. Eles derivam esses quarto pontos de Candice M. Kelsey, Generation MySpace: Helping your teen survive online adolescence (Nova York: Marlowe, 2007).

[39] Twenge e Cambell, The narcissism epidemic, p. 110.

[40] DeYoung, Glittering vices, p. 70.

[41] Twenge e Campbell, The narcissism epidemic, p. 129.

[42] Eles impõem taxas mais baixas para incentivar investimento com maior risco, como em ações e imóveis. Mas tudo acaba na mesma coisa.

[43] Twenge e Campbell, The narcissim epidemic, p. 148.

[44] Ibid., p. 180.

[45] Ibid., p. 189, 191.

[46] Ibid., p. 230.

[47] Ibid., cap. 14.

[48] Ibid., p. 282, 283.

[49] Os comentários de DeYoung sobre a virtude da magnanimidade podem ser apropriados aqui: “Pessoas magnânimas se preocupam com alcançar atos de virtude grandiosos e trabalhosos como algo para o qual Deus as chamou. Suas realizações são verdadeiramente dignas de honra. São coisas que voltam nossos

pensamentos para a glória de Deus porque obviamente não são coisas que qualquer pessoa poderia ter feito sem a graça. Pessoas magnânimas irradiam a beleza de Deus e sua bondade no mundo, atraindo outras pessoas para essa glória. (...)" Veja Glittering vices, p. 65.

Capítulo 8

Glorificando a Deus num século* que está passando

“Mas os que esperam no

Senhor

renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam; caminham e não se fatigam.” Isaías 40.31

“Temos um desejo frenético, um anseio infinito, de buscar riqueza e honra, intriga por poder, acumular riquezas e juntar todas as frivolidades que parecem levar ao luxo e ao esplendor.” João Calvino

Este livro tentou descrever o ensino da Escritura a respeito da glória de Deus, seguindo o útil exemplo dos reformadores protestantes e a antiga teologia reformada. Glória é um dos atributos de Deus – esse fato fundamenta a convicção de que toda a glória pertence somente a Deus: soli Deo gloria . Glória é uma das características que fazem Deus ser quem ele é, e todas as suas características são gloriosas. A Escritura também nos ensina que Deus revela sua glória na própria estrutura do mundo que ele criou e em todas as obras que ele realiza. Deus manifestou sua glória de um modo único a Israel na coluna de nuvem e fogo no deserto, e essa coluna descansou sobre o tabernáculo, e posteriormente no templo em Jerusalém, marcando o lugar onde Deus especialmente se agradou de habitar com seu povo. Porém, o povo pecador de Deus constantemente se mostrava indigno da sua presença santa. Portanto, sua glória acabou deixando o templo, e ele os expulsou da Terra Prometida para o exílio na Babilônia.

Depois de muitos anos, Deus graciosamente restaurou seu povo do exílio e lhes prometeu uma revelação maior e permanente da sua glória no futuro. Essa promessa foi cumprida na vinda do Senhor Jesus Cristo – o Filho encarnado de Deus – cuja glória esteve amplamente velada durante seu ministério terreno, mas a quem Deus ressuscitou à vida e está assentado à sua mão direita na glória do céu. Essa história da glória de Deus chegará a uma conclusão espetacular e eterna no grande dia em que o Senhor Jesus retornar, revelando os novos céus e a nova terra e acolhendo a nós, seu povo aperfeiçoado, ao estado de glória sem-fim.

Como também consideramos, interpretar o soli Deo gloria nessas linhas é diferente de como ele é frequentemente retratado hoje em dia. Muitas pessoas falam do soli Deo gloria como se seu ponto principal envolvesse nossa própria atividade, isto é, glorificar a Deus mediante atividades fiéis que exerçam um impacto transformador na cultura à nossa volta. Espero que a discussão sobre a Reforma e os pensamentos reformados iniciais sobre essa questão, e especialmente o amplo estudo dos ensinos bíblicos ajudem a enriquecer o entendimento da igreja a respeito do importante tema soli Deo gloria e incentivem uma mudança na ênfase na qual ele é apresentado.

Mas a Escritura fala claramente sobre os cristãos glorificando a Deus. Temos visto que uma das maneiras em que Deus glorifica a si mesmo é por meio da salvação de um povo para ele mesmo. Ele os capacita a glorificá-lo principalmente pela adoração, e, em segundo lugar, pela conduta santa, e ele um dia glorificará a si mesmo pela glorificação dos seus santos, concedendo a eles comunhão eterna com Cristo na glória da nova criação. Mas é útil lembrarmos que a ideia de cristãos glorificando a Deus em todas as atividades da vida não é a maneira principal que a Escritura fala sobre a glória de Deus, e quando a Escritura fala sobre isso, ela nunca a associa com um programa de transformação cultural (embora confiemos que Deus usará nossa conduta piedosa para abençoar aqueles à nossa volta).

Relacionado a essas considerações está uma curiosidade e um desafio dos quais quero tratar neste último capítulo: a Escritura nos conclama a glorificar a Deus aqui e agora, neste século presente, mas simultaneamente fala deste século como não sendo de glória. Em contraste com o século glorioso por vir, este século presente é de sofrimento, tristeza e corrupção. Em meio a este século, e sem mudar sua natureza, Deus conclama os cristãos a glorificá-lo ao esperarem honestamente e ansiosamente pela chegada da era por vir. Assim como a glória

de Cristo foi manifestada, porém tão amplamente escondida sob a feiura e a brutalidade do seu sofrimento até à morte, do mesmo modo a glória celestial de Cristo já está sendo manifestada em nós, mas apenas de uma maneira que é velada pelos sofrimentos, desapontamentos e perseguições deste mundo.

Portanto, as questões com as quais este livro termina dizem respeito à natureza deste século presente – um século não de glória – e à maneira correta que àqueles que vivem neste século devem agir de modo a glorificar a Deus. Nos dois capítulos anteriores, usei o termo “século” [ou “era”] coloquialmente, para falar sobre a cultura do século 21: uma “era” de distração e narcisismo. Neste capítulo, vou usar esse termo no sentido bíblico comum. O “século [ou era] que está passando”, como diz o título do capítulo, refere-se a todo o período no qual a igreja do Novo Testamento vive; de fato, poderia se referir a todo o período entre a queda de Adão e a segunda vinda de Cristo. Veremos que a vida à qual Deus nos chama nesta era é de serviço grato, mas também de expectativa ansiosa, de atividade diligente, mas também de espera paciente. Assim como Deus foi glorificado na humilhação de Cristo e na sua aparente derrota, ele também é glorificado na nossa resistência paciente, mas alegre ao longo de muito sofrimento e humilhação.

Este presente século maligno

Nesta primeira seção, consideraremos a natureza desta era presente, que será um histórico útil para refletirmos posteriormente sobre o tipo de vida fiel e que glorifica a Deus a qual somos conclamados para viver em meio a este século. Veremos aqui que o século presente, no seu cerne, é "perverso" (Gl 1.4). Não é um século de glória. Porém, Deus, na sua misericórdia providencial, continua sustentando este mundo e preservando muitas coisas boas que suas mãos criaram. É precisamente neste século que Deus forma sua igreja e santifica os cristãos para seu serviço santo.

Vários livros do Novo Testamento usam o termo "século" da mesma maneira que uso aqui, mas "século" é especialmente importante na epístola de Paulo. De fato, a ideia de que existem dois séculos é crucial para entender o pensamento de Paulo. Na maioria dos lugares onde ele utiliza essa terminologia, ele se refere ou a um século ou a outro, mas ambos os séculos são mencionados em Efésios 1.21, onde Paulo fala sobre o Cristo ressurreto estar assentado à mão direita de Deus acima de todo poder, "não só no presente século, mas também no vindouro". Para Paulo, este século presente é o mundo infectado pelo pecado sob a maldição de Deus enquanto o século vindouro é uma nova criação celestial na qual os santos habitarão em glória para sempre com o Senhor. Deus enviou seu Filho "para nos desarraigar deste mundo perverso" (Gl 1.4) e já nos deu várias bênçãos do século que há de vir, mas os cristãos ainda vivem dentro dos limites do século presente, e ainda lutam contra o pecado e sofrem sob a maldição. Portanto, podemos dizer que os cristãos vivem na sobreposição de dois séculos durante sua vida terrena.[1]

Embora Paulo fale muito sobre a nova criação celestial, quando ele usa a terminologia "século", geralmente ele se refere ao século presente. Além de descrevê-lo como "perverso" (Gl 1.4), ele escreve sobre o "inquiridor deste século" (1Co 1.20) e da "sabedoria deste século" (1Co 2.6), que na verdade são insensatos. Os "poderosos desta época" (1Co 2.6, 8) não entendem a sabedoria divina e não alcançarão nada. Portanto, cristãos não devem pensar de si mesmos como sábios pela "sabedoria deste mundo" (1Co 3.19). Em outro lugar, Paulo

fala do “deus deste século” – provavelmente Satanás – que cega os incrédulos e os torna incapazes de ver a glória de Deus em Cristo (2Co 4.4). Em meio a “este século presente”, os cristãos devem aprender a recusar “a impiedade e as paixões mundanas” (Tt 2.12). A figura aqui é decididamente negativa. Este século presente é de vaidade e apresenta perigos e tentações que os cristãos devem evitar. Os crentes devem acumular “para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida” (1Tm 6.19). O século vindouro é de fato de “vida eterna” como disse Jesus (Mc 10.17; Lc 18.30).

Outro modo de ver o contraste entre os dois séculos é em termos de glória, nosso tema principal. Paulo fala deste século presente em contraste com a glória do século que há de vir. Por exemplo, o “deus deste século” cega a mente dos incrédulos, “para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2Co 4.4). As trevas deste século buscam obscurecer a luz e a glória de Cristo. Nesse contexto, Paulo enfatiza que os cristãos têm a “iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6), e estão sendo transformados à imagem de Cristo “de glória em glória” (2Co 3.18), mas, por viverem neste mundo, essa glória é calada e velada. Paulo diz que ele e seus companheiros têm “este tesouro em vasos de barro” (2Co 4.7). Eles são atribulados, perplexos, perseguidos e abatidos; eles carregam a morte de Jesus no próprio corpo (2Co 4.8-10). A esperança de Paulo de libertação dessa condição não é nada menos que a ressurreição (2Co 4.14). Ele termina essa discussão contrastando sua participação na decadência do mundo presente com a glória do século vindouro: “Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (2Co 4.16-18). Apesar de Paulo não usar a terminologia de “século” em Romanos 8.17-18, ele faz um argumento semelhante: “(...) se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados”.

Essa linguagem paulina de dois “séculos” é muito importante; no entanto, ela, em si por si mesma é insuficiente para um entendimento completo do mundo presente e do nosso lugar nele. Quando Paulo fala explicitamente deste “século” nos exemplos acima, ele fala sobre ele em termos totalmente negativos. Para Paulo, este século presente é mau, enganador e oposto ao evangelho. No entanto,

a Escritura também deixa claro que este mundo no qual vivemos não é inteiramente e inequivocamente mau. Deus criou este mundo, e sua glória ainda brilha nele (Sl 19.1). Ele satisfaz os desejos de todo ser vivo (Sl 145.16), dando sol e chuva a todas as pessoas (Mt 5.45) e suprindo-as com lavouras, alimentos e alegria (At 14.17). Ele também estabelece magistrados civis para fazerem justiça em nosso favor (Rm 13.1-4). Portanto, Paulo usa “este século” para descrever o mundo na medida em que ele é mau e rebelde contra Deus, mas há outros modos de descrever o mundo que capturam essas coisas positivas – essas bênçãos divinas que ainda existem ao nosso redor.

A ideia reformada dos “dois reinos”

A ideia reformada dos “dois reinos” pode nos ajudar muito aqui. Essa distinção de “dois reinos” é em alguns aspectos semelhante à distinção de “dois séculos”, mas é mais bem vista como um complemento a ela. Em outras palavras, os dois séculos e os dois reinos descrevem verdades bíblicas sobre este mundo e o mundo que há de vir, mas não descrevem exatamente as mesmas verdades. Para obtermos um retrato bíblico mais completo, é necessário que entendamos ambas as distinções.

De um modo breve, aqui está uma maneira de entender a diferença entre os “dois séculos” e os “dois reinos”: por um lado, os “dois séculos” se referem ao presente século na medida em que ele é amaldiçoado e encontra-se em rebelião contra Deus e ao século que há de vir como a glória do novo céu e da nova terra. Este século está sob a tirania e ilusão de Satanás, enquanto o século por vir retrata o trinfo e a glória de Deus em Cristo. Por outro lado, os “dois reinos” se referem a um reino “civil” ou “comum” pelo qual Deus sustenta as atividades e instituições deste mundo a despeito da sua queda no pecado, e a um reino “espiritual” ou “redentor” pelo qual Deus salva um povo para si mesmo, reunindo-os agora em igrejas e um dia levando-os para casa na nova criação. Portanto, Deus é o rei dos dois reinos, embora ele os governe por meios diferentes e para propósitos diferentes.[2]

Uma passagem bíblica que elucida o governo de Deus sobre o reino comum é Gênesis 8.21–9.17, que descreve a aliança que ele faz com Noé depois do grande dilúvio. Deus estabelece sua aliança com todos os seres vivos (Gn 9.12, 15-16), e até mesmo com toda a ordem criada (Gn 8.22; 9.13). Ele promete a preservação deste mundo presente, não a salvação pelo perdão de pecados ou a vida eterna. Ele promete nunca destruir o mundo de novo com um dilúvio (Gn 8.21; 9.15), mas manter as estações e os anos (Gn 8.20), os limites entre homens e animais (Gn 9.2), a procriação humana (Gn 9.1, 7) e a justiça civil (Gn 9.6). Ele fará isso pelo tempo que o mundo durar (Gn 8.20). Este mundo que Deus preserva, o reino comum, é obviamente caído e pecador, mas Deus sustenta muitas coisas boas nele. É um reino de graça comum,[3] que se refere a “todo

favor de qualquer tipo ou grau, menos a salvação, que este mundo desmerecedor e amaldiçoado pelo pecado desfruta às mãos de Deus", como diz John Murray.[4]

Portanto, conquanto descrevamos o mundo neste "século presente" como amaldiçoado e hostil a Deus, também podemos desfrutar das múltiplas bênçãos que ainda estão presentes nele, na medida em que vemos a mão providencial de Deus trabalhar por meio do "reino comum". Há muitas trevas e oposição ao evangelho à nossa volta, mas na maioria das vezes e na maioria dos lugares, o mundo ainda é habitável para nós. De modo geral, os cristãos podem sobreviver nas suas sociedades e levar vidas produtivas, embora o grau no qual podemos livremente adorar e evangelizar varie grandemente de lugar para lugar.

O modo como a Escritura fala sobre o "reino dos céus" ou o "reino de Deus" – o segundo dos "dois reinos" – tem várias semelhanças com o "século [ou era] por vir" bíblico. Na Escritura, esse reino de Deus é, num sentido último, um reino celestial a ser completamente manifestado na vinda da nova criação, mas Deus forneceu um vislumbre dele na vinda do seu Filho e continua a fazer isso ao longo da vida e do ministério da igreja de Cristo.[5] Muitos adjetivos são adequados para descrever esse reino. É um reino "espiritual" que não é um apêndice do governo civil ou de qualquer outra instituição social deste mundo; é um reino "redentor" em que há salvação dos pecados e vida eterna para os seus cidadãos. A Confissão de fé de Westminster identifica esse reino com a igreja, na medida em que esse reino é revelado aqui e agora.[6] O Breve catecismo de Westminster acrescenta mais detalhes quando fala desse reino como o "reino de graça" que avança por meio da igreja neste mundo e como o "reino da glória" que será totalmente revelado e desfrutado na segunda vinda de Cristo.[7] De fato, o reino como a manifestação total da nova criação no século vindouro é o "reino da glória". A glória aguarda, mas por ora, a glória de Deus está amplamente velada num mundo em deterioração, embora preservado.

Esses conceitos teológicos de "dois séculos" e "dois reinos" fornecem uma perspectiva útil para entender o mundo presente, particularmente em comparação com a nova criação que há de vir. Mas qual é a posição cristã básica neste mundo? Qual é a condição do cristão? Três ideias bíblicas nos ajudam a responder a essas perguntas, e, portanto, a definir uma base para nossa consideração, na próxima seção, de alguns meios específicos pelos quais Deus conclama os cristãos a viverem neste século presente. Estas três ideias são, peregrinação, exílio e dupla cidadania.

Peregrinação, exílio e dupla cidadania

Em primeiro lugar, o Novo Testamento se refere a nós como peregrinos neste mundo. Pedro nos conclama a nos conduzir em temor reverente durante o tempo da nossa “peregrinação” (1Pe 1.17), e diz que, como peregrinos, devemos nos abster de “paixões carnais” (1Pe 2.11). Algumas traduções utilizam outras palavras que não “peregrinando” ou “peregrinos” para traduzir os termos gregos que Pedro usou, mas o importante é que os termos de Pedro se referem a pessoas vivendo num lugar que não é o seu verdadeiro lar, ou passando por ele numa viagem. É isso o que caracteriza a vida cristã aqui neste mundo. O lar verdadeiro do cristão é o reino celestial de Cristo, como Pedro ensinou anteriormente na sua primeira epístola: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros” (1Pe 1.3-4).

A ideia de peregrinação seria familiar aos leitores de Pedro que conheciam o Antigo Testamento. Gênesis descreve Abraão como um peregrino em várias ocasiões (Gn 12.10; 15.13; 20.1; 21.34; 23.4). De fato, a tradução grega do Antigo Testamento (a “Septuaginta”), que muitos leitores originais de 1Pedro conheceriam, usa as mesmas palavras gregas para descrever Abraão que Pedro usou para descrever os cristãos. Depois de Deus o ter chamado de terra de Ur do Caldeus, Abraão nunca habitou num mesmo lugar por muito tempo. Ele se mudava de lugar para lugar. Mas como Hebreus explica, Abraão não era um peregrino simplesmente porque teve várias moradias na terra. Ele era um peregrino na terra porque sua moradia permanente era no céu: Abraão “aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb 11.10), e desejava uma cidade melhor – a celestial (Hb 11.16). Também é assim para os cristãos hoje. Um cristão em particular pode passar sua vida inteira vivendo num lugar, mas ele ainda é um peregrino na terra porque está longe da sua pátria celestial. Mesmo uma vida aparentemente estabelecida nessa terra é, no fim das contas, uma vida em transição para o cristão em vista do seu destino final.

A segunda ideia, exílio, transmite algumas noções semelhantes usando imagens diferentes. Pedro também usa essa terminologia, referindo-se a cristãos como exilados espalhados por várias províncias (1Pe 1.1) e como exilados vivendo vidas santas entre pagãos (1Pe 1.11-12). Como um peregrino, um exilado vive longe do seu verdadeiro lar. Mas enquanto "peregrino" indica que uma pessoa não está estabelecida, mas em movimento, "exílio" indica que uma pessoa foi expulsa da sua própria terra. Essa imagem também é notavelmente apropriada para descrever os cristãos. No início, Deus colocou Adão e Eva no santuário do Jardim do Éden, um lugar de íntima comunhão com Deus. Porém, por causa da queda deles, Deus os expulsou do Jardim e os consignou a uma vida ao oriente do Éden sob sua maldição. O mundo inteiro, como o conhecemos, é um lugar de exílio. A boa-nova do evangelho proclama que Deus resgatou um povo da humanidade caída e restaurou o lugar deles na sua presença abençoada – na verdade, ele deu a eles um lugar no seu reino celestial, um santuário muito melhor do que o Jardim do Éden. No entanto, até o retorno de Cristo, os cristãos desfrutam dessa comunhão com Deus nos céus somente a distância. O tempo de exílio deles ainda permanece neste tempo presente, embora tenham a esperança assegurada de que Deus logo levará este tempo a um fim.

O exílio do Israel do Antigo Testamento na Babilônia é um contexto muito importante para entender por que o Novo Testamento descreve os cristãos como exilados. A experiência de Israel foi um tipo de microcosmos da experiência de toda a raça humana caída. Depois de tantos séculos de desobediência de Israel, Deus enviou o rei Nabucodonosor para destruir Jerusalém e levar seu povo à força da Terra Prometida para o exílio na Babilônia. Lá, Deus os conclamou a viverem vidas comuns tanto quanto fosse possível – trabalhando, estabelecendo famílias, buscando o bem de sua cidade estrangeira – enquanto esperavam ansiosamente que Deus os tirasse do exílio e os levasse para a própria terra deles (veja especialmente Jr 29.1-14). Pedro sugere que essa é a maneira como os cristãos devem viver aqui e agora. Não esperamos o retorno à cidade terrena de Jerusalém, mas o que aquela cidade terrena representava: a "nova Jerusalém" (Ap 21.2), "a Jerusalém lá de cima" (Gl 4.26). "Se o céu é a nossa pátria", disse João Calvino, "o que o mundo poderia ser além de um lugar de exílio?"[8] Os exilados devem buscar viver uma vida pacífica e produtiva no país estrangeiro, e algumas vezes podem realizar grandes coisas em favor da cidade, como o exemplo de Daniel e seus amigos ilustra muito bem. Mas a Escritura representa o exílio como um lugar não de glória. Como vimos no capítulo 4, a partida da coluna da nuvem de fogo do templo pressagiou o exílio de Israel (Ez 10), e o fim do exílio foi marcado pelo retorno da glória (Ez 43; cf. Is 40.3-5). Portanto, os

cristãos hoje devem buscar uma vida pacífica e produtiva nos seus lugares de exílio, enquanto anseiam pela glória da nova criação.

Uma terceira e última ideia que nos ajuda a entender a posição dos cristãos no mundo presente é dupla cidadania. Cidadania implica desfrutar de certos privilégios e direitos em associação com a política de um Estado em particular. Evidentemente, os cristãos geralmente são cidadãos de uma nação (ou nações) terrena(s), mas a Escritura identifica uma cidadania ainda mais importante de que eles desfrutam, graças à obra redentora de Cristo: cidadania nos céus. Considere o exemplo de Paulo. Ele era um cidadão romano, uma posição altamente valorizada da qual a maioria dos habitantes do Império Romano não desfrutava. A cidadania romana garantia certos privilégios legais a Paulo que ele reivindicou quando acusado de crimes (At 16.37-39; 22.23-29). Mas Paulo ensinou que, como cristão, ele também era cidadão de outro Estado: "(...) a nossa pátria está nos céus" (Fp 3.20). Ele tinha dupla cidadania.

Por um lado, dupla cidadania é uma noção útil para se ter em conjunto com nosso reconhecimento de que os cristãos são peregrinos e exilados, porque nos lembra que não devemos ter uma visão totalmente negativa da nossa vida aqui nas cidades e sociedades terrenas. Diferentemente dessas outras duas ideias, cidadania comunica um sentido verdadeiro de pertencer e comumente instila um elemento de compromisso de lealdade. Na verdade, podemos nos sentir um tanto desconfortáveis ao dizer que somos tanto peregrinos/exilados em comunidades terrenas quanto cidadãos delas, mas essa tensão certamente é o que a Escritura quer que sintamos. Cidadania num país terreno, e com ela um patriotismo modesto, não é incoerente com a profissão cristã. Mas o amor pelo nosso país terreno deve ser equilibrado por uma dedicação muito maior pela nossa pátria celestial.

Ler Paulo nos deixa com pouca dúvida sobre quais das suas cidadanias lhe assegurava maiores benefícios e instilava nele a maior das lealdades. Em Atos 22, vemos que a cidadania romana impediu que Paulo fosse açoitado – não é um benefício que eu recusaria – mas isso não se compara com ser abençoado "com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo" (Ef 1.3). O escritor de Hebreus promove uma perspectiva semelhante: "Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir" (Hb 13.14). Não é que não pertençamos de modo algum a qualquer cidade no mundo. Mas o que não temos aqui é uma cidade permanente. A cidade que há de vir reivindica nossa lealdade primária. Vale a pena lembrar as palavras iniciais de Paulo em

Colossenses 3: “Portanto, se fostes justificados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória” (Cl 3.1-4). Então, vemos novamente esse tema conhecido. O mundo presente, com suas cidadanias terrenas, não é um lugar de glória. A glória pertence à cidade celestial, onde nosso Salvador se encontra, e, portanto, onde nossa verdadeira vida está mesmo agora.

Glorificando a Deus neste presente século mau

A seção anterior tentou retratar uma figura bíblica fiel desta “era atual” – isto é, o mundo no qual os cristãos sempre viveram, em distinção à era que há de vir, a gloriosa nova criação. Esta é uma era ímpia, porém Deus a enche de boas dádivas; os cristãos, como peregrinos, exilados e que têm dupla cidadania podem comumente sobreviver, e muitas vezes até mesmo prosperar, dentro de comunidades terrenas, mas seu verdadeiro lar é o reino celestial de Cristo da era que há de vir. Em comparação com a era que há de vir, a era presente não é uma era de glória. Então, que tipo de vida é especialmente adequado para os cristãos em meio à decadência à sua volta, rodeados por coisas que são “temporais” (2Co 4.18) e que “passa” (veja 1Co 7.31)? Como damos glória a Deus numa era não gloriosa?

Glorificar a Deus neste século [ou era], presente significa, em primeiro lugar, render a ele a adoração correta, especialmente na reunião corporativa da igreja. Capítulos anteriores ofereceram muitas razões bíblicas do por que isso é verdade, mas talvez mais importante aqui seja o fato de que nossa adoração na terra é uma participação na glória que os anjos e santos dão a Deus nos céus, bem como um antegosto dela. Nossa adoração revela um vislumbre do século por vir mesmo aqui nas nossas reuniões humildes de domingo.

No céu, os anjos clamam, “Amém! O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém!” (Ap 7.12). Os santos que entraram nos céus antes de nós acrescentam à adoração dos anjos: “Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor, Deus Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome?” (Ap 15.3-4). Quando Deus nos conclama a lhe dar glória na adoração – “Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, todas as terras. Cantai ao Senhor, bendizei o seu nome; proclamai a sua salvação, dia após dia. Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas” (Sl 96.1-3) – ele permite que nós ecoemos na terra o que esses anjos e santos proclamam nos céus. A Escritura até mesmo descreve um tipo de troca entre a adoração terrena e

a celestial. Na nossa adoração, exortamos os anjos a lhes renderem a adoração: “Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhe obedeceis à palavra. Bendizei ao Senhor, todos os seus exércitos, vós, ministros seus, que fazeis a sua vontade” (Sl 103.20-21). E não apenas clamamos aos anjos a distância. Na nossa adoração, chegamos “ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial”, aos muitos milhares de anjos, aos espíritos dos justos aperfeiçoados – e ao próprio Cristo (Hb 12.22-24). Participamos misteriosamente na adoração dos céus assim como adoramos aqui na terra. Acima de tudo, nessa atividade, demonstramos a glória de Deus – a glória do século que há de vir – aqui neste século presente.

Como também consideramos nos capítulos anteriores, nossa glorificação de Deus na adoração deveria propagar-se, secundariamente, a tudo o que fazemos. Pedro explica, “servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus”. Quer seja ao falar ou servir, que o façamos “na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos” (1Pe 4.10-11). Somos chamados para servir. Certamente não pensamos o suficiente sobre o fato de que Deus deseja que todo cristão ponha seus dons em prática para servir ao seu próximo. Em vez de considerar esse chamado para servir como um peso, deveríamos nos regozijar no fato de que Deus é glorificado por meio de Cristo ao arregaçarmos as mangas e nos amarmos mutuamente.

Se Deus deve ser glorificado em tudo o que fazemos, como Pedro diz, isso exige um estudo abrangente de ética cristã para descrever como glorificamos a Deus aqui e agora. Não consigo fazer isso nas poucas páginas que me restam, então vou me concentrar na maneira pela qual somos chamados para viver à luz da natureza passageira deste século presente – isto é, à luz do fato que este século presente não é glorioso. Na verdade, foi precisamente para isso que os pensamentos de Pedro se voltaram depois das palavras citadas acima. Ele continua: “Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando” (1Pe 4.12-13). Apesar dos muitos bens temporais e espirituais de que já desfrutamos, este século presente para os cristãos é uma vida sob a cruz, caracterizada por sofrimentos de todos os tipos, que nos conclama à autonegação, à perseverança paciente e a firmemente esperar no Senhor. Apenas

com essas coisas é que glorificamos a Deus em tudo.

Autonegação

A ideia de autonegação está enraizada especialmente nas palavras de Jesus em Mateus 16.24: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me”.[9] Parece que não ouvimos muito hoje em dia sobre autonegação na vida cristã. Isso não é de admirar, uma vez que a autonegação é praticamente a última coisa que nos vem naturalmente. Em Mateus 16, Pedro repreende Jesus por dizer que era necessário que ele sofresse muitas coisas em Jerusalém, que fosse morto, e então ressuscitasse (Mt 16.21-22). Jesus responde a Pedro: “Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mt 16.23). Instintivamente, os seres humanos consideram o modo de salvação de Deus terrível: sofrer primeiro; e depois, a glória. Cristo “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45), e os cristãos devem seguir esse mesmo padrão, embora ele seja contra nossa própria natureza. Por isso, a necessidade da autonegação. Isso não é odiar a si mesmo, ou uma negação do nosso valor aos olhos de Deus, mas é uma negação de todas aquelas inclinações pecaminosas persistentes de resistir à vontade de Deus e egoisticamente servir a nós mesmos.

Algumas das mais fortes exortações bíblicas à autonegação explicam essa obrigação à luz da glória vindoura. Depois de ordenar a autonegação na passagem que acabamos de considerar, Jesus conclui dizendo aos seus discípulos que aquele que quer salvar sua vida perdê-la-á, mas aquele que perder sua vida por ele, a encontrará (Mt 16.25). Em outras palavras, buscar nossa própria glória neste século leva à morte. Mas “o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras” (Mt 16.27). A glória pertence à era que há de vir, visível no retorno de Cristo. Portanto, no espírito de autonegação, não deveríamos armazenar tesouros perecíveis aqui na terra, mas tesouros incorruptíveis nos céus (Mt 6.19-20); buscamos primeiro o reino de Deus e sua justiça (Mt 6.33).

Tito 2.11-13 junta temas semelhantes: “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e

piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus". Dizer "não" à impiedade e às paixões mundanas parece ser o mesmo que o mandamento de Jesus de negar a si mesmo. Não é odiar a si mesmo, mas resistir àqueles desejos maus que são contrários à vontade de Deus. Paulo associa essa impiedade e paixões mundanas com o século presente – que ele chama em outro lugar de mundo perverso (Gl 1.4). Em contraste, ele aponta para o século vindouro do retorno de Cristo: "aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tt 2.13). Uma vida fiel neste mundo perverso, com uma visão da glória que há de vir, requer autonegação.

Apesar de não ouvirmos falar muito sobre autonegação nas discussões contemporâneas sobre a vida cristã, os reformadores e seus herdeiros reformados reconheciam a importância desse tema. Wilhelmus à Brakel forneceu esta definição útil:

A autonegação é uma virtude cristã, dada por Deus aos seus filhos, por meio da qual eles, por amor à vontade de Deus, nem dão atenção nem se entregam ao próprio intelecto, vontade e inclinações naquilo em que estes são opostos à vontade de Deus – antes, lhes fazem oposição e os suprimem. Eles fazem isso mediante uma renúncia voluntária a tudo o que pertence ao seu bem-estar natural, bem como rejeitando tudo isso, se a causa de Deus exige isso deles – e isso para a honra de Deus e o bem dos seus semelhantes.[10]

Isso reforça o que foi dito acima, que é necessário que nos neguemos a nós mesmos, especificamente com respeito ao que se opõe à vontade de Deus. A autonegação não menospreza o bem-estar da própria alma, acrescentou à Brakel logo a seguir, mas nega a "natureza pecaminosa", o "antigo Adão".[11] Considere também o fim desta definição: a autonegação é para a honra (ou glória) de Deus e o bem do próximo. Diretamente contrária ao narcisismo considerado no capítulo anterior e tão desenfreado na cultura contemporânea, a autonegação resiste àqueles impulsos persistentes que declaram: tudo é sobre mim. É muito adequando que à Brakel comente: "Uma pessoa que não nega a si mesma demonstra que não está satisfeita a menos que tudo termine nela".[12] Isso resume a ideia muito bem. Um narcisista vive para si mesmo, satisfazendo-se nos

prazeres deste mundo perverso. Aquele que teme a Deus e o glorifica nega a si mesmo e toma sua cruz à luz do século vindouro.

Calvino sobre a autonegação

Talvez nenhum outro teólogo reformado tenha escrito tão poderosamente sobre a autonegação quanto João Calvino, particularmente no terceiro livro das Institutas da religião cristã. No início da sua discussão sobre a autonegação, Calvino reconhece a importância de os cristãos desviarem seus olhos da sua própria glória nessa vida: “Quando a Escritura nos ordena deixar de lado nossa consideração pessoal, ela não apenas priva nossa alma de um anseio excessivo por riqueza, ou poder, ou favor humano, mas erradica toda ambição e anseio por glória humana”. Em vez disso, diz Calvino, os cristãos devem ver sua vida como completamente voltada para Deus. “Isso porque aquele que aprendeu a esperar em Deus em tudo o que faz é, ao mesmo tempo, afastado dos pensamentos vãos. Essa é a autonegação que Cristo tão fortemente inculca nos seus discípulos desde o início” (Mt 16.24).[13] Calvino certamente não acha que isso seja algo fácil. Pelo contrário, às vezes ele parece estar quase esmagado pela dificuldade de renunciar à própria glória e outras realizações egoístas desta vida presente: “Temos um desejo frenético, uma ânsia infinita, de buscar riqueza e honra, intriga por poder, acumular tesouros, bem como de ajuntar todas essas frivolidades que parecem levar ao luxo e ao esplendor”.[14] Portanto, Calvino conclui que a única pessoa que “corretamente negou a si mesma” é “aquela que se rendeu totalmente ao Senhor , colocando todo o curso da sua vida inteiramente à disposição dele. (...) O que quer que aconteça, sabendo que isso foi ordenado pelo Senhor, ela receberá com uma mente tranquila e grata”.[15]

Calvino então se volta especificamente para o ensinamento de Cristo de que para negar a si mesmo, a pessoa deve tomar sua cruz. Ele não tenta amenizar as palavras sérias de Jesus: “Aqueles aos quais o Senhor escolheu, e deu a eles a honra de relacionar-se com ele, devem preparar-se para uma vida dura, laboriosa, cheia de problemas, uma vida repleta de muitos e vários tipos de males”. Que consolo ou apoio há, em face dessas provações? Calvino volta a mente dos seus leitores para Cristo, para a glória que ele alcançou depois do sofrimento e a nossa participação nessa mesma glória: “Tendo iniciado esse curso com Cristo, o Primogênito, ele segue o mesmo em relação a todos os seus filhos. (...) Portanto, isso nos dá grande consolação nas circunstâncias duras e difíceis (...) pensar que

estamos tendo comunhão com os sofrimentos de Cristo; que, como ele passou para a glória celestial através de um labirinto de muitos males, nós também seremos conduzidos ao mesmo lugar por meio de várias tribulações".[16] Calvino também lembra seus leitores de que Deus tem vários propósitos bons ao nos levar à glória por meio da dificuldade e da autonegação. O constante lembrete da nossa fraqueza e fragilidade, por exemplo, reprime nossa arrogância teimosa e forma paciência.[17] E Deus nos consola com um pensamento maravilhoso quando somos perseguidos por causa da justiça: "Deus nos confere alta honra ao nos distinguir pelo distintivo de sermos seus soldados".[18]

Parece justo dizer que, para Calvino, aprender a carregar a cruz numa vida de autonegação centra-se ao redor da meditação sobre o desejo por uma futura vida de glória, bem como tendo isso em vista. Ele afirma: "Qualquer que seja o tipo de tribulação com a qual somos afligidos, devemos sempre considerar a finalidade dela, para que sejamos treinados a desprezar o presente, e, desse modo, a aspirar à vida futura", e "tiramos adequadamente proveito da disciplina da cruz quando aprendemos que esta vida, estimada por si mesma, é inquieta, turbulenta, de inúmeras maneiras miserável, e claramente em nenhum aspecto feliz".[19] Essas afirmações sobre a vida presente são fortes e podem nos parecer exageradas. Calvino não fornece qualificações importantes, observando que não devemos odiar a vida presente ou ser ingratos a Deus por todas as bênçãos que ele nos dá nela.[20] Ainda assim, Calvino verdadeiramente adotou o chamado de Paulo e outros escritores bíblicos para ter uma mente celestial. Ele explica que o reino de Cristo não é carnal ou mundano, mas espiritual e celestial.[21] Portanto, "a cruz de Cristo (...) triunfa apenas no coração dos cristãos sobre o diabo e a carne, o pecado e os pecadores, quando os olhos deles estão direcionados para o poder da sua ressurreição".[22]

Perseverança paciente

A verdadeira autonegação nas provações da vida, nutrida pela esperança de glória eterna, é acompanhada por uma perseverança paciente. À Brakel define paciência como “uma força espiritual que o cristão tem em Deus pela qual ele, na realização do seu dever, voluntariamente, com compostura, alegria e firmeza suporta todas as vicissitudes da vida, tendo esperança de que tudo terminará bem”.[23]

Por um lado, a autonegação requer perseverança paciente. Já é difícil negar o egoísmo, as inclinações que desagradam a Deus por um curto período de tempo, mas fazer isso mais e mais ao longo de uma vida exige precisamente o tipo de força de caráter que associamos com a paciência. Por outro lado, a autonegação gera o desenvolvimento de perseverança paciente.[24] Paulo diz que “a tribulação produz perseverança” (Rm 5.3), e Tiago escreve que “a provação da vossa fé (...) produz perseverança” (Tg 1.3). É claro que eles não querem dizer que o sofrimento ou provações automaticamente geram perseverança, a despeito da nossa reação a eles. Em vez disso, sofrimento e provação exigem autonegação (de fato, a autonegação dificilmente é necessária quando não há tentação a ser resistida), e a autonegação exige a perseverança (novamente, a perseverança não é necessária quando não há exigência por autonegação por um longo período de tempo). Para dizer isso de outro modo, o Espírito Santo forma essa perseverança paciente nos cristãos à medida que eles praticam a autonegação ao longo de uma vida inteira de tentações. Uma pessoa não pode desenvolver-se em uma sem desenvolver-se na outra. “Todos aqueles que agora são portadores da coroa foram portadores da cruz. (...) Considere que o caminho para o céu é cheio de sofrimentos, e que não podemos seguir por esse caminho a não ser pela paciência.”[25]

Esperança

A perseverança paciente está estreitamente ligada à esperança. Isso não é surpreendente, já que ter uma mentalidade celestial é necessário para a autonegação. Como a meditação sobre a vida futura sustenta a autonegação, do mesmo modo a esperança reforça a paciência. Por isso Paulo elogia os cristãos de Tessalônica pela "firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo" (1Ts 1.3). Como à Brakel coloca isso: "há muito tempo, muito suportar da cruz, muito conflito entre a promessa e a posse. Então, a esperança vem e mostra a glória dos benefícios e a certeza de se tornar participantes deles. Isso é seguido pela paciência, que apoia a esperança para que ela não sucumba às tribulações".[26] Como a autonegação e a perseverança paciente são mutuamente fortalecedoras, do mesmo modo também, aparentemente, o são a esperança e a perseverança paciente. Paulo fala sobre a "perseverança proveniente da esperança" (1Ts 1.3; NVI) e também escreve que o sofrimento produz perseverança, de modo que também "a tribulação produz a perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança" (Rm 5.3-4). Em quê, precisamente, temos esperança? Paulo explica no mesmo contexto: "gloriamo-nos na esperança da glória de Deus" (Rm 5.2). Portanto, vemos novamente o tema deste capítulo: fixar nossos olhos na glória de Deus implica ansiar pelo século vindouro e ter firmeza em face das presentes tribulações.

Alegria e coragem

Muitas outras virtudes vêm à mente ao refletirmos sobre essa perseverança esperançosa, mas mencionarei mais duas que nos incitam a manter um foco positivo e nos envolvermos ativamente nas questões deste mundo: alegria e coragem. A atenção a temas como autonegação e perseverança paciente, apesar de necessária, pode sugerir que a vida cristã simplesmente é uma vida de triste resignação. No entanto, a alegria e a coragem mantêm essa tentação longe.

Não é fácil definir alegria. Ela é facilmente confundida com felicidade, mas isso é certamente incorreto. Felicidade é um humor ou sentimento que as pessoas vivenciam mais ou menos em diferentes épocas e circunstâncias. Porém, a alegria cristã é uma virtude profunda do coração, não um humor que vai e vem. Em suma, entendo que a alegria refira-se a um deleite em Deus, nas suas boas dádivas e na nossa vocação para servi-lo.

Um dos modos mais comoventes de vermos a diferença entre felicidade e alegria é a ênfase da Escritura de que a alegria emerge por meio do sofrimento, e até mesmo que nos regozijamos no nosso sofrimento. Em contraste, o sofrimento não torna ninguém feliz. Ninguém gosta de sofrer, e por definição, somos infelizes quanto ao que não gostamos. Mas Paulo e Tiago, nas passagens consideradas acima, associam sofrimento e alegria. Paulo diz que “gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança” (Rm 5.2-3).[27] Tiago inicia sua epístola com a exortação: “Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações” (Tg 1.2). Essas passagens não elogiam a alegria no sofrimento porque devemos nos deleitar nos sofrimentos em si. Como defini acima, alegria é deleite em Deus, nas suas boas dádivas e na nossa vocação para servi-lo. Portanto, a alegria em si, Paulo explica, está enraizada na nossa justificação pela fé e na paz , bem como no acesso que temos, portanto, a Deus, e na nossa esperança da glória vindoura de Deus (Rm 5.1-2).

A alegria, como as outras virtudes que consideramos, é nutrida pela reflexão sobre a glória da era que há de vir. Imediatamente antes de Paulo fazer sua

afirmação mais famosa sobre a alegria, no início de Filipenses 4, ele nos lembra que a nossa cidadania é nos céus e que aguardamos a ressurreição do corpo – o corpo da glória – no retorno de Cristo (Fp 3.20-21). Imediatamente depois da sua ordem para alegrar-se no Senhor sempre, ele observa: “Perto está o Senhor” (Fp 4.5). O escritor de Hebreus tem a mesma perspectiva quando encoraja os leitores, que deparam com os embaraços do pecado e as tentações a desanimar, a olharem firmemente para o “Autor e consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus” (Hb 12.1-3). É Cristo e a glória que um dia compartilharemos com ele que nos deleita em meio aos sofrimentos presentes. Porém, também há um sentido no qual nos alegramos nesses sofrimentos. Novamente, isso não é porque nos deleitamos nas próprias dificuldades, como se elas fossem um fim em si. Em vez disso, tanto Paulo quanto Tiago explicam que nos alegramos nos sofrimentos porque é precisamente por meio do sofrimento que Deus forma várias virtudes em nós, tais como a perseverança e a esperança, que nos tornarão “perfeitos e íntegros” (Tg 1.3-4; Rm 5.3-4).

Assim como a alegria cria um deleite positivo em Deus mesmo enquanto praticamos a autonegação, do mesmo modo a coragem cria um espírito de serviço a Deus e ao próximo mesmo enquanto pacientemente suportamos as dificuldades que nos atribulam. Coragem refere-se à força para permanecermos firmes e cumprirmos nossas responsabilidades face ao medo e à oposição. Longe de basear-se sobre uma indiferença estoica aos males à nossa volta, a coragem só é coragem quando sentimos o peso das dificuldades que nos atribulam e ameaçam o nosso bem-estar. A coragem não finge que não há perigo, mas permanece firme perante ele no temor de Deus. Portanto, à Brakel explica a necessidade de coragem: “Não apenas decorre muito tempo entre a promessa e a posse da questão a qual a esperança espera com confiança, mas também se deve esperar muita oposição dos inimigos. Portanto, a pessoa que exercita esperança deve ser valente para suportar todas as coisas e superar todos os obstáculos”.[28]

A autonegação e a esperança requerem perseverança paciente, mas a perseverança paciente não é acovardar-se num canto e esperar até que a tempestade passe. Até que Cristo retorne, Deus quer que nós o amemos de todo o nosso coração, alma, mente e força. Ele nos conclama a amar o nosso próximo como a nós mesmos. Proclamar o evangelho, manter-se em boas relações com a

igreja, promover a causa da justiça e outros serviços que defendam a verdade de Deus inevitavelmente provocam oposição. Dedicação integral a Cristo não é a saída fácil nesta era atual. Mas aqueles que temem a Deus não precisam temer os homens: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo. Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais” (Mt 10.28-31). Na verdade, aqueles que pertencem a Cristo podem ser os corajosos frente a todo oponente nesse século presente: “Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38-39).

Esperar no Senhor

Provavelmente não há uma única virtude ou atividade que consiga resumir de modo satisfatório a maneira de glorificar a Deus neste século atual, em espera ansiosa da glória vindoura. Mas termino mencionando algo que, como a autonegação, recebe pouquíssima atenção nas discussões contemporâneas da vida cristã: esperar no Senhor. Deus prometeu ao seu povo uma espetacular restauração do exílio, em conjunto com uma estrada no deserto feita reta e nivelada para o próprio Messias, por meio da qual "a glória do Senhor se manifestará, e toda a carne a verá" (Is 40.3-5). Mas o exílio é difícil, e a restauração do exílio não vem de imediato. Portanto, Deus pede ao seu povo para esperar: "Mas os que esperam no Senhor renovam suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam" (Is 40.31).[29] A espera bíblica não é aquele tipo de espera entediante que vivenciamos ao nos sentar na sala de espera de um órgão público para obter um documento ou informação, ou ao telefone, quando precisamos resolver algum problema com um fornecedor de produto. É uma espera de autonegação, de esperança em glória, de serviço ativo. Paulo junta esses termos de maneira muito harmoniosa numa passagem já mencionada acima: "Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras" (Tt 2.11-14).

Conclusão

A Escritura descreve este século presente como não glorioso. Isso é verdadeiro num sentido relativo em vez de absoluto. Em comparação com a glória da era que há de vir, esta era atual, passageira e impregnada pelo pecado, não tem glória alguma. Como peregrinos e exilados no mundo, os cristãos vivem como aqueles que já pertencem ao século vindouro, não colocando sua esperança última nos tesouros e realizações das suas sociedades terrenas. Porém, Deus nos conclama a viver uma vida piedosa e produtiva. Portanto nós, com autonegação, perseverança paciente e um grande número de virtudes produzidas pelo Espírito, glorificamos a Deus na nossa adoração e em fiel obediência em todos os nossos chamados, enquanto aguardamos ansiosamente que o grande Dia do Senhor seja revelado.

Soli Deo gloria. Nenhum livro meramente humano pode algum dia esperar capturar com suficiência o brilhantismo e a profundidade deste tema. Mas vale o esforço de refletir mais uma vez sobre essa ideia transformadora de vida que animou a Reforma e tem inspirado inúmeros cristãos desde então. Verdadeiramente, "glória a Deus somente" é o coração majestoso da fé e da vida cristãs.

Para explorar esse importante tema, nós nos concentramos sobre um enredo particular na Escritura, e conquanto ele não capture de modo abrangente tudo o que a Escritura ensina a esse respeito, esse enredo segue o rastro da revelação da glória de Deus através de muitos acontecimentos-chave na história bíblica. Deus revelou sua glória na coluna de nuvem e fogo no deserto quando os israelitas saíram do Egito. Essa nuvem descansou sobre o Sinai e sobre o tabernáculo portátil, ela os levou à Terra Prometida e finalmente se assentou sobre o templo em Jerusalém. Revelada como a presença de Deus com seu povo, a nuvem foi simultaneamente uma bênção e uma fonte de terror, pois a glória santa de Deus não podia habitar com um povo persistentemente pecador. A história da glória de Deus parecia que poderia ter chegado a um fim trágico quando a nuvem saiu do templo e Babilônia transportou o restante de Judá para o exílio.

Porém, na sua sabedoria graciosa, Deus não havia terminado sua obra com seu povo. Ele os restaurou à Terra Prometida e eles reconstruíram o templo. No entanto, suas promessas maravilhosas sobre a glória vindoura nunca foram – e nunca poderiam ter sido – cumpridas num templo terreno na pequena terra da Palestina. Na plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, o Messias prometido, que veio na glória do Espírito Santo e levou todas as promessas de Deus à consumação. Embora sua glória tenha sido velada durante a humilhação do seu ministério terreno e morte horrível no Calvário, Deus o ressuscitou em glória e o assentou – um ser humano em nossa própria carne e sangue – à sua mão direita na majestade da nova criação. Dali, ele ministra em nosso favor do templo celestial e derrama seu Espírito para aplicar a nós todos os benefícios da sua obra redentora. Agora resta apenas um grande acontecimento, a segunda vinda de nosso grande Senhor, que aparecerá não na humildade da sua primeira vinda, mas numa nuvem de glória para julgar os vivos e os mortos e dar aos seus filhos as boas-vindas à glória de seu Pai.

Esse enredo confirma um dos grandes discernimentos da Reforma e dos teólogos reformados posteriores: primeiro e de modo mais importante, Deus glorifica a si mesmo, mas ele glorifica a si mesmo em parte por meio da nossa glorificação e permitindo que nós o glorifiquemos por meio da nossa reação piedosa à sua graça. Acima da tentação em alguns meios contemporâneos de tornar o soli Deo gloria primariamente sobre nossos projetos para a glorificação a Deus, e, portanto, ironicamente sobre nós, e contra essa ideia, a Escritura nos conclama a afirmar que soli Deo gloria é realmente sobre Deus. No entanto, nós desfrutamos do maravilhoso privilégio de que Deus se agrada de glorificar a si mesmo por meio da salvação de pobres pecadores e nos fazer instrumentos da manifestação da glória que pertence somente a ele.

Que Deus glorifique a si mesmo em todas suas obras. Que nossos pensamentos e adoração regozijem-se na glória do Deus vivo mesmo em meio a um século de distração e narcisismo. E que nós, os beneficiários imerecidos, mas abençoados com tamanha salvação, vivamos para sua glória agora, enquanto esperamos pelo alvorecer daquele dia quando ele nos glorificará com seu Filho.

---

* Ou “era”, ou “mundo”, ou “época”, como também aparece em outros versículos ou versões da Bíblia. (N. do R.)

[1] Essa ideia é ilustrada em Geerhardus Vos, The Pauline eschatology (Grand Rapids: Eerdmans, 1972), p. 38.

[2] Para explicação adicional e defesa dessa doutrina dos dois reinos, veja David VanDrunen, Living in God's two kingdoms: A Biblical vision for Christianity and culture (Wheaton, IL: Crossway, 2010).

[3] Entre muitos outros teólogos que tratam dessa aliança com Noé como uma aliança da graça comum, veja Abraham Kuyper, Common grace, v. 1.1, trad. Nelson D. Kloosterman e Ed M. van der Mass (Grand Rapids: Christian's Library Press, 2013), p. 15-117.

[4] John Murray, Collected writings, v. 2 (Carlisle, PA: Banner of Trutch, 1977), p. 96.

[5] Para uma defesa disso, veja VanDrunen, Living in God's two kingdoms, cap. 5.

[6] Confissão de fé de Westminster, 25.2.

[7] Breve catecismo de Westminster, 102.

[8] Calvino, Institutas, 3.9.4.

[9] Minha própria tradução. [Que também é a tradução da versão ARA, usada nesta tradução (N. do R.)].

[10] à Brakel, The Christian's reasonable service, 3.397 (itálicos do original eliminados).

[11] Ibid., 3.399-400 (itálicos dele).

[12] Ibid., 3.405.

[13] Calvino, Institutas, 3.7.2.

[14] Ibid., 3.7.8.

[15] Ibid., 3.7.10

[16] Ibid., 3.8.1.

[17] Ibid., 3.8.2, 4.

[18] Ibid., 3.8.7.

[19] Ibid., 3.9.1.

[20] Ibid., 3.9.3.

[21] Ibid., 2.15.4.

[22] Ibid., 3.9.6.

[23] à Brakel, The Christian's reasonable service, 3.413 (itálicos do original eliminados).

[24] Ibid., 3.413.

[25] Ibid., 3.425.

[26] Ibid., 3.324.

[27] Tradução minha. [Que é também a da versão ARA (N. do R.)].

[28] à Brakel, The Christian's reasonable service, 3.324.

[29] Essa é a conhecida tradução da versão King James. [Que também é a da versão ARA, em português (N. do R.)].

Bibliografia selecionada

Bavinck, Herman. Reformed dogmatics, vol. 2, God and creation. Org. John Bolt. Trad. John Vriend, Grand Rapids: Backer Academic, 2004.

_____. Reformed dogmatics, vol. 3: Sin and salvation in Christ. Org. John Bolt. Trad. John Vriend. Grand Rapids: Backer Academic, 2006.

Beale, G. K. A New Testament Biblical theology: The unfolding of the Old Testament in the New. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.

_____. The temple and the church´s mission: A Biblical theology of the dwelling place of God. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004.

Brakel, Wilhelmus à. The Christian´s reasonable service. Vol. 3. Trad. Bartel Elshout. Pittsburgh: Soli Deo Gloria, 1994.

Bullinger, Henry. The decades of Henry Bullinger, the fourth decade. Org. Thomas Harding. Cambridge: Cambridge University Press, 1851.

Calvino, João. Institutes of Christian religion. Trad. Henry Beveridge. Grand Rapíds: Eerdmans, 1953.

_____. Calvin´s commentaries. Vol. 2.

_____. Calvin´s commentaries. Vol. 21. Grand Rapids: Baker, 2003.

_____. Calvins commentaries. Vol. 22. Grand Rapids: Baker, 1999.

Carr, Nicholas. The shallows: What the Internet is doing to our brains. Nova York: Norton, 2010.

Challies, Tim. The next story: Life and faith after digital explosion. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

DeYoung, Rebecca Konyndyk. Glittering vices: A new look at the seven deadly sins and their remedies. Grand Rapids: Brazos, 2009.

_____. Vainglory: The forgotten vice. Grand Rapids: Eerdmans, 2014.

“Edwards Leigh”, in Dictionary of national biography. Vol. 32. Org. Sindey Lee. Nova York: Macmillan, 1892.

Edwards, Jonathan, “The end for which God created the world”, in God´s passion for his glory: Living the vision of Jonathan Edwards. Trad. John Piper. Wheaton, IL: Crossway, 1998.

Ferguson, Sinclair B. The Holy Spirit. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996.

Fesko. J. V. The theology of the Westminster standards: Historical context & theological insights. Wheaton, IL: Crossway, 2014.

Hamilton, James M. God´s glory in salvation through judgment: A biblical theology. Wheaton, IL: Crossway, 2010.

Hannah, John D. Basics of the Reformed faith series: How do we glorify God? Phillipsburg, NJ: P&R, 2008.

Jackson, Maggie. Distracted: The erosion of attention and the coming Dark Age. Amherst, NY: Prometheus, 2008.

Johnson, Terry L. The case for traditional Protestantism: The solas of the Reformation. Carlisle, PA: Banner of Truth, 2004.

Kelsey, Candice M. Generation MySpace: Helping your teen survive online adolescence. Nova York: Marlowe, 2007.

Kline, Meredith G. Images of the Spirit. Grand Rapids: Baker, 1980.

Kristanto, Billy. Sola Dei gloria. The glory of God in the thought of John Calvin. Nova York: Peter Lang, 2011.

Lasch, Christopher. The culture of narcissism: American life in an age of diminishing expectations. Nova York: Norton, 1978.

Leigh, Edward. A treatise of divinity. Londres, 1662.

Lohse, Bernhard. Martin Luther´s theology: Its historical and systematic development. Trad. Roy A. Harrisville. Minneapolis: Fortress, 1999.

Lutero, Martinho. “Heildelbergh disputation.” In Luther´s works. Vol. 31. Org. Harold J. Grimm. Filadélfia: Fortress, 1957.

McGrath, Alister. Luther´s theology of the cross: Martin Luther´s theological breakthrough. Oxford: Basil Blackwell, 1985.

Milgrom, Jacob. The JPS Torah commentary: Numbers. Filadélfia: Jewish Pyublication society, 1990.

Muller, Richard A. Post-Reformation reformed dogmatics: The rise and development of reformed orthodoxy, ca. 1520 to ca. 1725. 4 vols. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

Murray, John. Collected writings. Vol. 2. Carlisle, PA: Banner of Truth, 1977.

_____. The Epistle to the Romans. Vol. 1. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

_____. Principles of conduct: Aspects of Biblical ethics. Grand Rapids: Eerdemans, 1957.

_____. Redemption: Accomplished and aplied. Grand Rapids: Eerdmans, 1955.

Pelikan, Jaroslav. Bach among the theologians. Filadélfia: Fortress, 1986.

Piper, John. God´s passion for his glory: Living the vision of Johathan Edwards. Wheaton, IL: Crossway, 1998.

Schreiner, Susan E. The theater of his glory: Nature and the natural order in the thought of John Calvin. Durharm: Labyrinth, 1991.

Schreiner, Thomas R. The king in his beauty: A Biblical theology of the Old and New Testaments. Grand Rapids: Baker Academic, 2013.

_____. New Testament theology: Magnifying God in Christ. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

_____. Paul: Apostle of God´s glory in Christ: A Pauline theology. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.

Schultze, Quentin J. Habits of the high-tech heart: Living virtuously in the information age. Grand Rapids: Baker Academic, 2002.

Sproul, R. C. Jr. “Soli Deo Gloria” in After darkeness, light: Distinctives of Reformed theology: Essays in honor of R. C. Sproul. Org. R. C. Sproul Jr. Phillipsburg, NJ: P&R, 2003.

Stapert, Calvin R. My only comfort: Death, deliverance, and discipleship in the music of Bach. Grand Rapids: Eerdemans, 2000.

Steiner-Adair, Catherine. The big disconnect: Protecting childhood and family relationships in the digital age. Nova York: HarperCollins, 2013.

Trueman, Carl R. e R. Scott Clark, orgs. Protestant scholasticism: Essays in reassessment. Carlisle: Paternoster, 1999.

Twenge, Jean M. e W. Keith Campbell. The narcissism epidemic: Living in the age of entitlement. Nova York: Free Press, 2009.

Van Dixhoorn, Chad. Confessing the faith: A reader´s guide to the Westminster confession of faith. Carlisle, PA: Banner of Truth, 2014.

VanDrunen, David. Divine covenants and moral order: A Biblical theology of natural Law. Grand Rapids: Eerdman, 2014.

_____. Living in God´s two kingdoms: A Biblical vision for Christianity and culture. Wheaton, IL: Crossway, 2010.

Vos, Geerhardus. The Pauline eschatology. Grand Rapids: Eerdmans, 1972.

Witsius, Herman. Sacred dissertations on the Lord´s prayer. Trad. William Pringle. Escondido, CA: The den Dulk Christian Foundation, 1994.

Young, Davis A, John Calvin and the natural world. Lanham, MD: University Press of America, 2007.

Table of Contents

Endossos

Folha de rosto

Expediente

Sumário

Nota do organizador da série

Agradecimentos

PARTE 1 | A glória de Deus na Teologia Reformada

Capítulo 1 | Soli Deo gloria entre os solas da Reforma

Soli Deo gloria: A cola que une os solas

Uma teologia da glória versus uma teologia da cruz: Martinho Lutero

Glória divina e glória humana: João Calvino

A glória de Deus na teologia contemporânea

Toda a glória pertence a Deus e não a nós mesmos

Capítulo 2 | O Deus glorioso, glorificado por nosso intermédio: Soli Deo gloria na teologia reformada

Soli Deo gloria é sobre nós? Corrigindo o desequilíbrio

A glória de Deus de acordo com Edward Leigh

A glória de Deus de acordo com Jonathan Edwards

A glória de Deus de acordo com Herman Bavinck

A glória de Deus de acordo com a Confissão de fé e os catecismos de Westminster

As primeiras coisas em primeiro lugar: Deus glorifica a si mesmo

PARTE 2 | A glória de Deus na Escritura

Capítulo 3 | Na nuvem: a glória de Deus tornada visível

A glória de Deus: prólogo

A glória de Deus revelada numa nuvem

A glória de Deus em movimento e descansando

A bênção (?) da nuvem

A glória de Deus na Terra Prometida

Conclusão

Capítulo 4 | O resplendor da glória do seu Pai: a glória do Deus encarnado

Uma história até então desanimadora

Depois do exílio: o retorno da glória de Deus

O Messias prometido, Rei da glória

A glória (ou humilhação?) do Messias

Glória e humildade do ministério terreno de Cristo

A glória de Cristo na sua exaltação

A glória do reino celestial

Cristo, o resplendor da glória de seu Pai

Capítulo 5 | A glória de Cristo na glorificação do seu povo

Glorificação: destino humano alcançado

O Espírito, o sofrimento e a glória que há de vir

Fazendo tudo para a glória de Deus

Comunhão com Cristo em glória

PARTE 3 | Vivendo para a glória de Deus hoje

Capítulo 6 | Oração e adoração numa era da distração

A centralidade da oração e da adoração para a vida cristã

Distraídos e superficiais: desafios à adoração numa era de Internet

Com todo o nosso coração: adorando ao Senhor com atenta dedicação

A oração dominical

Conclusão

Capítulo 7 | O temor do Senhor numa era do narcisismo

O temor do Senhor

A sedução do narcisismo

Vaidade

Uma cultura de narcisismo

A epidemia narcisista

Cultivando o temor do Senhor, para a glória dele

O evangelho e a humildade cristã

Capítulo 8 | Glorificando a Deus num século** que está passando

Este presente século maligno

A ideia reformada dos “dois reinos”

Peregrinação, exílio e dupla cidadania

Glorificando a Deus neste presente século mau

Autonegação

Calvino sobre a autonegação

Perseverança paciente

Esperança

Alegria e coragem

Esperar no Senhor

Conclusão

Bibliografia selecionada

Landmarks

Table of Contents

Cover